

Gudrun
Burkhard

AS FORÇAS ZODIACAIS

SUA ATUAÇÃO NA ALMA HUMANA



ANTROPOSÓFICA



Gudrun Burkhard

As Forças Zodiacais

Sua atuação na alma humana

2ª edição revista e ampliada



ANTROPOSÓFICA

*A meus mestres inspiradores:
Rudolf Steiner e Ita Wegman,
Norbert Glas, Else Sittel e Alex Leroi*



Sumário

1. Introdução geral	13
2. O ser humano, seu desenvolvimento e sua relação com o zodíaco	15
3. O zodíaco e as diversas épocas culturais	23
4. A relação entre o Sol e a Terra durante os meses do ano	42
5. As qualidades anímicas zodiacais	
Touro	49
Escorpião	58
Águia (antiga denominação de Escorpião)	65
Áries	71
Libra	78
Peixes	83
Virgem	93
Aquário	100
Leão	106
Capricórnio	114
Câncer	124
Sagitário	133
Gêmeos	144
6. Pensar, sentir e agir: expressões das forças de Águia, Leão e Touro	154
7. O zodíaco e os quatro elementos	167
8. A expressão do zodíaco no corpo humano	173
9. O caminho de regresso do homem do plano físico ao plano espiritual	196
10. Os doze sentidos	199
11. As posturas da euritmia	218
12. A relação entre as consoantes e o zodíaco	227
13. Os doze matizes ou doze harmonias	233
14. Os doze pontos de vista filosóficos	237
15. As cores do zodíaco e as categorias de Aristóteles	244
16. As doze virtudes	249

17. As doze forças e a décima terceira	267
18. A imagem do zodíaco e seu reflexo na Terra	269
19. Leonardo da Vinci e a Santa Ceia	281
20. As forças zodiacais no trabalho biográfico	297
<i>Bibliografia geral</i>	299
<i>Índice das histórias</i>	303

1. Introdução geral

Nos tempos mais antigos da humanidade, os seres humanos procuravam entender a linguagem do céu e das entidades espirituais que por meio dela se manifestavam. Com o decorrer dos séculos, restaram à percepção humana somente pontos luminosos no céu: as estrelas fixas, os planetas com seus movimentos e, em especial, as constelações do zodíaco. Embora se façam os mais variados e precisos cálculos no âmbito da astronomia, o ser humano perdeu a relação com as entidades espirituais situadas por detrás dos astros e suas forças.

Por outro lado, hoje se pesquisa cada vez mais o microcosmo e seu interior. A astrologia, que desperta o interesse de quase todos, tenta buscar dentro do ser humano essa relação com o macrocosmo. Porém a astrologia apresentada nos jornais, nas revistas, etc. é quase uma caricatura de uma ciência para o conhecimento do homem. Com este livro não pretendemos proporcionar conhecimentos de astronomia nem tampouco de astrologia no sentido comum, mas despertar e contribuir para uma percepção talvez mais qualitativa das forças existentes tanto no Cosmo quanto no ser humano.

Nosso enfoque principal incidirá sobre as qualidades anímicas zodiacais – pois só nossa alma é passível de modificações interiores, de transformações, pela atuação consciente do nosso eu. Nem a corporalidade física nem o corpo etérico ou vital (v. capítulo 2) são acessíveis a grandes modificações. Não podemos modificar a forma do nosso nariz nem a cor dos nossos olhos; mas, pela auto-educação, atuando sobre as unilateralidades da nossa alma, tornamo-nos capazes de prevenir situações danosas aos nossos corpos vital e físico, e até mesmo de prevenir doenças. Harmonizando nossa alma, aproveitando os lados positivos de cada qualidade zodiacal e corrigindo os negativos, caminhamos em direção à décima terceira qualidade – a sublimação espiritual, o elevar-se acima do animal, como veremos nos próximos capítulos. Neste traba-

lho, limitamo-nos a caracterizar a alma, e não, por exemplo, a forma física ou a expressão correspondente a cada signo.

Todos os outros capítulos são apenas complementares, propiciando uma visão global de como as forças zodiacais atuam no ser humano. Quem possui experiência com cores, com euritmia, com os doze pontos de vista filosóficos ou com a história da arte tem, assim, outras possibilidades de aproximar-se das qualidades zodiacais.

No oitavo capítulo, 'A expressão do zodíaco no corpo humano', foi reproduzido um texto de Victor Bott, já existente; o capítulo 12, 'A relação entre as consoantes e o zodíaco', foi escrito por Bruno Callegaro, médico e quirofoneticista; as histórias, de várias fontes, foram traduzidas por colaboradores.

Ao tratarmos das qualidades anímicas zodiacais no quinto capítulo, consideramos cada signo em suas características do Hemisfério Norte, como também é explicado na página 45. Uma adaptação ao Hemisfério Sul seria objeto de um estudo adicional.

Não consideramos o assunto deste livro como completo, mas como um primeiro tatear numa direção em que se pode pesquisar cada vez mais no sentido do autoconhecimento. No último capítulo, 'As forças zodiacais no trabalho biográfico' (p. 297), expomos a forma como abordamos o assunto em nossos cursos; provavelmente existem muitas outras maneiras.

Na Artemísia¹ fomos levados a desenvolver esse trabalho em virtude dos cursos biográficos, que visam ao entendimento cada vez maior de nós mesmos e dos outros. Nessas semanas biográficas de aprofundamento se inclui a semana sobre as qualidades zodiacais, quando usamos a metodologia descrita no último capítulo.

¹ A Artemísia, fundada em 1985 e situada no bairro de Parelheiros, município de São Paulo, é uma instituição voltada para o trabalho de reestruturação biográfica e programas de revitalização e desintoxicação, oferecendo ainda um Curso de Formação em Biografia. (N.E.)

2. O ser humano, seu desenvolvimento e sua relação com o zodíaco

Erra grandemente quem confunde o espírito ou a inteligência com a alma. Não menos erram aqueles que confundem a alma com o corpo. Da união do espírito com a alma nasce a razão; da união da alma com o corpo nasce a paixão. Desses três elementos, a Terra deu o corpo, a Lua deu a alma e o Sol deu o espírito, através dos quais o homem justo, consciente de todas estas coisas, é, a uma só vez, durante sua vida física, um habitante da Terra, da Lua e do Sol.

Plutarco

Nas presentes considerações, adotamos o ponto de vista antropológico; assim, neste capítulo inicial tentaremos explicar alguns dos termos por nós empregados, tais como 'corpo físico', 'corpo vital' ou 'etérico', 'corpo astral' e 'eu' – sendo os três últimos considerados membros supra-sensíveis do ser humano.

O 'corpo físico' do homem é aquele que possui elementos em comum com o reino mineral; nele atuam apenas as leis próprias desse reino: as leis físicas – principalmente a da gravidade – e as leis químicas. Após a morte, o corpo físico do ser humano é novamente entregue às leis do reino mineral, decompondo-se rapidamente. Durante a vida, porém, o corpo físico é permeado pelos outros membros supra-sensíveis que modificam essas leis.

O 'corpo vital', ou 'etérico', é o que o homem possui em comum – de forma mais pura – com o reino vegetal. É este corpo o responsável pelo crescimento, regeneração e reprodução do organismo. Na planta, o corpo vital transforma as substâncias minerais absorvidas em substâncias vitalizadas, propicia seu crescimento em sentido oposto à gravidade e permite que, mesmo podada, sempre recomponha sua estrutura original, concedendo-lhe, portanto, um grande poder regenerador.

Terra, água, calor e luz – os quatro elementos – atuam sobre o exterior da planta, conferindo-lhe diversas características. De

acordo os elementos englobados, ao ser ingerida pelo homem a planta ativa diferentes processos orgânicos. Os planetas e as estrelas do zodíaco, como os elementos, também agem sobre os vegetais, influenciando suas diferentes formas e características.

No homem, o corpo etérico é responsável pela vitalidade do organismo, estando tão profundamente unido ao corpo físico que forma uma unidade, a qual poderíamos chamar de 'corpo biológico'. Após a morte do corpo físico, o corpo etérico dissolve-se no éter cósmico em três dias.

Quanto ao 'corpo astral', as forças zodiacais no reino animal atuam sobre a forma externa de cada espécie. Estas forças se esgotam na energia do corpo, em sua carne, em sua natureza peculiar – em suma, em seu instinto, isto porque alma e corpo biológico estão profundamente ligados nos animais, restringindo ao instinto suas ações.

No ser humano o corpo astral tem as mesmas funções, sendo, porém, permeado pelo eu, de natureza espiritual, e pelas necessidades e instintos do corpo biológico.

É o corpo astral ou alma (lat. *anima*), o que o ser humano possui em comum com o reino animal. É esse corpo que nos confere consciência, sensações, movimentos, desejos e instintos, mas tudo isso à custa de um desgaste do organismo, de uma desvitalização. Faz-se então necessário um metabolismo por meio de órgãos internos, que promovem um anabolismo – regeneração – e um catabolismo – desgaste –, e, por conseqüência, a necessidade de eliminação de toxinas resultantes dos produtos do desgaste. Encontramos órgãos internos, pela primeira vez, no reino animal. São pequenos centros de energia que, podemos dizer, são as forças planetárias interiorizadas. Assim sendo, o coração é um sol interior e os órgãos de reprodução uma lua interior.

O eu e o corpo astral estão interligados e formam uma unidade. Ao adormecermos eles se desprendem, em grande parte, do físico e etérico para poderem regenerar o organismo durante o sono. Após a morte, o corpo astral serve de substrato ao eu para a elaboração consciente das vivências terrenas, permitindo a este último acolher suas intenções cármicas e equilibrar atos passados com atos futuros. Quando o eu finaliza esta fase, que dura cerca de um terço da vida terrena, o corpo astral se dissolve.

Nosso eu – de natureza espiritual – é o grande mestre-regente sobre o astral, o etérico e o físico, impregnando-os até o cerne de cada célula ou impressão digital, nos quais levamos a marca individual. Ele nos dá a autoconsciência e todas as qualidades essencialmente humanas, como a postura ereta, a fala, o pensar etc.

Após a morte a individualidade espiritual se mantém, levando consigo os frutos da elaboração da vida terrena com a ajuda do astral. Graças às hierarquias celestes, ela se reconstitui, para depois iniciar um novo caminho de desenvolvimento na Terra com vistas à perfeição e à evolução humana nesse estado terrestre.²

Nesse caminho de autodesenvolvimento a individualidade tem sido auxiliada, desde o Mistério do Gólgota, pela força de Cristo.

O homem é o único ser que, mediante seu eu espiritual, tem acesso ao cosmo e às hierarquias acima dele. Sua postura humana, ereta, permite-lhe mergulhar com a parte superior de seu corpo – a cabeça, sede do pensar – nessa esfera celeste, enquanto que com os pés, a parte inferior de seu corpo, coloca-se firme na terra. É o único ser capaz de realmente transformar a terra pela ação de seus membros. Ele é o rei dos reinos mineral, vegetal e animal; preservá-los ou destruí-los é sua escolha. O homem, com seu eu, é um ser livre, eleva-se acima dos instintos e não se restringe a seu corpo, como faz o animal. Alcançando com seu eu os mundos espirituais, pode inspirar-se na profunda moralidade e integrar-se à harmonia cósmica das esferas, e, em consequência dessa integração, conduzir seus atos.

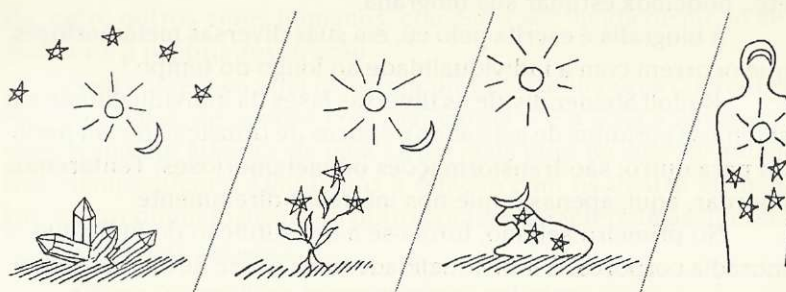


FIGURA 1 – O homem como microcosmo (cf. Rudolf Hauschka, *Ernährungslehre*)

² V. Rudolf Steiner, *A ciência oculta*, trad. Rudolf Lanz e Jacira Cardoso (4. ed. São Paulo: Antroposófica, 1998).

Em sua parte mediana – o tórax –, no sistema rítmico, sede do sentir, o homem encontra-se com outros seres humanos, interagindo com eles, amadurecendo e crescendo em seu desenvolvimento anímico ou psíquico.

As forças zodiacais (assim como as planetárias) atuam nas diversas corporalidades do ser humano: na corporalidade física, agem em sua totalidade, não só nos dando a forma humana como também atuando da cabeça (Carneiro) aos pés (Peixes), e não unilateralmente, como nos animais.

O eu do ser humano é que unifica essas forças, estabelecendo a forma do homem.

Da mesma forma, as doze forças zodiacais formam os órgãos dos sentidos, dando-nos, no corpo etérico, as características de fogo, ar, água ou terra, de acordo com o signo do indivíduo. Na alma, como veremos, as mesmas forças nos dão as diversas características anímicas, de acordo com a predominância deste ou daquele signo. Tais características são as mais acessíveis à modificação e ao trabalho do nosso eu, e serão o objetivo principal do nosso estudo.

No eu, podemos dizer que uma ou outra força zodiacal se destaca, manifestando, assim, doze pontos de vista filosóficos diferentes.

Quando desejamos conhecer a individualidade de uma pessoa, ou a nós mesmos, além de estudar os gestos, a maneira de andar, a fisionomia do rosto, a morfologia de todo o corpo, a voz etc., podemos estudar sua biografia.

A biografia é escrita pelo eu, em suas diversas metamorfoses, que ocorrem com a individualidade ao longo do tempo.³

Rudolf Steiner divide as diversas fases da individualidade em setênios (períodos de sete anos), épocas de transição de um período para outro; são transformações ou metamorfoses. Tentaremos abordar, aqui, apenas o que nos interessa diretamente.

No primeiro setênio, forma-se a constituição do indivíduo, a moradia corpórea. A individualidade toma posse de seu corpo her-

³ Sobre este tema, v. Gudrun K. Burkhard, *A biografia humana*, livreto da série 'Higiene Social' (3. ed. São Paulo: Liga dos Usuários da Medicina Antroposófica, 1998) e Bernard Lievegoed, *Fases da vida* (4. ed. São Paulo: Antroposófica, 1997).

dado, preparado no ventre materno durante a gestação. No momento do nascimento físico, a individualidade reestrutura seu instrumento corpóreo. O eu é o arquiteto de seu corpo, construindo essa sua 'casa' de acordo com suas necessidades cármicas durante a vida terrena.

É nesse período que se dá a individualização do soma. Cada célula adquire uma marca individual e a velha substância herdada é substituída, gradativamente, pela nova. Basicamente, temos três constituições diferentes:

- A primeira, na qual predomina o sistema neuro-sensorial (Kretschmer a denomina astênica);
- a segunda, na qual predomina o sistema metabólico (o tipo pícnico);
- a terceira, na qual predomina o sistema rítmico (o tipo atlético). (E poderíamos ainda ter uma quarta, na qual as três forças estariam em equilíbrio.)

Aos sete anos, dá-se o nascimento do corpo etérico individual, pois antes disso sutis forças vitais unem a mãe à criança. No primeiro setênio os corpos vitais de mãe e filho estão unidos a tal ponto que uma mãe doente pode ser a causa de uma desvitalização de uma criança. A transição do primeiro para o segundo setênio é a época em que a criança atinge a maturidade escolar, sai do lar, vai para a escola.

Nesse período, o sistema rítmico (coração e pulmão) se desenvolve, e o sentir desabrocha. A relação entre a criança e o mundo, entre outros seres humanos, começa a ser vivida de modo semelhante à própria respiração.

Nessa fase o eu atua como um pintor, dando cores diferentes ao corpo vital, de acordo com seu carma – é a época em que o temperamento aparece de uma forma mais pura na vida do indivíduo (têmpera/cor). Aqui temos a relação com os quatro elementos, e o predomínio de um ou outro confere características diferentes, da seguinte maneira:

- Fogo (vermelho): temperamento colérico
- Ar (amarelo): temperamento sangüíneo
- Água (verde): temperamento fleumático
- Terra (azul): temperamento melancólico

É nesse segundo setênio que as unilateralidades do temperamento podem ser melhor corrigidas, por meio da educação.

Aos catorze anos, dá-se o nascimento do corpo astral individual. Até essa idade a criança ainda depende afetivamente dos pais, mas no segundo setênio ela dependerá da astralidade do ambiente. Agora, com o nascimento do astral, dá-se a maturação sexual dos órgãos de reprodução e dos órgãos da ação – os membros –, e de todo o sistema metabólico.

Esta é a fase em que Rudolf Steiner nos fala da maturidade terrena alcançada pelo indivíduo.

Dos 14 aos 21 anos – no terceiro setênio – manifesta-se também a escolha da profissão: “Qual é a minha atitude perante a vida? Sou um pesquisador (Saturno), um pensador (Júpiter), um realizador (Marte), um cuidador (Vênus), um renovador (Mercúrio), um conservador (Lua) ou um artista (Sol)?” Em cada ofício, temos atividades diferentes de acordo com nossa atitude e dependentes da qualidade planetária mais presente em nós.

Quando nasce a alma individual, o corpo astral pode vibrar em sete tons diferentes, como na escala musical. O eu torna-se um músico, mistura os tons musicais e cria sonâncias ou dissonâncias. Na adolescência, a educação deve visar ao equilíbrio das qualidades planetárias, e não mais tanto aos temperamentos.

Com a maioridade, aos 21 anos, o eu termina seu trabalho de estruturação e amadurecimento dos órgãos, e agora essas forças ficam livres para o desenvolvimento de uma consciência maior. A partir daí, os signos zodiacais influenciam mais a personalidade.

Na quarta conferência do curso de medicina pastoral⁴, Rudolf Steiner aponta a ação das forças zodiacais. Na fase dos 21 aos 28 anos, menciona como a renovação da substância do organismo é feita pela atuação cósmica. Após os 28 anos esta renovação não se dá mais pelas forças cósmicas, e sim a partir do ‘eu’. Nessa conferência, a crise dos talentos, no vigésimo oitavo ano, pode ser vista de um novo ângulo.

É importante distinguirmos as várias camadas de uma personalidade, embora bastante complexa. Podemos ter uma constituição, por exemplo, atlética, na qual se sobrepõe um temperamen-

⁴ *Das Zusammenwirken von Ärzten und Seelsorgen — Pastoral-Medizinischer Kurs*, GA-Nr. 318 (4. ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1994).

to colérico. Durante a adolescência percebe-se freqüentemente uma mudança, pois nasce a qualidade planetária que se sobrepõe ao temperamento.

Digamos que o indivíduo seja saturnino ou mercurial: essas qualidades vão atenuar o temperamento colérico. Se, como qualidade zodiacal, tivermos o aquariano, novamente o temperamento colérico será atenuado. Se, porém, um temperamento colérico é acrescido da qualidade planetária marciana e pela qualidade zodiacal taurina, então a característica colérica se acentuará ao invés de atenuar-se.

Como vimos, o autoconhecimento da personalidade é bastante complicado, pois atinge muitas camadas do nosso ser. Embora seja um desafio para toda uma vida, só entendendo a nós mesmos é que compreenderemos melhor os outros, e só a partir disto trabalharemos sobre o autodesenvolvimento, em função de darmos nossa contribuição à humanidade e à Terra.

Rudolf Steiner denomina a fase dos 21 aos 28 anos como 'alma emocional ou da sensação', a dos 28 aos 35 anos como 'alma racional e da índole' e a dos 35 aos 42 anos como 'alma da consciência'. Aos 21 anos, portanto, começa o trabalho do eu sobre as qualidades zodiacais da alma, utilizando-as e metamorfoseando-as.

Portanto, dos 21 aos 42 anos ocorre a grande fase solar do indivíduo, em que a determinação cármica do passado transforma-se gradativamente em futuro. Esta é a época de realização da individualidade, quando, no contato social com outros indivíduos, nossa alma é lapidada tal qual uma pedra preciosa, para cada vez mais resplandecer a luz cósmica. Também é a fase do desenvolvimento anímico – ou psíquico – do indivíduo. É o homem caminhando de encontro à liberdade.

Neste caminho, é essencial que o eu do ser humano esteja além do zodíaco, pois suas forças plasmadoras estruturantes são forças do reino animal.

Nós, como seres humanos, crescemos para além delas — precisamos ir além do zodíaco. Com nosso corpo astral, estamos na dependência do macrocosmo. No corpo astral tudo é estruturado à vontade das estrelas. Com nosso eu estamos além das estrelas, fora do zodíaco.⁵

⁵ Rudolf Steiner, *Entsprechungen zwischen Mikrokosmos und Makrokosmos*, GA-Nr. 201 (2. ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1987).

A partir daí, torna-se possível a liberdade.

Após os 42 anos, entramos na fase do desenvolvimento. O desgaste é maior do que a regeneração, o que leva ao envelhecimento do corpo biológico e ao desenvolvimento espiritual, ou para a sabedoria, como dizia o provérbio chinês: "Precisamos de vinte anos para crescer, vinte anos para lutar e vinte anos para tornarmos sábios." Ao contrário do animal, que em sua velhice se torna inútil e, portanto, é descartado (leia o conto de fadas de Grimm 'Os músicos de Bremen'), o ser humano pode emancipar-se da decadência de seu corpo biológico e prosseguir em seu desenvolvimento anímico e espiritual.

Norbert Glas, em seu livro *Lichtvolles Alter* (Velhice luminosa)⁶, descreve a relação dos doze sentidos com as doze virtudes. Os doze sentidos são as doze portas para o mundo; com o passar dos anos, estas portas vão-se fechando: nossos olhos já não enxergam tão bem, começamos a ficar surdos, a comida perde o sabor, etc. O envelhecimento corpóreo e a perda dos doze sentidos é uma realidade da qual não escapamos; mas o desenvolvimento interior das doze virtudes podem equilibrar e sublimar as falhas dos órgãos dos sentidos.

A sabedoria que desenvolvemos durante a velhice consiste, em parte, em encontrar um ritmo de vida mais condizente com as restrições do 'corpo físico' e desenvolver nosso lado espiritual ou nossa criatividade, seja lá qual for nosso campo de atuação. É a época do outono da vida, quando os frutos amadurecem, não para nós, mas para os outros. É a grande fase de doação do ser para a humanidade. Nessa fase, cada vez mais as unilateralidades do temperamento, das qualidades planetárias e zodiacais devem ser superadas, mas ao mesmo tempo as aceitamos mais e tiramos delas os melhores dons. Aprendemos a usar todas as qualidades zodiacais – não só as mais características do nosso temperamento – e equilibrá-las. Tal qual um grande pintor, que usa sabiamente todas as cores em uma tela, nosso eu é o grande dirigente da sinfonia inacabada que é nossa vida, deixando todos os instrumentos tocar e compor sua grande sinfonia.

⁶ Norbert Glas, *Lichtvolles Alter* (Stuttgart: Arbeitsgemeinschaft anthroposophischer Ärzte, 1982).

3. O zodíaco e as diversas épocas culturais

Para entendermos as influências do zodíaco sobre o ser humano, devemos imaginar a relação da Terra com o Sol. De acordo com a astronomia moderna, a Terra possui vários movimentos em relação ao Cosmo.

1. O movimento que nos é mais consciente é o de rotação, que nos proporciona os períodos do dia e da noite, ou do sono e da vigília. Neste movimento a Terra gira sobre seu próprio eixo, do ocidente para o oriente, de tal maneira que a esfera celeste caminha diariamente nesse sentido. Conseqüentemente, a cada 24 horas o Sol passa por todos os signos do zodíaco, permanecendo duas horas em cada um deles.
2. O movimento da Terra ao redor do Sol não nos é tão óbvio, pois nos parece que o astro-rei permanece em repouso enquanto nosso planeta o circunda. O movimento de translação da Terra determina os doze meses do ano e as suas estações, provocando, da mesma forma que o movimento de rotação, um período de sono e um de vigília: no inverno estamos mais acordados; no verão, mais sonhadores.

Durante o ano, o Sol passa por todo o zodíaco. O percurso que o Sol faz no firmamento aparece como um grande círculo, caso o observador se coloque em seu centro. Tal círculo denomina-se a 'eclíptica' (vide figuras no capítulo seguinte), e é formada por um cinturão de várias constelações estelares que, desde os tempos mais remotos, de acordo com a tradição antiga, são denominadas Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. Cada uma dessas constelações ocupa uma faixa maior ou menor no céu. Assim, por exemplo, Libra ocupa mais ou menos 18 graus, a constelação da Virgem 45 graus. Os signos são doze espaços iguais de 30 graus cada ($360 : 12$), correspondendo mais ou menos às constelações zodiacais e levando os mesmos no-

mes. Há, portanto, uma defasagem entre constelação e signo. A astronomia atual preservou estes nomes, assim como a divisão em doze.

Segundo a concepção antiga do mundo, doze seres sustentavam o caminho do Sol e, juntos, formavam o zodíaco. Por exemplo, na representação figurativa do antigo Egito, como a vemos no teto do templo de Hathor, em Dyndera, conservado no Museu Egípcio de Paris (figura 2), a abóbada celeste é suportada por quatro figuras femininas, cercada cada uma delas por duas figuras masculinas com cabeças de pássaros. Portanto, quatro vezes três forças sustentam o firmamento. No interior da figura aparecem as doze figuras do zodíaco, como são representadas até hoje. Os babilônios e gregos também possuíam essa representação. Só mais tarde as constelações começaram a ser vistas apenas como pontos luminosos no céu.

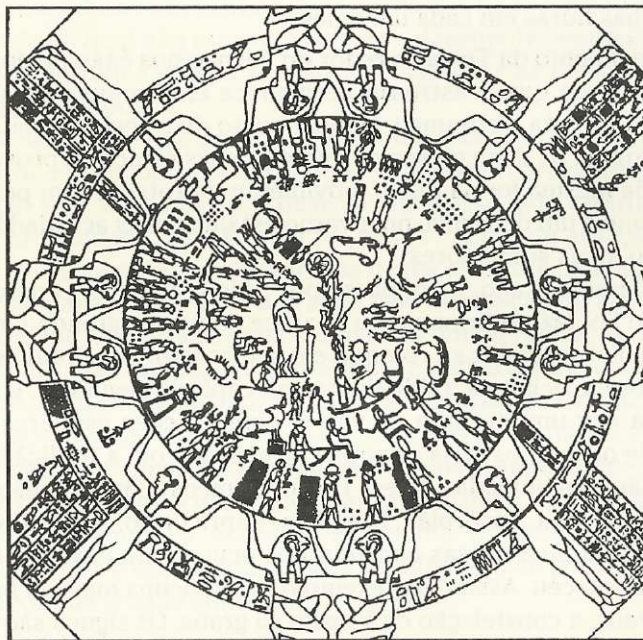


FIGURA 2 – Imagem do céu no templo de Hathor, em Dynera

Prosseguindo em nossa interpretação da figura do templo de Hathor, encontramos, na periferia da figura, 36 pontos: estrelas agrupadas segundo as leis – em imagens e sob forma de números. Cada força zodiacal podia revelar-se de três maneiras, originando 36 possibilidade (vide periferia do círculo), e cada trio vizinho das energias zodiacais poderiam agrupar-se em uma unidade maior, resultando em quatro forças – na figura, uma divindade feminina com duas masculinas. Mas, igualmente, cada três forças podiam unir-se e formar o que chamamos de trígonos (vide adiante os trígonos subordinados aos quatro elementos).

Como podemos observar na figura 3, temos quatro trígonos como representantes das quatro forças. Com isso surge a pirâmide egípcia, de base quadrada. As forças dos quatro elementos zodiacais – fogo, terra, ar e água – eram contidas, pelos egípcios, em suas pirâmides. Orientadas para as quatro direções do espaço, as pirâmides egípcias, em sua forma, têm relação com as quatro orientações do espaço celeste, de um lado, e do terrestre, de outro.

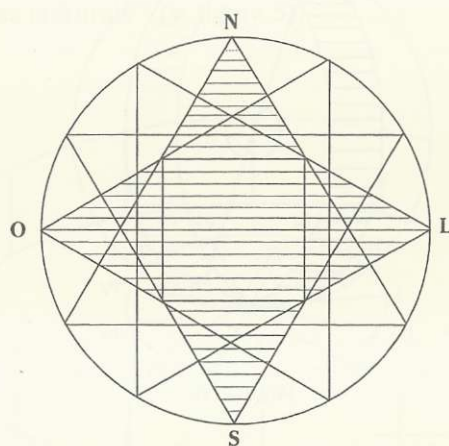


FIGURA 3

3. Um terceiro elemento importante no movimento da Terra é que, por duas vezes no ano, uma na primavera e outra no verão, o dia e a noite têm períodos iguais. Nesse momento, o Sol está num ponto na eclíptica em que o ângulo com o equador celeste é de

23,5 graus (v. figura 4). Ambos os planos se cruzam num ponto, dando origem aos fenômenos denominados equinócio de outono (0 grau de Balança) e equinócio de primavera (0 grau de Áries).

Duas vezes por ano, o Sol cruza o plano do equador terrestre. Esses dois pontos movimentam-se na eclíptica, lentamente, de encontro ao Sol. Esse movimento é chamado de *precessão*. Para esse ponto dar uma volta completa no zodíaco (360 graus) leva 25.920 anos, configurando o ano platônico. Esse movimento já era conhecido desde a Antigüidade, quando no entanto o período de anos não podia ser calculado com exatidão. Com o tempo, as cifras foram-se aproximando mais e mais do número que conhecemos hoje. Dividindo este número por doze, temos 30 graus para cada signo zodiacal, o que significa um período de 2.160 anos em que esse ponto permanece no mesmo signo. A cada 72 anos, esse ponto se desloca em um grau.⁶

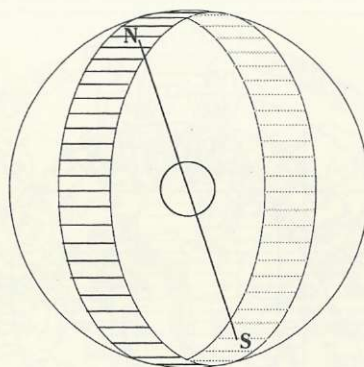


FIGURA 4

⁶ Denominam-se *solstícios* as épocas em que o Sol atinge sua declinação máxima ao norte e ao sul do equador celeste. Hoje em dia, as datas aproximadas são 22 de junho – solstício de verão no Hemisfério Norte ou de inverno no Hemisfério Sul – e, vice-versa, 22 de dezembro (v. figura 17 na p. 43).

Os pólos e o equador celeste: – A projeção do equador terrestre na esfera do céu assinala o equador celeste. A direção do eixo da Terra indica os dois pólos do céu: norte e sul (declinação de 90 graus). No pólo norte celeste está a estrela polar. No pólo sul não existe qualquer estrela indicadora (v. figura 14 na p. 43).

É interessante observar que 72 anos é a duração da vida média de um ser humano, e que 72 vezes 360 equivale a 25.920 dias. Nós respiramos 18 vezes por minuto, ou seja, 1.080 vezes por hora ou, coincidentemente, 25.920 por dia. Nossa pulsação cardíaca é quatro vezes mais rápida do que a respiração, o que resulta em 72 pulsações por minuto.

Temos, pois, uma relação profunda do ser humano com o cosmo. Na astronomia moderna, a precessão é atribuída também a um movimento da Terra, a uma oscilação de seu eixo. Seria como se a Terra se inclinasse ou 'cumprimentasse' as diversas constelações zodiacais, recebendo, nesse período, uma influência maior da constelação em questão. Esse percurso se desenvolve em sentido contrário ao percurso do Sol através do zodíaco nos doze meses do ano.

Esses períodos de 2.160 anos podem ser comparados a um relógio, em que o mostrador corresponde às doze constelações zodiacais, o ponteiro dos minutos aos doze meses do ano e o das horas ao ano platônico. Rudolf Steiner denomina esses períodos como 'épocas culturais'⁷ (v. figura 5).

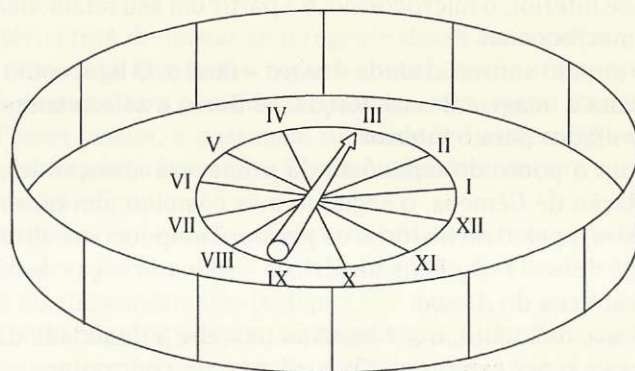


FIGURA 5

⁷ V. Rudolf Steiner, *A ciência oculta* (cit. – v. nota 2 na p. 17).

A cada nova época, uma onda cultural atinge a humanidade. Uma nova mentalidade é entregue ao mundo por uma sociedade específica. Os povos antigos sabiam que seus impulsos eram norteados por uma determinada região do céu, e seus cultos religiosos eram dirigidos a essas energias originais.

Assim, a catástrofe atlântica – caracterizada pelas inundações aquáticas no final dessa era – deu início a uma nova era, a um novo ciclo de épocas culturais: a era pós-atlântica.

Segundo as pesquisas de Rudolf Steiner, a primeira dessas épocas culturais ocorreu na região do que hoje conhecemos como a Índia, e nessa época o equinócio da primavera se encontrava em Câncer. Não temos resquício algum da cultura que desabrochou nessa época – apenas lembranças, memórias que somente muito mais tarde foram transcritas sob forma de cânticos: os *Vedas*. Esses cânticos cantavam a saudade do mundo espiritual.

O espírito aprisionado no corpo quer voltar para o mundo espiritual, quer tornar a separação retroativa, criar uma unidade com o espiritual, como no monoteísmo. A imagem da iniciação nos revela muito desse desejo do espírito em retornar ao seu lugar de origem. O iniciado senta-se sob a árvore *Bodhi*, a figueira, e medita, voltando-se para sua alma, encontrando pela primeira vez a espiritualidade interior, o microcosmo, e a partir daí seu relacionamento com o macrocosmo.

O mundo sensorial ainda é *maya* – ilusão. O figo, como fruto, representa a imagem dessas forças. As flores e as sementes estão todas voltadas para o interior.

Com o ponto do equinócio da primavera avançando para a constelação de Gêmeos, o segundo mês cósmico, um outro povo entra para o palco da história: os persas. Tampouco a cultura persa antiga deixou resquícios históricos – só lembranças dessa época: os cânticos do *Avesta*.

Nesse momento, o ser humano percebe a dualidade da luz e das trevas; o ser espiritual, *Ormuzd*, tem de confrontar-se com o ente adverso: *Árimã*. O conflito retrata a dualidade do mundo espiritual e terreno. A terra é arada para receber a luz em seu interior, e a grande divindade solar, *Ahura Mazdao*, é adorada.

Na terceira época cultural, o Sol avança com o equinócio da primavera para a constelação de Touro – o terceiro mês cósmico –

e as culturas babilônica e egípcia entram em especial contato com as novas forças celestes. É a época da qual já encontramos alguns resquícios históricos documentados. Surge uma ligação mais profunda com a Terra, com o mundo sensorial e com a morte. O mito egípcio narra os tempos passados da humanidade por meio da lenda de Ísis e Osíris. Ísis, a deusa lunar, e Osíris, inicialmente um deus lunar para depois tornar-se uma divindade solar, eram irmãos, mas também esposa e esposo. Regiam o país e, juntos, conseguiram levá-lo a uma época dourada (o universo ainda era uno).

Mas então uma força demoníaca, Seth (*Typhon*, em grego), matou Osíris e dividiu seu cadáver. Osíris perdeu o domínio sobre o país, chegou ao submundo e tornou-se regente da alma dos mortos. Ísis ficou viúva e deu à luz Hórus, que deve vingar a morte do pai e criar um futuro mais próspero para o Egito – por isso os egípcios se denominavam ‘filhos da viúva’. Este mito representa a conscientização do rompimento entre os mundos terreno e espiritual.

Em sua missão, Hórus dirige-se às novas forças de Touro, cujo símbolo egípcio é um sol entre dois chifres e chama-se ‘a casa de Hórus’ Hat Hor. (A deusa-vaca Hat Hor também se tornou uma deusa importante, e o número três simbolizava-a como o par de chifres com o sol no meio.)

Hórus terá de tornar-se o regente dessa nova cultura. Trata-se da nova vida que nasce ao amanhecer, no futuro, e supera a dualidade da cultura passada; o falcão aparece como seu símbolo.

Temos, assim, a passagem da unidade (número 1) – Índia – para a dualidade (número 2) – Pérsia –, e finalmente para a trindade (número 3) – Egito.

Na época egípcia, o equinócio de outono estava no lado oposto, em Escorpião, incidindo o extremo norte do eixo terrestre em Leão e, ao sul, em Aquário (v. figura 6).⁸

Temos aqui os elementos da esfinge (v. também o capítulo ‘Pensar, sentir e agir: expressão das forças de Águia, Leão e Touro’). Também a superfície de cada triângulo da pirâmide está voltada para essas quatro direções do espaço. Existem muitas repre-

⁸ Figura 6: cf. Ernst Bindel, *Ägyptischen Pyramiden als Zeugen vergangener Mysterienweisheit* (Stuttgart: Freies Geistesleben, 1957).

sentações do Touro, que leva o sol entre os seus chifres, tornando-se este o símbolo do Egito.

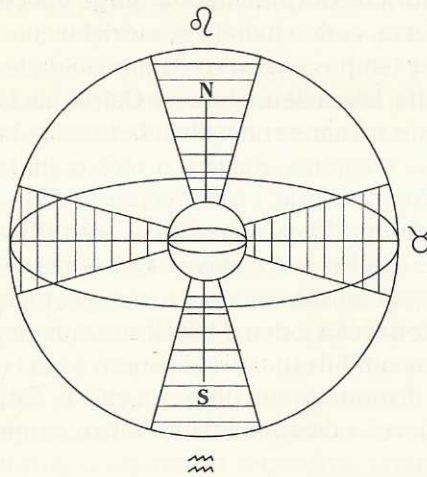


FIGURA 6

A cultura seguinte, o quarto mês cósmico, é a época greco-romana, e o 'ponteiro' celeste está em Áries-Carneiro. A cultura grega, assim como a cultura israelita, é a cultura do Carneiro. Os heróis gregos, como Ulisses, vão à procura do tosão dourado, alegoria para as forças puras do Sol, que agora está em Carneiro.

Cristo é o carneiro dourado, o *Agnus-Dei* ou Bom Pastor, como é representado no mosaico de Ravena (figura 7) ou como mostra a estátua romana (figura 8), dando início à renovação e à criação de forças para a cultura seguinte, de Peixes.

Os gregos abarcam agora o mundo da matéria, encarnam-se profundamente com seu ente espiritual em seu corpo, o que os auxilia muito na maravilhosa criação das esculturas. Para eles o número 4, na matemática, desempenha um papel importante. Eles se ocupam com o mundo criado, material. A Terra é simbolizada pelo quadrado. Vê-se agora como da unidade (hindu) passamos à dualidade persa (Ormuz e Árimã), à trindade egípcia (com Ísis, Osíris e Hórus) e chegamos ao quadrado, no quarto mês cósmico.



FIGURA 7 – 'O Bom Pastor', do mausoléu de Galla Placidia, em Ravenna



FIGURA 8 – 'O Bom Pastor' do Museu Lateran, em Roma

Se levarmos em conta o aspecto planetário descrito em *A ciência oculta*⁹, em que a Terra passa por sete estágios, denominados 'Saturno', 'Sol', 'Lua', 'Terra' (com meia fase 'Marte' e meia fase 'Mercúrio'), 'Júpiter', 'Vênus' e 'Vulcano', estamos atualmente no meio da evolução – na fase denominada 'Terra'. A cada um desses estados planetários corresponde uma era: a polar corresponde a Saturno; a hiperbórea, ao Sol; a lemúrica, à Lua; a atlântica dá início à evolução da própria Terra. Nas épocas pós-atlânticas, percebemos essas eras refletidas: a hindu corresponde à era polar; a persa, à hiperbórea; a egípcia, à lemúrica; e a greco-romana inicia um novo impulso na Terra. A quarta era, sendo sempre a do meio, é quando novos impulsos aparecem, tornando-se o elo de ligação entre as três eras anteriores e as três seguintes. Temos, assim, a imagem de um candelabro de sete braços¹⁰ (v. figura 9), sendo que, de certa forma, nossa era reflete a época egípcia.¹¹

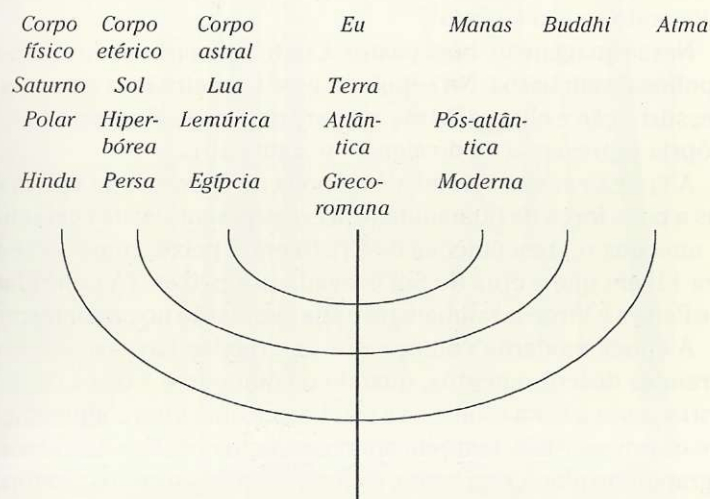


FIGURA 9

⁹ Cit. (v. nota 2 na p. 17).

¹⁰ V. Gudrun K. Burkhard, *Novos caminhos de alimentação* [4 vols.], vol. 3 (4. ed. São Paulo: CLR Balieiro, 1995), p. 9.

¹¹ V. Rudolf Steiner, *A direção espiritual do homem e da humanidade*, trad. Lavinia Viotti (2. ed. São Paulo: Antroposófica, 1991).

Na época greco-romana os ponteiros celestes recaem sobre Carneiro, surgindo um impulso totalmente novo para a Terra e a humanidade. Sem esta nova força, estaríamos fadados a endurecer e a estagnar.

O povo israelita também desenvolveu as forças de Carneiro. Os líderes judaicos – Abraão, Jacó e Moisés – conduziam seu povo da mesma forma como suas ovelhas. A consangüinidade desempenhava um papel importante; a força divina inspiradora atuava ainda sobre a tribo toda, mas gradativamente foi sendo perdida. Com Cristo, passou a atuar no nível individual; iniciou-se o processo da ‘individuação’, como diz C. G. Jung.

Numa época em que os sacrifícios de sangue – como o da ovelha do *Pessach*, entre os judeus – não fazem mais sentido, Cristo simboliza, a um só tempo, a ‘ovelha’ e o ‘bom pastor’, instituindo-se em lugar do sacrifício o sacramento da comunhão, em que o pão e o vinho – ou melhor, o suco da vinha¹² – representam o Cristo sacrificando-se a si mesmo...

Nessa imagem do ‘bom pastor’ Cristo é jovem, com um aspecto apolíneo, sem barba. No sepulcro, esse Carneiro leva a bandeira da ressurreição e olha para trás, ou para dentro de si mesmo (como a própria representação do signo – v. figura 10).

A época em que vivemos é a época de Peixes, e na época de Jesus a nova força da humanidade já era pressentida: nas catacumbas, uma das representações do Cristo era o peixe, como se vê na figura 11, em que a cruz do Sol é levada por peixes. (A polaridade entre Peixes e Virgem também teve sua expressão no cristianismo.)

A época moderna começa com as grandes navegações, com os grandes descobrimentos, quando o comércio e a troca de mercadoria passa a ser a tônica e se estabelece uma intercomunicação entre os povos. Aliás, também aparece o lado negativo de Peixes: o das grandes explorações; agora, inclusive, a relação com o céu torna-se abstrata, materialista. Não se fala mais em entidades, em forças, mas em pontos luminosos no céu, situados a tantos e tantos anos-luz.

Nos desenhos das catacumbas, esse quinto mês mundial aparece ligado misteriosamente ao peixe. No sânscrito, este aparece

¹² V. Gudrun K. Burkhard, op. cit.



FIGURA 10 – Sarcófago do mausoléu de Galla Placidia, em Ravenna

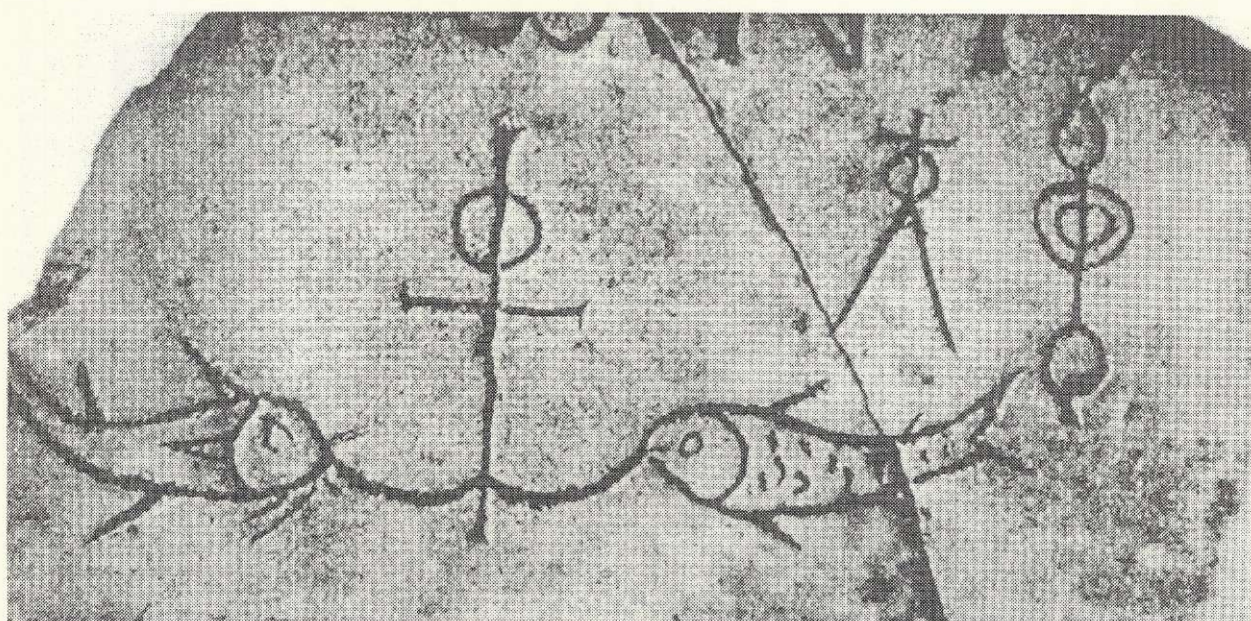


FIGURA 11 – Peixes com anzol — Catacumbas de Domitilla

como sendo o lugar dos pés do corpo humano – do ‘5’, enquanto que o Carneiro está no ‘4’ – que corresponde à cabeça do ser humano. O corpo humano já era imagem do corpo celeste. O homem, com seus pés, caminha ao encontro de seu destino; vai ao encontro do bem e do mal. Para o Egito, Peixes representava a era da divindade demoníaca, Seth – tanto que o peixe, naquela cultura, era um animal a ser detestado e até proibido como alimento. No Egito, a palavra ‘cinco’ – *dua* – era representada por uma estrela de cinco pontas e significava ‘abismo’.

A quinta era introduz os cinco signos denominados escuros: Peixes, Aquário, Capricórnio, Sagitário e Escorpião, que também têm sua expressão na parte inferior da corporalidade humana: da bacia para baixo. Lá no abismo, no submundo, Osíris impera sobre a morte com o auxílio dos juízes, pesando os atos morais e imorais. Na Antigüidade, fugia-se do cinco.

Rudolf Steiner explica essa era da seguinte maneira: cinco é o número do mal. Por seu desenvolvimento, o ser humano chega à sua organização quádrupla como ser da Criação. Na Terra lhe advém o quinto membro essencial – a ‘personalidade espiritual’ ou *manas*.¹³ Caso se mantivesse como um ser quádruplo, o homem seria naturalmente dirigido para o bem, mas nunca teria desenvolvido sua independência; pelo germe do quinto membro ele a desenvolveu, porém adquiriu a possibilidade de fazer o mal.

O ser humano também é um pentágono, uma estrela de cinco pontas: a cabeça corresponde a uma ponta e os dois braços e as duas pernas às outras pontas (figura 12).

Também a cena da multiplicação dos pães é elucidativa. Em Mateus 14, 14–21 lemos a passagem da multiplicação dos pães, um episódio ocorrido logo após a morte de João Batista. Na primeira multiplicação, temos dois peixes e cinco pães para cinco mil pessoas, e as sobras são recolhidas em doze cestos. Na segunda multiplicação, mencionada em Mateus 15, 32, temos sete pães e alguns peixes para quatro mil pessoas, e as sobras enchem sete cestos (figura 13).

A explicação dessa cena por Rudolf Steiner encontra-se em seu livro *O Evangelho segundo Mateus*, décima conferência. As qua-

¹³ V. Rudolf Steiner, *A ciência oculta* (cit. – v. nota 2 na p. 17).

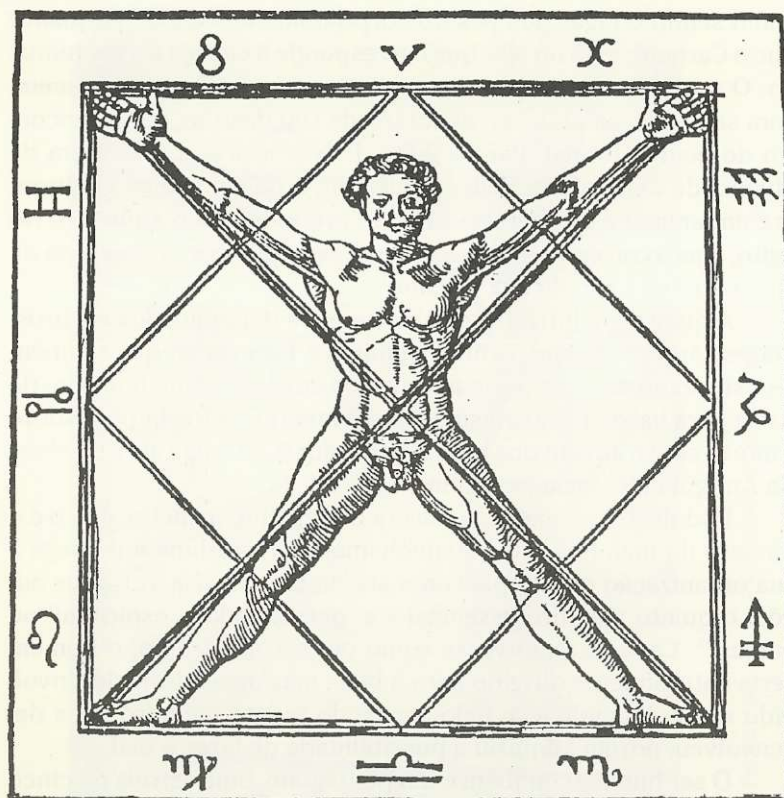


FIGURA 12 – Agrippa von Nettesheim: seis figuras da posição humana

tro mil e cinco mil pessoas referem-se ao quarto e ao quinto milhar, ou seja, à quarta e à quinta épocas pós-atlânticas (respectivamente, a greco-romana e a atual).¹⁴ As doze constelações do zodíaco são divididas em sete de caráter diurno e cinco de caráter noturno. Das sete constelações diurnas, são recebidas as energias solares, o alimento para o dia; das cinco constelações noturnas, do sol da noite, vêm o alimento celeste para a alma, para o futuro. Durante o

¹⁴ V. Rudolf Steiner, *O Evangelho segundo Mateus*, trad. Jacira Cardoso (2. ed. São Paulo: Antroposófica, 1997).

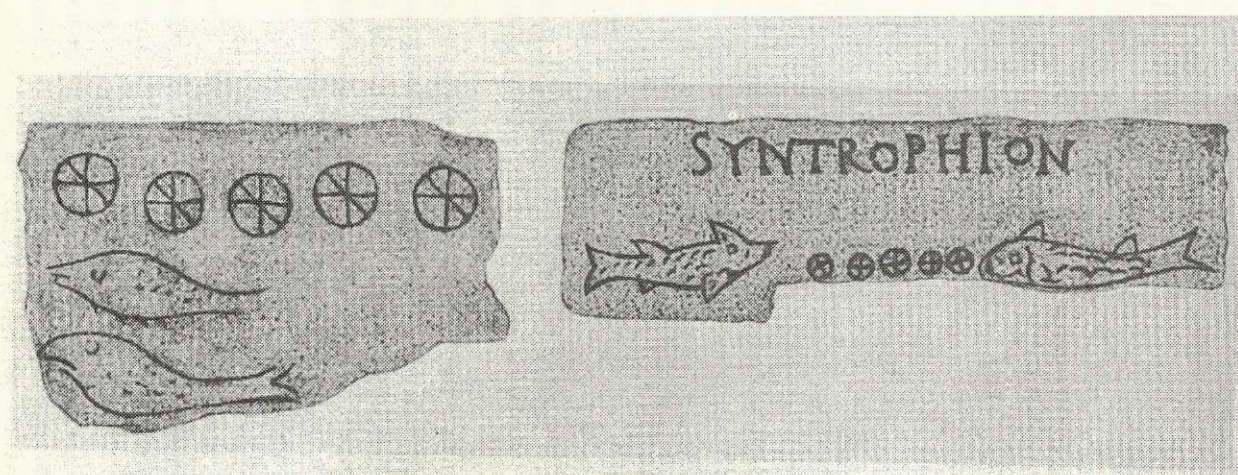


FIGURA 13 – Peixes e pães — Catacumbas de Domitilla

dia era enviado aos discípulos aquilo que era certo para o momento atual (quarta época); no outro estado de consciência, a noturna, eram enviadas as forças para a próxima época. A transição do noturno para o diurno está na constelação 'Peixes', ou melhor, 'nos dois peixes'. Em ambas, recolhem-se os restos em doze cestos – o total das constelações do zodíaco.

A quinta era pós-atlântica, moderna, é a que Rudolf Steiner denomina a 'época da alma da consciência', também denominada germano-anglo-saxônica; é quando, apesar das forças de declínio físico da humanidade, novas forças espirituais devem desenvolver-se e o ser humano pode ligar-se cada vez mais ao Cristo etérico, que se revelará a um número crescente de pessoas no fim deste século, da mesma forma como na experiência de Paulo em Damasco.

Na época seguinte vivenciaremos Aquário, quando o ser humano desenvolverá um novo membro supra-sensível, o 'espírito vital' ou *buddhi*; em Capricórnio surgirá o corpo espiritual ou *atma* – Cristo continuará a ser a força propulsora do desenvolvimento, pois estará conosco até o fim dos tempos.

A cada momento, como vimos, a qualidade do movimento solar é diferente. A cada momento existem transições, modificações. Existe um constante contrabalançar do cosmo, metamorfoses que podem valer como reflexos para qualquer comunidade terrestre.

A diferença nas diversas interpretações das épocas culturais tem relação com a divergência entre a contagem simétrica – quando se divide o todo em doze setores iguais (os signos), cada um com 30 graus – e a assimétrica, quando se leva em consideração as constelações zodiacais, cada qual muitas vezes abrangendo uma área bem maior do que a outra. Como vimos, Libra abrange 18 graus e Virgem, a maior, 45 graus.

Outro fator a se considerar é que a astronomia, como ciência, só existe desde 150 a.C., com Hiparco de Nicéia, cujos cálculos indicavam o movimento de rotação do eixo da Terra em 36 mil anos. Já Copérnico chegou a 85,2 anos para um grau, até que finalmente se atingiu a precisão dos 25.920 anos, os quais, divididos por doze, correspondem a 2.160 anos, ou seja, 72 anos para cada grau.

Na tabela abaixo, o cálculo começa bem mais cedo (8000 a.C.), contando-se para cada nova época apenas 2.000 anos, e não 2.160.

Datas das épocas culturais

Segundo <i>O Grande Livro da Astrologia</i> , de Derek e Julia Parker		Segundo Rudolf Steiner
Leão: 10000–8000 a.C.		
Câncer: 8000–6000 a.C. (correspondendo ao que a paleontologia de- nomina 'era neolítica')	(hindu)	7227–5067 a.C.
Gêmeos: 6000–4000 a.C.	(persa)	5067–2907 a.C.
Touro: 4000–2000 a.C.	(egipto-caldaica)	2907–747 a.C.
Áries: 2000–0 a.C.	(greco-romana)	747 a.C.–1.413 d.C.
Peixes: 0–2000	(moderna)	1413–3573 d.C.

Observando o esquema acima, notamos grande diferença entre o início das épocas culturais.

Cada mês cultural já contém muitos elementos da época seguinte, e as passagens são graduais. Assim, conforme a astrologia, muitos elementos de Aquário já se apresentam hoje, como por exemplo na bomba atômica.

Rudolf Steiner fala, porém, da próxima época cultural como tendo início em 3573 – a 'época russa'.

O estudo das épocas precede o de cada qualidade zodiacal, fazendo-nos entender melhor o que temos e podemos desenvolver dentro de nós, em nossa própria época.

4. A relação entre o Sol e a Terra durante os meses do ano

Para a boa compreensão das diversas constelações do zodíaco, é necessário entender o movimento solar e sua relação com a Terra. Partiremos do ponto de vista da Terra, que gira sobre seu próprio eixo.

Diariamente o Sol se levanta e avança do oriente para o ocidente, passando por todas as constelações do zodíaco e permanecendo em cada uma delas cerca de duas horas (24 horas divididas por 12). Segundo a astrologia, o Sol está nesta ou naquela constelação no momento em que desponta, denominando-se o nascente no leste como ponto ascendente. A cada dia do ano o Sol se levanta num ponto da constelação estelar, com uma pequena variação em relação ao dia anterior e num sentido contrário do ocidente para o oriente. Durante mais ou menos trinta dias permanece na mesma constelação, para depois levantar na constelação seguinte, levando um ano inteiro para chegar ao mesmo ponto. Por isso se diz que cada indivíduo nasceu em determinado signo, de acordo com a posição do Sol naquele mês. Isso, porém, corresponderia exatamente ao ano zero; hoje existe uma defasagem entre o signo e a constelação, relativamente à posição do Sol.

A rota onde estão localizadas as constelações zodiacais, e pela qual passam o Sol, a Lua e os demais planetas, é denominada 'eclíptica' (v. figuras 14, 15, 16, 17 e 18). Nessa eclíptica é possível passar mais ao sul ou mais ao norte, porém os planetas sempre percorrerão esse espaço do céu, cada um deles desenhando formas especiais, constantes e próprias. (Neste contexto, não cabe dar maiores detalhes do que pode ser encontrado em qualquer livro de astronomia.)

Portanto, não é apenas o Sol, mas também a Lua e os outros planetas que estão situados em pontos e passando por constelações diferentes dia após dia, o que possibilita fazer o mapa astrológico de cada um.

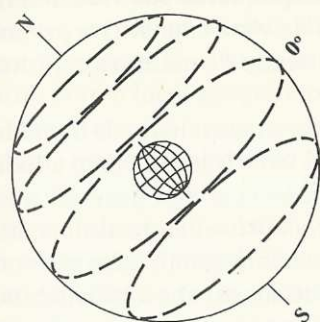


FIGURA 14 – Os pólos e o equador celestes

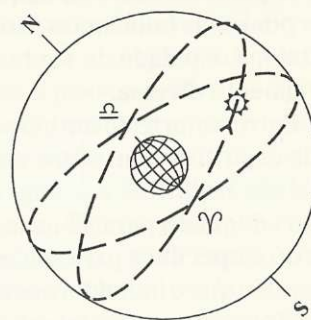


FIGURA 15 – A elíptica e os equinócios

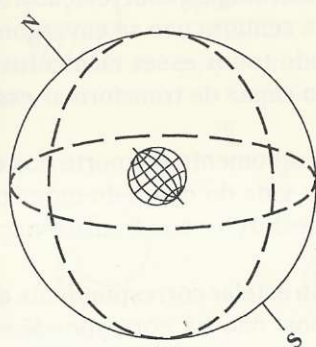


FIGURA 16 – O horizonte e o meridiano do observador

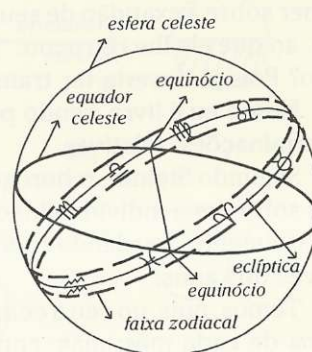


FIGURA 17 – Os solstícios

Cabe aqui, porém, fazer uma observação fundamental. Muitas pessoas acreditam que, tendo nascido neste ou naquele signo, com os planetas nesta ou naquela posição, terão sua vida determinada por essas influências. Do ponto de vista exposto no primeiro capítulo, a realidade do ser humano, sendo de natureza espiritual, é totalmente diversa.

Entre a morte de um corpo físico e o nascimento da individualidade espiritual num outro corpo, há vida. Neste ínterim a individualidade espiritual escolhe, de acordo com seu destino, o momento adequado para seu nascimento, aproveitando assim certos dons ou empecilhos para seu autodesenvolvimento. Eles são como presentes, que o indivíduo recebe e que agora cabe à individualidade utilizar, elaborar e transformar. Esses presentes fazem parte dos 'talentos' que cada ser traz consigo à Terra, tudo dependendo agora de como a individualidade fará uso de tais qualidades.

Essas qualidades zodiacais desabrocham principalmente após o 21º ano de vida (com a maioridade), quando nasce a individualidade do ser humano, que a partir dessa época pode dominar cada vez melhor seu corpo astral – de natureza animal – e transformá-lo. O eu é a grande força de natureza solar capaz de transformar a alma, que é de natureza lunar.

Conta-se que certa vez uma senhora comentou com Rudolf Steiner sobre a exatidão de seu mapa astrológico com relação à sua vida, ao que ele lhe retrucou: "Então a senhora não se envergonha disso? Pois já deveria ter transformado todos esses elementos..."

Nosso eu é livre, sendo portanto capaz de transformar essas 'determinações' relativas.

Segundo Steiner, o horóscopo do momento da morte nos diz mais sobre uma individualidade e sua vida do que o do momento do nascimento, revelando todo o seu esforço e sua transformação através dos anos.

Temos, pois, no céu a constelação estelar correspondente aos signos de cada mês; mas, como vimos, não há correspondência exata, pois esta vai-se modificando e se afastando cada vez mais da exatidão, valendo, porém, até hoje a correspondência tal qual existia na transição dos tempos. O ser humano interiorizou essas forças, e, em parte, há uma emancipação cada vez maior em relação aos ritmos do Cosmo.

Ao descrevermos em seguida a mudança do Sol em relação à Terra e, portanto, a determinação das estações do ano, fazemo-lo do ponto de vista do Hemisfério Norte; para o Hemisfério Sul vale o oposto. Contudo não existe alteração quanto às características do signo, pois estas são corrigidas, fazendo-se a adaptação horária de acordo com o local geográfico em que a pessoa está.

Um pequeno esquema (v. abaixo) facilitará a compreensão: em 22 de junho, o Sol atingiu a parte mais alta – o solstício de verão –, para depois iniciar seu declínio, atingindo, a 22 de dezembro, seu ponto mais baixo – o solstício de inverno. Temos, portanto, na passagem de Gêmeos para Câncer e de Sagitário para Capricórnio a polaridade maior entre a luz e claridade – leveza (o maior afastamento da Terra) – e a escuridão – peso (a maior proximidade da

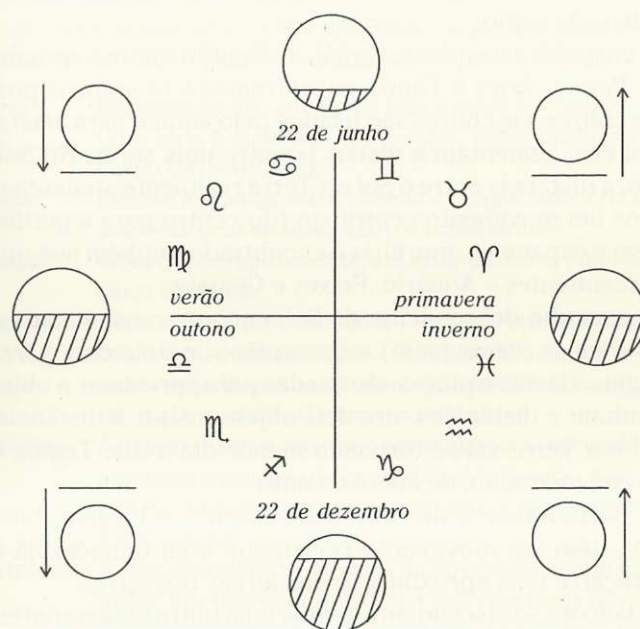


FIGURA 18 – O Sol no zodíaco e as estações do ano¹⁵

¹⁵ Cf. F. H. Julius, *Die Bildsprache des Tierkreises und der Aufbau eines neuen Gemeinschaftslebens* (Stuttgart: J. Ch. Mellinger Verlag, 1956).

Terra). De Sagitário para Capricórnio, Aquário, Áries e Touro, o Sol está em franca ascensão – a luz consegue vencer cada vez mais as trevas. De Câncer para Leão, Virgem, Libra e Escorpião, o Sol está em declínio – a escuridão vence cada vez mais a luz.

Na passagem de Virgem para Libra, em 22 de setembro, e de Áries para Touro, em 22 de abril – passagens para o outono e a primavera –, os dois elementos se equilibram. São os pontos denominados equinócios (igualdade entre o dia e a noite – v. figura 18).

As sete constelações de Áries até Balança são denominadas ‘claras’, ‘luminosas’; as cinco constelações de Virgem até Peixes são denominadas ‘escuras’.

A cada ponto do zodíaco cria-se uma tensão dramática, diferente, resultante dessa polaridade Sol-Terra, dando matizes diferentes a cada um dos signos. Disso resultam os segredos mais profundos de cada signo.

No caminho ascendente do Sol, de Sagitário para Capricórnio, Aquário, Peixes, Áries e Touro, encontramos três animais possuidores de chifres. Os chifres são usados pelo animal para afastar-se do outro; eles aumentam a distância entre dois seres. No Sol em ascensão, a distância entre o Sol e a Terra realmente aumenta dia a dia; temos um movimento centrífugo (do centro para a periferia), dispersivo e expansivo, que aliás é encontrado também nos outros signos ascendentes – Aquário, Peixes e Gêmeos.

No caminho descendente do Sol, encontramos animais com pinças – Câncer (caranguejo) e Escorpião – e dois com garras – Leão e Águia. Garras e pinças são usadas para aproximar o objetivo de si, diminuir a distância entre dois objetos. Aqui, a distância entre o Sol e a Terra vai-se tornando menor dia a dia. Temos uma força de concentração, de encolhimento.

Os outros signos do lado descendente – Virgem, Libra e Sagitário – têm um movimento centrípeto: aqui também há uma concentração e uma aproximação das forças terrestres.

No lado do Sol ascendente, temos uma outra característica da dispersão: a falta de cuidado com a prole. Isto acontece ao extremo com Peixes, que abandona totalmente a desova ao acaso.

No lado do Sol descendente, o cuidado com a prole é grande – mesmo Virgem, que faz ‘amadurecer’ algo em seu interior, ou Sagitário, que tem de cuidar de sua criança interna.

Esquematisando, teríamos:

<i>Garras ou presas</i>	<i>Chifres</i>
Diminuição da distância entre dois seres	Aumento da distância entre dois seres
Forças centrípetas (que atraem para dentro)	Forças centrífugas (que impelem para fora)
Concentração	Dispersão
Muito cuidado com a prole	Pouco cuidado com a prole

Podemos resumir, no esquema abaixo, as principais características dessa relação entre o Sol e a Terra. Nos doze 'matizes' encontramos também expressão desse conflito, ainda relacionado com todos os planetas.

A cada primavera, o Sol se eleva. Depois de ter atingido o solstício do verão, o ponto máximo, começa a declinar:

- Câncer:** Retira-se da luz, anda para trás e entra no buraco.
- Leão:** Com toda a violência, luz e calor, entra profundamente no corpo terrestre vivo.
- Virgem:** Recebe a criança solar, acalma a tempestade, cria o filho em seu colo. O ar se torna claro e transparente.
- Balança:** O Sol desce rapidamente, até criar um novo equilíbrio na balança cósmica.
- Escorpião:** O ser solar é acorrentado à Terra e destituído das forças vitais, tal qual um escorpião. O Sol afunda mais e as forças da morte espalham-se na natureza; a luz torna-se tênue e fina, tal qual um escorpião em sua fenda.
- Sagitário:** A tensão se torna máxima e a descida para a escuridão é maior; atinge-se o máximo da escuridão. A luta entre dois seres, luz e escuridão, expressa-se no centauro, um ser superior preso a um inferior.
- Capricórnio:** A tensão continua em busca da libertação, tendo chegado ao maior dos precipícios. Então o Sol, com força nova e grande assiduidade, vencendo enorme resistência, vai subindo para as alturas.
- Aquário:** Chega a calma interior, o equilíbrio que, com nova força, faz brotar as plantas: o homem que derrama a água de sua ânfora. É só o ser humano que consegue tirar a máxima elevação do máximo de sofrimento e dor.

- Peixes:** Tal qual os botões de flores prestes a desabrochar, são rodeados de água; tal qual o Sol emerge, tentando formar arcos no céu, o peixe pula fora da água para atingir o brilho da luz. Essa é a época em que o Sol avança mais rápido.
- Carneiro:** O Sol já ultrapassa a igualdade entre dia e noite, e agora, tal qual um carneiro, empurra a escuridão para longe, a fim de vencer definitivamente as trevas.
- Touro:** Agora toda a força vegetativa se manifesta, tudo é intenso crescimento, metabolismo, tal qual no gado *vacum*, que é todo ele metabolismo. Não existe mais tensão, mas entrega e doação (leite).
- Gêmeos:** O Sol, apesar de alto, sobe ainda mais, fazendo belos arcos no céu, quase como que fugindo da Terra. Enquanto isso, o elemento terrestre, o solo, está repleto de flores e cores. O Sol e a Terra são vivenciados como Gêmeos, como irmãos. Só então o Sol atinge o solstício de verão e se volta para o lado da Terra, da gravidade, algo que só Câncer é capaz de aprisionar.

Observação: Neste capítulo e no seguinte – ‘As qualidades anímicas zodiacais’ –, baseamo-nos principalmente no livro de H. F. Julius *Die Bildersprache des Tierkreises* (A linguagem imaginativa do zodíaco) (v. nota p. 45), que começa dando as características do animal e depois passa ao tipo humano. Limitamo-nos à descrição anímica, omitindo tipos fisionômicos ou predisposição patológica de cada tipo; isso poderá ser ampliado pela literatura específica, que é vastíssima nesse assunto e bastante divergente. A abordagem escolhida parece-nos mais criativa do que a simples enumeração de características, como ocorre na maioria dos livros de astrologia. Na descrição de cada signo, apresentamos uma história característica de cada um. A disposição da descrição dos signos seguintes se baseia em três cruces, que serão melhor explicadas no capítulo 7:

1. A cruz astral – formada por Touro, Escorpião (Águia), Leão e Aquário.
2. A cruz etérica – formada por Virgem, Peixes, Gêmeos e Sagitário.
3. A cruz física – formada por Capricórnio, Câncer, Áries e Libra.

Levamos sempre em conta as polaridades, o que permite a melhor compreensão dos signos.

5. As qualidades anímicas zodiacais



TOURO – 22 de abril a 21 de maio

O Sol ainda está ascendendo, há cada vez mais luz. É o início da primavera. Do Sol parte uma intensa força vivificante, todas as plantas estão desabrochando, tornando-se cada vez mais desenvolvidas e visíveis. Estamos no fluxo centrífugo, de expansão, de vida. Na Europa, nas festas da primavera, os touros são ornados com coroas de flores.

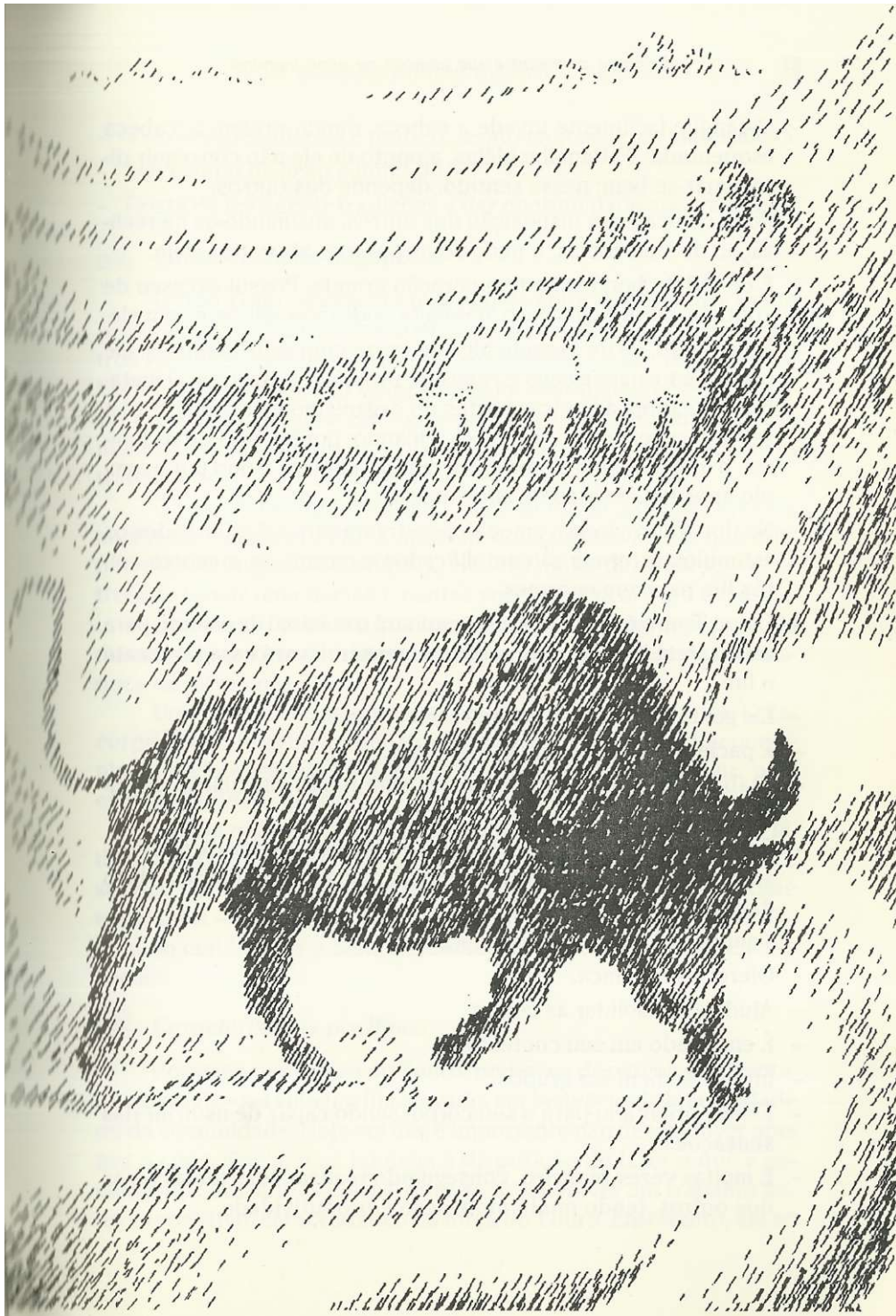
Ao observarmos o gado *vacum*, ele nos apresenta as seguintes características:

- Seu corpo é volumoso, impossível de esconder.
- Olhados de longe, quando deitados, os animais parecem rochas compactas, pesadas, maciças. A nuca é encolhida.
- São animais fortes – os machos são usados para trabalhos pesados, como arar a terra ou puxar carroças.
- Aceitam a rotina – podem ficar horas fazendo um mesmo trabalho.
- Gostam das pastagens abertas, onde pastam com naturalidade, mantendo-se à distância dos inimigos.
- A vida à sua volta tem de ser abundante, pois eles gostam da relva fresca e dos brotos vegetais (diferentemente do gado zebu, adaptado a uma vegetação mais escassa).
- O touro tem uma ligação forte com a terra, possui pernas grossas, com cascos, fincadas na terra; a cabeça na horizontal, mais inclinada para baixo, as patas da frente mais curtas.
- O sistema metabólico predomina: o animal é ruminante e possui quatro estômagos.
- A capacidade de digestão e transformação dos alimentos é grande. Por exemplo: a vaca ingere grama e a transforma em leite.
- O animal come desmesuradamente e digere por longo tempo, ocupando-se totalmente do metabolismo. Passa a língua pela moita de grama e a arranca com cuidado.

- O animal é paciente, anda devagar, passo a passo, pastando. Estando satisfeito, deita-se no pasto e ruma.
- A grama é regorgitada e ele a mastiga novamente pelo menos sessenta vezes. É o animal que melhor digere seu alimento.
- Os órgãos responsáveis pelos sentidos do paladar e do olfato são bem desenvolvidos – pelo cheiro, o animal conhece as plantas venenosas; mas a audição e a visão são pouco desenvolvidos.
- Os olhos parecem embaçados.
- O gado *vacum* beneficia o ser humano em muitas coisas: ara a terra, produz leite, carne, couro e esterco. Até seu chifre é usado na agricultura biodinâmica, para o preparo de fertilizantes naturais.
- O touro vitaliza a terra e, através do leite, o homem – especialmente quando criança – recebe alimentos vitais e essenciais.
- O touro é mais musculoso, e como reprodutor é muito fértil.
- Parece ser calmo, mas está tenso. Quando a tensão aumenta, ele se enfurece, bate o rabo, revolve o chão com as patas e cava buracos com os chifres.
- Avança sobre o inimigo; caso encontre outro touro, ambos lutam, cabeça contra cabeça. Inimigos menores muitas vezes são pegos pelos chifres e jogados longe. Tudo é movimento centrífugo, que lança do centro para a periferia.
- Quando os animais se irritam, os olhos ficam injetados de sangue, o olho é invadido pela corrente metabólica, que jorra de trás para a frente a ponto de formar chifres.
- Quando algo se coloca à sua frente, o touro se irrita a ponto de atacar. Esta é a ação que deu origem à tourada.

O tipo 'Touro'

- O tipo 'Touro' gosta de trabalhar intensamente, para ficar cansado. Quanto mais se livra da força vital que o entorpece, melhor se sente. Não pensa, mas faz.
- O metabolismo sobrepuja a parte intelectual. O corpo é grosseiro e indiferenciado. Na constituição física, ele é mais largo do que alto (fala-se em 'nuca taurina').



- O sangue facilmente invade a cabeça, dando origem à 'cabeça esquentada'. Faltam-lhe idéias, a ponto de ele não conseguir direcionar-se bem; nesse sentido, depende dos outros.
- Pode colocar-se à disposição dos outros, auxiliando-os na realização de suas idéias; o perigo é as pessoas abusarem dele.
- É de índole bondosa e tem coração grande. Possui excesso de vontade, parece calmo e o ambiente pode interagir bem com ele.
- No entanto, se de repente algo se cruza com seus instintos, ele pode até tornar-se cego e capaz de provocar desastres. O metabolismo apóia as outras partes do organismo e está disposto a servir, especialmente à cabeça. Quando, porém, excede os limites, o metabolismo acaba embotando a cabeça, como por exemplo após um excesso de alimentação.
- No tipo Touro, toda a emoção penetra na carne. Assim, todos os estímulos externos são amplificados e mesmo as menores coisas lhe parecem enormes.
- O tipo Touro é persistente: empenhará o máximo de esforço para cada tarefa à sua frente, e, sem se cansar, levará essa tarefa até o fim.
- Ele gosta de trabalho rotineiro. É confiável.
- É paciente, ligado à terra, assentado.
- Trabalha intensamente, às vezes sem muito raciocínio, precisando cuidar-se para não ser explorado.
- Entra profundamente no contexto, havendo o perigo de não conseguir desprender-se dele. Com isso, muitas vezes perde a visão da totalidade.
- Tem dificuldade em tomar decisões.
- Oferece segurança.
- Ajuda a consolidar as coisas.
- É enraizado em seu contexto.
- Integra-se bem em grupos.
- É mais orientado para o seu corpo, sendo capaz de usufruir das sensações.
- É muitas vezes pioneiro, conseguindo realizar suas idéias ou as dos outros, tendo muita motivação e produtividade.

- Tem senso realístico e prático, sendo muitas vezes materialista.
- Seu campo de ação é limitado.
- Gosta de conservar tradições e dar continuidade aos trabalhos.



Características negativas

O tipo Touro apresenta o perigo de colocar-se sempre muito profundamente dentro dos contextos. Ele avança e levanta os outros sobre seus chifres. Acaba não enxergando mais, usando a cabeça como instrumento de ação. Assim sendo, não é recomendável colocar as pessoas de Touro na posição de dirigentes. Geralmente, elas vão querer atuar em vez de fazer seus colaboradores trabalhar.

O tipo Touro não tem uma visão geral da situação – vai-se aborrecer e perder muito tempo. Em situações novas, em que existem poucas regras ou tradições, ele terá muita dificuldade – e, se tiver de tomar uma decisão, muitas vezes provocará um desastre.

Quando o Touro em nós toma posse, também há perigos. Aí nossos atos podem ser determinados por paixões violentas ou ataques de raiva cega.

Um Touro interagindo com um Escorpião é algo fatal. O Escorpião logo imagina poder tirar proveito de tanta força acompanhada de inteligência limitada. O Touro vai deixar-se dirigir, pois espera diretrizes de fora.

Forças não utilizadas ou mal empregadas atuam de forma fatal, mas podem ser uma bênção para o mundo quando colocadas a serviço de tarefas maiores. Assim sendo, posição, força e posse excessivas – que podem levar alguém de Touro a sentir-se inútil –, quando conduzidas e bem direcionadas, podem trazer benefícios sociais.



Características positivas

Por meio das forças de Touro, podemos desenvolver a vontade de servir – servir a um fim elevado, em benefício da humanidade ou da comunidade. Hoje em dia, é importante não desenvolver apenas a consciência, mas também a disposição de fazer o que é necessário. Para muitas coisas, deve-se desenvolver um trabalho árduo e repetitivo, característico da força de Touro. Entretanto, ele só

compreende a necessidade desses trabalhos para o bem comum quando há progresso. É extremamente importante, no contexto social, que os dirigentes orientem as pessoas sob seu comando a respeito do sentido de seu trabalho. O Touro pede: “Dêem sentido e direção à minha força excessiva.”

- Virtude: eqüanimidade, que se transforma em progresso.
- Filosofia: racionalismo.
- Tarefa evolutiva: ter de desprender, ampliar a visão voltada apenas para a terra, num só foco; desenvolver iniciativa própria e superar seus costumes enrijecidos. A imagem do minotauro, o vencedor do touro, nos dá uma idéia de como o ser humano supera suas emoções e paixões. Ele é capaz de, com a sua grande força, colocar-se à disposição da humanidade (vide a seguir a lenda de São Cristóvão, que é a imagem da força transformada).

SÃO CRISTÓVÃO

São Cristóvão era pagão. Media mais de doze côvados¹⁶ de altura, tinha o corpo vigoroso, membros fortes e rosto grande. Sua feição era alegre, e antes de ter sido batizado ele se chamava Óforos. Ao crescer, atingindo sua plena força, pensou consigo mesmo: “Vou sair caminhando e perguntar pelo maior de todos os senhores.”

Indicaram-lhe então um grande senhor, que tinha sob seu poder muita terra e muita gente. Óforos foi até ele e lhe prometeu que o serviria fielmente. O rei recebeu-o bem e ficou satisfeito com sua força. E estando lá já havia algum tempo, veio um jogral e cantou diante do rei e, cantando, mencionou o Diabo. O rei se benzeu e fez o sinal da cruz, pois era cristão. Óforos, que não conhecia esse sinal, admirou-o muito e perguntou o que significava. E o rei respondeu:

— Eu te direi, pois, a verdade. Quando o Diabo é mencionado em minha presença, benzo-me com esse sinal, e então ele foge. Faço isso para que não alcance poder algum sobre mim.

¹⁶ Antiga medida correspondente a 0,66 m. (N.E.)

E Óforos lhe disse:

— Tens medo dele; sua força é tão grande a ponto de poder fazer-te mal? Se é assim, vou procurá-lo até encontrá-lo. Quero servir àquele que tem poder sobre ti.

Em seguida, Óforos saiu por toda a parte à procura do Maligno; um dia, caminhando por uma vasta região selvagem, avistou uma grande cavalgada. Entre os cavaleiros viu um horrível cavaleiro negro, galopando com grande ímpeto, que lhe perguntou:

— Por quem procuras? — ao que Óforos respondeu:

— Procuro pelo Diabo, pois gostaria de ser seu servo.

Disse o Maligno:

— Esse sou eu.

Então Óforos prometeu servi-lo, e o Maligno levou seu servo consigo.

Certa vez eles chegaram a uma estrada, onde, à beira de um caminho largo, havia uma cruz. O Maligno, ao vê-la, desviou-se um pouco para o lado e não ousou passar por ali. E Óforos, percebendo o sucedido, admirou-se muito e perguntou:

— Dize-me, por que te desvias do caminho certo?

O Maligno bem que gostaria de calar sobre isso, mas Óforos insistiu e ele teve de responder-lhe:

— Ali, no caminho, estava o símbolo da cruz onde Cristo foi pregado. Esse símbolo me mete muito medo, e tenho sempre de fugir dele.

Óforos argumentou:

— Se tens de fugir do símbolo de Cristo, ele deve ser maior do que tu. Assim, peço licença e vou em busca de Cristo, porque tu não tens poder sobre todas as coisas. — E abandonou o Maligno, não querendo mais servi-lo.

Depois disso, Óforos perguntou por toda parte onde estava o Senhor Jesus Cristo. E, graças à vontade de Deus, encontrou um bom eremita que ouvira contar de seu desejo de servir a Cristo. O eremita contou-lhe então que Cristo era um grande e poderoso rei, senhor de todas as coisas, e que recompensava lautamente seus amigos. E ensinou-lhe a fé cristã com tanta sabedoria que o levou a declarar querer doravante servir a Cristo com toda a dedicação. Disse também a Óforos:

— Para seguires a vontade de Deus, deves, de bom grado, jejuar e orar. Teu Deus deseja ainda que rezes muito.

Óforos explicou:

— Não gosto de velar, nem de jejuar, nem de rezar. Mostra-me outra maneira de servi-lo.

Disse então o eremita:

— Ali corre um rio sobre o qual não há ponte nem prancha. Se quiseses carregar as pessoas de um lado para o outro, cumprindo assim a vontade de Deus com esse serviço, agradarás muito ao teu Senhor, pois és forte e te desempenharás bem.

E Óforos construiu para si mesmo uma cabana à beira d'água. Levava na mão um grande cajado e trabalhava noite e dia.

Certa noite Óforos, cansado, deitou-se e adormeceu. Então uma criança o chamou. Ele imediatamente se levantou e a procurou por toda parte à beira d'água. E como não encontrasse ninguém, deitou-se novamente e dormiu. Mais uma vez uma criança o chamou:

— Óforos!

E de novo ele correu para fora, não encontrando ninguém. Deitando-se novamente, pela terceira vez foi chamado. Então saiu e encontrou a criança; tomando-a nos braços, pegou seu cajado e entrou na água. A água subiu muito, e a criancinha ficou pesada como se fosse de chumbo. Quanto mais o tempo passava, mais pesada ela ficava, e a água subiu tanto que ele teve medo de se afogar. Ao chegar no meio da corrente, disse:

— Ai, criança, como és pesada! Sinto-me como se carregasse o mundo todo sobre minhas costas.

A criança respondeu-lhe:

— Carregas não só o mundo, mas também Aquele que criou o céu e a terra.

Então forçou Óforos para baixo d'água, dizendo-lhe:

— Eu sou Jesus Cristo, teu rei e teu Deus, por cujo intermédio trabalhas. Eu te batizo em nome de meu Pai, de seu Filho em mim e do Espírito Santo. Antes te chamavas Óforos; de agora em diante teu nome deve ser Cristóforos, por minha causa. E deves plantar teu cajado na terra; nisto reconhecerás meu poder, pois amanhã o cajado florescerá e dará fruto. — E assim falando, desapareceu.



FIGURA 19 – São Cristóvão, por Dierick Bouts de J. — Pinacoteca de Munique

Então Cristóforos se alegrou e agradeceu a Nosso Senhor pela graça concedida. Depois plantou o cajado seco na terra; e numa única noite o cajado transformou-se em árvore, floresceu e deu frutos. Ao ver o grande milagre, Cristóforos sentiu-se preenchido de grande fidelidade e amor a Deus, dando-lhe graças pela maravilhosa bênção.

(De lendas populares sobre santos)

Comentário:

São Cristóvão representa as forças transformadas do Touro. Sua grande força física torna-se uma força dirigida; ela é capaz de transformar-se e de tornar-se portadora das forças espirituais mais elevadas.

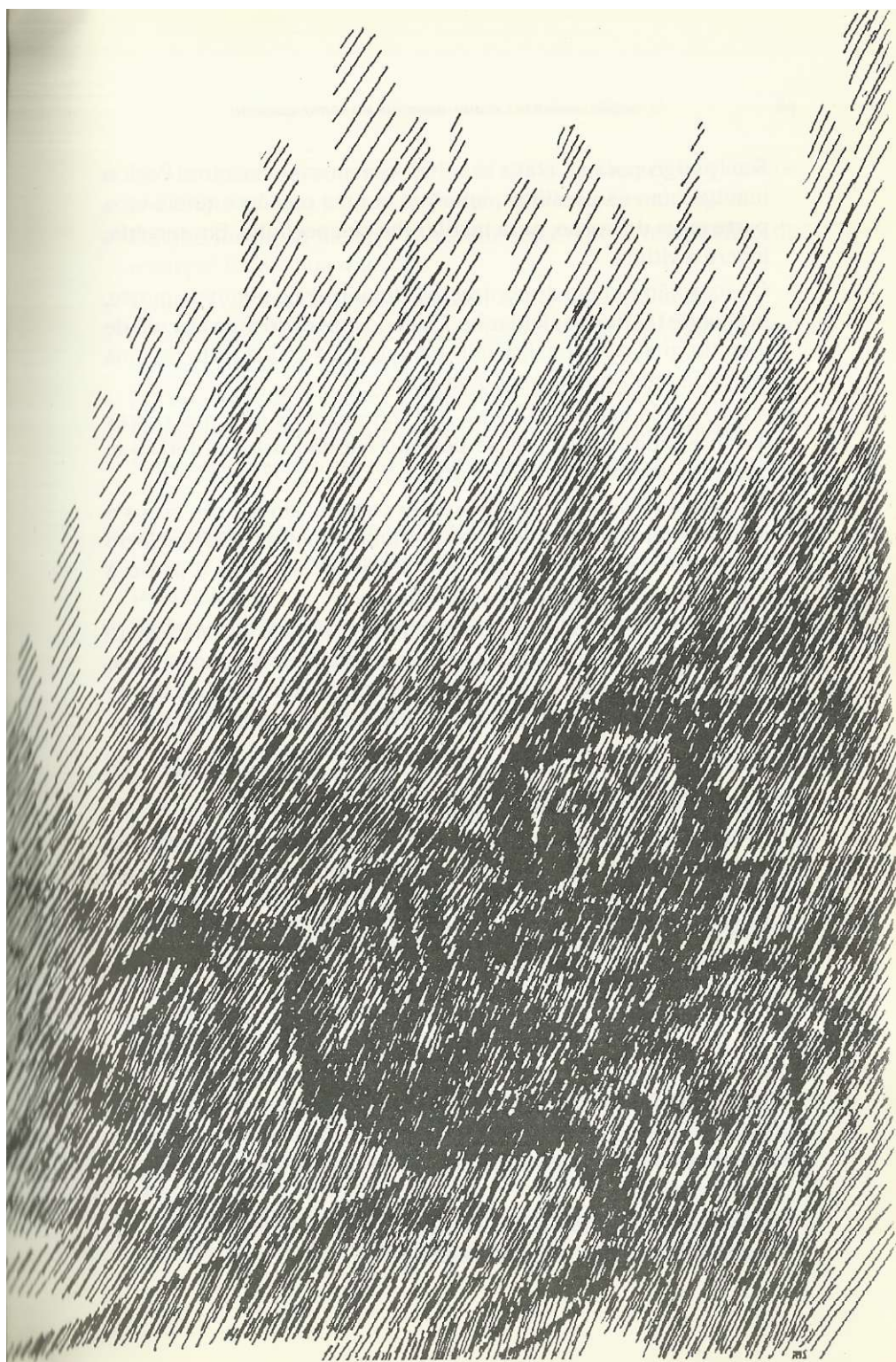
Cristophorus significa 'Portador de Cristo'.



ESCORPIÃO – 22 de outubro a 21 de novembro

O Sol já está descendo, a luz torna-se cada vez mais fraca, tudo tende à morte no fim de outubro. Os gregos tinham a imagem da luz solar como um tênue raio.

- O escorpião vive em zonas quentes, debaixo de madeira em decomposição.
- É um animal que evita a luz, abrigando-se em frestas ou cavidades escuras. É pequeno e ocupa pouco espaço. Só quando escurece sai das frestas.
- Mesmo caçando, o escorpião recorre à perspicácia de aguardar sua vítima em seu esconderijo.
- As pinças são dirigidas à frente, na direção do andar; o rabo, com ferrão, aponta diretamente para trás, ou se ergue e volta para a frente, ultrapassando a cabeça, a fim de ferroar sua presa. Sem que se espere, o escorpião aparece e aferroa sua vítima – o que, às vezes, pode ser fatal.



- Sem perigo para si, ataca aranhas venenosas e insetos. Pega o inimigo com as presilhas, aperta-o contra o chão e tateia uma parte mole do corpo, para instilar-lhe sua peçonha. Em seguida, ingere a vítima.
- O escorpião é cheio de contrastes; demonstra o poder da morte, mas pode também suicidar-se. Quando colocado num círculo de fogo do qual não consiga sair, ou sob ação da luz forte de uma lâmpada, mata-se por medo da luz.
- A mãe cuida carinhosamente dos filhotes e os leva nas costas durante muitos dias. Nesse período ela não usa seu ferrão e, portanto, tampouco se alimenta.
- Em relação à águia, há aspectos em comum: ambos são secos e rijos, possuindo armas ferozes; a vítima é mantida à distância do corpo, ao contrário do que faz o leão. O escorpião é preso à terra, enquanto a águia voa nas alturas.
- O escorpião é a imagem de um metabolismo fraco; é o mais escuro do zodíaco. Tem olhos bem desenvolvidos. A cauda é bem desenvolvida, sendo o centro de sua força: um movimento de trás para a frente culmina na picada de onde emana a morte.

O tipo 'Escorpião'

- A cabeça domina sobre os órgãos metabólicos.
- Os nascidos neste signo possuem inteligência brilhante, são pesquisadores, questionadores, indo a fundo em qualquer assunto.
- São bons observadores.
- Com um pensamento certo e crítico, atingem os pontos fracos das pessoas e das situações.
- São capazes de colocar processos em movimento.
- Não gostam de trabalhar fisicamente, de 'pôr a mão na massa'.
- São como a cabeça que controla os membros – comandam situações e as desenvolvem sem esforço.
- Sua inteligência aguda pode desgastar o corpo vital (da sabedoria) e torná-los moralmente cegos. Chegam a perder a relação com o cosmo.
- Corporalmente, são fracos. Muitas vezes sentem-se em desvantagem e compensam com tenacidade.

- Não levam as outras pessoas em muita consideração – elas lhes são interessantes enquanto podem servir a seus objetivos.
- De que forma se alcança o máximo efeito com um mínimo de esforço? Esta é sua questão.
- Quando em desvantagem, tendem aos ciúmes e à inveja.
- Possessivos, dominantes, atuam sobre os outros, podendo tornar-se vingativos e cínicos.
- Muitas vezes têm prazer na fraqueza dos outros.
- Orgulhosos e ambiciosos, consideram-se seres superiores.
- Sensíveis, ofendem-se facilmente, apesar de terem uma aparência fria.
- Sua vida sexual e erótica é importante.
- Por se considerarem superiores, acham difícil medir-se de igual para igual.
- Podem exercer forças de sacrifício: 'matar'-se por uma causa.
- Os aspectos da morte e ressurreição dentro de uma biografia também têm características de escorpião. Sacrificar algo, deixar morrer algo para um elemento novo nascer.



Características negativas

O Escorpião é visto como a porta de entrada das forças do mal na esfera do zodíaco, comparável à consequência da expulsão do Paraíso. Sua natureza é fugir da luz, e sua relação com a terra, com a escuridão, é estreita. Como ele próprio se desprende da relação sadia com as forças do mundo, também procura afastar as outras pessoas dessa interação, desse contexto divino, levando as forças do mal a ocupar o lugar das forças divinas. É um egoísta, que coloca seus desejos em primeiro lugar e não consegue obedecer a interesses alheios.

Ele é como um ladrão que rouba alguma coisa e a coloca dentro de seu próprio contexto. Sua índole tende ao parasitismo, e para tanto ele procura o ponto vulnerável das outras pessoas, chegando a enganá-las e explorá-las. Muitas vezes tende a perversões eróticas.

Na relação homem/mulher, pode haver uma ligação profunda. Juntos, é como se alcançassem o céu – um abrir-se para algo

que deseja entrar; o indivíduo torna-se acessível (caso contrário, cada qual permanece fechado em sua individualidade).

O Escorpião não se doa, só sabe receber; se busca o prazer, é à custa do outro. Os pertencentes a este signo são perigosos, por serem capazes de ter prazer na desarmonia, no fenecer e na destruição de outros – prazer no sofrimento alheio. Sua atitude não é roubar para possuir, mas para o outro ter menos.



Características positivas

O Escorpião pensa na forma de aliviar o peso do trabalho.

Antigamente se empregavam escravos; isso possibilitou a alguns uma vida confortável, permitindo inclusive que pudessem dedicar-se à cultura, porém à custa de outros. Hoje as coisas são organizadas de outra maneira, aproveita-se ao máximo as forças da natureza. Estudos sobre métodos de trabalho e de produção são feitos sempre com a preocupação de maximizar a produção com menos esforço.

A economia de trabalho braçal baseia-se na força de Escorpião: obter efeito máximo com esforço mínimo. Na mecânica, tenta-se atingir o ponto exato. Esse alívio do trabalho poderia possibilitar também ao homem um tempo a ser empregado no desenvolvimento espiritual.

Com o progresso tecnológico, no entanto, as potências do mal podem usá-lo para fins negativos. Quando esse progresso é dirigido para uma maior harmonia, o mundo se desenvolve; o perigo existe ao serem utilizados também para o domínio e o poder. Na vida técnica e econômica, tudo isso é possível. O maior bem está no limiar do pior mal, e a inversão disso é fácil.

Na vida social, a intriga de Escorpião pode ter algo de positivo. Por exemplo, quando a vida social não se desenvolve porque as pessoas são muito modestas e retraídas, a união com outras dotadas de liderança pode promover algum resultado. Numa reunião desanimada, muitas vezes um 'cutucãozinho', uma 'alfinetada' ou revelação de uma conversa pessoal pode fazer o evento fluir. Repentinamente podem acontecer uniões e relações. O método de Escorpião pode tornar-se uma fonte de harmonia. Em vez de subjugar, ele poderá contribuir muito para o desenvolvimento.

O veneno do Escorpião pode ser transformado em remédio. Trata-se de um dissolver, livrar-se de várias espécies de algemas para uma transformação ou ressurreição. E o veneno do Escorpião transforma-se no vôo da Águia. Na química, também usamos esse processo: temos de destruir uma matéria para compor outra.

A maior força de Escorpião pode ser encontrada na história de Judas Iscariotes. Vemos quão necessária, no todo, é essa força do mal, da morte. A força de Escorpião permitiu que Jesus Cristo morresse e descesse às entranhas da terra para, então, renascer e levar a luz a todos os seres terrestres.

- Virtude: paciência, que se torna cognição.
- Filosofia: dinamismo.
- Tarefa evolutiva: para o Escorpião é importante transformar a crítica em autocrítica.

Como conteúdo expressando esta força do Escorpião, podemos tomar o conto de fadas 'Rosinha de Espinhos', que não será reproduzido integralmente.

ROSINHA DE ESPINHOS



Havia, tempos atrás, um rei e uma rainha que todo dia diziam: — Ah, se tivéssemos um filho! — E não conseguiam ser atendidos.

Certa vez, porém, quando a rainha se banhava, aconteceu que uma rã saiu pulando da água para a terra e lhe disse:

— Teu desejo será realizado: antes que se passe um ano, darás à luz uma filha.

Tal como a rã havia dito, assim aconteceu, e a rainha deu à luz uma menina tão linda que o rei, não cabendo em si de contente, mandou realizar uma grande festa. Não convidou apenas os parentes e conhecidos, mas também as mulheres sábias, para que se afeiçoassem à criança e lhes fossem propícias.

Havia treze delas em seu reino, mas como ele só possuísse doze pratos de ouro onde elas pudessem comer, uma deveria ficar em casa.

A festa foi celebrada com toda a pompa, e quando estava chegando ao fim as mulheres sábias presentearam a criança com seus

dons maravilhosos: uma com a virtude; outra com a beleza; a terceira com riqueza; e, assim, com tudo o que se pode desejar neste mundo.

Quando onze já haviam proferido suas sentenças, entrou repentinamente a décima terceira. Ela queria vingar-se por não ser sido convidada e, sem nem mesmo olhar ou cumprimentar ninguém, clamou em voz alta:

— Aos quinze anos de vida, a filha do rei se ferirá com um fuso e cairá morta.

E, sem dizer mais nada, virou as costas e abandonou a sala.

Todos se assustaram, e nisto se adiantou a décima segunda, cujo desejo ainda não havia sido formulado; e como não pudesse anular a sentença maligna, mas apenas atenuá-la, assim disse:

— Na verdade não haverá morte, mas um profundo sono de cem anos, no qual a filha do rei cairá.

O rei, querendo muito preservar sua filha daquela desgraça, deu ordem para que todos os fusos no reino inteiro fossem queimados. Entrementes, na menina foram-se cumprindo todos os dons das mulheres sábias, pois ela foi-se tornando tão linda, modesta, afável e ajuizada que todos que a contemplavam eram levados a querer-lhe bem.

Ora, justamente no dia em que ela completou quinze anos o rei e a rainha não estavam em casa, e a menina ficou completamente só no castelo. Então andou por toda parte, examinando salas e quartos à vontade, e finalmente chegou a uma velha torre. Subiu a estreita escada em caracol e alcançou uma pequena porta. Na fechadura havia uma chave enferrujada; quando ela a girou, a porta se abriu – e ali estava, sentada na pequena salinha, uma velha com um fuso, fiando ativamente seu linho.

— Bom dia, vovozinha — disse a princesa —; que fazes aí?

— Estou fiando — disse a velha, balançando a cabeça.

— Que é isto que salta e gira de modo tão divertido? — perguntou a menina; e, querendo também fiar, pegou o fuso.

Mal, porém, ela o tocou, cumpriu-se a maldição e ela espetou nele seu dedo. No mesmo instante em que sentiu a picada, caiu sobre a cama que ali havia e adormeceu profundamente. E seu sono se propagou por todo o castelo...

Irmãos Grimm

Comentários

A história prossegue, com Rosinha de Espinho dormindo por cem anos. Passado esse tempo, um príncipe conseguiu atravessar a sebe de espinhos e, ao beijar a donzela, esta despertou do sono profundo e todo o castelo começou a reviver.

Vemos aqui cada uma das fadas como representante de uma das forças zodiacais, doando cada qual uma das virtudes. A décima terceira, no caso, teria sido a força do Escorpião, portador da morte. Ele é o portal por onde entram as forças do mal no zodíaco. Rosinha espeta-se no fuso e cai morta, como se tivesse sido aferroada por um escorpião.

É na puberdade, aos quinze anos – quando nasce o corpo astral e o indivíduo amadurece sexualmente – que as forças do Escorpião começam a atuar.

Somente após ‘cem anos’ o príncipe, o ‘eu’, começa a dominar cada vez mais, subjugando progressivamente as cobiças, as paixões advindas da sexualidade (ou do corpo astral). Rosinha de Espinhos nasce de novo ou ressuscita da morte. O eu, de natureza solar, venceu a unilateralidade das forças do Escorpião.

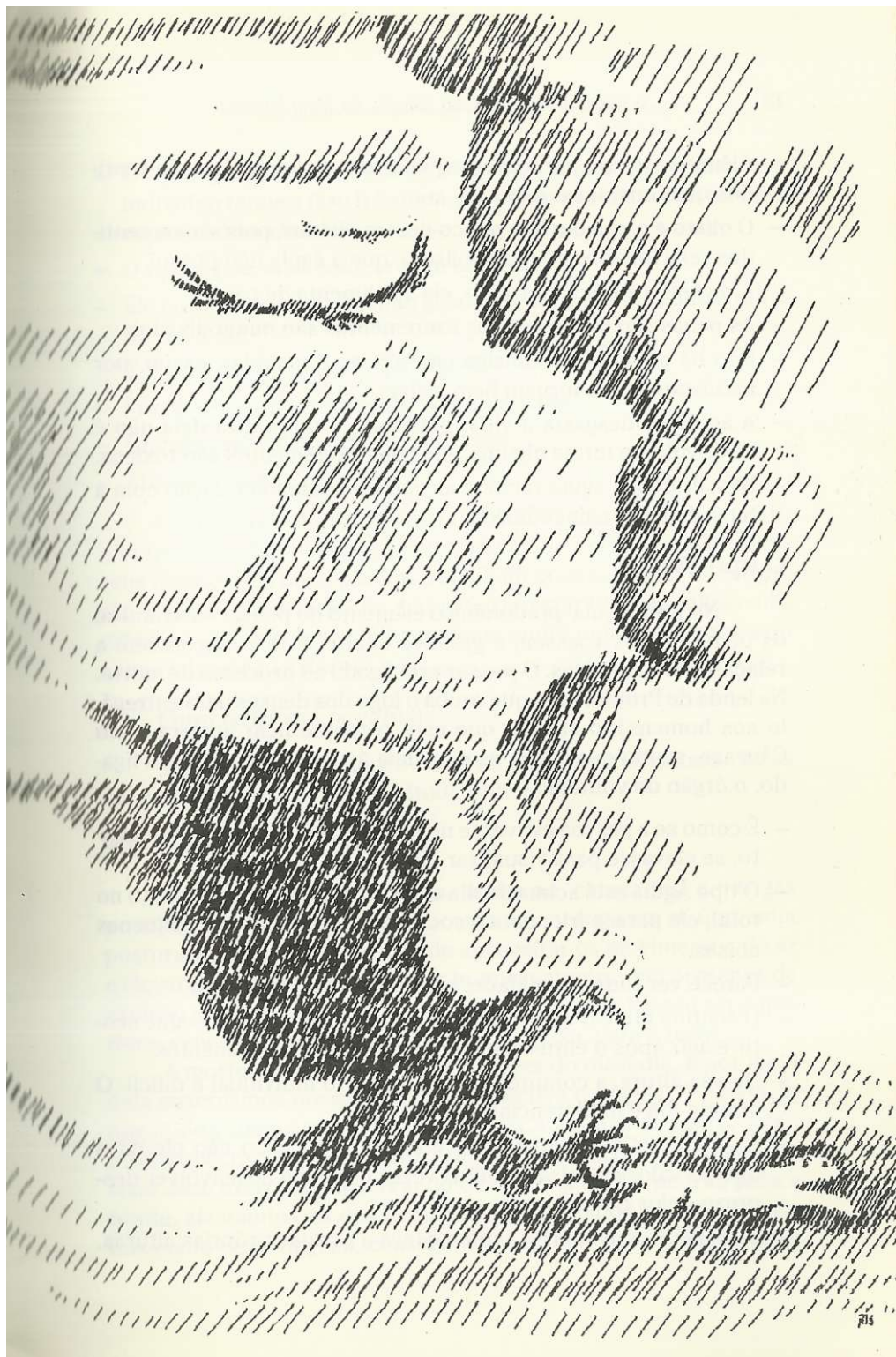


ÁGUA¹⁷ – 22 de outubro a 21 de novembro

- É o rei dos ares – um dos animais preferidos para brasões.
- Representante das forças da cabeça (do sistema neuro-sensorial, que domina sobre o metabolismo).
- A águia é uma ave de rapina – caça outros animais.
- É um animal que se eleva acima da terra e tem seus ninhos nos mais altos penhascos e rochedos.
- Gosta do espaço livre.
- Ao cair da tarde sai a voar, como que ao encontro do sol poente.

¹⁷ Antiga denominação do signo de Escorpião.

- Com as asas amplamente estendidas, tensas, plana em grandes círculos, elevando-se até parecer um pequeno ponto.
- Na terra quase não consegue andar, mas no rochedo do penhasco fica em pé, com as garras fincadas na rocha.
- Os olhos, inseridos na cabeça seca, avistam ao longe.
- Elas andam aos pares.
- Pela manhã saem à caça, procurando suas presas nos vales ou nos penhascos. Nada que se move fica despercebido. Ao encontrarem seu alvo, suas asas se fecham junto ao corpo e o pássaro voa descendo qual uma flecha.
- As garras entram na carne da vítima e, com o bico, a águia abre a cabeça da presa, matando-a.
- Depois que em sua vítima cessa qualquer movimento, a águia solta um grito de vitória. Depois, carrega sua caça para as alturas, onde a devora por completo.
- Ao pegar a vítima, age como se estivesse roubando, levando-a de uma região terrestre, que não é de sua natureza, para seu ambiente.
- São as forças da morte, da destruição, que predominam.
- A fêmea constrói seu ninho em saliências rochosas, geralmente em penhascos, e põe vários ovos. Logo que os filhotes nascem, os pais trazem animais mortos; por isso, sempre há um cheiro pútrido no ninho. Logo que um dos filhotes está mais forte do que os outros, mata os irmãos, geralmente atirando-os para fora do ninho.
- Só um deles sobrevive e cresce. Após alguns meses, começa a sair para a caça. A vida é isolada, solitária, mas os pares se mantêm fiéis por muitos anos.
- O corpo da águia quase não tem substância; ela possui bolsas ocas pelos quais circula o ar respirado; as penas são permeadas de ar. Os ossos também são ocos.
- A águia leva algo do peso da terra para uma região de leveza; o corpo assume uma forma irradiante ao voar, adapta-se totalmente ao meio, abre-se em superfície, e as penas são linhas com pequenos ganchos e pontas. Podemos ver em seu corpo a influência da luz.



- Além da visão, a audição, o equilíbrio e o movimento são sentidos que funcionam bem.
- O olfato e o paladar são pouco desenvolvidos, pois são os sentidos relacionados ao metabolismo, que a águia não possui.
- A digestão é fraca; portanto, ela se alimenta de carne.
- As penas são mortas e seus excrementos são mineralizados.
- Não há animal que consiga capturá-las e matá-las; assim, por natureza elas se tornam bem velhas.
- A águia só desgasta a vida, pois tudo o que retira dela não é devolvido de forma alguma. Até seus excrementos são tóxicos.
- Nas alturas, a águia recolhe as garras; a mínima relação com a terra é ainda mais reduzida.

O tipo 'Águia'

No tipo 'Águia' predomina o elemento do pensar – é como se os pensamentos voassem a grandes alturas e ali conhecessem a relação entre as coisas. O pensar está ligado ao processo de morte. Na lenda de Prometeu (o que rouba o fogo dos deuses para entregá-lo aos homens), o castigo que este recebe é ficar amarrado no Cáucaso, sendo que todos os dias uma águia vem comer seu fígado, o órgão da vontade.

- É como se a pessoa estivesse no meio de tudo e, pelo pensamento, se elevasse para visualizar melhor.
- O tipo Águia está acima do dia-a-dia, e cada detalhe será visto no total; ele parece frio, pouco social, até gelado ante as pequenas coisas.
- Parece ver toda a realidade: passado, presente, futuro.
- O sentimento e o querer são secundários; ele só consegue sentir e agir após o entusiasmo do voo de seus pensamentos.
- De sua altura, a compreensão do aspecto individual é difícil. O mundo lhe é indiferenciado.
- É difícil distinguir entre alto e baixo, e por isso não ele dá o devido valor às coisas; muitas vezes pode até desenvolver desprezo pelos outros.
- De repente, cai sobre a vítima e leva-a às suas próprias alturas.

- O tipo Águia não incentiva os outros a grandes ações, mas se o indivíduo tende a isso irá ajudá-lo a entrar em harmonia elevada com a ordem cósmica.
- O tipo Águia sabe focar bem as coisas.
- Ele possui visão ampla – não gosta de confrontar-se com a rotina do dia-a-dia.
- Tendências filosófico-conscientes.
- Frieza: ele é pouco atingido pelas emoções.
- Grande capacidade de concentração.
- Atitude crítica.

Comparando Águia e Escorpião, um tende a elevar, enquanto o outro degrada constantemente tudo à sua volta para satisfazer seus desejos. Os dois, porém, trabalham com as forças da morte, são repletos da criação de seu próprio espírito, e as influências externas não os atingem. Eles se doam muito pouco aos outros ou a uma impressão externa.



Características negativas

O tipo 'Águia' dá pouco valor ao trabalho dos outros. Vê as coisas à distância e possui atitude crítica.



Características positivas

Como qualidades da Águia, temos as 'cutucadas' e intrigas positivas; o pairar nas alturas é como uma intriga em si. Com uma postura adequada, ela é capaz de aproveitar os movimentos do ar e elevar-se cada vez mais. Um ser humano atento, com presença de espírito e mantendo tudo na consciência, desenvolve seu ser superior e vence as forças que o levam para baixo, para a terra.

A morte nos livra das preocupações do dia-a-dia, e por meio dela enxergamos nossa vida da perspectiva da Águia. O exercício que Rudolf Steiner nos sugere para fazermos antes de adormecer – a retrospectiva do dia – coloca-nos na perspectiva da Águia. Ao fazer esse exercício, observando os eventos do dia de trás para a frente, afastando-nos dos acontecimentos, somos forçados a ver-nos como personagens, conseguindo ter uma visão mais objetiva

do nosso dia. Conseguimos elevar-nos acima de nós mesmos e chegar ao nosso núcleo espiritual.

Existem pessoas que fazem isso pela humanidade – por exemplo, o evangelista João, que em grandes imagens nos apresenta o futuro do desenvolvimento da humanidade em seu *Apocalipse*. João conseguiu elevar-se a tal altura que a visão do mundo se-lhe apresentou num grande panorama. Pode-se dizer que o próprio Rudolf Steiner se elevou às alturas espirituais para escrever seu livro *A ciência oculta*.

- Tarefa evolutiva: transformar a crítica externa em autocrítica. Não perder o chão com vãos idealistas e ilusórios demais.



Perguntou um homem à águia:

— Por que educas teus filhos lá em cima, em tão grandes altitudes?

A águia respondeu:

— Acaso depois de crescidos eles teriam coragem de chegar perto do Sol, se eu os educasse cá embaixo, junto ao chão?

Gotthold Ephraim Lessing



Era uma vez certo homem que, ao caminhar pela floresta, encontrou uma pequena águia. Levou-a para casa, colocou-a em seu galinheiro, onde logo ela aprendeu a alimentar-se como as galinhas e a comportar-se como elas.

Um dia um naturalista que ia passando por ali perguntou-lhe por que uma águia, a rainha de todos os pássaros, deveria ser condenada a viver no galinheiro com as galinhas.

— Depois que eu lhe dei comida de galinha e a eduquei para ser uma galinha, ela nunca aprendeu a voar — replicou o dono. — Comporta-se como uma galinha, não é mais uma águia.

— Mas — insistiu o naturalista —, ela tem coração de águia e certamente poderá aprender a voar.

Depois de falar muito sobre o assunto, os dois homens concordaram em descobrir se isso era possível. Cuidadosamente, o cientista pegou a águia nos braços e disse-lhe:

— Tu pertences aos céus, e não à terra. Bate bem as asas e voa.

A águia, entretanto, estava confusa; não sabia quem era, e, vendo as galinhas comendo, pulou para ir juntar-se a elas.

Inconformado, no dia seguinte o naturalista levou a águia para o alto do telhado da casa e insistiu novamente, dizendo:

— Tu és uma águia. Bate bem as asas e voa.

Mas a águia tinha medo de seu eu desconhecido e do mundo que ignorava, e voltou novamente para a comida das galinhas.

No terceiro dia o naturalista levantou-se bem cedo, tirou a águia do galinheiro e levou-a para uma alta montanha. Lá, segurou a rainha dos pássaros bem no alto e encorajou-a de novo, dizendo:

— Tu pertences ao céu e à terra. Bate bem as asas agora e voa.

A águia olhou em torno, mirou o galinheiro e o céu. Ainda não voou dessa vez. Então o cientista levantou-a na direção do sol e a águia começou a tremer, e lentamente abriu as asas. Finalmente, com um grito de triunfo, levantou vôo rumo ao infinito.

Pode ser que a águia ainda se lembre das galinhas com saudades; pode ser que ocasionalmente ainda torne a visitar o galinheiro. Mas até onde foi possível saber, nunca mais voltou a viver como galinha. Ela era uma águia, embora tivesse sido mantida e domesticada como galinha.

(Autor desconhecido)

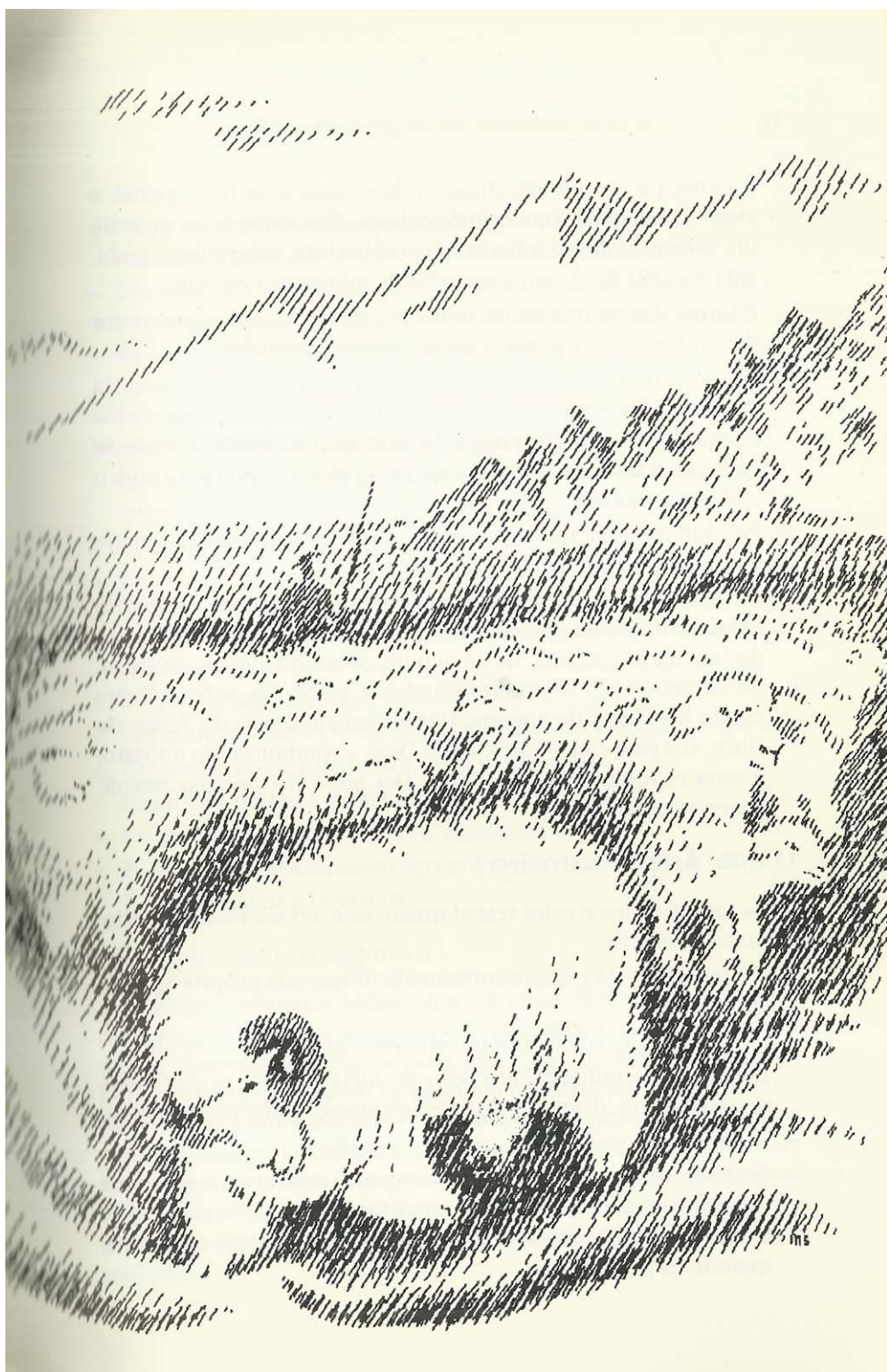


ÁRIES (Carneiro) – 22 de março a 21 de abril

Nessa época, o Sol está em rápida ascensão. Durante a maior parte do tempo, permanece acima do horizonte. A luz domina cada vez mais a escuridão.

- Os carneiros habitam as montanhas, e nisso não ficam muito atrás dos cabritos. Gostam de uma boa pastagem e não se contentam com pouca coisa, como as cabras.

- Na primavera nascem os cordeiros. São branquinhos, com pêlos encaracolados (que acolhem as forças do Cosmo). O focinho é redondo, dando a impressão de ingenuidade. Eles pulam em ziguezague, quase dançando, para depois mamar na mãe, com enérgicos botes. Acolhem a força solar e transformam-na em calor, fornecendo a lã.
- Por que nossos carneiros são tão mansos? Quanto mais velhos, mais quietos ficam. Representam a entrega total, faltando-lhes qualquer defesa. São também extremamente pacientes. Mesmo quando machucados, por exemplo, na tosa, não manifestam qualquer reação.
- Eles gostam de comer boa grama, mas se contentam com pouco. Estão sempre doando coisas boas e úteis ao homem (lã, lanolina, carne etc.), mesmo se alimentando de comida escassa. Na Itália se faz queijo com leite de ovelha (queijo *pecorino*).
- Andam em rebanhos e se assustam facilmente. Não parecem ser orgulhosos por subir as montanhas. Só o macho é muito briguento, chegando até a atacar o homem. Neste caso, a pessoa precisa ficar deitada até que ele se afaste.
- O que mais chama a atenção no comportamento do carneiro é a maneira de brigar. Dois carneiros se colocam à distância um do outro, como se houvesse uma combinação entre eles; então avançam, cabeça contra cabeça, e lutam até que um deles perca a consciência ou quase morra.
- Cada um espera que o outro se mova do lugar; no entanto, ambos mantêm exatamente a mesma regra de jogo. Um parece dizer ao outro: "Estou aqui, e você se põe no meu caminho; não vou dar a volta, de maneira alguma."
- Os romanos, para transpor uma muralha, usavam um caibro guardado com uma cabeça de carneiro numa das extremidades, feita de ferro (aríete) e, recuando e avançando com esse engenho, após muitas batidas, conseguiam derrubar seu obstáculo. Usavam matéria dura e densa. Assim, a força do carneiro pode ser usada também para abrir caminho para a luz (a fenda aberta na parede deixa passar a claridade).
- O carneiro possui caráter difícil, mas ainda simples em relação, por exemplo, ao capricórnio.



- A cabeça e os pés são desprovidos de lã; uma base mansa e suave e, em cima, aquela forte cabeça. Eles estão sob a ação de um processo de luz intensa. O carneiro luta, determina o ambiente a partir de si, sem depender de influências externas.
- A forma dos chifres indica uma concentração de força ao redor de um ponto – a cabeça –, normalmente excêntrico.
- Tudo vai do centro para a periferia – o crescimento do pêlo, da pele, os golpes; para a natureza do carneiro não importa a existência de uma reação contrária, pois esta só existe quando se conta com um ambiente adverso, e o carneiro não conta com o ambiente externo.
- Por andarem em rebanhos e serem dóceis, eles necessitam de um pastor ou um animal-guia.
- O carneiro está sempre relacionado com o Sol, com o ouro. No caminho da purificação e do desenvolvimento, é lendária a busca do ‘carneiro dourado’, da alma pura, solar: o Velocino de Ouro. Os carneiros são sempre retratados à luz do dia, sob a influência do Sol. Segundo a lenda, Ulisses vai em busca do Tosão de Ouro. O *Agnus Dei* – Cordeiro de Deus –, simbolizando o Cristo, é uma relíquia católica (*Agnus Dei qui tollis peccata mundi, miserere nobis*).

O tipo ‘Áries’ (‘Carneiro’)

- As forças de luz e calor transformam-se e, no ser humano, inflamam altos ideais.
- O tipo Áries está sempre convencido de que sua própria opinião prevalece.
- Parece-lhe que sua idéia vai melhorar e até salvar o mundo.
- Ele deseja reconhecimento por suas idéias e sente prazer quando isso ocorre, ficando contente ao conseguir alguma mudança.
- Quando não obtém reconhecimento, irrita-se.
- Sente-se responsável, e quando algo está errado acha que deve reparar o erro. Às vezes pensa em defender o mais fraco, e então a vontade de lutar aumenta. Ele não tolera injustiças e interfere quando as presencia.

- Tampouco tolera maus-tratos aos animais.
- Não é egoísta; muitas vezes atua contra seu próprio interesse. É capaz de passar necessidades para defender uma causa.
- Sua atividade pensante é um pouco dura, 'rochosa', e o querer une-se ao pensamento.
- Às vezes sua idéia torna-se uma obsessão, e ele não descansa enquanto não a lança no mundo.
- Sua vida afetiva se parece com uma relação jurídica. Ele irá acrescentar sempre a moralidade e exigir bastante.
- Ele enxerga branco ou preto. O que não é branco é rejeitado, e o que parece branco é reconhecido.
- Há tendência ao fanatismo.
- Ele possui normas bem definidas. Falta-lhe tato, devido à falta de percepção externa. Ele é como um ferreiro, que bate sempre na mesma bigorna. É persistente e dispõe-se sempre a realizar uma idéia concebida.
- O tipo Áries possui algo de inventor.
- Sua entrega total é a imagem da renúncia – do 'Cordeiro de Deus'.
- Ele possui honestidade, coragem e confiança.
- Inspira os outros e os arrasta em seu entusiasmo.
- É ativo, energético, dinâmico, espontâneo.
- Possui um temperamento agressivo que o predispõe à luta.
- É conquistador e inovador.



Características negativas

Áries sente suas idéias com tal intensidade que realizá-las torna-se seu principal objetivo. Se a idéia é boa, tendo condições de ser aperfeiçoada, vale a pena lutar para modificar as coisas. Porém suas metas podem torná-lo um fanático, pois Áries só conta com seus próprios ideais e tenta impô-los a qualquer custo. Seu senso de justiça, levando-o a querer estar sempre no caminho certo, a seguir suas idéias, pode induzi-lo a cometer alguns estragos. A História nos comprova que quem não reconhece o dogma de um ariano é perseguido. O tipo Áries também pode 'empacar' com suas idéias.



Características positivas

Quando, numa fábrica, existem máquinas antigas, sistemas velhos, a inovação e a renovação num sistema de produção exige coragem. Para isso a força de Áries pode ser ótima. Também para começar idéias novas ou ideais espirituais neste mundo, a coragem e persistência do Carneiro pode servir de exemplo. É assim que se consegue a renovação da cultura, pois o externo, o antigo, sempre opõe resistência ao novo.

- Virtude: devoção, que se torna força de sacrifício.
- Filosofia: idealismo.
- Tarefa evolutiva: direcionar sua força canalizando sua potencialidade agressiva; atuar planejadamente, coordenando melhor pensamento e ação.

COMO A MENSAGEM DO ANJO SE CUMPRIU PARA OS CARNEIROS



Naquela noite, os anjos foram também para o campo onde estavam os carneiros. Os pastores dormiam profundamente, mas os carneiros logo acordaram com a claridade e os sons celestes que vinham dos anjos. Puseram-se de pé, olharam e escutaram o que de especial estava acontecendo: no meio da noite tanta luz, no meio do silêncio uma suave melodia, no meio do sono um despertar. Então ouviram a mensagem dos anjos, e foram os primeiros a saber da boa nova:

— Alegrai-vos todos, no céu e na terra – eis que vosso Salvador vem a vós.

Os carneiros desejavam que seus pastores logo acordassem com tantas maravilhas. Mas não – eles continuavam a dormir profundamente, viravam para lá e para cá murmurando qualquer coisa. É que viam os anjos em sonho e, sonhando, ouviram sua mensagem:

— Revelado seja Deus nas alturas e na Terra às pessoas de boa vontade.

Nesse momento os pastores acordaram e contaram uns aos outros o sonho que tiveram. O mais velho dentre eles disse:

— Todos nós tivemos o mesmo sonho – então deve ser realidade.

Nesse instante, perceberam que os carneiros – todos – caminhavam na mesma direção. Estavam seguindo os anjos, que lhes mostravam o caminho para Belém. Os pastores os seguiram e, chegando ao estábulo, entraram. Então presenciaram um clarão celestial e ouviram sons divinos. Ajoelharam-se diante da Criança e apresentaram-na com o que possuíam: lã, peles e leite. Depois oraram ao Filho de Deus.

Quando os pastores se despediram da Sagrada Família, Maria ouviu os balidos e o arrastar de muitos cascos diante da porta e perguntou:

— São esses os carneiros que me aqueceram quando eu estava com frio?

Ergueu então a Criança, envolvida na lã que os pastores haviam presenteado, e levou-a para fora. O boi e o jumento a acompanharam. O Filho de Deus ergueu a mão e abençoou as três criaturas: o boi, o jumento e os carneiros; e, em espírito, disse:

— Ajudastes minha mãe Maria quando ela precisou de auxílio. Por isso vos foi permitido estar conosco nesta noite sagrada em que desci do Céu à Terra. Como recompensa, sereis lembrados onde quer que as pessoas falem do nascimento do Menino Jesus. Todos saberão que vim ao mundo num estábulo, junto a um boi e a um jumento, e que os carneiros e os pastores foram os primeiros a vir até mim. Eu serei sempre um bom pastor para vós e para todos os seres da Terra.

E o que o Filho de Deus prometeu naquele tempo ainda se cumpre até hoje.

Irene Johanson¹⁸



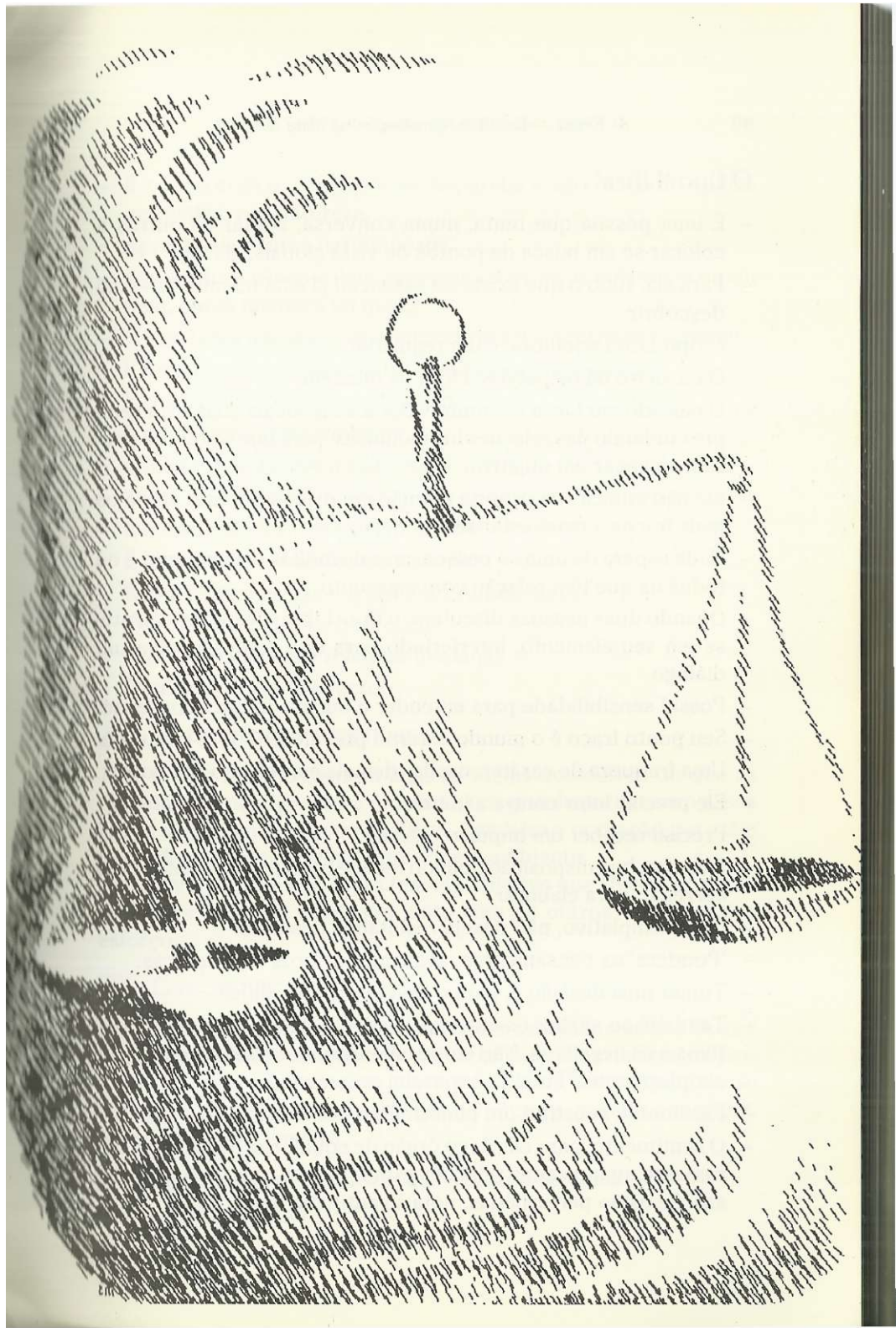
¹⁸ Em *Histórias para as festas do ano*, trad. Liselotte Sobotta (São Paulo: Edições Religião e Cultura da Comunidade de Cristãos do Brasil, 1985).



LIBRA (Balança) – 22 de setembro a 21 de outubro

O Sol está em rápido declínio, em direção às forças terrestres. A escuridão já domina, mas há um determinado momento em que a descida se torna mais lenta, como se houvesse um contrapeso atuando, numa tentativa de equilíbrio de forças.

- A balança [libra] se entrega totalmente à gravidade, ao peso. O movimento só ocorre por ação de massa ou peso externo. Assim, ao colocarmos peso num prato da balança, este desce; mas se colocarmos outro peso – mesmo menor do que o primeiro – no segundo prato, a descida será desacelerada.
- Os movimentos da balança são idênticos aos do Sol no céu. Funcionam como um pêndulo oscilando de lá para cá, fazendo uma pequena parada no extremo da oscilação para então retornar com uma aceleração maior. Leis cósmicas são levadas para a área terrestre tanto pela balança como pelo pêndulo. Há sempre o ritmo, que nasce da polaridade entre parada e movimento.
- Os romanos adotaram a balança como símbolo do Direito, da Justiça. Usavam, pois, o aríete (a cabeça do carneiro) e a balança. O aríete possui dois pontos de apoio e um só peso, fazendo um movimento intermitente horizontal, ao passo que a balança possui um único ponto de apoio.
- A balança funciona melhor quanto mais o centro (o ponto de apoio dos braços), chamado 'fiel' da balança, nega a si mesmo.
- Ela é comandada pelo ambiente em redor, ao qual é extremamente sensível. Quanto mais seu fiel se anula, melhor ela reflete o mundo externo.
- Oferece o ponto de apoio e se dispõe a elaborar o que nela se deposita.
- O aparelho se transforma em algo que normalmente só os seres vivos conseguem: regula a si mesmo e coloca-se em harmonia com os grandes acontecimentos do mundo. É quase um ser vivo!
- Deixa-se nortear completamente pelo externo.
- Assim, nesse ponto do zodíaco não se adotou por signo um animal, pois os animais se desenvolvem e atuam do interior para o exterior. Só mesmo um instrumento ou máquina pode ser plenamente objeto de ação externa dirigida ao interior.



O tipo 'Libra'

- É uma pessoa que tenta, numa conversa, ajudar os outros a colocar-se em busca de pontos de vista globais, gerais.
- Para ela, tudo o que existe de essencial já está no mundo – é só descobrir.
- O tipo Libra equilibra, é um regulador.
- O Carneiro dá os passos; Libra os mantém.
- O nascido em Libra dá muito valor a seus ideais, mas está sempre cuidando das relações harmoniosas, para que os outros possam alcançar um objetivo.
- Ele não coloca sua própria opinião em discussão, mas ajuda os mais fracos a manifestar-se.
- Nada espera de uma só pessoa, mas de muitas em conjunto e de todos os que têm relação com o assunto.
- Quando duas pessoas discutem, o tipo Libra 'desperta' e sente-se em seu elemento, interferindo para que se desenvolva um diálogo.
- Possui sensibilidade para entender o outro e muito bom senso.
- Seu ponto fraco é o mundo externo prevalecer sobre o interno.
- Uma fraqueza de caráter: oscilar demais em relação aos outros.
- Ele precisa lutar contra a inércia.
- Precisa receber um impulso externo.
- Fica com boa disposição quando recebe bastante elementos para carregar, para elaborar.
- É contemplativo, não deseja resultados pessoais.
- 'Pondera' os pensamentos, avaliando os prós e os contras.
- Tomar uma decisão é, para o tipo Libra, algo difícil.
- Também ao avaliar os outros, ele apenas destaca os lados positivos e os negativos. Não emite um julgamento taxativo, mas diz simplesmente: "Poderia ser assim ou assado."
- Facilmente substitui um pensamento por outro.
- O sentimento, para ele, é um órgão de equilíbrio; percebe-se claramente quando suas relações estão perturbadas ou harmoniosas. Se estão perturbadas, nota-se antipatia nele.

- É pouco crítico, mantendo-se imparcial e não nutrindo muitas antipatias, por natureza.
- Aprecia elementos harmoniosos.
- Não se deve esperar dele atos concretos; se as coisas correrem bem, ele as manterá tal qual.
- O tipo Libra não gosta de aparecer ou ser o centro das atenções.
- É uma pessoa sociável, orientada para a comunidade.
- É sensível, diplomático, educado.
- É um mediador e estrategista.
- É tolerante e aberto a sugestões.
- Tenta ser objetivo.
- É intermediador dos extremos.
- É harmônico e orientado para a paz.
- Representa a leveza e o descomprometimento.
- Tem amor à beleza e à estética.
- Procura o ideal nas relações humanas.
- Idealiza o relacionamento.



Características negativas

O tipo Libra considera mais as idéias dos outros do que as próprias, o que representa um risco, um grande perigo caso essas idéias sejam fanáticas ou negativas. Também a oscilação para lá e para cá pode ser perigosa, conforme o ambiente.

O verdadeiro tipo Libra tem um objetivo que só ele conseguirá realizar, mesmo oscilando junto com os outros – e isto exige esforço.



Características positivas

Com o tipo Libra podemos aprender a melhor maneira de agir numa comunidade em que existem várias pessoas criativas; ao percebermos que existem divergências de idéias, forças que não se conciliam, devemos usar o atributo de Libra para melhor harmonizar as idéias em conflito.

- Virtude: satisfação interior, que se torna serenidade.
- Filosofia: realismo.

- Tarefa evolutiva: as pessoas de Libra estão atentas às necessidades exteriores e realizam essas tarefas; contudo, precisam empenhar-se em realizar também sua vida interior.

A VIRGEM CELESTE COM SUA ESPIGA DE TRIGO E SEU ESTRANHO SÉQUITO



Ao observar, numa noite de verão, o álbum ilustrado das estrelas em direção ao sul, vê-se um conjunto variado, reunido no ponto onde a terra e céu se tocam. Dele sai desfilando um astro após outro. Uma grande estrela brilha na hora do pôr-do-sol, quase que engolida pelo nevoeiro da tarde.

Sabem vocês o que é uma espiga de trigo? Uma bela donzela segura-a nas mãos. Outrora, ela vivia na Terra como filha de um rei. Na primavera, quando era tempo de arar os campos, o rei costumava sair de madrugada; e no momento em que o primeiro raio de sol tocava a terra, ele lançava a relha no solo e principiava a abrir o primeiro sulco. Nenhum camponês em todo o reino podia começar a arar antes dele.

Na sementeira ocorria a mesma coisa. O rei jogava, num lance solene, os primeiros grãos. E quando o trigo crescia e começava a amadurecer no calor do sol de verão, todo dia ele enviava sua filha para verificar se as espigas já estavam saturadas e amarelas, prontas para a colheita. Quando a donzela voltava para casa e se aproximava do palácio de seu pai, o rei estava na janela à sua espera. Se ela viesse trazendo nas mãos um ramalhete multicolorido de flores do campo, ele sabia que a hora da colheita ainda não havia chegado; se, no entanto, ela segurasse nas mãos uma espiga cheia em vez do ramalhete, o rei partia na manhã seguinte, acompanhado por seu séquito, a fim de cortar pessoalmente os primeiros pés, dos quais a princesa fazia um feixe.

Para recordar os tempos longínquos em que os reis conduziam pessoalmente o arado e semeavam os grãos, a virgem com a espiga na mão foi colocada no céu como constelação. A melhor época para vê-la são os meses de maio e junho, durante as semanas em que o cereal está verdejante, brotando e crescendo.

Quando, porém, o verão fica mais quente [no Hemisfério Norte] e se aproxima o tempo das férias, a página de verão no álbum ilustrado das estrelas vai mais para o lado do pôr-do-sol, a oeste; o que então se ergue no horizonte e nos envia seu brilho não é tão amável e suave como a Virgem com sua espiga – é algo que se retorcede e se espreguiça, abrindo as pinças argêntas: é o Escorpião, o peçonhento, que aparece no sul!

A cauda comprida com o aguilhão, ele a esconde para baixo do horizonte. Como ele se gaba, com suas seis estrelas mais claras! É bem óbvio: ele quer correr atrás da bela Virgem para picá-la no calcanhar. Mas não terá êxito! Entre ambos, Deus colocará três estrelas luminosas: é Libra, a balança. Seus pratos jamais vacilam; repousam numa eterna simetria, separando a Virgem afável e luminosa do Escorpião agressivo e armado de aguilhão.

Atrás dele levanta-se logo o Sagitário, com sua flecha de prata. Ele atenta para que o Escorpião não cause estragos no céu.

Como uma lanterninha, lá vem alguém alegre, como se não tivesse medo do Sagitário. É o Capricórnio, com seus chifres de estrelas luminosas.

Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário e, por fim, Capricórnio: uma ciranda colorida deslizando tranqüilamente pelo horizonte!

Erika Dühnfort¹⁹

(Trad. Heinz Wilda)



PEIXES – 22 de fevereiro a 21 de março

Na natureza a luz vence a escuridão, e as plantas acompanham esse processo do desabrochar, da ascensão.

O peixe depende de seu ambiente, mais do que um animal terrestre. Seu meio é a água, que o envolve e o transporta.

¹⁹ Em *Von größten Bilderbuch der Welt* (Stuttgart: Verlag Freies Geistesleben, 1985).

- Em seu movimento natatório, seu impulso é sempre para adiante. Ele recolhe água pela boca e solta-a pelas guelras, avançando sempre. É como um constante inspirar.
- O ser humano inspira e expira, ligando-se e afastando-se do ambiente. O peixe está sempre em contato com seu meio; nunca o repele.
- A forma corporal do peixe denota quase total entrega ao meio; só na cabeça há um começo de separação do ambiente, com formas bem definidas: a boca, o olho redondo, as narinas, as guelras.
- Até a membrana natatória localizada atrás da cabeça favorece a parada repentina (um início de separação do meio); o resto do corpo, porém, é uno com o ambiente.
- Atrás, na cauda e nas membranas natatórias, o corpo do peixe se esvai, impossibilitando-o de separar-se do meio, de manter uma distância.
- A constelação do Sol no início de março se reflete na ligação com o meio do qual o animal tenta libertar-se – tentando pular para fora da água, principalmente quando perseguido; querendo sempre ir adiante; desejando abarcar esse mundo à frente, para onde olha, e deixar a água escura para trás.
- O peixe tende a refletir e espelhar o ambiente. Sente-se nele a dramaticidade da luz e da escuridão.
- Como é a reprodução dos peixes? A fêmea desova enorme quantidades de ovos – cerca de quinhentos mil ou mais –, deixando a fecundação ao acaso da aproximação do macho. A maior parte destes ovos servirá de alimento a outros peixes, nascendo dessa enorme quantidade apenas alguns poucos. Trata-se de uma expansão, de uma dissolução no ambiente. Parece até que os peixes pensam em alimentar os outros, em vez de preocupar-se com a reprodução.
- Os peixes devoram-se uns aos outros; nesse processo, existe uma constante transformação de substâncias.
- Eles vivem em cardumes e reagem com um rápido movimento a uma provocação externa. São um animais de sangue frio.
- Possuem grande mobilidade. Nadam para longe de seu lugar de origem, espalhando-se por rios, mares ou lagoas, mas na época



da desova retornam ao mesmo ponto. Finda a desova, partem para longe novamente. É um expandir e depois um condensar constantes.

- Alguns se servem da eletricidade (é o único animal com esta capacidade).
- Entre as várias espécies de peixes, existe uma grande variedade plástica. Os da superfície são brilhantes e coloridos; os das profundezas são escuros e monstruosos, muitas vezes com apetrechos de ataque na boca.
- Sua visão é pouco desenvolvida, mas seu tato é apurado.
- Eles têm a capacidade de efetuar grande transformação da substância: 'transubstanciação' (símbolo de Cristo).
- Os peixes estão sempre à procura de algo. Não possuem calma nem segurança interior.
- Trata-se de seres em estado nascente (pelas formas primitivas), como um broto – portanto, indefesos e com uma constante vontade de nascer.
- Eles se assemelham a um barco a vela: vão sempre em frente e, quando apanhados, escapam da mão.
- A época atual (iniciada no século XV) está em Peixes. Cristo, que nasceu na época de Áries, é também representado por Peixes, o símbolo da doação, da magnanimidade, do amor e da transformação – qualidades que temos de desenvolver ainda nesta época, pois o ser humano chegou ao momento de resgatar suas origens espirituais.

O tipo 'Peixes'

- O tipo Peixes tem em excesso para dar; ele frutifica o mundo e quer semear a terra toda.
- O que possui não é considerado como posse, pois ele se sente como um guardião para depois doar aos outros.
- Ele sente compaixão, mas às vezes superficialmente, sem perceber a real necessidade do próximo.
- Tende a exaurir-se, possuindo poucos limites; para ele os bens materiais não têm limites claros. É desapegado do dinheiro, deixando que outras pessoas administrem seus bens; da mesma

forma, resolve abruptamente administrar os bens dos outros ou dar a terceiros esses bens que não lhe pertencem.

- Às vezes lhe falta discernimento. Ele não é um tipo econômico, e em sua alma as coisas também se misturam.
- É um tipo sensível.
- Seu pensamento é pouco claro, e ele chega a ser sonhador, cheio de fantasias.
- Tem grande criatividade artística e concretiza as idéias alheias. Os pensamentos são plenos de sentimentos.
- A vida sentimental é delicada, instável e mutável, de acordo com o ambiente.
- Não é nítido o que ele aprova ou desaprova; ele se acomoda ao bem ou ao mal, sem julgamento claro.
- Gosta de procurar outras pessoas, ajudá-las, incentivá-las, mas com isto se desgasta facilmente.
- Reage imediatamente a mudanças do ambiente ou a alguma provocação.
- Tem dificuldade de concentração, pois está sempre mudando, de acordo com as impressões externas.
- Não leva as coisas muito a sério, mudando facilmente de direção.
- Tem fidelidade às origens – após certo tempo, sempre retorna a elas.
- Segundo uma lenda que conta o ciclo de vida dos peixes, eles nascem nos rios e descem as cachoeiras até atingir o mar, mas na época da reprodução retornam. Na volta, alguns morrem e escurecem; outros são capturados, e somente poucos voltam à origem, porém com outra cor...
- O tipo Peixes é indefeso.
- É ingênuo e confia nas outras pessoas.
- Para ele tudo está certo, mas nada é perfeito e completo.
- Ele deixa a vida passar.
- Tem dificuldades com a vida prática, com o dia-a-dia, almejando ideais.
- Não busca grandes desafios.

- Sente nostalgia em relação ao divino e a uma verdade mais profunda em seu interior.
- O verdadeiro tipo Peixes está constantemente fluindo; suas poses entram e saem – ele é ótimo para o comércio.



Características negativas

Para o tipo Peixes, a interiorização é um processo difícil. Como o animal de seu signo, o pisciano é um ser social; e, por não ter limites no que lhe pertence, doando o que possui a outros, considera a recíproca verdadeira, fazendo uso das poses alheias como se fossem suas. A doação lhe é um prazer, mas seu desapego pode levá-lo a uma vida boêmia, sem objetivos.

Os peixes se engolem entre si. No Brasil costuma-se usar o termo 'tubarão' para qualificar o comerciante ou industrial ganancioso que se aproveita dos outros, 'engolindo-os'.

A grande expansão de Peixes leva-o a uma grande exteriorização. Este fato pode fazê-lo perder a relação interna com sua origem, pois de repente ele pode passar a só receber, ao invés de doar. Disso decorre morte e destruição.

Do ponto de vista pessoal, há o perigo de perder a personalidade, de ser desonesto, imoral, corrupto, relaxado, facilmente persuadido.



Características positivas

O tipo Peixes é altruísta, romântico, criativo, fantasioso. Possui capacidade de doação e sacrifício.

No comércio, a troca de mercadorias ocasiona o relacionamento entre os diversos povos. O desequilíbrio de poses entre as pessoas perturba a natureza socializante de Peixes, que irá tentar comercializar e, assim, melhorar a situação.

Foi na época de Peixes, no início da Idade Moderna, que começaram as grandes navegações em toda a Terra. A inter-relação dos povos trouxe vantagens, mas também desgrças, como a exploração e a escravização de certas civilizações por outras, tendo algumas delas sido até mesmo exterminadas.

É importante aprender com Peixes que, se encontrarmos um chão fértil, este deverá produzir; se isso não acontecer é porque

não terá sido usada a semente correta. O mesmo ocorre em relação às crianças: temos de dar a elas as sementes capazes de fazer desabrochar, por exemplo, os contos de fadas; não devemos dar a elas ensinamentos abstratos e estéreis.

Rudolf Steiner pertencia à natureza de Peixes. Dele podemos aprender a grande capacidade de doação e o sentimento de ser veículo dos mundos espirituais. O tipo de pensamento que ele nos legou foi algo vivificante, capaz de produzir resultados em toda a nossa civilização.

- Virtude: magnanimidade, que se transforma em amor.
- Filosofia: Psiquismo.
- Tarefa evolutiva: chegar a uma personalidade individual, uma identidade, impondo-se limites claros.

O PESCADOR E A PEDRA VERDE DO PEIXE



Era uma vez um pescador que, ao chegar o fim do dia, estava cansado de tanto trabalhar sem pescar coisa alguma. Finalmente, ao cair da noite, quando recolhia sua rede encontrou nela um único peixe, bem pequenino. Segurando-o, irado, exclamou:

— É esse o resultado de um dia inteiro? Coisa miserável, vou jogar-te de volta na água!

Todavia continuou a observá-lo admirado, pois parecia que o peixe possuía três olhos. Olhando-o mais de perto, verificou que o que parecia ser um terceiro olho no meio da cabeça, entre os dois outros, em realidade era uma pedra verde que cintilava com uma luz parecida com a da profundidade do mar, ao ser iluminado pelas lanternas que os pescadores usam para assustar os peixes. O pescador segurou o peixinho por algum tempo, contemplando-o admirado; apalpou cuidadosamente, com as pontas dos dedos, a pedra verde e reluzente. Nesse momento, pareceu-lhe ouvir o peixe falar. Não podia imaginar tal tolice, pois foi como se escutasse as seguintes palavras dentro de si próprio:

— Olha à tua volta; lá naquela colina se encontra um palácio! Acaso o enxergas?

O pescador voltou a cabeça. Conhecia bem sua terra natal; jamais tinha visto ali um palácio sobre uma colina — mal havia uma

pequena elevação. Não obstante, ele realmente enxergava agora, sobre uma colina, um palácio que reluzia num esplendor e magnificência quase inimagináveis.

Enquanto o pescador deixava repousar os dedos sobre a pedra verde, continuava escutando em si a voz que prosseguia:

— Entra naquele palácio que vês lá no alto. No primeiro portal encontrarás teu amigo, aquele que as ondas te roubaram. Ele te pedirá que demores, dizendo: “Fica aqui; não me abandones, agora que enfim os amigos estão reunidos!” Não o atendas; prossegue teu caminho, atravessando o primeiro portal. No segundo portal encontrarás teu amor, a moça que almejaste em vão para tua esposa e que foi raptada pelos bandidos e levada às montanhas. Ela te implorará, dizendo: “Fica comigo; enfim os amantes estão reunidos!” Não a atendas; atravessa o segundo portal. No terceiro – e aí te confrontarás com a tarefa mais dura – encontrarás tua mãe, que faleceu há tantos anos. Ela correrá, feliz, ao teu encontro, dizendo: “Fica comigo, meu filho; finalmente estamos reunidos!” Não prestes atenção ao que ela disser; atravessa também o terceiro portal. Aí chegarás a um átrio enorme, no centro do palácio, onde experimentarás e verás os próximos acontecimentos.

As mãos do pescador começaram a tremer, de modo que as pontas dos dedos se afastaram da pedra verde, e ele não ouviu mais coisa alguma. Porém, ainda com o peixe na mão, aproximou-se do estranho palácio que antes não existia ali. Continuou andando e, de fato, no primeiro portal, que era enorme, estava seu amigo. Sentiu uma grande alegria em rever aquele rosto amado. Acaso existe coisa mais bela, para um homem, do que a amizade de outro homem? O pescador atravessou o portal, enquanto o amigo – ah, ao menos ouvir novamente sua voz! – implorava, dizendo:

— Enfim, meu amigo, nos revemos. Fica comigo. Nossa reunião será bela e bendita!

O pescador quis deter-se, mas o peixe mordeu fortemente seu dedo; então ele recordou que não deveria ficar. Atravessou aquele aposento e a imagem do amigo apagou-se em sua memória, como também a sombra daquele lugar.

Chegou ao segundo portal. Lá estava aquela que ele havia almejado tão ardentemente. Mostrava-se em todo o seu encanto,

meio envolta em véus; seus olhos escuros o fitavam, e através do véu ele percebeu o brilho de seus lábios vermelhos, a dizer-lhe:

— Por fim, meu amor, estou novamente a teu lado. Ah, fiquemos juntos para sempre!

Os pés do pescador pareciam enraizados no chão; ele quis estender os braços, porém mais uma vez o peixe o mordeu. Não, isso não era permitido, mesmo que ele não compreendesse a razão! Quando quis prosseguir seu caminho sem dar-lhe atenção, ela havia sumido como uma nuvem, e ele passou por um aposento de sombras, que ficou para trás.

Agora, porém, ele se confrontava com a tarefa mais pesada, pois já avistava sua mãe – aquela mãe digna de respeito, ante a qual toda pessoa se curva em veneração! Ela lhe estava estendendo as mãos e ele escutava a voz que havia guardado em sua juventude, e que agora dizia:

— Fica comigo, meu filho, pois finalmente nos reencontramos!

Seus pés não queriam mais levá-lo da presença dela; mas o peixe se mexia e remexia em sua mão, tanto que sua palma começou a arder como fogo. Então lembrou: “Disseram-te que deves prosseguir.” E assim atravessou também esse portal mais doloroso de todos, e a imagem de sua mãe se desvaneceu, tal como as outras, qual um nevoeiro.

Atrás dele nada havia; à sua frente abriu-se um átrio enorme, em cujo centro estava reunido um grande número de pessoas, carregando muitos estandartes flutuantes. Havia o estandarte bem conhecido, o do Profeta — a grande bandeira verde, sagrada —, mas e as outras? Viam-se ali pendões brancos, em cujo centro reluzia, como a luz da manhã, o signo da cruz. Os homens que portavam tais pendões vestiam armaduras brilhantes como prata, enquanto os outros, que ostentavam o estandarte do Profeta, tinham cotas de malha escuras, trançadas à maneira daquelas feitas na Arábia.

Eis que todos ali reunidos olhavam para ele, pobre pescador, em cuja mão o peixe se ajustava agora, fresquinho e macio. No centro de todos elevou-se alguém, que exclamou:

— Pescador, aproxima-te; eu gosto de pescadores!

— É a voz de Ischah! — disse o pescador a si mesmo, e apressou-se a chegar perto.

No meio dos que seguravam o estandarte verde estava um homem – ah, quão familiar lhe era essa imagem: um homem alto e belo, com uma barba bem conhecida. Este sorria, dizendo:

— Meu filho, meu amigo, chega até mim – vamos caminhar juntos.

— Maomé, é Maomé! — exclamou o pescador. — Oh, Alá, que há comigo?

Encontrava-se perto de Ischah, perto também de Maomé, e de repente viu flutuarem estandartes; sempre mais estandartes, multicoloridos, e os homens que os portavam tinham elmos de um tipo majestoso. Um deles, vestido num hábito branco, com uma barba flutuante, também o chamou:

— Chega também perto de mim, filho do Profeta!

Baixinho para si mesmo, como que duvidando ainda, o pescador disse:

— Este deve ser Moischí.

De repente, sentiu de novo em sua pele aquele ardor do peixe, e de suas mãos surgiu uma chama que se projetou à frente; ela tinha a figura do peixe com a pedra verde, sendo avermelhada e pequena no início mas aumentando cada vez mais, alongando-se e plasmando-se sobre um enorme abismo. Nisto, todos os que estavam sob os estandartes puseram-se em movimento.

Moischí foi o primeiro que passou por aquele abismo vencido pela ponte; e, atrás dele, todos os seus. Depois veio Maomé, e todos os seguiram, chamando:

— Ei, Maomé! Ei, Maomé!

Somente Ischah passava calado por entre todos, e em toda a parte por onde andava as armaduras e os elmos brilhavam. Voltou-se então para o pescador, que tinha ficado imóvel, e disse-lhe:

— Tu não vens conosco, meu irmão?

Era impossível não acatar aquela voz; por isso, o pescador o seguiu. Passaram pela ponte infinitamente larga, por distâncias infindáveis, para uma amplidão eterna. E foi como se cantassem cada um dos seus passos.

À noite daquele dia, os outros pescadores daquela costa encontraram um morto. Estava sorridente e tinha as mãos juntas sobre o peixe.

— Ei, Maomé! — entoaram, respeitosos os pescadores. —
Vejam só, suas mãos brilham como se ele segurasse uma misterio-
sa luz verde! Ei, Maomé!

*Elsa Sophia Kamphovener*²⁰

(Trad. Heinz Wilda)

Comentários:

Esta história caracteriza bem Peixes, convidando-o a olhar à sua volta. O pescador só pode seguir adiante, sem parar, sempre seguindo à frente, sem se deter, apesar das tentativas dos outros em segurá-lo. O próprio peixe se sacrifica e torna-se ponte – ponte para o além –, sobre a qual a alma e o espírito do pescador podem passar.



VIRGEM – 22 de agosto a 21 de setembro

Nesta época, o Sol já está em movimento descendente. Na natureza já existe calma e frieza; mantos de neblina cobrem regiões inteiras. A imagem que podemos usar é a da Virgem Maria, retratada por diversos pintores com um manto azul e um vestido vermelho.

- A Virgem tem um manto que abriga algo em seu interior, ao mesmo tempo em que a protege e a afasta do exterior.
- É aquela que leva em seu ventre uma criança (a imagem da proteção).
- Não deixa o exterior chegar até ela, nem vai ao seu encontro.
- Isola-se do ambiente, para fazer crescer algo elevado e espiritual dentro de si.
- A Virgem desperta em nós veneração, mas nossa proximidade pode fazê-la afastar-se de nós. Ela mantém distância.
- Afasta de si o terrestre e volta-se para o celeste. Pode-se compará-la a um broto vegetal, que possui forte proteção nas folhas mais

²⁰ Em *Anatolische Hirtenerzählungen* (s/l. n/ed. n/d.).

grossas (dureza por fora) mas no interior é cada vez mais delicado (v. figura), como se dá no lírio ou na cebola. O lírio é a imagem do anjo Gabriel, da anunciação – algo por vir, ainda por nascer.

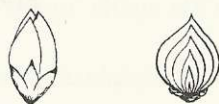
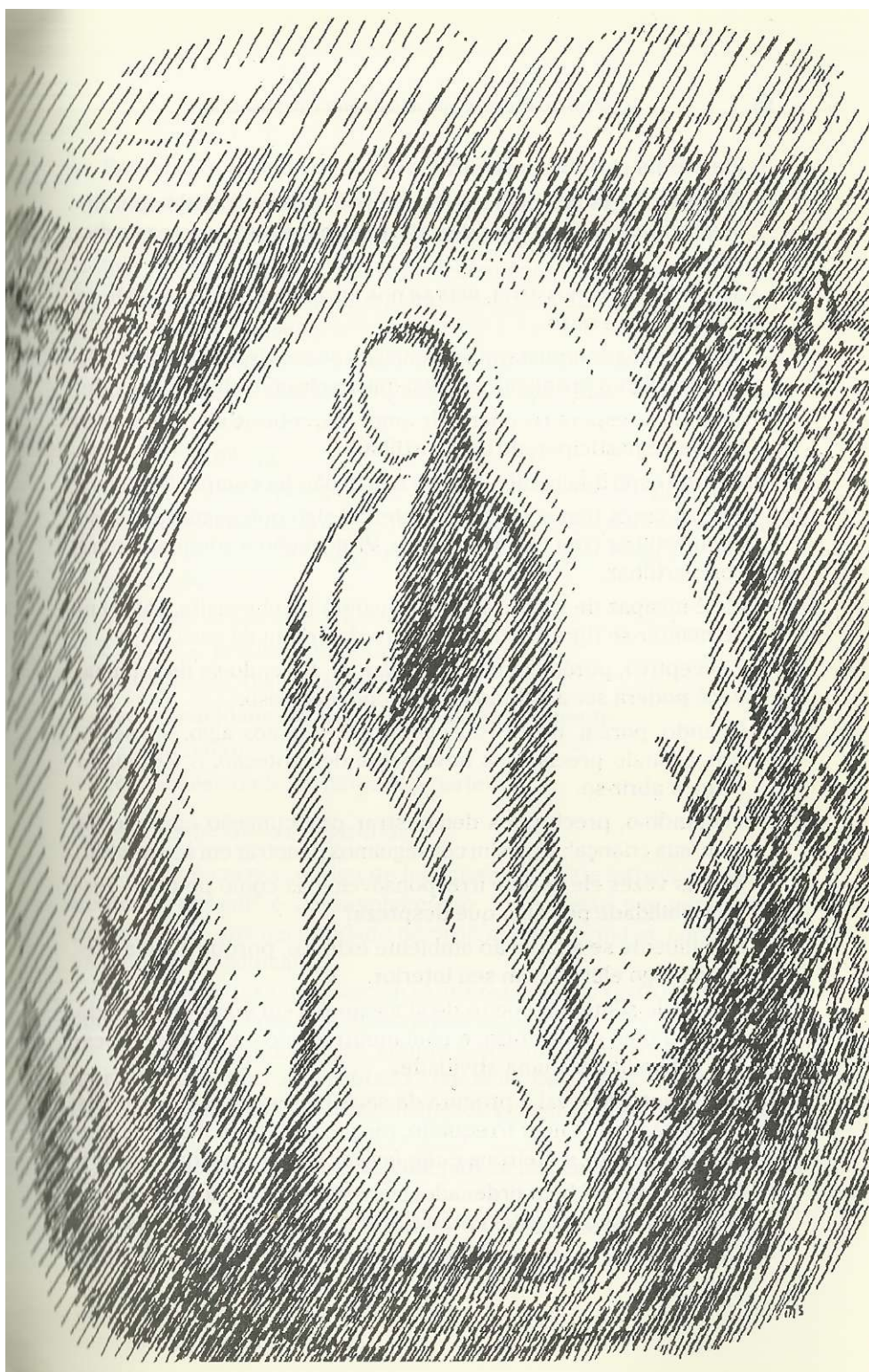


FIGURA 20

- A Virgem favorece os nascimentos, desenvolve faculdades em seu interior, mas necessita de proteção para que isso ocorra. Na educação infantil, por exemplo, usamos a força de Virgem para proteger a criança e possibilitar o desabrochar de sua essência.
- A Virgem está sempre à espera de algo: é a imagem da espera do nascimento. Ela é como a terra pronta para receber o sol e deixar brotar a semente.
- Lembra-nos o trigo, que ao cair no solo germina. O mês de Virgem coincide também com a época da colheita do trigo.
- Muitas vezes, a Virgem é representada com trigo na mão esquerda. Na constelação celeste, as estrelas Spica e Vindi Matrix representam, respectivamente, o bago de trigo e o cacho de uva, o pão e o vinho que estão por vir; compõem a imagem da *Virgo Paritura*, prestes a dar à luz. Virgem é uma das maiores constelações do céu.
- Nos quadros de madonas, como por exemplo as pinturas de Rafael, o manto azul representa algo que isola, que protege do frio, e o vermelho da túnica o elemento espiritual em seu interior, que é quente.
- A Virgem Maria é a representante terrena da *Sophia* cósmica, a sabedoria.
- Algumas vezes ela é representada sobre uma lua nova, significando pureza e ingenuidade, intocada pela astralidade lunar.

O tipo 'Virgem'

- O tipo Virgem é uma pessoa difícil de se conhecer. É como um botão de flor que protege algo em seu interior.
- Existe, para o virginiano, uma diferença nítida entre seu mundo e o que não pertence a ele.



- Ele possui grande senso crítico.
- Seu mundo (família, amigos etc.) é protegido e tratado com delicadeza, enquanto o mundo externo é visto com aspereza e distância.
- Sua delicadeza nos atrai, mas se nos aproximarmos muito ele se tornará frio e duro.
- Mesmo após conquistarmos a amizade de um virginiano, ele pode ignorar algum problema pessoal que queiramos dividir com ele.
- Quando se espera receber dele amor, percebe-se sua impossibilidade de participar, de compartilhar.
- Mesmo espiritualmente, não há troca, não há companheirismo.
- Muitas vezes temos em nosso interior algo que gostaríamos de compartilhar com ele; no entanto, Virgem não é adequado para compartilhar.
- Ele é incapaz de visitar alguém. Quando recebe visita, esta tem de manter-se rigorosamente dentro da ordem da casa.
- É receptivo, porém somente a crianças. Fazendo-se de criança, você poderá ser acolhido em seu colo caloroso.
- Quando, porém, nos fortalecemos ou exigimos algo, ele se retrai. Quando precisamos novamente de proteção, o virginiano torna a abrir-se.
- Visitando-o, precisamos demonstrar preocupação com ele ou com 'sua criança'; só assim conseguimos penetrar em seu mundo.
- Muitas vezes ele parece irresponsável; mas como pode ter responsabilidade por algo que despreza?
- Dificilmente se adapta ao ambiente externo, porque deseja preservar algo elevado em seu interior.
- O que ele sente a respeito de si mesmo? Tem vontade de dedicar-se a uma única coisa, e com muito afincamento – seja a uma pessoa, à família ou a uma atividade.
- No entanto, não vai à procura de seu objetivo. Se não enxergar sua meta poderá ficar irrequieto, ranzinza – 'uma solteirona azeda' (em alemão, solteirona é *alte Jungfer*, ou seja, 'velha virgem').
- O tipo Virgem é bem ordenado, claro, mesmo na vida sentimental. Cada coisa deve estar em seu lugar para poder desenvolver-se.
- Em seu intelecto ele capta logo as coisas, mas é pouco produtivo.

- Em relação ao mundo, é frio e retraído.
- Seu julgamento é severo em relação ao que é importante.
- Muitas vezes ele tem a imagem fixa de um ideal.
- São poucas as coisas que prevalecem para ele. Quando, porém, ele consegue aprovar internamente alguém ou algo, a alma é capaz de aquecer-se.
- Comunica-se pouco e espera ser compreendido sem essa comunicação. Pensa que já se fez entender e, por isso, torna a convivência difícil.
- Não gosta de agir.
- Gosta de proteger algo, porém mediante ordem e regras.
- Conhece bem os limites de suas posses; sabe dominar seu campo de ação. Seu corpo físico também tem limites bem estruturados.
- Tem percepção estética e religiosa.
- É realista, prático e metódico.
- É cuidadoso, disciplinado, analítico.
- Tem capacidade de observação e discernimento.
- É econômico.
- Tem necessidade de limpeza e perfeição.



Características negativas

Virgem corre o perigo de fechar-se em si, de introverter-se a ponto de impedir o desenvolvimento do que está por germinar; por exemplo, sua necessidade de ordem pode tornar-se compulsiva a ponto de sufocar.

Para muitos virginianos não interessa que o resto do mundo sucumba, desde que eles mantenham sua ordem.

Muitos têm uma casa grande e ordenada. Outros, coleções maravilhosas, mas seu cuidado com seus pertences é tanto que impede outras pessoas de desfrutar dos objetos colecionados ou de seu lar.

O virginiano deseja o que lhe parece atraente, a ponto de poder prejudicar sua sobrevivência.

Ele é desconfiado, mesquinho, às vezes tímido. Falta-lhe força de iniciativa, espontaneidade e confiança na vida.



Características positivas

No culto religioso, existem realidades espirituais de tão alto grau que são incompreensíveis para a vivência do dia-a-dia. Para podermos receber seu conteúdo, é necessário que isso ocorra de maneira tão pura e reservada quanto a Virgem perante a Criança. Assim nós o amadurecemos lentamente, e com a proteção do 'manto da Virgem'. "Maria levou Suas palavras (do Cristo) em seu coração."

Também as idéias novas precisam ser protegidas para amadurecer.

- Virtude: cortesia (polidez), que se torna sensibilidade.
- Filosofia: fenomenalismo.
- Tarefa evolutiva: desenvolver confiança na vida. Encontrar o equilíbrio entre adaptação ao mundo exterior e suas necessidades internas. Deixar que a 'flor' desabroche para o mundo.



FIGURA 21 – La Madonna della Sedia (Rafael) — Palácio Pitti, Florença

A PRINCESA E O GRÃO DE ERVILHA



Era uma vez um príncipe que desejava para esposa uma princesa – mas devia ser uma princesa autêntica! Viajou, pois, por todo o mundo para achá-la. Princesas era o que não faltava, mas todas tinham seus ‘senões’, e ele nunca chegava a certificar-se se eram de fato verdadeiras princesas, tais as falhas que sempre descobria nelas. Voltou para casa triste e abatido. Desejava tanto encontrar uma princesa de verdade!

Certa noite sobreveio tremenda tempestade; relâmpagos rasgavam o céu, o trovão rolava e a chuva caía aos borbotões. Era uma coisa horrível! Foi quando alguém bateu à porta do castelo, e o próprio rei foi abrir.

Lá fora estava uma princesa. Mas o quanto ela sofrera com a chuva e a tempestade! A água corria-lhe pelos cabelos e pelas vestes, entrando pela ponta dos sapatos e saindo pelo calcanhar. Disse-lhe ela que era uma princesa verdadeira.

— É o que vamos ver! — pensou a velha rainha ao fitá-la. Nada disse, porém. Foi ao quarto, tirou toda a roupa da cama e colocou um grão de ervilha sobre o estrado. Depois, tomou vinte colchões e colocou-os seguidamente por cima da ervilha. Sobre os colchões, colocou vinte acolchoados de pena.

Ali a princesa devia dormir aquela noite. Pela manhã, perguntaram-lhe como havia dormido.

— Muito mal! — disse ela. — Não pude pregar os olhos a noite toda! Sabe Deus o que havia naquela cama! Estive deitada sobre alguma coisa dura que me deixou com o corpo marcado. Um horror!

Viram então que se tratava de uma verdadeira princesa, já que ela sentira o grão de ervilha através de vinte colchões e vinte acolchoados. Só mesmo uma verdadeira princesa teria uma pele tão sensível.

O príncipe tomou-a por esposa, pois sabia que encontrara uma princesa autêntica. O grão de ervilha foi colocado no museu do palácio, onde ainda está, se é que ninguém o levou.

Vejam só que bela história!

Irmãos Grimm





AQUÁRIO – 22 de janeiro a 21 de fevereiro

O Sol já está subindo e, ainda escondido, está estimulando o desabrochar da vida.

O Aquário representa o ser humano em contraposição aos animais. Goethe descreveu essa diferença. A postura ereta do homem, com a cabeça erguida, representa a abóbada celeste, a união com o cosmo; os pés, sob a ação da gravidade, o contato com a terra. A principal diferença entre o homem e o animal está na estrutura de suas mãos e da boca. As mãos de cada animal são especializadas, servindo de instrumento para sua natureza; as mãos do homem têm capacidades latentes, possuindo uma pluripotencialidade: elas são livres, capazes de servir tanto aos mais elevados fins quanto a intenções brutais.

- O Aquário tem como símbolo a ânfora, recipiente aberto para receber algo de cima. A contenção é a característica humana, e não o desenvolvimento especializado de partes do corpo, como no animal. A ânfora recebe algo de cima, assim como o corpo humano está aberto, inacabado, esperando receber o espírito.
- Na representação de Aquário a ânfora está ao lado do homem, e dela jorra a água. ‘Aquário’ significa ‘portador da água’, da vida. (A pele do homem, corada, ao mesmo tempo o distancia e resguarda do exterior. A coagulação do sangue protege para que a vida não se esvaia.)
- O aquariano é como o sol de inverno. É um ser escondido, querendo modificar o mundo a partir de dentro.
- “Meu reino não é deste mundo”; o reino do divino se revela.
- A água limpa, purifica, vitaliza, dissolve, refresca, mata a sede, incentiva inúmeros processos de cura, batiza, abre caminhos.
- O ser humano verdadeiro nunca tem inimizade com um outro ser. De sua mão sai a força curadora; ele auxilia o doente ou o acidentado. Tem uma reserva de força de crescimento que pode pôr à disposição do outro. É aquele que tem o pensar, o sentir e o querer em equilíbrio.
- Aquário é a imagem do corpo etérico – ele unifica as forças de Água, Leão e Touro: o pensar, o sentir e o querer.
- Aquário são as forças de regeneração em nosso organismo, é o poder das águas.



O tipo 'Aquário'

- O tipo Aquário está perante uma porta: a de seu íntimo, onde chega ao campo global uno, ao campo do corpo vital. É de seu interior, de seu ser individual que Aquário procura retirar sua força. Enquanto está apenas pensando, ele ainda não consegue abrir a porta, mas ao desenvolver o olhar interno chega a abri-la e a descobrir todo o microcosmo dentro de si.
- O campo espiritual é o campo do aquariano. Ele se locomove tão bem pelo mundo interior quanto o Leão pelo mundo exterior.
- Nos tempos de hoje, dificilmente ele chegará além da porta; assim, o aquariano só sentirá debilmente o que está por trás dela, em seu interior espiritual. Mas o portal interior pode transformar-se numa fonte, de onde se obtêm conhecimentos, sabedoria, forças e faculdades.
- Só o homem consegue a unidade. O aquariano é a imagem da unidade divina que olha para seu interior.
- O complexo das forças é que compõem sua constituição, seu microcosmo interno. Ele baseia sua vida numa relação com o espiritual.
- Para ele é difícil encontrar um lugar, no mundo externo, onde suas habilidades apareçam.
- É difícil encontrar, no mundo de hoje, o alimento espiritual necessário ou uma cosmovisão adequada ao aquariano. Assim, o aquariano tende a ser um estranho e a fugir da vida.
- Ele tem pouca ligação com o físico, mas tem ligação com a imagem do arquétipo humano, o corpo etérico ou vital.
- Nenhuma das faculdades do pensar, do sentir e do querer sobressaem. Existe a harmonia das três forças.
- O aquariano tem pouca força externa.
- Quando encontra outra pessoa, ocupa-se com sua essência; tenta encontrar as causas de sua desarmonia. Poderá dar um conselho curador.
- Tem possibilidade de ajudar o outro a encontrar a união com sua origem. Vai além da compaixão – pode compartilhar realmente.
- Muitas vezes ele encontra uma erva ou medicamento adequado para a pessoa que dele necessita.

- No mundo, a sabedoria é dor cristalizada. O aquariano foge dos prazeres da vida. Tende à ascese e é capaz de suportar a dor.
- Ele é capaz de dar, mesmo à custa de prejudicar-se.
- Gosta de proporcionar alegria e prazer aos outros.
- Tanto o tipo Leão como o tipo Aquário tendem a elevar-se. O aquariano desprende-se de baixo e se eleva; o Leão domina o que está abaixo, elevando-se desse modo. Ambos têm, portanto, uma forma diferente de alcançar o mesmo objetivo.
- O pensar do aquariano é meditativo; ele não aprecia a lógica.
- Seu sentir atinge profundezas. Ele está disposto a sofrer tudo. O sentimento torna-se órgão de percepção.
- Ele não sente muita antipatia ou simpatia.
- Sua vontade é fraca; às vezes ele tem dificuldade em atingir uma posição na vida.
- Gosta de ajudar os outros e servir, porém, sua servidão nasce de seu ponto de vista, que em geral é bem mais amplo do que o do auxiliado. “Como posso ajudar o outro para que ele se torne um verdadeiro ser humano?” – eis a questão do aquariano.
- Ele procura coisas novas.
- É idealista: cria um mundo perfeito.
- Tem originalidade; é cheio de controvérsias.
- Gosta de melhorar o mundo.
- É fanático pela verdade.
- É um reformador, um liberal.
- É teórico.
- Pode ser extremamente individualista.
- Defende direitos iguais, mas apenas por meio da oratória – não pela ação.
- Gosta de questões políticas, sociais e pedagógicas.



Características negativas

O problema ocorre quando o aquariano quer servir aos outros sem que estes tenham manifestado vontade de receber ajuda. Muita filantropia é feita para auto-satisfação. Pode-se ter o vício de querer ajudar os outros. Por outro lado, o saber de uma realidade superior pode levar o aquariano às mais variadas formas de ocultismo. Utilizando-se as forças ocultas, pode-se agir com magia. O

indivíduo adquire tendência ao curandeirismo. Tem a vontade fraca e dificuldade em conquistar uma posição na vida.



Características positivas

Aquário nos permite uma vida interna mediante concentração e meditação. Para se conseguir algo na vida interna, é preciso deixar atuar as forças do ser humano superior, forças de Aquário. Para alcançar algo na vida externa, deixamos atuar as forças de Leão; porém, para o desenvolvimento interior, as forças de Leão, que abrem as portas do espiritual para a Terra, precisam encontrar as forças de Aquário, que se elevam do interior.

- Virtude: discricção, que se torna força meditativa.
- Filosofia: pneumatismo.
- Tarefa evolutiva: seguir com perseverança o caminho meditativo, a fim de chegar ao corpo etérico e abrir caminho para o Cristo no etérico.

O MILAGRE DA FONTE

Era uma vez um menino, filho único de um guarda florestal pobre e que crescia na solidão do meio da mata. Afora seus pais, ele conhecia pouca gente. Tinha uma estrutura fraca e sua pele era quase transparente. Era fascinante fitar seus olhos, pois estes eram fonte dos mais profundos milagres do espírito. Embora poucas pessoas entrassem no âmbito de vida do menino, a este não faltavam amigos.

Quando a luz dourada do Sol refulgia nas montanhas ao redor, o olhar pensativo do menino aspirava em sua alma o ouro do espírito; a disposição de seu coração tornava-se, assim, qual a aurora. Mas quando nuvens escuras impediam os raios da aurora e um clima sombrio encobria todos os cumes, o olhar do menino ficava triste e seu coração melancólico.

Assim, ele estava entregue à vida espiritual de seu mundo restrito, o qual não lhe era mais estranho do que os membros de seu corpo. As árvores e flores da floresta também eram suas amigas; das copas, pétalas e cumes falavam-lhe seres espirituais, e ele compreendia o que estes lhe sussurravam. Os milagres de mundos

ocultos se lhe abriam quando sua alma conversava com o que parece inanimado à maioria das pessoas.

Freqüentemente os pais, preocupados, davam pela falta do filho querido. Nessas ocasiões ele se achava num outro lugar, onde nascia da rocha uma fonte, salpicando as pedras com milhares de gotinhas. Quando o brilho argênteo da luz lunar se refletia em fantasmagóricas cores, na torrente de gotas, o menino podia permanecer por horas ao lado da nascente. Ante sua visão clarividente apareciam formas fantásticas no jogo da água e no cintilar da claridade lunar. As formas condensavam-se em imagens de três mulheres, que lhe falavam daquelas coisas ansiadas por sua alma.

Uma vez, quando numa amena noite de verão o menino estava sentado junto à fonte, uma das mulheres apanhou milhares de pedacinhos do jogo colorido de gotas d'água e as deu à segunda mulher. Esta moldou, das gotinhas, um cálice de brilho argênteo e o entregou à terceira mulher. Esta o encheu de luz argêntea e o deu ao menino. Ele havia presenciado tudo com sua vidência.

Na noite seguinte a essa experiência, ele sonhou que um dragão feroz lhe roubava o cálice. E depois dessa noite o menino vivenciou o milagre da fonte mais três vezes; então as mulheres não lhe apareceram mais, mesmo quando ele estava sentado em meditação, ao lado da nascente, banhado pela luz da Lua.

Haviam-se passado trezentas e sessenta semanas desde a última vez em que as mulheres lhe apareceram; o menino há muito se tornara homem, tendo-se mudado da casa paterna e da floresta para uma cidade estranha. Uma tarde, cansado do trabalho, pensando no que a vida ainda lhe teria a oferecer, sentiu-se de repente como o menino que fora, transposto à sua nascente na rocha, e novamente avistou as mulheres d'água, sendo que desta vez escutou-as falar.

A primeira lhe disse:

— Lembra-te de mim toda vez que te sentires solitário na vida. Eu atraio a visão anímica do homem para distâncias etéricas e amplidões estelares. E a quem quiser sentir-me, estendo a poção da esperança vital de meu copo milagroso.

A segunda também falou, dizendo-lhe o seguinte:

— Não te esqueças de mim em momentos que abalarem tua coragem. Eu dirijo os instintos do coração do homem para profundezas da alma e alturas do espírito. E para quem busca suas forças comigo eu forjo a energia da fé na vida, com meu martelo milagroso.

E a terceira se manifestou assim:

— Ergue teu olhar espiritual para mim quando os enigmas da vida te assediarem. Eu teço os fios dos pensamentos em labirintos da vida e em profundezas da alma. E para quem tem confiança em mim, eu teço os raios do amor pela vida em meu tear milagroso.

Na noite que se seguiu àquela experiência, o homem sonhou que um dragão feroz andava furtivamente à sua volta, mas não podia aproximar-se dele: protegiam-no do dragão os entes que outrora ele havia vislumbrado na fonte da rocha e que o vinham acompanhando, desde sua terra natal, até esse lugar estranho.

Rudolf Steiner²¹

(Trad. Heinz Wilda)

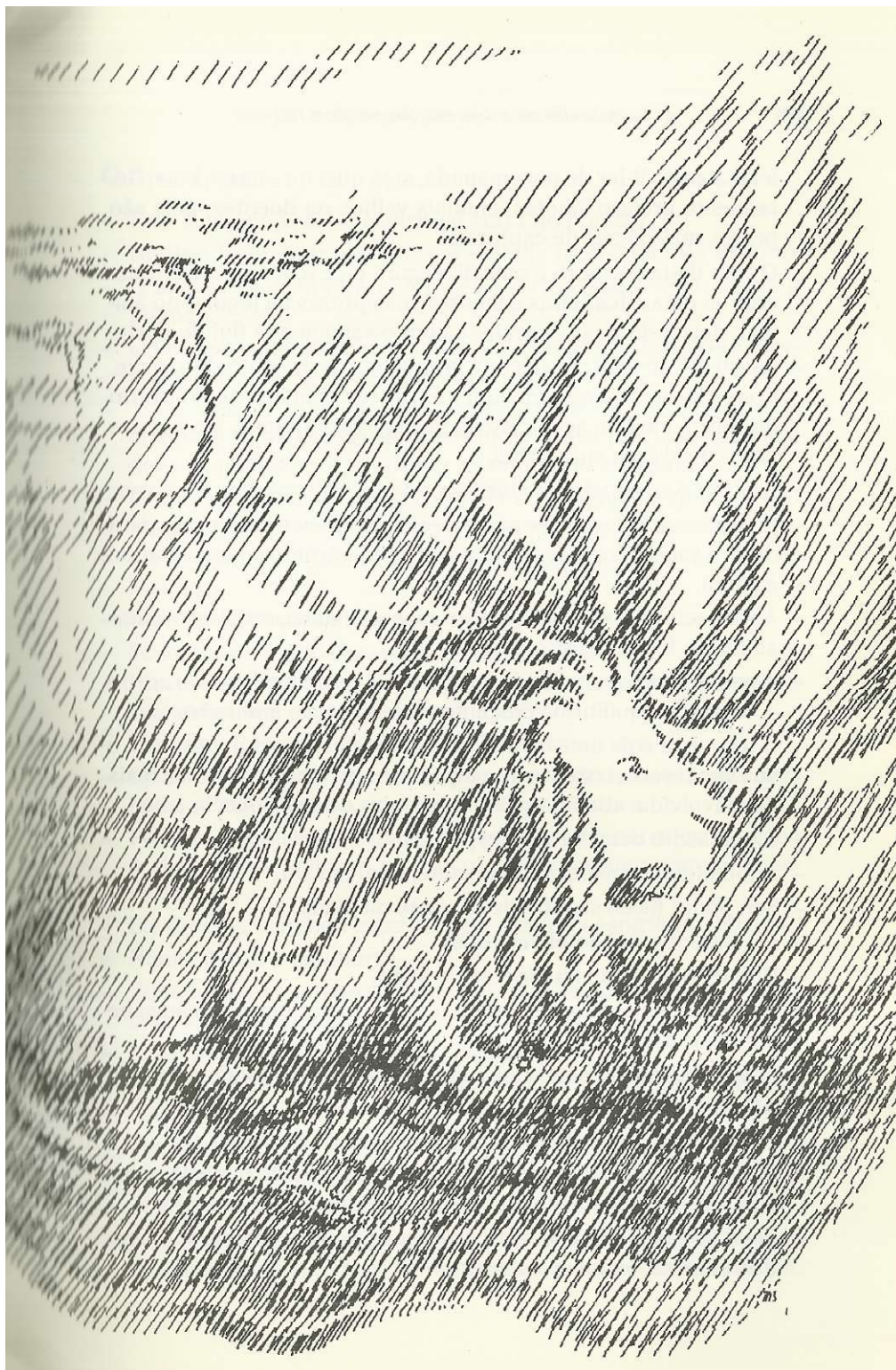


LEÃO – 22 de julho a 21 de agosto

Nessa época o Sol ainda está alto, mas, como se inicia o processo de declínio, envia mais calor do que luz. Ele queima, mas não produz mais vida. É a época do amadurecimento dos frutos e dos cereais.

- O leão habita as regiões quentes, principalmente a savana africana. É um animal típico de regiões semi-áridas, sem muitas árvores, com um grande campo aberto e animais em quantidade suficiente para caçar.
- O leão vive da caça, preferindo animais mais rápidos e maiores do que ele.
- Aprecia a luta ao caçar.
- Durante a caça faz uso de seus sentidos do olfato e da audição apurados, andando sem fazer muito ruído até atingir sua vítima.
- Com alguns saltos, sem aviso, ataca um antílope com um grunhido abafado; em minutos a vítima é arrebatada. (Difícilmente o

²¹ Em *Vier Mysteriendramen*, GA-Nr. 14, II: 'Die Prüfung der Seele' (4. ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1981).



leão ataca o líder de uma manada, seja qual for sua espécie. Geralmente prefere filhotes, animais velhos ou doentes, pois são presas mais fáceis de capturar.)

- O leão deita-se sobre o animal, segura o pescoço de sua vítima com as patas dianteiras e enterra suas presas na jugular do animal, deixando a vida esvair-se com o sangue que flui do corte.
- As garras do leão causam um grande derramamento de sangue. Com isso ele tira a seiva vital dos outros animais. Ao contrário do touro, ele tem ação centrípeta: agarra a vítima e a traz para perto de si com suas patas.
- A vítima é arrastada para um esconderijo e devorada com prazer.
- O rugido, as patas, a boca e os dentes um pouco reclinados para dentro são, todos eles, instrumentos construídos para o ataque e a luta.
- Após a refeição, vem o descanso: cabeça erguida, satisfação, olhar ao longe. É o equilíbrio em si.
- A parte mais desenvolvida é o tórax – a parte mediana do corpo –, havendo equilíbrio constante entre coração e pulmão.
- O leão urra com uma intensidade como nenhum outro animal, e sua voz ressoa; isso ocorre porque ele tem a parte do tórax mais desenvolvida, atuando como uma caixa de ressonância.
- Ele se sente bem em seu corpo.
- A juba tem um aspecto flamejante, qual um sol.
- Seu poder físico se difunde na parte mediana.
- Ele parece o Sol do pleno verão.
- Como todo felino, tem leveza no salto.
- O animal sente prazer em tudo o que faz, mas também não sabe sublimar a dor.
- O leão entrega-se sem contenção ao ambiente, procurando pelo prazer.
- A leoa cuida muito bem de sua prole.
- O leão gosta de situações emocionantes; é quando pode demonstrar sua capacidade de luta; depois, acalma-se novamente.
- Ele é dominador e aparenta dignidade, sendo considerado o rei dos animais. Irradia coragem.

O tipo 'Leão'

- Pelo signo do Leão, o espiritual entra no homem.
- No tipo Leão, toda a atenção é voltada para o mundo externo.
- O mundo externo é recebido pelos fortes órgãos, o coração e o pulmão.
- O Leão se sente bem com a luta, pela própria calma que consegue manter, mesmo nos grandes ataques.
- Tudo o que o atinge de fora significa, para ele, uma espécie de ataque; é algo que perturba a serenidade, que traz emoção e que deve, o quanto antes, retornar ao equilíbrio e à calma.
- O tipo Leão tem bem desenvolvida a parte média do corpo. O tórax tem um excesso de força que precisa ser utilizado.
- Ele procura ambientes movimentados para usar sua força num ataque.
- Sente-se bem em seu corpo.
- Sente prazer e satisfação após vencer a luta.
- Procurar reunir à sua volta pessoas com as quais possa medir sua força. Sem isso a vida perde a graça.
- Ele é um dominador nato, tal qual o leão na selva.
- Está sempre se direcionando para o mundo externo, mas leva consigo algo elevado, como sua própria postura.
- Por meio do sistema rítmico o mundo espiritual, celeste, nunca é abandonado, mesmo que o Leão se entregue ao mundo sensorial.
- Ele domina o mundo externo sem perder a espiritualidade.
- Nunca perde o equilíbrio.
- Pode tornar-se raivoso quando provocado, mas nunca irá fazer coisas insensatas, como um touro enraivecido.
- Suas 'patadas' acertam com pouca força.
- Ele aproveita, com sabedoria, as circunstâncias para melhorar sua posição.
- Facilmente esquece algo acontecido; não guarda rancores.
- Não precisa refletir durante muito tempo para realizar alguma coisa, e em geral acertadamente.
- Não tem metas elevadas, como o Sagitário; preocupa-se com situações casuais e trata de dominá-las e mantê-las em ordem.

- O Leão aceita a vida como ela é, desde que ele possa ser o centro da mesma.
- O pensar não lhe é importante, apesar de ele aprender com facilidade.
- Lembra-se do necessário, sem se esforçar.
- O sentimento o orienta na maneira certa de agir.
- Em todas as situações, o sentimento é a mola-mestra de suas ações.
- Ele possui força e segurança.
- Seu sentir é amplo; ele não se irrita com miudezas, não coloca dificuldades no caminho dos outros; se alguém colocar um grande obstáculo em seu caminho, cuidado!
- Não é fácil conquistar sua simpatia. Ele não reconhece facilmente as pessoas.
- Ele gosta de passar por cima dos outros.
- Ao ser conquistado, entrega-se totalmente ao outro.
- Possui grandeza e sabe fazer sentir que é digno do outro.
- O Leão captura várias coisas externas, consegue juntá-las, unificá-las e dominá-las.
- Possui capacidade de liderança.
- É enérgico.
- É dinâmico.
- Possui coragem para as confrontações que a vida oferece.
- Tem confiança e otimismo.
- Tem entusiasmo.
- É convincente, conquistador.
- É responsável, independente. Gosta de ter sua liberdade.
- Tem forte irradiação forte (carisma).
- Revela seus sentimentos.
- Tem necessidade de reconhecimento – gosta de estar no centro dos fatos.
- É impaciente.



Características negativas

O tipo Leão não se deixa liderar por ninguém além dele próprio. Quer ter o absoluto domínio de tudo, o que pode torná-lo um tirano. A mãe do tipo Leão, ao cuidar e defender sua prole, pode tornar-se uma fera. O Leão pode matar, tirar a força e o poder dos outros para assumir uma liderança.



Características positivas

O Leão é ótimo para atividades práticas. Qualquer atividade que requeira conhecimento específico, liderança e organização é adequada ao leonino. Por exemplo, um cargo de chefia numa empresa é própria para as características de Leão.

Suas características de organização, liderança e acúmulo de conhecimentos são as ferramentas para se construir algo no mundo exterior. Precisamos da força de Leão para descer à matéria, transformá-la e superá-la – transformar nosso ser até o nível da corporalidade física; arrancá-lo do estarecimento com a energia entusiasmada de Leão. É uma união de Leão com Aquário, num nível superior, que irá abrir caminho para o ser espiritual encarnar-se na Terra. Em seu exterior, o Leão parece destruir – matando sua presa –, mas em seu interior ele é a entrada para o mundo espiritual: Cristo foi representado também como um leão.

Símbolo de muitos brasões, o Leão é a representação da coragem – ‘força do coração’.²² No trono de Salomão havia doze leões.

- Virtude: compaixão, que leva à liberdade.
- Filosofia: sensualismo.
- Tarefa evolutiva: recolher sua força externa para o íntimo e desenvolver a magnanimidade.

As forças da coragem no coração (do Leão) ajudam a vencer com energia espiritual as provações da vida, encontrando a relação com o próprio carma, fato possível com a vontade mais elevada. O Leão sai de sua cova para, com coragem, enfrentar as prova-

²² Analogia com a palavra alemã *Herzhaftigkeit*, na qual se subentende uma coragem ligada ao coração (*Herz*). ‘Coragem’ (do fr. *courage*) também possui ligação etimológica com a palavra ‘coração’ a partir do latim (*cor, cordis*). (N.E.)

ções do destino e, conscientemente, carregar seu carma para com ele aprender.

Daniel, desenvolvendo a pureza do coração e do amor, domina completamente os leões na cova.



FIGURA 22 – Daniel da cova dos leões — Sarcófago, Ravenna

A HISTÓRIA O LEÃO, DO LOBO E DA HIENA



Um leão, um lobo e uma hiena foram passear. Encontraram uma gazela, que foi abatida por um deles. Os três animais tinham uma boa amizade, mas tratava-se agora de dividir entre os três a gazela abatida. Disse o leão à hiena: — Divida você.

Sendo um animal carniceiro, que vive do elemento morto e cuja lógica tem algo de medroso, a hiena respondeu ao leão:

— Vamos dividir o animal em três partes iguais – uma parte para o lobo, uma parte para o leão e a terceira parte para mim.

Ao terminar de falar, sem aviso o leão a atacou, matando-a de um só golpe; virou-se então para o lobo e disse:

— Veja, querido lobo, agora temos de dividir de outra forma. Como você dividiria? — ao que o lobo respondeu:

— Sim, agora temos de dividir de forma diferente e, já que você nos livrou da hiena, a você, como leão, deverá caber o primeiro pedaço. O segundo, como disse a hiena, caberia a você de qualquer modo, e o terceiro pedaço você deverá receber porque é o mais sábio e mais valente de todos os animais.

Assim, o lobo fez sua divisão. O leão perguntou-lhe:

— Quem o ensinou a dividir dessa forma?

O lobo respondeu:

— Foi a hiena quem me ensinou a fazê-lo assim.

E o leão não comeu o lobo, e tomou as três partes da gazela para si, de acordo com a divisão que o lobo fez.

*Conto dos Fellatas (tribo africana)*²³



Três touros selvagens o leão atacou:
de nada adiantou.

Ficaram os três bem juntos e unidos:
não foram vencidos.

O leão foi embora,
até que um dia chegou a hora:
um touro por vez ele encontrou,
e os dominou.

Johann Gottfried Herder

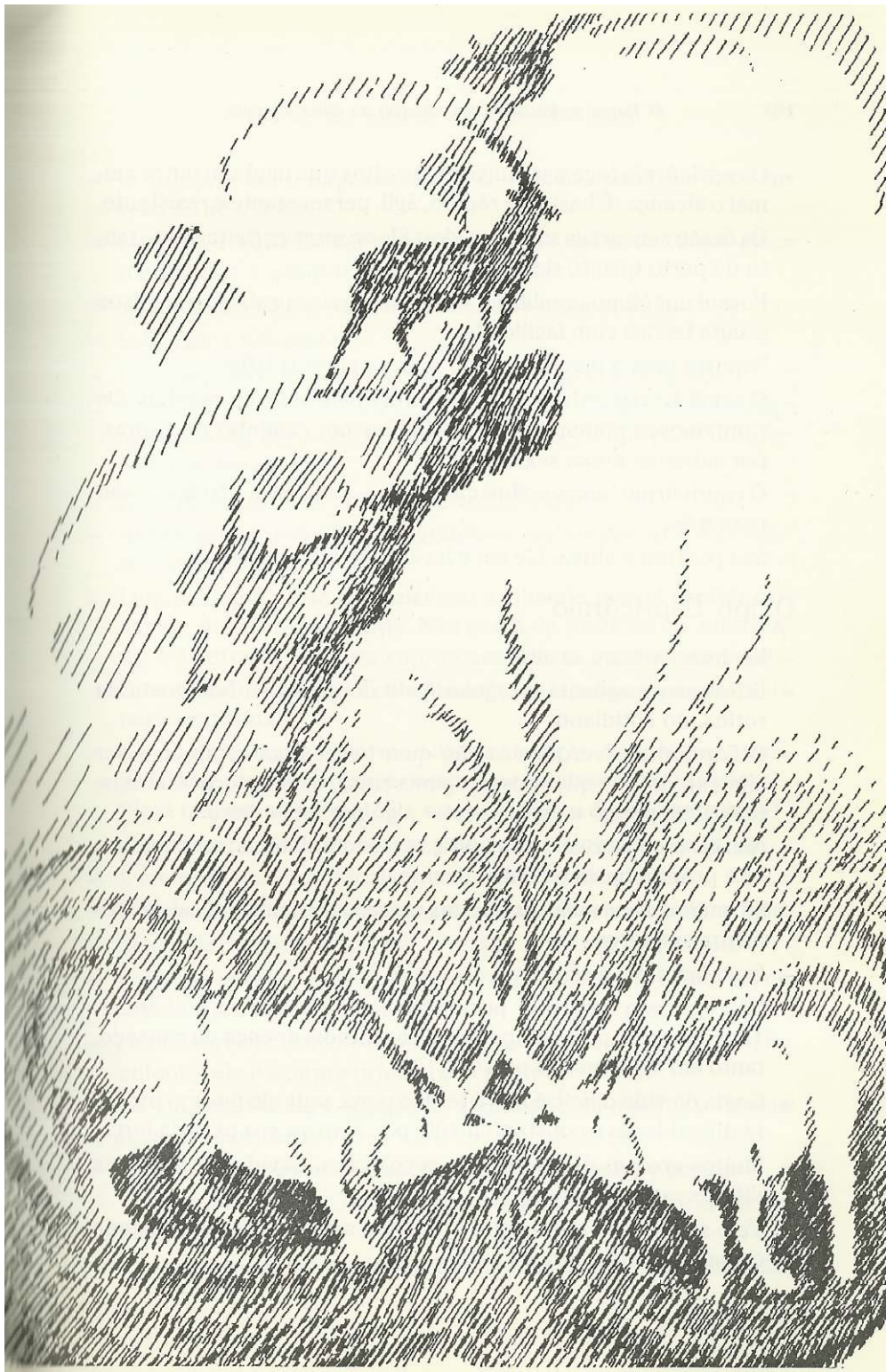


²³ Em Rudolf Steiner, *Der Mensch als Zusammenklang des schaffenden, bildenden und gestaltenden Weltenwortes*, GA-Nr. 230 (7. ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1993), confer. de 19.10.1923.

**CAPRICÓRNIO – 22 de dezembro a 21 de janeiro**

No mês de dezembro começa a ascensão do Sol, embora externamente ainda exista pouca diferença visível.

- O capricórnio tem um impulso que o instiga com grande força: a busca da altura livre, procurando sair da escuridão para a luminosidade.
- Ele é uma cabra das montanhas.
- No rochedo mais saliente, ele se posta com os pés juntos, a cabeça erguida, os chifres leves curvados para trás.
- Olha para baixo, tendo o vale a seus pés.
- Vive em meio a rochas agrestes, onde quase não há vida.
- Mede suas forças com o ambiente. O precipício e o meio inóspito provocam-no a tentar sobrepujar tais obstáculos. A morte não o amedronta.
- Ele salta alegremente em ziguezague, e quando dois se encontram lutam às cabeçadas.
- Procura alimento a todo instante. Um pouco aqui, um pouco ali, a cabra come um pouco de tudo, inclusive cascas de árvores. Gosta de variedade.
- As cabras têm grande inquietação e tendência a variar de humor.
- Os machos têm caráter difícil, são escuros e, a qualquer estímulo, sentem-se provocados. A posição que conquistaram não é abandonada facilmente.
- Eles empacam à toa.
- O pastor tem de dominá-los com energia, pois quando uma cabra empaca, não se move de forma alguma – é extremamente teimosa.
- O movimento de suas cabeças é sua característica marcante. Eles se erguem nas patas traseiras – o maxilar inferior contra o pescoço, os chifres voltados para a frente – e golpeiam de baixo para cima, num movimento frontal.
- Na época do cio, o bode exala um cheiro terrível e entrega-se totalmente à realização do instinto sexual.



- O capricórnio foge para lugares tão altos que nenhum outro animal o alcança. É bastante rápido, ágil, perseverante e resistente.
- Os órgãos sensoriais são aguçados. Ele enxerga perfeitamente tanto de perto quanto de longe.
- Possui um ótimo equilíbrio. Escala rochedos praticamente lisos e salta fendas com facilidade.
- Suporta bem o inverno, tendo poucas necessidades.
- O caminho das cabras é seguro para quem sobe montanhas. Os camponeses podem seguir tranquilos um caminho de cabras, por saberem dessa segurança.
- O capricórnio busca e abre caminhos – anda para a frente, e não para trás.
- Sua postura é ativa. Ele cai e levanta-se com facilidade.

O tipo 'Capricórnio'

- Ele busca a luz e as alturas.
- Dificilmente agüenta a regularidade do dia-a-dia. Não gosta da rotina, do cotidiano.
- O Capricórnio verdadeiro não quer 'viver num estábulo e ser alimentado'; ele quer ousar alguma coisa, quer colocar sua existência em perigo e experimentar algo por meio disso.
- Não quer conservar-se na tradição ou num sistema, mas manter-se à própria custa e conhecimento.
- Só em meio aos maiores perigos ele se sente bem, pois aí experimenta sua força.
- Quer ser alma e espírito.
- Não liga para o corpo – portanto, bem ao contrário do Câncer. Tem desprezo pelos empecilhos corpóreos, doença ou cansaço, tanto em si como nos outros.
- Gosta de vida difícil; é inútil ter-lhe pena, pois ele mesmo procura dificuldades e constantemente põe à prova sua própria força.
- Muitos gostam de guerras ou revoluções, devido às situações difíceis que acarretam.
- Tem-se a impressão de que procuram sempre por algo, alguma coisa diferente e fora da rotina.

- O que procura o Capricórnio? A si mesmo, como ser livre em relação ao mundo.
- Na vida, freqüentemente ele tem muito sucesso. ‘Sobe altas montanhas’ e pesquisa regiões desconhecidas.
- Também aceita a pobreza com a maior naturalidade.
- Sabe cair e levantar-se.
- Com facilidade conduz a família e a si próprio à desgraça.
- A mãe capricorniana está sempre ocupada. O pai capricorniano muitas vezes deixa as crianças passar fome, o que pode ocorrer consigo mesmo.
- Ele tem autoconsciência. Parece orgulhoso.
- Avalia-se maior do que sua grandeza real demonstra. Às vezes se superestima.
- Luta pelo que há de mais elevado e, quando possui caráter primitivo, despreza os outros. Não gosta de tradição ou autoridade. Dá estranhos saltos caprinos e possui opiniões originais.
- É muito individualista. Tenta encontrar a si mesmo e ao outro na parte espiritual.
- A percepção do Capricórnio é ligada à volição. Sua natureza sempre o leva a medir forças; é como se perguntasse a todo instante: “Será que posso enfrentá-lo, ou você é forte demais para mim?”
- Está sempre diante de forças com as quais precisa medir-se.
- É como se quisesse escalar a mais alta das montanhas.
- Não recua diante de coisa alguma. Quer encontrar a liberdade.
- Suas prioridades podem ser inversas às de outras pessoas.
- Forjar-se para ser um espiritual e chegar à essência espiritual de tudo é o anseio do Capricórnio.
- Num Capricórnio menos nobre, o pensar é cheio de humores; no entanto, ele é sempre original (dá grandes saltos).
- Na vida afetiva ele é corajoso – alegra-se com o perigo, aprecia lutas e aventuras.
- Às vezes deseja novas emoções. Gosta de sentir-se herói.
- Na volição rebela-se contra tudo o que lhe é imposto, especialmente a rotina.
- Arrisca-se constantemente para atingir um objetivo mais elevado.

- Provoca admiração.
- É o maior superador das forças terrestres.
- Tem grande capacidade de improviso. Está sempre em perigo.
- É sério e responsável.
- É ambicioso.
- É econômico, até mesquinho.
- Evita excessos.
- Tem necessidade de ser reconhecido.
- Duvida de seu valor.
- Está orientado para resultados.
- É aventureiro.
- É egocêntrico.
- É sensual.
- É solitário.
- É desconfiado.
- É inflexível, rígido, tenaz.



Características negativas

No tipo Capricórnio aparece o problema da separação do mundo espiritual. Juntamente com o Escorpião e o Sagitário, o Capricórnio está mais sujeito ao mal. O Sagitário encara a separação do mundo como um verdadeiro problema, o Escorpião desenvolve a tendência a retirar o ser de seu ambiente natural e o Capricórnio tende a isolar-se, ostentando certa superioridade.

O capricórnio, quando visto nas altas montanhas da Suíça, é designado como 'o diabo' (pois este é muitas vezes representado com pés de cabra). O tipo Capricórnio se comporta diferentemente dos demais: posiciona-se contra o mundo, podendo ser induzido a muitas aventuras. Cede facilmente a qualquer confusão e é considerado uma pessoa 'caprichosa', ou seja, de muitos caprichos. Como possui tendência a subir, pode tornar-se orgulhosa. Avança até o extremo e arrisca tudo.

Perigo: quando o Capricórnio não consegue aproximar-se de alguns seres espirituais, tenta atraí-los para baixo por meio de magia, começando assim a trilhar o caminho do mal. (Na magia negra, o

bode preto desempenha um destacado papel.) Sua busca pelo novo, sem medir as conseqüências, pode levá-lo à descoberta de novas energias ainda impossíveis de ser dominadas. Tais forças podem ser usadas para todos os fins, desde para armas ou ferramentas de destruição até para brinquedos eletrônicos.

No campo erótico, o capricorniano também parece esquecer-se dos limites; por isso na Grécia Antiga os sátiros, seguidores de Baco, eram representados com pés de cabra, como Pan, e o amor sexual era inspirado pela *Afrodite Pandemoniacis* (figuras 23 e 24).



Características positivas

As qualidades do Capricórnio podem levá-lo a grandes alturas. São elas que o levam a áreas onde ele só pode penetrar com seu próprio esforço, como na mais profunda cognição do mundo. Trata-se de um caminho que deve ser trilhado sozinho.

As dificuldades e obstáculos em nossas vidas são comparáveis às montanhas íngremes, que devem ser transpostas por nossas próprias forças. É preciso coragem e independência, qualidades de Capricórnio.

Como exemplo citamos Fausto, personagem de Goethe carregado de características capricornianas. Ele deseja voltar para casa, quer elevar a essência espiritual das coisas.

- Virtude: coragem, que se torna redenção.
- Filosofia: espiritualismo.
- Tarefa evolutiva: o Capricórnio precisa deixar amadurecer as coisas aos poucos, ter disciplina e responsabilidade e alcançar metas de âmbito mais geral e humanitário.

OS TRÊS BODES BRUSE

Era uma vez três bodes que precisavam ir às pastagens mais elevadas da montanha para engordar. Todos os três se chamavam Bruse. No caminho para as pastagens, encontraram uma ponte sobre um rio por onde deviam passar, mas debaixo da ponte vivia um

FIGURA 23 – Silan e Maebnade — *Symplegma Caeretaner Hydria*

troll ²⁴ grandalhão e disforme, com olhos grandes como pratos de estanho e um nariz comprido como o cabo de um rastelo.

Primeiro passou o menor dos bodes Bruse. *Trip-trap-trip-trap*.

— Quem está andando em minha ponte? — gritou o velho bruxo.

— É apenas o bode Bruse menor! Preciso ir ao alto da monta-

²⁴ Personagem assustador nos contos escandinavos; ora é um gigante, ora é um anão maldoso e disforme.

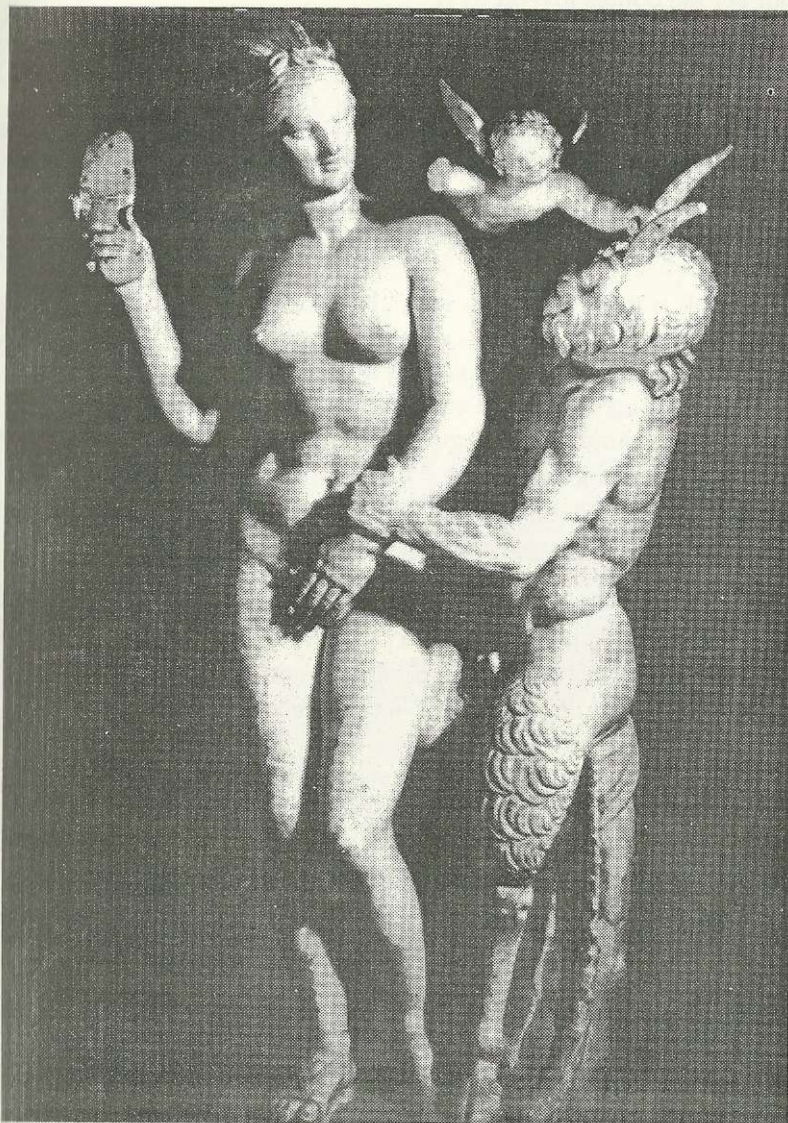


FIGURA 24 – Afrodite, Pan e Eros — Museu Nacional de Atenas

nha para engordar! — respondeu o bode, e sua voz soou bem fina, por ser ele o mais jovem.

— Pois agora vou devorar-te! — exclamou o *troll*.

— Oh, não, não me pegues! Ainda sou tão pequeno... Já vem chegando o bode Bruse do meio, e ele é muito maior do que eu.

— Está bem — disse o *troll* —, eu espero.

Pouco tempo depois, ouviu-se de novo sobre a ponte um *trip-trap-trip-trap*.

— Quem é que está andando em minha ponte? — berrou o *troll*.

— É o bode Bruse do meio! Preciso ir ao pasto do alto da montanha para engordar — respondeu o segundo, mas com uma voz não tão mansa e fina quanto a do primeiro.

— Pois agora mesmo vou devorar-te! — exclamou o *troll*.

— Oh, não, não me pegues! Espera um pouquinho, pois vem aí o bode Bruse grande, que é muito, muito maior do que eu — disse o bode do meio.

— Está bem, eu espero — disse então o *troll*.

E, dito e feito, lá veio vindo o bode grande — *trip-trap-trip-trap* — passando pela ponte. E desta vez a ponte gemeu sob seus passos, pois ele já estava muito pesado.

— Quem está andando em minha ponte? — berrou o *troll*.

— É o bode Bruse grande! — respondeu o terceiro, que tinha uma voz áspera e grossa.

— Pois agora mesmo vou devorar-te! — exclamou o *troll*.

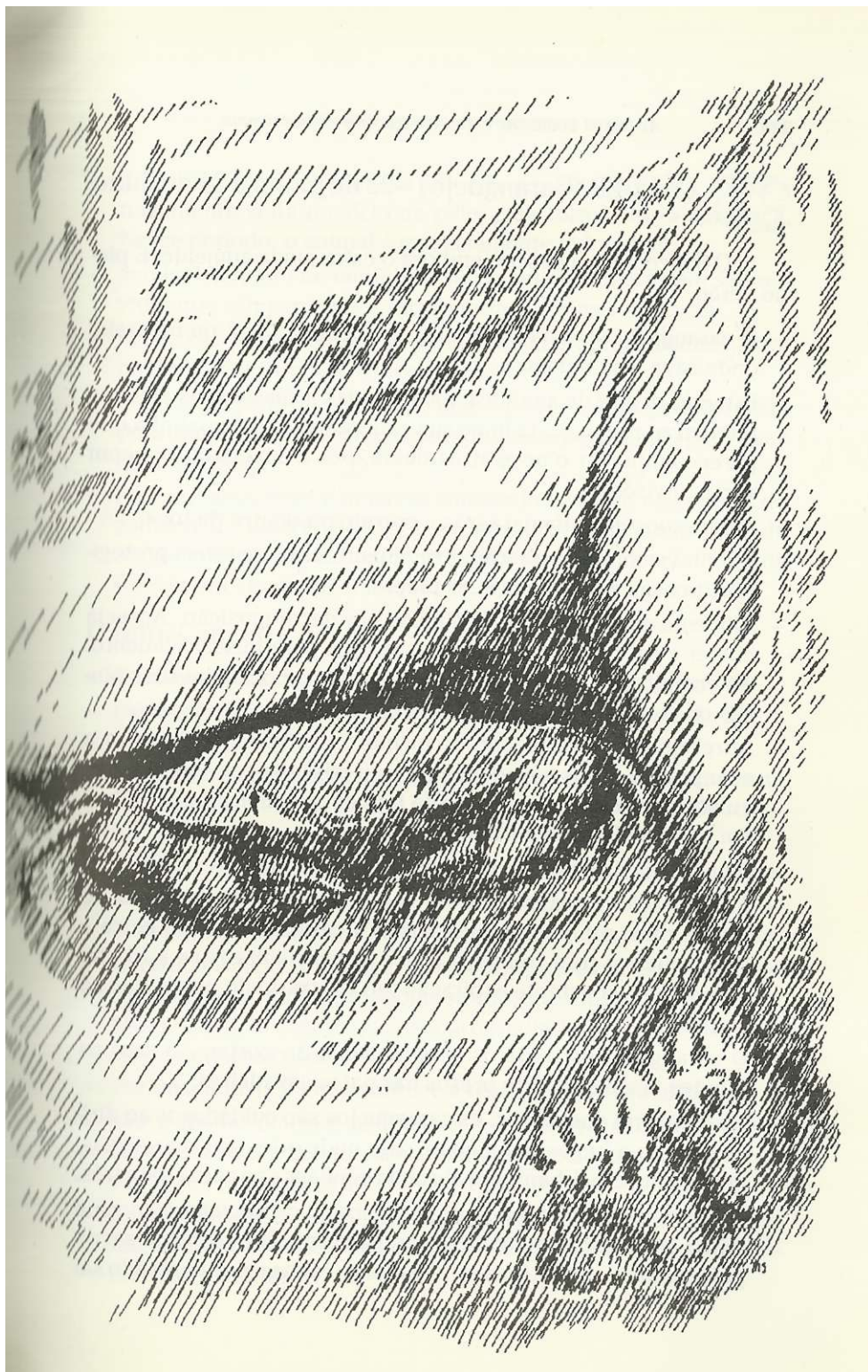
— Vem, vem. Tenho dois grandes dardos, com os quais vou esmagar teus ossos.

Em seguida avançou para o *troll* e fez o que havia dito: furou-lhe os olhos e esmagou-lhe os ossos.

E então os três bodes Bruse, com todo o sossego e sem ser incomodados, subiram a montanha para ir ao pasto. E ali engordaram tanto, tanto que quase não conseguiram voltar para casa. E se ainda não emagreceram, estão gordos até hoje.

Conto de fadas norueguês







CÂNCER (Caranguejo) – 22 de junho a 21 de julho

O Sol começa a descer, embora o calor ainda aumente. É pleno verão.

- O caranguejo vive na água, mas também na terra ou na areia, onde cava seu buraco.
- Estando diante de sua toca, mostra suas armas e suas antenas tateiam ao redor. Ao lado de sua cabeça existe uma patinha que parece empurrar o ar e, atrás dessa, pés e uma carapaça com várias divisões.
- Ameaçado, ele anda para trás e corre para dentro da toca.
- Procura sempre a proteção do ambiente, embora esteja protegido e possua a defesa de suas pinças.
- Alimenta-se de detritos orgânicos em decomposição. Aprecia comer e sai com frequência de sua toca para buscar alimento. Ao encontrar o que deseja, leva a comida à boca com suas pinças ou carrega o alimento para a toca.
- Apresenta uma variedade de membros: pinças, pernas com e sem pinças, patas cavadeiras. Possui muitas peças bucais articuladas, estando seus órgãos do tato em antênulas e seus olhos em pedúnculos móveis no alto.
- A carapaça do caranguejo é composta de cálcio.
- A respiração é realizada através de duas câmaras ao lado do corpo, onde ele possui guelras sob a carapaça. Por ali entra a água, que sai pela frente; o ar ele apenas solta para a frente, como numa constante expiração (ao contrário do peixe, que só inspira).
- O caranguejo esconde os ovos debaixo do corpo. Ao sair, os filhotes ficam em parte presos nas patas cavadeiras.
- Ao contrário dos peixes, os caranguejos são cuidadosos ao dirigir-se para a frente, justamente para onde orientam suas armas; entretanto, caminham com absoluta confiança ao andar para trás.
- Fato importante é a troca de carapaça. O caranguejo começa a jejuar, e em certo momento a carapaça se solta – o cálcio sai da pele e penetra no estômago; a carapaça racha e o animal todo sai

de dentro dela. Então ele se esconde por algum tempo, cresce e novamente solta o cálcio na pele, para formar nova carapaça. Nesse período, o animal é extremamente vulnerável.

- Seu instrumento de equilíbrio são pequenas pedras em seu ouvido, que são perdidas e recuperadas com as carapaças.
- Ele deixa o ambiente prevalecer sobre sua própria atividade. Ante qualquer confrontação, foge para sua toca.
- O caranguejo absorve muito cálcio – matéria dura, terrestre. Ele possui aparelhos mecânicos por todo o corpo, prontos para qualquer situação.
- Ele é o menos livre, o mais enclausurado de todos os animais do zodíaco. É o mais aprisionado em seu corpo, sendo a imagem da alma em situação semelhante. Antigamente a constelação de Câncer era chamada de Burro.

O tipo 'Câncer'

- O nativo de Câncer sempre procura uma solução cuidadosa.
- Ele evita riscos e perigos. Por que arriscar a vida, a saúde, a fortuna, o nome?
- Ele cuida do bem-estar da família, e basta. Só quer saber de um teto sobre a cabeça, de um ordenado seguro, de boa alimentação e de uma garantia para o futuro.
- Preza o comportamento moral, e acha que 'um pouco de missa também não faz mal'.
- Muitas pessoas ao envelhecer mostram tendências de Câncer.
- A autoconsciência é difícil, pois é um problema espiritual, e o tipo Câncer só consegue apoiar-se em coisas materiais, e não em algo interno. Ele sente que está progredindo à medida que suas posses materiais aumentam.
- Ter uma família é importante; é a realização de seu ideal.
- Seu trabalho diário é justificado pelo motivo acima. Deve ter ordem, cuidado, economia e administração adequada. Ele mede os outros por seus próprios valores materiais.
- Tem dificuldades em perceber o mundo – para ele é como um tatear; evita contatos profundos e tem pouca alegria ao vivenciar esses contatos.

- Só se sente seguro quando pode aproximar-se das coisas por meio de peso, tempo e medida.
- Não procura verdades profundas, nem pensa demais.
- Usa o pensar como pinças – quer segurar as coisas para fins próprios, mas não para penetrá-las e compreendê-las.
- Para ele só tem valor aquilo que lhe proporciona um proveito prático.
- Ele pensa em termos de valores monetários. Quando pretende adquirir uma obra de arte, só vê o valor material.
- A vida sentimental está entre o temor e o bem-estar. Tudo o que contribui para seu bem-estar lhe é simpático; o contrário lhe é antipático e é repellido.
- A vontade é direcionada para o trabalho do dia-a-dia. Se ultrapassar isso, será para atingir uma posição ou um salário melhor. Esforçar-se não faz mal, desde que seja para o bem da família.
- Apesar de tudo, eles não são pessoas desagradáveis para se conviver; ao contrário, são até amáveis.
- Falam de assuntos que já ouviram, não tendo idéias próprias. São tranquilos e integram os 'bons burgueses', como se diz. Hoje em dia, muitas pessoas têm essa característica.
- O tipo Câncer pratica muita religião, mas não com base no sentimento de uma elevação espiritual, e sim para 'garantir-se', mais tarde, perante Deus.
- Ele preocupa-se com o bem-estar de seu corpo, pois aprecia sua vida corpórea – tem medo da velhice e da morte. Cuida mais do corpo físico do que da alma ou do espírito.
- Analogamente, na doença denominada 'câncer' certas partes dos nossos órgãos se isolam do restante do organismo e iniciam um crescimento com vida própria; elas endurecem qual pedras, como que tornando-se 'egoístas'.
- O Câncer é duro por fora e mole por dentro.
- Ele é sensível, sentimental.
- Tem boa capacidade de adaptação.
- É fantasioso, romântico e sonhador.
- É diplomático e retraído.

- Dá 'um passo para frente e dois para trás'.
- É passivo, tímido – “Meu lar é meu castelo”.
- Mantém ligação com o passado, com a infância, com a mãe.
- Tem pouco humor.
- É resignado, desiste facilmente.
- É egocêntrico.
- É dependente, pouco amadurecido.
- É indeciso.
- Não se esquece dos fatos.



Características negativas

Suas fraquezas mais freqüentes, sem conseqüências desastrosas, são: falta de coragem, limitações, preocupação doentia, cegueira em relação ao que ultrapassa sua proximidade; avareza, que o leva a explorar o próximo.

O tipo Câncer propaga uma visão materialista do mundo. O interesse se volta para as manifestações materiais. Muitas conquistas da ciência devem-se a essa força. O Câncer se afasta-se da origem espiritual das coisas, e as forças negativas atuam cada vez mais sobre ele.



Características positivas

Em seu lado positivo, o Câncer nos chama à responsabilidade. (Um indivíduo capricorniano, por exemplo, quando vive sozinho não prejudica ninguém; mas se houver uma família, a responsabilidade de sustentar um lar etc., os atributos de Capricórnio podem prejudicar outras pessoas.) Para o Câncer, é preciso tratar com responsabilidade os elementos do dia-a-dia; criar segurança para o futuro próximo, um salário adequado. Quando a pessoa não tem uma base mais ou menos sólida, todo o desenvolvimento é tolhido pela preocupação.

Chão debaixo dos pés e teto sobre a cabeça! Mas em situações em que o Câncer perde o chão ou está rodeados de inimigos, ele precisa apelar para Capricórnio, que dá coragem e presença de espírito, vontade de luta e força espiritual. Feliz daquele que pode

passar a sentir-se independente, rir dos desafios, pois se permanecesse Caranguejo tudo estaria perdido.

Às vezes, problemas internos só podem ser resolvidos com os cuidados de Câncer. Quem sobe às alturas corre o perigo de perder-se no dia-a-dia; o Câncer nos ensina a caminhar passo a passo, devagar. Assim, no cotidiano pode-se olhar para o ontem com gratidão e para o amanhã com fé.

Para chegarmos a uma nova meta interior, é preciso muitas vezes dissolver nossa carapaça, recolher-nos em nossa toca, aguardar por algum tempo e amadurecer, a fim de sair novamente para o mundo. Aliás, em todo estado de crise e fragilidade, podemos aprender do caranguejo o momento de retirar-nos para nossa toca, dissolver a antiga casca e, quando a nova está suficientemente dura, sair novamente.

- Virtude: altruísmo (desprendimento), que leva à purificação.
- Filosofia: materialismo.
- Tarefa evolutiva: desenvolver mais segurança e independência.



Houve, uma vez, um rei e uma rainha imensamente ricos, que possuíam tudo o que desejavam – só não tinham filhos. A rainha lamentava-se dia e noite, dizendo sempre:

— Sou como um terreno estéril, que nada produz.

Finalmente, o bom Deus apiedou-se dela e realizou sua aspiração. Ela notou que teria um filho e ficou muito contente. Mas quando a criança veio ao mundo, qual não foi seu espanto ao ver que ela não possuía aspecto humano, e sim o de um burrinho.

Então a rainha passou a lastimar-se ainda mais, dizendo que preferiria antes não ter filho algum do que esse burrinho. Mandou que o jogassem na água para que os peixes o devorassem, pois não queria mais vê-lo. O rei, porém, exclamou:

— Não, isso não! Deus o enviou para nós; ele será meu filho e meu herdeiro e, quando eu morrer, se sentará no trono e será coroado como rei.

Assim, pois, o burrinho foi criado. Conforme ia crescendo, cresciam-lhe simultaneamente as orelhas, compridas e eretas. Quanto ao mais, era de índole alegre; corria e brincava o dia todo e tinha uma especial inclinação para a música – tanto assim que procurou um músico famoso em todo o reino e disse-lhe:

— Ensina-me tua arte, pois quero aprender a tocar o alaúde tão bem como tu.

— Ah, caro príncipezinho — respondeu o músico —, tocar será muito difícil para vós; vossos dedos não foram feitos para isso: são demasiadamente grossos, e temo que as cordas não resistam.

Contudo, de nada serviram as desculpas; o burrinho cismou que devia aprender a tocar alaúde e o músico teve de ensinar-lhe. Ele se aplicou com tanto empenho que acabou por tocar tão bem ou melhor do que seu mestre.

Um dia o príncipezinho estava passeando, muito pensativo, pelo parque, e chegou até onde jorrava uma límpida fonte; contemplou-se na água cristalina como espelho e viu refletir nela a imagem de um burrinho. Ficou tão amargurado com isso que resolveu sair e andar pelo mundo, onde não fosse reconhecido. Assim, acompanhado por um amigo muito fiel, deixou o palácio e partiu.

Perambularam os dois de um lado para outro, até que foram parar num reino distante, governado por um velho rei que tinha uma única filha, linda como um sonho. Então o burrinho disse ao companheiro:

— Vamos ficar por aqui!

Chegou ao portão e bateu, gritando:

— Está aqui um hóspede! Abri, por favor, deixai-me entrar.

Mas como ninguém viesse abrir-lhe o portão, ele se sentou, tomou o alaúde e, com as patas dianteiras, pôs-se a tocar. Tocava tão maravilhosamente que o guardião do castelo arregalou os olhos de espanto e correu a contar ao rei:

— Majestade, está aí no portão um burrinho que toca alaúde tão bem como o melhor mestre.

— Manda-o entrar — disse o rei.

Quando o burrinho chegou ao salão onde a corte estava reunida, todos desataram a rir vendo aquele estranho tocador de alaúde. Em seguida, mandaram que fosse jantar junto com os criados; mas ele protestou, dizendo:

— Não sou um burrinho vulgar, nascido numa cocheira; sou de origem nobre.

— Então vai sentar-te com os soldados — disseram-lhe.

— Também não — respondeu ele. — Quero sentar-me ao lado do rei.

O velho rei achou divertida sua pretensão e, rindo-se muito, disse-lhe:

— Pois, burrinho, seja feita a tua vontade; vem cá, para perto de mim.

Durante a refeição, o rei perguntou-lhe:

— Que tal achas minha filha?

O burrinho volveu a cabeça para o lado dela e, após contemplá-la um pouco, disse:

— É linda como jamais vi outra igual.

— Bem, bem — disse o rei, divertido —, vai sentar-te um pouco ao lado dela.

Ele sentou-se perto da princesa, comeu e bebeu delicadamente, comportando-se como um verdadeiro fidalgo.

O nobre animalzinho passou bastante tempo na corte, mas por fim pensou consigo mesmo:

— De que me adianta isto tudo? Acho bem melhor voltar para a casa de meus pais!

De cabeça tristemente curvada, foi apresentar-se ao rei a fim de despedir-se. Mas o rei, que se afeiçoara muito a ele, disse-lhe:

— Que tens, meu caro burrinho? Estás com uma cara azeda como o vinagre.

— Quero ir-me embora — respondeu-lhe o burrinho.

— Ah, fica aqui comigo; terás de mim tudo o que queiras — não te vás. Queres algum ouro?

— Não — respondeu o burrinho sacudindo a cabeça.

— Queres jóias ou outros objetos preciosos?

— Não!

— Queres a metade do meu reino?

— Ah, não, não!

O rei, meio desanimado, perguntou por fim:

— Se ao menos eu soubesse o que te faria feliz! Queres casar com minha filha?

— Ah, sim sim! — exclamou jubiloso o burrinho. — Como eu seria feliz se ela fosse minha!

E logo voltou ao seu costumeiro bom humor e alegria, pois era justamente isso o que mais desejava.

Passados alguns dias, realizou-se no palácio a festa nupcial com a maior pompa do mundo.

À noite, depois da festa, quando os noivos se retiravam para o quarto, o rei ficou muito curioso por saber se o burrinho se comportaria com a gentileza de sempre; ordenou, pois, a um de seus criados que se ocultasse no quarto para ver o que se passaria.

Logo que entrou no quarto, o burrinho aferrolhou bem a porta, inspecionou todos os cantos e, tendo-se certificado de que estava só com a noiva, sacudiu a pele de burro que o cobria todo, apresentando-se diante dela como um jovem belíssimo e de sangue real.

— Olha quem sou eu! — disse ele. — Certamente não sou menos digno e nobre do que tu.

A noiva, imensamente feliz, abraçou-o e beijou-o com grande ternura e passou a amá-lo ardentemente. Mas assim que amanheceu ele pulou da cama e vestiu novamente a pele de burro, de modo que ninguém podia imaginar quem se ocultava dentro dela.

Pouco depois, chegou o rei.

— Olá — exclamou —, o burrinho já se levantou? — E, dirigindo-se à filha: — Estás muito triste por não teres um homem como os demais por esposo?

— Oh, não, meu querido pai. Amo meu esposo como se fosse o homem mais belo do mundo, e hei de conservá-lo por toda a vida!

O rei ficou grandemente admirado com esta resposta; mas o criado, que ficara escondido no quarto, contou-lhe tudo o que vira. O rei, porém disse:

— Nunca poderei acreditar numa coisa destas!

— Pois então ficai vós mesmo de guarda no quarto esta próxima noite; assim, tereis ocasião de ver com vossos olhos. E sabeis que mais, Majestade? Aconselho-vos a furtar a pele e jogá-la no fogo; assim ele será obrigado a apresentar-se com seu verdadeiro aspecto.

— É uma excelente idéia a tua! — disse o rei.

Naquela noite, enquanto o casal estava dormindo, o rei entrou furtivamente no quarto, aproximou-se pé ante pé do leito e, à

claridade do luar, conseguiu ver ali adormecido um esplêndido jovem. No chão, ao lado da cama, estava largada a horrível pele de burro. O rei apanhou-a, levou-a para fora, mandou acender um grande fogo e, em seguida, jogou-a no meio das chamas, ficando a olhar até que ela se consumiu toda, reduzida a cinzas. Mas, curioso por saber qual seria a reação da vítima do roubo, ficou velando a noite inteira, com o ouvido colado à porta do quarto.

Ao clarear o dia, tendo já dormido suficientemente, o rapaz levantou-se e procurou a pele para vestir e não a encontrou. Então ficou apavorado e disse, com a voz repassada de tristeza e aflição:

— Agora tenho de fugir daqui!

Mas quando ia saindo do quarto encontrou-se diante do rei, que lhe perguntou:

— Aonde vais com tanta pressa, meu filho? Que queres fazer? Fica aqui conosco; és um rapaz tão bonito! Agora não podes deixar-nos; vou dar-te a metade do meu reino e, após a minha morte, o herdarás todo.

— Deus queira que tudo isto termine bem como começou — respondeu o jovem. — Pois bem, ficarei convosco.

O velho rei entregou-lhe a metade do reino e, passados seis meses, quando ele veio a falecer, o príncipe herdou tudo.

Algum tempo depois falecia-lhe também o pai, do qual ele era herdeiro único; assim ele ficou com mais um reino e viveu, magnificamente, durante muitos anos.

Irmãos Grimm

Comentários:

Já comentamos que a constelação de Câncer era, antigamente, chamada de Burro.

O burro também é a imagem do nosso corpo físico. No capítulo sobre a atuação das forças do zodíaco em nosso corpo físico, está descrito como a zona do tórax corresponde a Câncer. É a zona em que o elemento externo cósmico começa a ser aprisionado no interior do ser humano. Poderíamos dizer que o espírito celeste é aprisionado pelo corpo terrestre.

Em nossa história, nasce uma entidade espiritual; ela mergulha em seu corpo, que tem a configuração de um burrinho. Esse

burrinho cresce graças ao amor dos pais, até que sai pelo mundo tocando alaúde. Com sua música desperta o coração do rei e acaba casando-se com a princesa. Nesse momento, sua verdadeira essência aparece – ele superou as forças do Câncer e adquiriu a verdadeira figura humana. Não necessita mais de sua carapaça – no caso, a pele do burrinho.

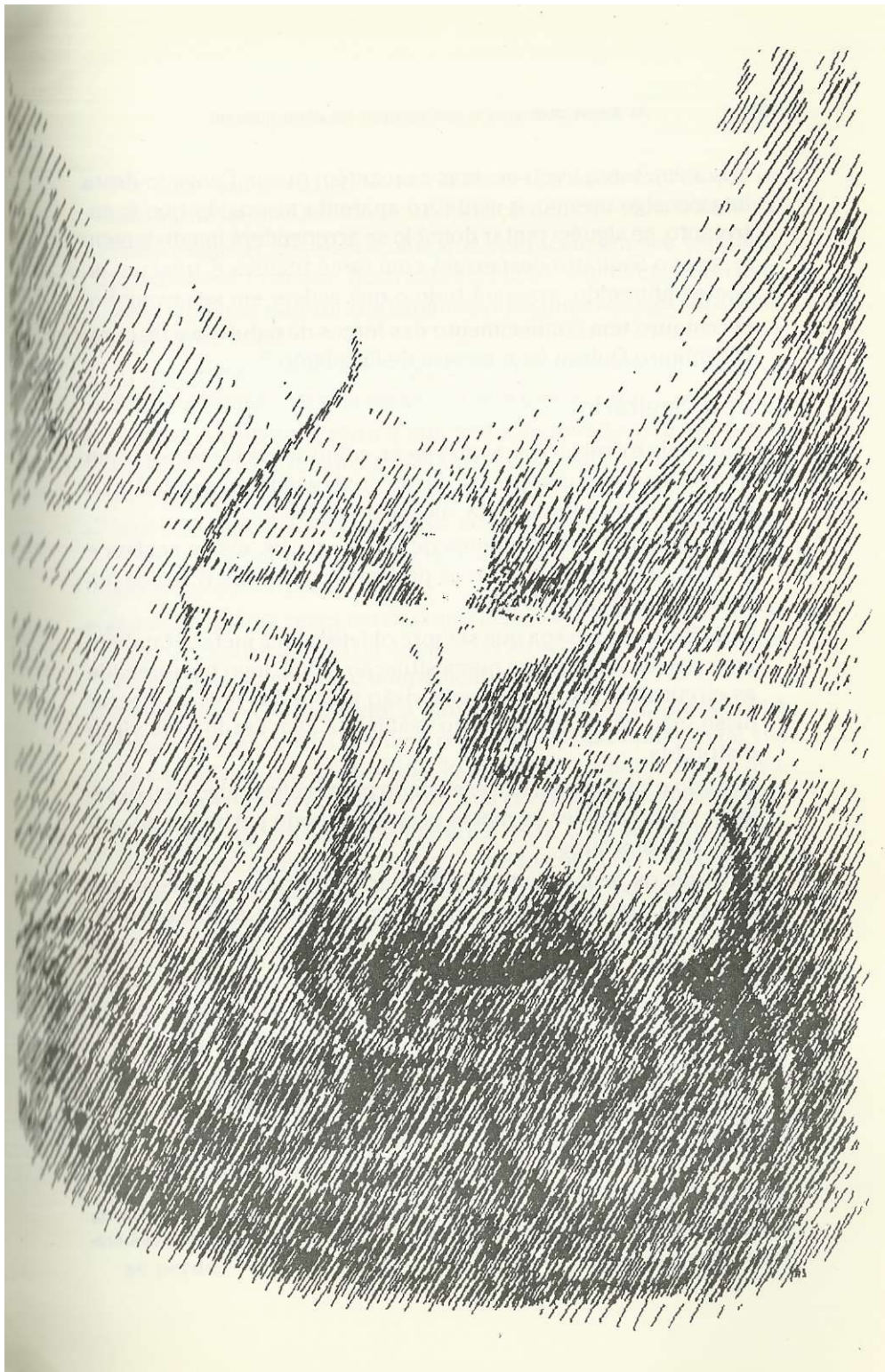


SAGITÁRIO – 22 de novembro a 21 de dezembro

São os dias mais escuros do ano; o Sol já se escondeu por detrás da Terra e está impedido, pelo peso e pelas trevas, de brilhar. As forças da luz confrontam-se com as forças da escuridão, provenientes da Terra.

- O Sagitário é a imagem do centauro; algo elevado – o homem – ergue-se sobre algo inferior – o cavalo –, sem conseguir libertar-se deste. É a imagem de um dilaceramento interno.
- Para entender o centauro, observemos os cavalos selvagens. Eles são enérgicos, vivem em grupos, nas estepes, e são conhecidos por sua ferosidade.
- Muitas éguas e um macho vivem juntos.
- Eles correm muitas horas por dia – gostam de movimentar-se.
- Batem no chão com os cascos, insuflam as narinas, o rabo e a crina voam ao vento.
- Quando algo passa, eles repentinamente desviam, param, olham, observam. Assustam-se facilmente e saem a galope.
- O medo às vezes os torna cegos a ponto levá-los a cair num abismo.
- O macho defende sua manada, mesmo contra os lobos, dando coices.
- As brigas entre os machos, pelas fêmeas, são grandes. Eles se erguem, dão patadas e mordem até que o perdedor se retire.

- Eles são animais que se deixam levar pela paixão.
- São excelentes corredores.
- Amam a liberdade, mas apreciam ter um lugar seguro para retornar.
- São vegetarianos, produzindo bom adubo.
- Não pisam sobre homens deitados.
- Sua pata se diferencia dos pés humanos. Seus dedos se resumem a um, correspondente ao nosso terceiro, formando o casco.
- Devido à característica de seus pés – adaptados para a corrida –, o cavalo é um animal muito ligado à terra.
- O centauro é um ser humano acorrentado às suas paixões.
- Por ser metade homem, metade cavalo, possui inteligência humana e pode dar direção à sua força, mas não é capaz de dominá-la totalmente.
- É a imagem do homem adulto. Desligado do Cosmo, tem como 'ideal' voltar a ser criança – voltar a ter ligação com o Cosmo.
- O centauro é expressão da força dirigida a uma meta, atingindo, portanto, um efeito máximo.
- Ao nos aproximarmos dele, pressentimos dor e, muitas vezes, perigo.
- Ele está com o arco em tensão e a flecha apontada; é a imagem do Sol que desceu ao máximo nas profundezas e está em grande tensão para criar força, para elevar-se de novo.
- Tudo nele é concentração.
- O olhar dirige-se para longe, para grandes metas. O que está por perto não é visto e não o atinge.
- Ao avistar uma presa, ele salta, arqueando sua parte humana para trás. O chão estremece com seus saltos e, ao alcançar sua caça, ele a derruba com sua flecha certa.
- De todos os seres do zodíaco, ele é o mais forte e insuperável.
- Só a si mesmo ele não sabe combater.
- Muitas vezes fica cansado de tanto lutar e caçar. O ser humano lembra nele e quer apaziguar o animal, livrar-se dele. Mas logo sua dor recomeça e, avançando para agir, ele tem de erguer-se e bater os pés.



- O homem tenta livrar-se, mas se mantém preso. Cansado desta luta consigo mesmo, o centauro aparenta menos do que é; entretanto, se alguém tentar domá-lo se arrependerá imediatamente, pois o Sagitário despertará com força titânica e, qual um gigante enfurecido, arrasará tudo o que estiver em seu caminho.
- O centauro tem conhecimento das forças da natureza e da cura. O centauro Quíron foi o mestre de Esculápio.²⁵

O tipo 'Sagitário'

- Tudo nele é dirigido para uma meta, como se ele fosse pegar um trem e tivesse muita pressa. Nada enxergando ao seu redor, o que lhe importa é sua meta, alcançar seu trem.
- Caso chegue à estação antes de o trem partir, ele se acalma e observa tudo ao seu redor: as pessoas, as árvores, o Sol, as nuvens – uma dádiva do céu.
- O Sagitário é a pessoa que sempre objetiva uma meta. É também uma pessoa inteligente: numa situação difícil, logo compreende as circunstâncias, possui uma visão global das coisas. Apesar disso, não vê as coisas como realmente são, tendo uma visão distorcida.
- Quando o sagitariano é pressionado para realizar algo, seu desejo de corresponder às metas propostas pode perturbar sua visão clara dos fatos.
- Às vezes os pensamentos do Sagitário têm tal peso que atuam sobre a vontade do outro e o influenciam. Existe, assim, o perigo de o outro se tornar apenas uma imitação da natureza do Sagitário.
- Às vezes os julgamentos do Sagitário desempenham papel tão grande que acabam influenciando os julgamentos dos outros. Eles são, portanto, pessoas convincentes.
- Suas críticas e observações são dirigidas, podendo ser extremamente dolorosas para os outros. São observações diretas, qual flechadas certeiras.

²⁵ Esculápio (para os romanos) ou Asclépio (para os gregos) era considerado, na Antiguidade, o deus da medicina, inspirando para a cura os sacerdotes dos oráculos gregos até o século VI d.C. (N.E.)

- Por outro lado, o Sagitário se ressentido das observações que os outros lhe fazem. Quando sente oposição, coloca-se na defensiva.
- Pode exagerar nos obstáculos que aparecem em seu caminho, tornando-os imensos. Restringe-se, então, a um único objetivo: destruir o que está em seu caminho, tornando-se cego para qualquer outra coisa.
- Avança para a meta que estabeleceu para si. O mundo não faz sentido quando ele não alcança o que quer.
- Ordena e estrutura tudo à sua volta. O mundo gira em torno dele, qual ímã atraindo as limalhas de ferro; ele pouco liga para as conseqüências.
- Não tem tempo para os outros, e aquilo que está fora de seus planos tem pouca importância. Causa muita dor à sua volta e pode ser devastador.
- Sente-se muitas vezes em desvantagem, o que o leva a machucar e às vezes até a imobilizar as pessoas ao seu redor. Fica exaltado com a pouca vontade e cooperação do outro.
- Como lidar com Sagitário: a pior maneira é a confrontação e a briga. Por tais meios, o único resultado é a estimulação de sua força, pois na luta para obrigá-lo a ceder ele sempre acaba destruindo o que estiver à sua volta. Sua energia parece inesgotável.
- Brincar e ter uma atitude maternal para com Sagitário é uma forma de se conseguir atingi-lo. Tratá-lo como uma criança perdida, da qual cuidamos, é o que convém fazer. Tomando-se esta atitude, ele cede facilmente. Cuidar de suas exaltações como se fossem um brinquedo querido pode despertar nele um sentimento de amor paterno.
- É preciso lembrar sempre que ele vive em grande tensão interna e dividido. Esta tensão desperta constantes necessidades.
- Ele é o ser que mais sofre pela juventude perdida. Enquanto mantém este contato juvenil dentro de si, ele se desenvolve.
- O verdadeiro Sagitário tem a capacidade máxima para interferir no ambiente, para modificá-lo, para criar algo.
- Entretanto, sua capacidade de fazer brotar, de fazer nascer algo, desgasta-se relativamente depressa. A criança em seu interior se perde.

- Suas decisões são fortes, pois se concentram numa só meta. Antes de começá-la, ele já a executou em espírito. Direciona-se para o final, não deixando as coisas acontecer no caminho. É como a flecha que atinge o alvo.
- O Sagitário é uma alta criação divina; os deuses o dotaram bem. Sua vontade de atuar criativamente é muito forte; ele quer criar um novo mundo – deseja conceber algo do nada.
- Existe, porém, o perigo de essa vontade de criar converter-se em raiva destruidora. Nele vive o máximo da criação, mas ele está ameaçado pela escuridão moral.
- Ele se sente correndo à beira de um abismo. Encontrando o caminho, é capaz de executar os atos mais elevados; não o encontrando, cai nesse abismo.
- Se a vontade destruidora sobrepuja a criadora, só existem dois seres capazes de salvá-lo: a Virgem Pura e a Criança (Gêmeos).
- Ele tem nostalgia da Virgem com a Criança. Justamente em dezembro, na época do Natal, é que se expressa essa imagem (no museu do Louvre há uma estátua do Centauro com a criança alada às costas).
- O Sagitário tem a alma muito unida ao corpo. Tudo nele se torna realização, incorporação.
- Ele possui uma grande concentração da vontade divina, mas sempre procura a salvação, a leveza, a criança em seu interior.
- A história clássica de Guilherme Tell, que com o arco e a flecha acerta a maçã na cabeça do filho, representa bem a imagem de Sagitário: a criança dentro dele é constantemente ameaçada de morte.
- Muitas vezes, quando sonhamos com o nascimento de uma criança doente ou morta, isso se relaciona com o fenômeno do adulto que mata aos poucos a criança dentro de si.
- Orientado para o futuro, o Sagitário tem esperanças otimistas.
- Tem a peculiaridade da expansão, da curiosidade.
- É orgulhoso.
- É ativo, gosta de viajar; é dinâmico, móvel.
- Tem entusiasmo e força de iniciativa.



FIGURA 24 – Palas Athena e o Centauro — Botticelli

- Está sempre buscando novas metas, novos desafios.
- Procura sabedoria e o sentido da vida.
- Impõe suas verdades aos outros de maneira missionária.
- Está orientado para o social, para o moral-ético.



Características negativas

Ao atingir sua meta, o Sagitário não se interessa mais por ela. Tanto ele quanto o Escorpião estipulam seus objetivos, mas há uma diferença crucial entre ambos: o Escorpião se mantém fora dos acontecimentos, ao passo que o Sagitário mergulha inteiramente neles, travando uma grande luta onde arrisca muita coisa. Mesmo assustados, nós ficamos fascinados com isso e acompanhamos tudo como um grande drama. O Sagitário sofre de isolamento espiritual; já o Escorpião quer atingir sua meta mas não sofre, pois atua a partir do outro.

O Sagitário dispõe de algo poderoso e precisa abrir seu caminho para o futuro. Está longe da substância divina, mas trouxe muito dela para a Terra. Com isso, no fundo ele pertence a um âmbito maior, sentindo-se por isso solitário. A realidade, para ele, é o que é possível realizar. Ele vive para sua meta. Tudo o que está no caminho deve ser removido, não importando a dor dos outros. (Já o Escorpião tem prazer na dor do outro.) Ele irá mentir e acusar, se necessário, pois tem leis e normas próprias, que às vezes entram em conflito com as dos outros.



Características positivas

Muitas pessoas têm força de ação mas nada fazem, pois são muito dispersivas. Falta-lhes a força de Sagitário para direcioná-las. Estabelecer uma meta que só se realizará em alguns anos e não perdê-la de vista, ultrapassando quaisquer obstáculos que apareçam, eis a qualidade de Sagitário.

A meta é um grande segredo. É uma ação mágica, colocando as forças do céu e da terra a seu serviço. Quando se conhece o segredo da meta, pode-se ter a ousadia de impor-se tarefas que, aparentemente, estão além do alcançável. É como no caso de um caçador: ele entra em zonas da mata que normalmente não entraria se estivesse num passeio comum.

Do Sagitário podemos aprender a criar instituições e ter iniciativas que partam da luz de uma verdadeira ciência espiritual. A partir de uma cultura velha, vai-se fazer a renovação. A força de Sagitário é como uma sinfonia inacabada.

- Virtude: controle do pensamento (e da fala), que se torna percepção da verdade.
- Filosofia: monadismo.
- Tarefa evolutiva: vislumbrar cada etapa, não esquecer o caminho e manter sua criança viva.



Numa região do país que hoje conhecemos por Suíça, reinava, há mais de seiscentos anos, um governador chamado Gessler. Um dia ele foi para um local denominado Uri e, perto de uma tilia pela qual todos tinham de passar, mandou erguer um poste, colocando nele seu chapéu e postando, ao lado, um servo como vigia. Mandou então proclamar publicamente que quem passasse pelo lugar deveria descobrir a cabeça e fazer reverência perante o chapéu, como se ali estivesse o próprio governador. Quem transgredisse a ordem incorreria em severa punição.

Naquele país vivia um homem de nome Guilherme Tell, que ao passar pelo chapéu e não se inclinava diante dele. Então o servo o delatou ao governador. Este mandou prender Tell, que foi levado à sua presença, juntamente com seus filhos. O governador deu então a seguinte ordem:

— Tell, tu és bom atirador; irás provar-me isto agora, atingindo uma maçã colocada sobre a cabeça de um de teus filhos.

Guilherme Tell pediu clemência, mas o governador mandou seus servos forçá-lo até que, sem saída, ele mesmo colocou a maçã na cabeça de um de seus meninos. Pegou então uma flecha e a escondeu sob suas vestes; depois pegou uma segunda flecha, armou o arco, apontou-o na direção da criança e acertou a maçã, sem tocar um só fio de cabelo do menino.

— Foi um tiro de mestre — exclamou Gessler, querendo saber para que serviria a primeira flecha nas vestes. Tell respondeu:

— É costume de caçador.

O governador, porém, não se convenceu e continuou a questionar a finalidade da flecha escondida. Finalmente, depois de muita insistência, como garantia da vida em troca da verdade, Tell respondeu ao governador:

— Tivesse eu atingido meu filho em vez da maçã, eu não teria errado em ti com a segunda flecha.

Tendo-o ouvido, o governador disse:

— Eu te prometi a vida; mas te levarei a um lugar onde não verás nem o Sol nem a Lua.

Ordenou aos servos que amarrassem Tell e o pusessem num barco, no qual ele seguiria para Schwyz, do outro lado do lago.

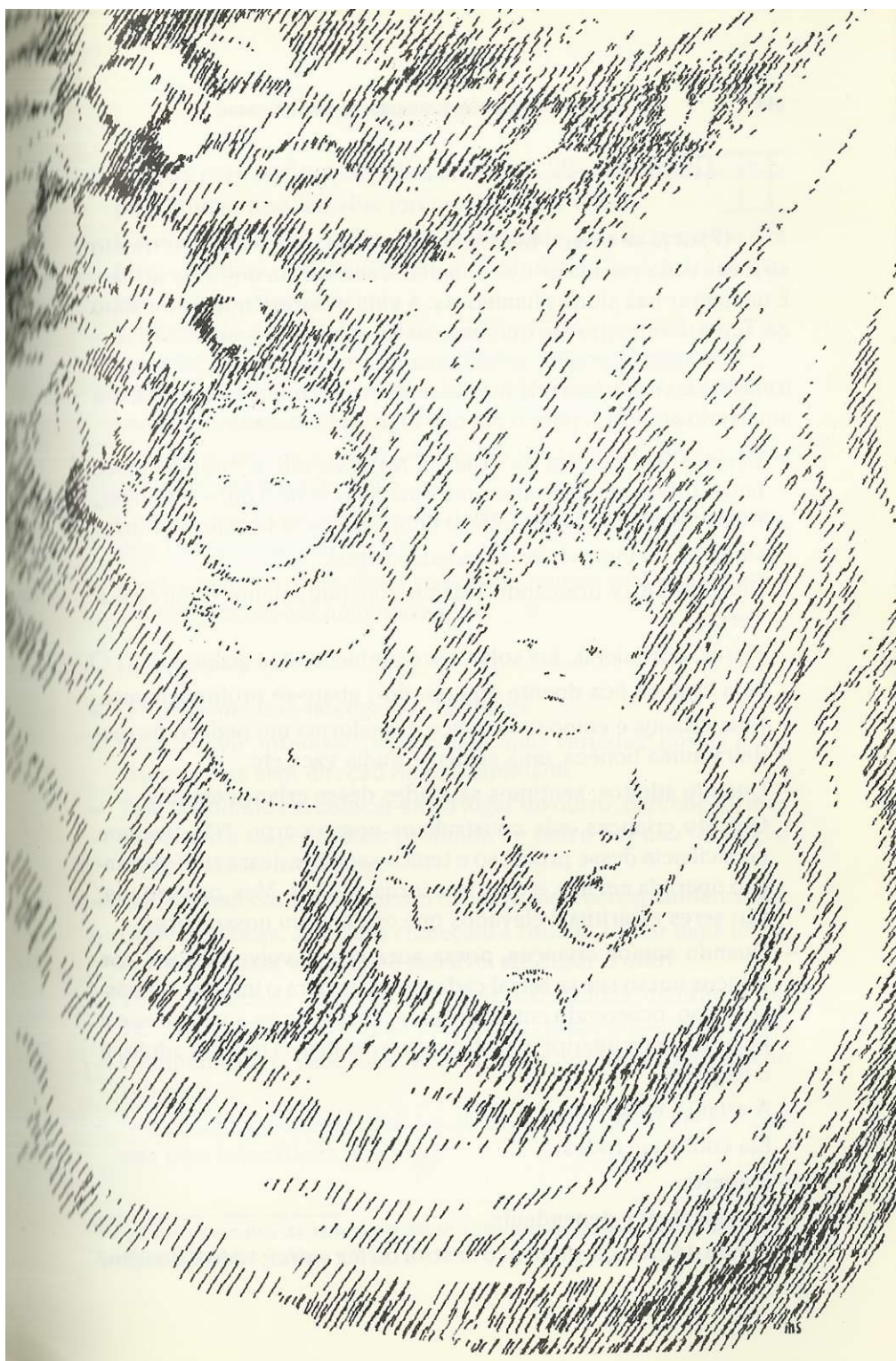
Quando eles se encontravam no meio do lago, de repente se levantou uma enorme tempestade, ameaçando-os de naufragar. O governador, sabendo que Tell era um bom timoneiro e que conhecia os perigos do lago, mandou soltá-lo e ordenou-lhe que guiasse o barco. Tell conduziu a embarcação segura através das ondas, mas, quando estavam próximos à margem, aproximou-se de uma grande plataforma na rocha, apanhou de chofre seu arco e, de um salto, colocou-se sobre a plataforma. A seguir, com um pontapé, atirou o barco de volta às águas revoltas. Desde então se denomina 'Laje de Tell' aquele escolho de rocha.

(Segundo os Irmãos Grimm)

Comentários:

Guilherme Tell é um dos heróis da História da Suíça; lá, toda criança e todo jovem o conhece e admira. Ele é o verdadeiro Sagitário, mestre do arco e da flecha. Quando ele preserva sua criança, seu lado bom aparece ele se torna a força propulsora de um novo desenvolvimento, rompendo normas e tradições absurdas; quando mata sua criança, torna-se perigoso, sendo mortífero e impondo sua vontade.







GÊMEOS – 22 de maio a 21 de junho

O Sol já se elevou bem acima da Terra. O arco de seu trajeto se torna cada vez maior e se submete cada vez menos à escuridão. É um pairar nas alturas luminosas. A vida desabrochou ao máximo na Terra. É o tempo em que tudo se torna visível, manifesto.

Os antigos gregos acreditavam que a Terra e o Sol fossem irmãos – Castor, o escuro/mortal, e Pólux, o luminoso/imortal, um amarrado ao outro, para o Sol não fugir nas alturas.

- Gêmeos é a imagem da Criança. No presépio, a Criança nasce entre o boi e o burrinho, entre os signos de Touro e Câncer, respectivamente, já que Câncer também era conhecido por Burro.
- Onde há criança há luz, claridade, alegria.
- Duas crianças brincando trazem constantemente o Paraíso à Terra.
- Flores, borboletas, luz solar, eis o ambiente dos gêmeos.
- Se a criança fica doente ou com dor, abate-se profundamente.
- Uma criança é como um mágico: transforma um pedaço de madeira numa boneca, uma semente numa vaca etc.
- Quando adultos, sentimos saudades dessa criança em nós.
- Quando crianças, nós construímos nosso corpo. Não tivemos consciência desse processo e temos saudade dessa transformação operada em nós, a qual nos torna adultos. Mas, na verdade, são seres espirituais elevados que estruturam nosso corpo.
- Quando somos crianças, nossa aura nos envolve de fora; aos poucos nosso ser se retrai cada vez mais para o interior do nosso corpo, ocorrendo então a separação dos seres superiores e a ligação com o inferior, o isolamento cósmico. O homem adulto é o Sagitário.
- A criança é ingênua.
- Ela confia em todos.
- É aberta.
- É vulnerável e dependente.
- A mão da criança ainda não destrói ou faz sofrer; tudo é doação,

riqueza para o mundo; ela possui a chave para o futuro, perdida pelo adulto, mas falta-lhe força para poder usá-la.

- O brincar da criança ainda não é realidade, mas é o espelho das forças divinas trabalhando em sua constituição. A criança não tem metas – apenas brinca.
- Schiller fala de dois impulsos, o da forma estruturante e o da substância (metabólica), que nos determinam. Só um terceiro – o do jogo – é que nos torna criativos.²⁶ Isto significa permitir-nos usar as forças infantis.
- A criança transmite alegria, leveza e clareza; é como um brincar com uma bola dourada.
- Gêmeos puxa tudo para cima, deixa brilhar no ar, nas alturas, mas muitas vezes na ilusão.
- A criança dá risada e chora ao mesmo tempo, estando sujeita a grandes oscilações emocionais.

O tipo 'Gêmeos'

- O tipo Gêmeos é inteligente, 'brilhante'.
- Mostra vivo interesse pelas coisas mais variadas; possui entusiasmo, mas sem direção ou profundidade.
- Tem facilidade em colocar-se no lugar do outro, percebê-lo, mas não sente a tragédia mais profunda do outro por não ter noção da densidade, do escuro.
- Sente-se em casa no elemento da luz. É alegria resplandecente.
- Onde ele chega, as coisas começam a brilhar, a ficar mais leves. Por meio dessa força lhe é possível até curar o outro.
- Tem a faculdade de espelhar as coisas delicadas, de tirar as nuvens do sol. Numa reunião enfadonha, pode espantar a frieza.
- É comunicativo, sabe falar; muitas vezes, torna-se advogado ou repórter.
- Seu problema fundamental é que, para ele, a vida pode ser apenas uma brincadeira, um jogo.

²⁶ *Formtrieb* (impulso da forma), *Stofftrieb* (impulso da matéria ou substância) e *Spieltrieb* (impulso lúdico). (N.E.)

- Seu pensamento pode ser pouco real, ou até irreal de todo. Ele pode ser despertado para muita coisa, mas quando precisa realizar algo sente-se desmaiar frente à ação. Assim, quase nunca termina as muitas coisas que começou.
- O tipo Gêmeos é muito comunicativo, dando a impressão de sociabilidade, que no entanto é aparente.
- Tem pouca seriedade (seriedade pesada e compacta). Tem pouca capacidade de decisão, pois olha as coisas dos mais diversos ângulos, tendo dificuldade em limitar-se a um único lado (dispersão).
- Pode esforçar-se muito para realizar algo, sem que isto se torne visível, pois não chega à concretização final.
- Sua alma está pouco unida ao corpo, o que lhe dá movimento e leveza, mas por outro lado isso acarreta a incapacidade de transformar pensamentos em atos externos.
- Ele procura, então, uma intensificação em sua densidade, um endurecimento. Tem dificuldade em usar seu corpo como verdadeiro instrumento da alma.
- Vive mais no ambiente do que em si mesmo, sendo, portanto, superficial.
- É pouco ameaçado de perigos morais, pois não perde a relação com o espiritual. Mantém-se criança até a idade adulta.
- Tem a semente de muitas habilidades e possibilidades, mas nada é realizado totalmente.
- É flexível, adaptando-se facilmente.
- Perdoa com facilidade.
- É habilidoso, rápido e ágil.
- É comunicativo e aberto.
- Está sempre em movimento, em ação – sem raízes.



Características negativas

Os desvios de Gêmeos não se tornam tão facilmente perceptíveis, uma vez que ele pouco interfere no andamento das coisas. Imaginem, pois, Gêmeos num cargo de responsabilidade. Ele quer gozar a vida. Daí as coisas sob sua liderança estarem na mais completa confusão. Ele deixa tudo acontecer sem interferir, portanto,

nessa função, é o caos. Tampouco quando surgem dúvidas ele consegue resolvê-las, apesar de inteligente. Sendo nervoso, distraído, ele pode fazer as coisas despreocupadamente e com pouca responsabilidade.



Características positivas

De Gêmeos pode-se aprender a enxergar o milagre da beleza em tudo e prestar atenção às pequenas coisas (e não apenas ir em busca de metas). No entanto, no campo espiritual não basta só usufruir e maravilhar-se; é preciso pôr em prática e realizar tudo. Para isto deve-se buscar o atributo de Sagitário.

Quando sonhamos com a imagem de uma criança, trata-se de uma força ou qualidade nova que está nascendo e que poderemos desenvolver.

- Virtude: perseverança, persistência que se torna fidelidade.
- Filosofia: matematismo.
- Tarefa evolutiva: aprofundar-se em algo, ter real interesse em desenvolver fidelidade.

O TOURO CELESTIAL E OS RÉGIOS IRMÃOS GÊMEOS



Muito tempo atrás, vivia no Oriente um rei que dominava um grande reino. Ele era sábio e benevolente; seu país estava prosperando e o povo o amava.

O rei tinha dois filhos que haviam nascido no mesmo dia e eram inseparáveis, tal como costumam ser os irmãos gêmeos. O que um deles queria, o outro também desejava. Se um se alegrava, o outro compartilhava de sua alegria; eles se queixavam juntos quando um deles, porventura, sofresse uma mágoa; e jamais um dos irmãos foi visto sem o outro.

Um dia, o país foi ameaçado por um grande perigo. Toda noite ressoava um alto trovejar e retumbar nas montanhas, em cujos cumes homem algum jamais havia posto o pé. A terra estremecia e as pessoas precipitavam-se para fora de suas casas, pois temiam que muros e telhados pudessem vir abaixo, soterrando-as. Ao fim

de cada dia, depois do pôr-do-sol, começava o terrível espetáculo que não cessava até bem depois da meia-noite.

Depois de algum tempo nessa aflição, a terra arrebentou-se em alguns lugares do país. Profundas fendas se abriram, e delas se ergueram chamas e fumaça, assustando as pessoas à noite com seu clarão ardente. E como se não houvesse desgraça suficiente, de vários lados começaram a avançar exércitos inimigos sobre o país, ameaçando atravessar suas fronteiras para devastá-lo e saqueá-lo. O rei estava em condições de enviar guerreiros valentes ao encontro dos inimigos e afastar, por enquanto, o perigo; não obstante, desconfiava que a coincidência de tantas desgraças, depois de tantos anos de sorte, não era por mero acaso. Por isso, reuniu-se com os sábios de seu reino, ordenando-lhes pesquisar os motivos dos terrores.

Entre os que começaram a aprofundar-se nos escritos sagrados, havia um homem muito velho. Havia muitos anos, esse homem vivia como eremita numa caverna no alto da montanha. Os aldeões diziam que ele conhecia os mistérios dos astros e das pedras, sendo mais sábio do que todos os sacerdotes e sábios juntos. Toda semana enviavam-lhe, das residências e das aldeias, algum pão e frutas para seu alimento. Ao verem as águias traçar seus círculos sobre o lugar onde vivia o ancião, os homens cochichavam entre si:

— Agora o céu está falando com ele por intermédio de seus mensageiros.

E quando a cabeça branca do eremita aparecia nas aldeias – o que era muito raro –, todos lhe abriam respeitosamente caminho e, às vezes, também pediam sua bênção.

Já na manhã do terceiro dia, o eremita mandou avisar ao rei que desejava falar-lhe, porque acreditava ter recebido a revelação sobre a pergunta do soberano. Apressaram-se a levar o ancião à sala do trono. Ali ele declarou que sua mensagem se destinava exclusivamente ao rei e a seus dois filhos. Quando todos deixaram a sala, o ancião principiou a falar:

— Vossa sabedoria é grande, ó rei; porém há coisas que vos ficaram ocultas. É que um touro vive, desde tempos imemoráveis, num amplo vale nas rochas, lá onde as montanhas de vosso reino são intransitáveis e solitárias. Ninguém afora eu jamais o viu, e eu também ignoro de onde ele advém, de que modo chegou àquele

lugar e desde quando ali vive. Raras vezes tive a sorte de avistar o estranho animal, de um dos cumes das montanhas que rodeiam o vale. Na maior parte do tempo, ele pasta tranqüilamente no fundo do vale ou fica dormindo, com a cabeça e seus enormes chifres apoiados sobre as patas dianteiras.

...Por acaso, fiquei sabendo que esse animal é um caso particular. Numa noite estrelada de verão, estava eu sentado diante de minha caverna e, ao levantar os olhos para o céu, vi cair um meteorito. Parecia-me mais próximo do que todos os que havia visto até então. E quando, depois de algum tempo, ouvi o sibilar e o rumorejar do ar e, poucos momentos depois, o ruído do impacto de uma rocha caindo, levantei-me logo que amanheceu e procurei na direção de onde ouvira o barulho.

...Não me custou encontrar o meteorito. Ele aterrara sobre um escolho de rochedo, e eu me abaixei para levantá-lo. Nesse instante, descobri no escolho sinais nítidos, caracteres meio gastos de uma língua desconhecida. Tudo isso me parecia uma advertência do céu.

...Passaram-se anos desde aquele tempo. Eu averiguava incansavelmente, indagava e investigava, com o fim de decifrar a escrita na pedra. Por muito tempo, ela me pareceu enigmática e herméctica. Finalmente distingui as primeiras palavras, e não tardei em descobrir que a escrita falava do touro naquele vale. Quando me mandastes chamar, junto com os outros sábios do reino, só poucas linhas ainda me permaneciam ocultas. Mas agora sei o que essas linhas querem dizer.

— E o que é? — perguntou um dos irmãos. — Faz-nos conhecer o sentido da inscrição.

— Aguardai um pouco — respondeu o ancião —, pois antes tereis de decidir: para pessoas de estirpe real, os sinais na pedra contêm uma mensagem que deveis seguir logo que a conhecerdes. Há uma tarefa difícil a cumprir. Se ficardes cientes dela, terá sido melhor para vós e vosso reino jamais tê-la ouvido. A desgraça que atualmente está vos assolando seria apenas o início de coisa muito pior a seguir.

Séria e ponderadamente, o rei disse:

— Se de tua ciência puder resultar ajuda, fala. — Os irmãos gêmeos acenavam aprovação.

O ancião começou a falar:

— A inscrição enigmática diz o seguinte: “Toda a sorte e o bem-estar de vosso reino estão intimamente ligados ao touro misterioso que vive solitário na cumeada das montanhas. Enquanto esse animal passa bem, o país também floresce e prospera. Todavia, chegará um tempo”, dizem os sinais na pedra, “em que o touro começará a ficar furioso, fazendo a terra tremer. As montanhas reventarão e lançarão fogo. O país será assolado pela guerra”. Ocorre que o animal só está raivoso por sentir ter chegado um momento todo particular. Ele anseia por ver uma imagem do ser que é mais poderoso e nobre do que ele, com toda a sua força. Homens de estirpe real devem levar a imagem ao seu encontro. Se isso se realizar, os terrores cederão, uma nova era advirá e se iniciará um reino mais feliz.

Os irmãos escutaram com atenção as palavras do ancião; imediatamente se levantaram, exclamando:

— Pai, esta tarefa é nossa; permiti que a realizemos!

E antes que o rei pudesse responder, os dois dirigiram-se ao ancião e perguntaram:

— Que imagem devemos levar conosco para que o touro se acalme? O que é mais régio, nobre e poderoso do que ele?

O ancião encanecido respondeu:

— Disto a escrita na pedra nada diz. Nem eu deveria revelar-vos isso, mesmo que o soubesse.

Após um concílio bastante grave, eles resolveram que os rapazes deveriam subir com o eremita para as montanhas. Eles esperavam descobrir lá, na solidão, o que poderia apaziguar a ira do misterioso touro.

O rei mandou avisar os sábios de seu reino que eles não precisavam mais pesquisar, mas que rezassem e oferecessem sacrifícios. Aqueles homens santos e eruditos ficaram bastante admirados com a notícia.

Entrementes, os príncipes passaram a viver com o ancião nas montanhas. Ele começara por mostrar-lhes o pedaço de meteorito. Depois, levou-os ao escolho da rocha e os ensinou a ler a inscrição; pouco a pouco, preparou-os para avistar o touro raivoso. Os manebos tinham de cobrar toda a sua coragem ao avançar, a cada dia, um pouco em direção ao escolho; sentiam o chão abaixo de seus

pés tremer e vacilar de tal modo que mal conseguiam ficar de pé. Dos rochedos íngremes à sua volta trovejavam rochas, ameaçando abatê-los. O ar retumbava ao bramir do touro, de forma que os príncipes pensavam não mais poder suportar o som. Somente a visão do ancião de cabelos brancos, que os precedia intrépido e firme, dava-lhes força para prosseguir. Contudo, ele nunca os levava a um lugar de onde pudessem avistar o animal. Havia-lhes dito:

— A última parte da missão, a mais difícil, tereis de executar sozinhos.

Os príncipes passavam em profunda meditação todo o tempo que permaneciam na caverna, enquanto o ancião se ocupava lá fora.

— Ora, descobristes que imagem deveríeis levar ao encontro do touro? — perguntava-lhes ele de vez em quando. Mas eles abanavam, tristes, a cabeça. E, numa ocasião, indagaram:

— Seria uma coroa?

— Não é uma coroa — retrucou o ancião, sorridente.

— Talvez fosse o fogo? — perguntaram em outra ocasião.

— Agora estais próximo — disse ele, fazendo-lhes um sinal encorajador com a cabeça.

Mas passaram-se muitos dias e noites em que os irmãos pesquisaram e se esforçaram em vão. Às vezes eles perdiam todo o ânimo e ficavam prestes a desesperar-se. Finalmente, numa manhã, enfrentaram o ancião cheios de alegria.

— Não precisais dizer nada, já vejo que sabeis o certo — disse ele, alegremente. — Agora trazei uma imagem. Vinde comigo, pois vos ajudarei no trabalho.

Os três enfiaram-se na caverna, de onde logo se via levantar uma brasa e se ouvia o ressoar de marteladas. Quando, depois de um tempo, voltaram a sair da gruta, o eremita levava nas mãos um disco solar que brilhava como ouro.

— Muito mais régio, nobre e poderoso do que toda a potência do touro é o Sol — disse. — Ante sua imagem, o furioso se inclinará.

Entregou o disco de ouro aos gêmeos, deu-lhes sua bênção e encaminhou-os à sua difícil missão.

Parecia que a terra nunca havia tremido tanto como naquela hora. Pedras se soltavam de todos os lados, rolando e saltando com grande ruído para baixo. Onde quer que os dois pusessem os

pés, chamas e fumaça emanavam de fendas na rocha. Por fim, conseguiram galgar o último cume e puderam olhar para o vale lá embaixo. Então avistaram o touro. Ele era branco, de pele brilhante; os pés golpeavam o chão e suas ventas exalavam fogo.

Os gêmeos tiveram vontade de voltar, porém lembraram-se da missão que tinham a cumprir e caminharam ao encontro do touro. Mal este avistou os dois homens, pôs-se a correr em sua direção. Porém os príncipes seguraram firmemente o disco solar entre si e desceram o rochedo, degrau por degrau.

Finalmente encontraram-se no fundo do vale, estando o animal apenas a poucos passos deles. Pensaram já estar perdidos quando o touro parou de súbito, tremendo. Levantou a enorme cabeça, até que o brilho do disco solar o atingiu em cheio; então dobrou as patas dianteiras e se inclinou, cada vez mais calmo e mais pacífico, até que por fim ficou deitado, perfeitamente tranqüilo.

Agora os mancebos ousaram aproximar-se. Colocaram a imagem do Sol entre os altos chifres do animal e acariciaram sua pele.

— A terra não treme mais — disse o primeiro irmão.

— Não se vêem mais chamas nem fumaça — disse o segundo.

— Está cumprido — disseram ambos.

Quando se puseram a voltar para a caverna do eremita, o touro os seguiu, passo a passo. O ancião veio ao seu encontro e, de tanta alegria, não pôde externar palavra alguma. Chegando à caverna, descansaram todos juntos à espera da noite.

Mal anoitecera, o touro se levantou. Ainda levava na cabeça o disco de ouro. Postou-se diante dos irmãos, como que querendo encorajá-los a subir em suas costas. Finalmente eles o fizeram. Então o touro pôs-se a trotar com eles, cada vez mais rápido, mais para o alto, até que por fim se encontrou no pico mais elevado — uma silhueta escura contra as estrelas brilhantes. Jogou a cabeça para trás e o disco solar caiu rolando terra abaixo, para dentro dos abismos. O touro, por sua vez, continuou correndo do cume da montanha diretamente para o céu, passando por todos os astros e tornando-se cada vez mais argênteo, mais semelhante a uma estrela. Quando o eremita, assombrado, viu-o parar por fim, vislumbrou-o na constelação idêntica à que vemos ainda hoje.

No alto, mais alto mesmo do que Órion, estava o Touro, e defronte a ele viam-se os régios Gêmeos. Continuavam lado a lado,

demonstrando nitidamente desejar permanecer inseparáveis para todos os tempos vindouros.

O eremita apressou-se em descer para a residência real. Estavam todos em preparativos para um festa, para comemorar a volta da paz à Terra. O ancião relatou ao rei tudo o que havia acontecido.

— E meus filhos — indagou o rei —, jamais tornarei a vê-los?

— Apenas como estrelas — retrucou o eremita, apontando para o céu.

Por muito tempo ainda, os homens continuaram a falar do disco solar dourado que o touro jogara nas profundezas da terra. O pai dos irmãos gêmeos mandou procurar exaustivamente por ele, mas jamais o encontraram. Foi como se a terra o tivesse engolido.

Para quem conhece o segredo, o Touro estelar sempre carrega o disco luminoso em sua cabeça, inclinando-se diante dele. Entre os pés dos Gêmeos e as pontas dos chifres do Touro vê-se, no céu noturno, um espaço livre de estrelas. É exatamente nesse lugar que o sol de verão se encontra no dia do solstício estival, ao meio-dia, quando chega à posição mais alta no ano. Quem, pois [no Hemisfério Norte], olhar para o céu na época de Natal e à meia-noite avistar Órion, Touro e Gêmeos, saberá que naquele lugar cercado pelas três constelações, exatamente entre a ponta do chifre inferior de Touro e o pé superior de Gêmeos, meio ano depois reluzirá o sol de São João para a Terra.

*Erika Dühnfort*²⁷

(Trad. Heinz Wilda)

²⁷ Em *Vom grössten Bilderbuch der Welt* (cit.)

6. Pensar, sentir e agir – expressões das forças de Águia, Leão e Touro

No Cosmo, o ser humano já está dividido em seus diversos membros constitutivos: trata-se, em realidade, dos animais. O homem possui em si as faculdades dos principais animais, as quais são equilibradas dentro dele, estando reunidas numa síntese maior.

Rudolf Steiner

Já nos tempos mais remotos, o ser humano se defrontava com o enigma “Quem és tu?”. Na Antigüidade, sabia-se que o ser humano era o reflexo e o resultado das forças do Cosmo. No Egito, por exemplo, o discípulo dos locais sagrados tinha de passar por uma longa fila de esfinges até chegar à murada do templo. Quem eram essas esfinges? Elas possuíam cabeça humana, asas de águia, tórax e patas dianteiras de leão, abdome e patas traseiras de touro. Retravam, na verdade, as forças espirituais criadoras do homem. Tais forças eram seres espirituais elevados que, na tradição hebraica, eram denominados Querubins. Sua representação é encontrada nos quatro signos principais: Águia (ou Escorpião), Touro, Leão e Aquário; unidos por duas linhas, eles formam uma cruz – a Cruz Astral (*Kerub* = esfinge).

Pode-se falar de um primeiro passo para a criação da forma humana quando as mencionadas forças afluíram dos quatro cantos do Universo para o centro do círculo que hoje é o zodíaco. Seu ato criador está registrado no Evangelho de João, onde se lê:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Todas as coisas foram criadas por ele, e sem ele nada se criou. [João 1, 1–3.]

Já conhecemos as qualidades de cada uma dessas forças, sendo, portanto, fácil entender que a Águia tenha relação com o sistema neuro-sensorial do ser humano, pois é no pólo da cabeça que

predominam as forças da morte. Cada ser humano nasce com determinado número de células nervosas, que ao longo dos anos vão morrendo sem que haja reposição por novas células.

Os ossos do crânio humano envolvem o cérebro de tal forma que, além de protegê-lo, impedem-no de movimentar-se – nenhuma expansão é possível sem atrozes dores de cabeça. O pensar, sediado no cérebro em repouso, tem por base os processos catabólicos do organismo. Aliás, toda a nutrição ocorre para manter o cérebro vivo, mas a vitalidade cerebral corresponde a apenas dez por cento da vitalidade do sistema metabólico.

Na águia – aliás, como em todos os pássaros – existe, com maior ou menor intensidade, um predomínio da cabeça e suas características minerais. O coração está bem próximo a ela, e o metabolismo geral é fraco, sendo os excrementos quase mineralizados. Os membros são pequenos, atrofiados; não há ligação com a terra. Já os órgãos dos sentidos, principalmente o olho, são extremamente desenvolvidos.

Nosso olho também é o mais mineralizado dos órgãos, sendo quase um aparelho físico, ao qual se pode aplicar todas as leis da ótica. Por que isso ocorre? Para permitir o reflexo da luz de uma forma mais pura. Ora, de maneira similar, nosso cérebro deve refletir as imagens e as idéias cósmicas de forma a menos conturbada possível.

Já foi abordada aqui a relação da águia com a luz. Todo o seu corpo é luz condensada que se torna física (a forma das penas, por exemplo). Nosso pensar também tem essa relação com a luz, e quanto melhor desenvolvermos essa qualidade anímica, mais 'iluminados' serão nossos pensamentos. Neste sentido, um pensamento estreito, puramente terrestre, materialista, intelectual, teria a característica de 'pensamento-Escorpião'. Nas figuras de João Evangelista e Judas Iscariotes, temos exemplos típicos das duas formas de pensamento: o primeiro como Águia, o segundo como Escorpião.

Nosso sentir, com sua sede no sistema rítmico – o coração e o pulmão – tem, em sua formação, a influência das forças de Leão. Quais as características do leão? Ele possui seu tórax bem desenvolvido, afinando seu corpo na parte traseira, o que indica um sistema metabólico fraco. Tanto é que se alimenta de carne, que exige

uma digestão e um metabolismo menos intensos. A parte da cabeça também é frágil, embora as aparências enganem em virtude da juba. Na verdade, o leão vive do bem-estar e do equilíbrio entres as forças do ar, que descem de sua cabeça para a parte mediana de seu corpo, e as forças do sangue, que para aí sobem dos órgãos metabólicos. É no coração que o sangue 'aerado' se encontra com o 'metabolizado'. Quando o leão abate sua presa e rapidamente a devora, a relação entre sua respiração e sua pulsação se desequilibra; por isso ele é tão voraz, querendo em seguida colocar essa relação novamente em equilíbrio. Após a digestão, sente-se novamente equilibrado, em perfeita harmonia interior e também com o ambiente.

Também no ser humano o sistema rítmico é aquele que constantemente promove o equilíbrio do organismo, impedindo que as forças metabólicas dissolventes invadam a cabeça e, por outro lado, que as forças estruturantes da cabeça invadam a esfera metabólica. Os órgãos do tórax possuem um movimento rítmico: contração–expansão, inspiração–expiração; durante as flutuações do ritmo, nosso sentir se manifesta ora em simpatia, ora em antipatia, ora trazendo o mundo externo para perto, ora afastando-o de nós.

O coração é o órgão relacionado à coragem, tal como o leão representa essa característica. A coragem se situa entre a ousadia e o medo. (Ricardo Coração de Leão tinha este nome devido à sua coragem incrível.) As ocorrências da área do coração, ligada ao sistema rítmico-circulatório, são semiconscientes, como os sonhos.

Passemos agora ao âmbito do agir e do nosso sistema metabólico-motor. Essas são as regiões do nosso organismo onde temos menos consciência. Podemos dizer que nessa área nós estamos imersos num sono profundo, sem sonhos.

É fácil compreender que essa área se relacione com as forças do touro. Já vimos como o gado *vacum* possui os órgãos metabólicos mais desenvolvidos, o tubo digestivo mais longo, e como está constantemente entregue ao processo digestivo, pastando ou ruminando. Rudolf Steiner menciona como, no gado *vacum*, a astralidade está incorporada nos órgãos metabólicos, ao contrário do que ocorre nos pássaros, cuja astralidade se encontra quase toda fora do organismo, com exceção de uma pequena parte imersa nele.

Os órgãos digestivos são, portanto, os mais espirituais no ser humano. Assim, podemos entender por que o hindu considera a vaca um animal sagrado. Mas embora a vaca possua um sistema digestivo especializado, seus órgãos sensoriais não o são, o que lhe confere a aparência de estar sempre embotada. Ao contrário dos pássaros, a vaca tem os membros firmemente ligados à terra.

Nossos membros e nossos órgãos metabólicos são os elementos que estão constantemente transformando as substâncias terrestres, seja por meio da alimentação ou da ação humana. Eles são, portanto, os órgãos criativos.

A imagem do Minotauro mostra a vitória do ser humano sobre a força das emoções taurinas, obtida por meio do punhal (símbolo da morte). O touro é mordido pelo escorpião ou pela serpente.²⁸

E quanto a Aquário?

Aquário é o representante do ser humano, aquele que possui as outras três forças em equilíbrio. Contudo, não alcança, em sua estruturação, totalmente o corpo físico, mantendo-se no estágio do âmbito das forças vitais. Ele é o corpo vital regenerador do ser humano. Por isso, às vezes é denominado também como anjo: não é de natureza terrena, mas celeste.

Águia, Leão, Touro e Aquário são, portanto, representações das forças cósmicas atuantes sobre a Terra e o ser humano. Não só as esfinges do Egito representavam tais seres. Também na Grécia, nos mistérios de Delphos, havia a esfinge que alertava o visitante com a frase: "Conhece-te a ti mesmo"; só era permitida a entrada no templo a quem respondesse ao enigma da esfinge, ou seja, dominasse com seu eu as forças do pensar, do sentir e do agir e as mantivesse 'humanas', isto é, em equilíbrio.

Os quatro evangelistas são representados por essas quatro forças, conhecidas como 'animais apocalípticos':

- João é representado pela Águia, tendo ressuscitado de várias mortes (livra o ser humano de seu corpo).

²⁸ V. mais detalhes sobre os aspectos fisiológicos do pensar, sentir e querer em Walther Bühler, *O corpo como instrumento da alma*, trad. Ursula Szajewski (São Paulo: Associação Beneficente Tobias, s.d.).

- Marcos é representado pelo Leão (seu Evangelho é repleto de frases curtas, sendo bastante direto).
- Lucas é representado pelo Touro (seu Evangelho é repleto de imagens, aliás repetitivas, como se ele 'ruminasse' o assunto).
- Mateus é representado pelo Aquário, ou o Anjo.

Ezequiel já tivera essa magnífica visão alegórica dos evangelistas, pintada por Rafael (figura 26).

O conto a seguir, dos Irmãos Grimm, também aborda de maneira singela essas forças. (V. os mosaicos de Ravenna nas figuras 27, 28 e 29.)

A BOLA DE CRISTAL



Era uma vez uma feiticeira que tinha três filhos. Os rapazes amavam-se extremosamente. A velha, entretanto, desconfiada de que eles pretendiam expropriá-la, transformou o mais velho numa águia, condenando-o a viver nos píncaros rochosos. Apenas algumas vezes ele podia ser visto, descrevendo grandes círculos no espaço, descendo e subindo com as largas asas abertas.

O segundo filho foi transformado numa baleia. Ele vivia nas profundezas do mar e podia ser visto apenas quando subia à tona, quando de suas costas saía um jorro d'água que espirrava a grande altura. A ambos a feiticeira concedeu duas horas por dia em que poderiam retornar às suas formas humanas.

O terceiro filho fugiu, pois temia que sua mãe o transformasse também em alguma fera.

No Castelo do Sol de Ouro, havia uma princesa encantada que aguardava sua libertação. Entretanto, para libertá-la era preciso arriscar a própria vida. Vinte e três rapazes já haviam perecido deploravelmente; ainda mais um poderia apresentar-se, e depois dele mais ninguém.

Sendo um rapaz destemido e arrojado, o terceiro filho da velha feiticeira resolveu procurar o Castelo do Sol de Ouro. Depois de caminhar por muito tempo sem conseguir encontrá-lo, viu-se numa grande floresta. Tendo-se extraviado, não sabia como sair dela. De repente avistou ao longe dois gigantes acenando-lhe com a mão, e ao aproximar-se eles lhe disseram:



FIGURA 26 – A visão de Ezequiel (de Rafael) — Palácio Pitti, Florença

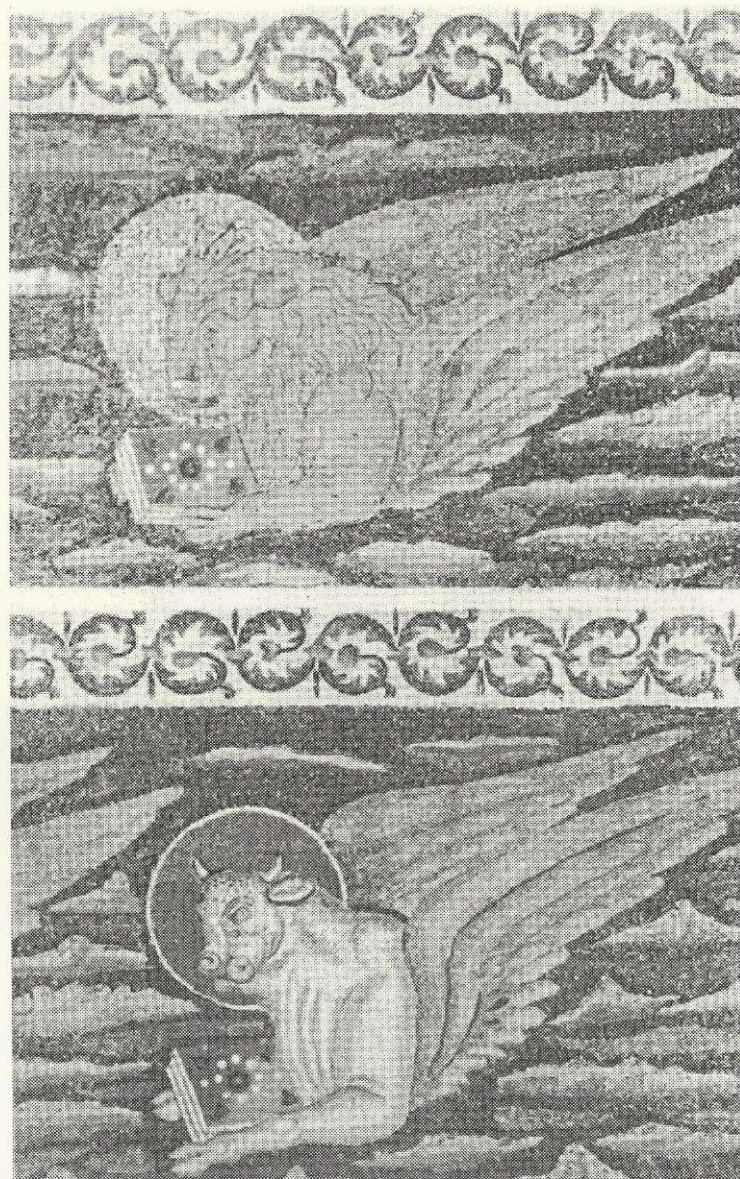


FIGURA 27 – Marcos (Leão) e Lucas (Touro) — Mosaicos de Ravenna

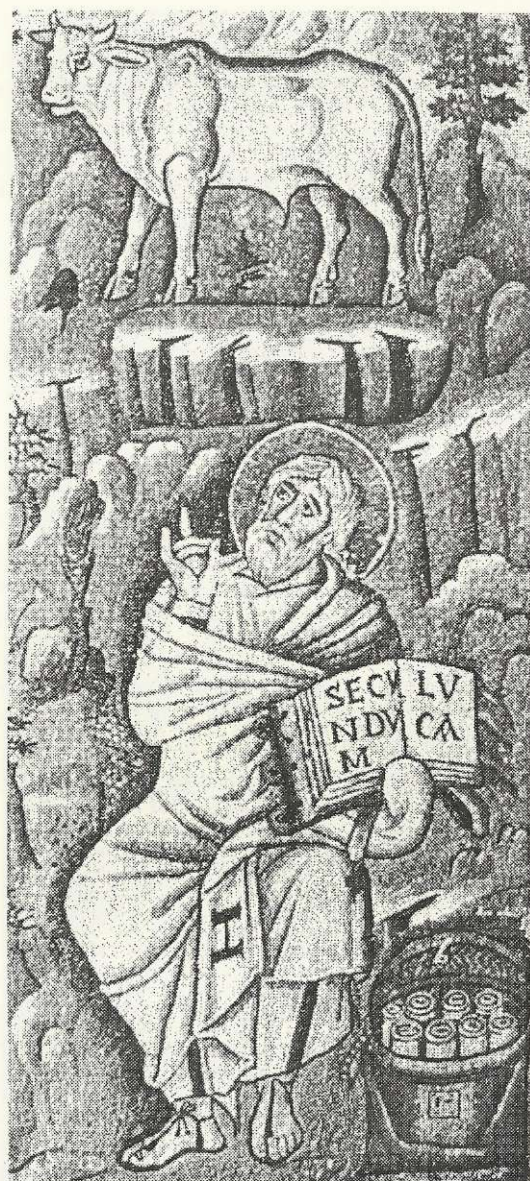


FIGURA 28 – O evangelista Lucas — Basílica de São Vitale, Ravenna

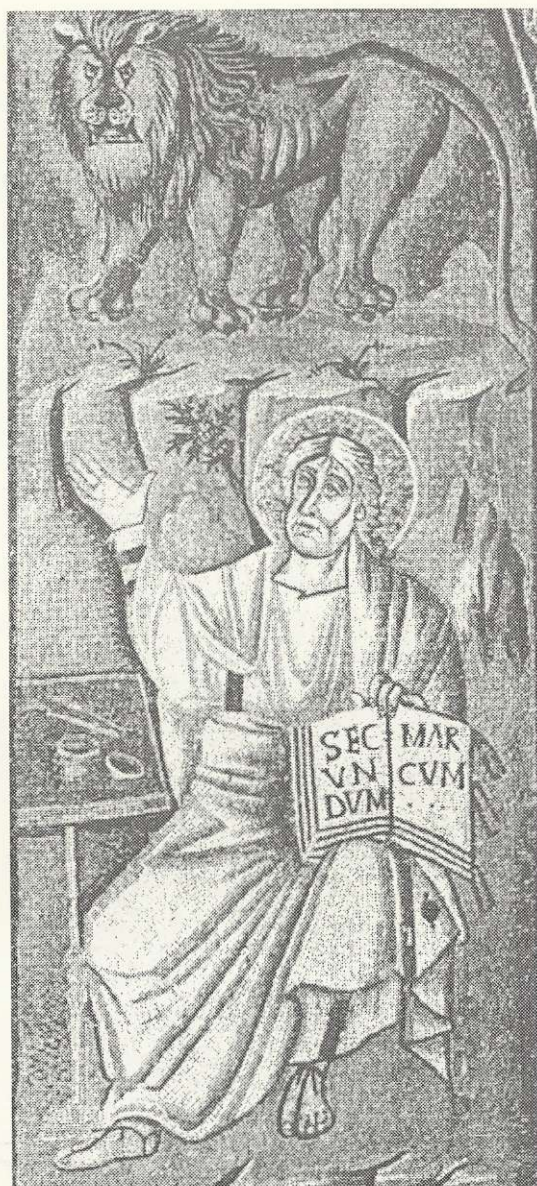


FIGURA 29 – o evangelista Marcos — Basílica de São Vitale, Ravenna

— Estamos brigando por causa de um chapéu; queremos saber a quem de direito ele deve pertencer. Como somos ambos de igual força, nenhum pode vencer o outro. Os homens pequenos são mais inteligentes do que nós; por isso pedimos que tu decidas.

— Como é possível engalfinhar-se assim, por causa de um simples chapéu? — perguntou ele.

— É que não conheces as propriedades deste chapéu; ele é mágico! Quem o põe na cabeça chega, no mesmo instante, a qualquer lugar que deseje.

— Dá-me um pouco desse chapéu! — disse o rapaz. — Vou andar até aquela distância e, quando vos chamar, correi os dois juntos; quem chegar primeiro ganhará o chapéu.

Pegou o chapéu, colocou-o na cabeça e saiu andando, andando. Mas, pensando sempre na princesa, exalou um suspiro do fundo da alma e murmurou:

— Ah, quem me dera estar no castelo do Sol de Ouro!

Mal lhe saíram da boca essas palavras, eis que ele se achou no cume de uma montanha, bem em frente à porta do castelo. Sem hesitar, foi entrando e atravessando todos os aposentos, até chegar a uma sala onde estava a princesa. Mas como ele se espantou ao vê-la! Ela tinha um rosto de cor cinzenta e cheio de rugas, os olhos turvos e os cabelos vermelhos. Sem poder conter-se, ele exclamou:

— Então sois vós a princesa cuja beleza é exaltada no mundo inteiro?

— Oh! — respondeu ela. — Esta não é minha fisionomia real. Os olhos humanos só podem ver-me assim deformada, mas se queres saber como sou realmente, olha naquele espelho; ele não te enganará e te mostrará minha verdadeira imagem.

Assim dizendo, apresentou-lhe um espelho; e o rapaz, olhando para ele, viu refletida a imagem da mais linda moça que podia existir no mundo. Observou também lágrimas de intenso sofrimento escorrendo-lhe pelas faces. Então perguntou:

— Que posso fazer para libertar-te desse encanto? Dize, pois eu não temo coisa alguma.

A princesa lhe revelou:

— Quem conseguir apoderar-se da bola de cristal e apresentá-la ao feiticeiro anulará seu poder, e eu readquirirei meu verdadeiro

aspecto. Contudo — acrescentou —, muitos já encontraram a morte por tentar! Lamento imensamente que tu, tão jovem, queiras expor-te a tão graves perigos.

— Nada poderá deter-me — respondeu o rapaz. — Dize-me, porém: o que devo fazer para apoderar-me da bola de cristal?

— Já sabererás de tudo — disse a princesa. — Se desceres a montanha onde está o castelo, lá embaixo, perto de um manancial, encontrarás um feroz bisão, com o qual terás de lutar. Se conseguires matá-lo, sairá voando dele um pássaro de fogo, carregando em seu corpo um ovo incandescente; nesse ovo, no lugar da gema, está a bola de cristal. Mas o pássaro não soltará o ovo se não for violentamente obrigado a tal; além disso, se o ovo cair no chão se quebrará e incendiará tudo à sua volta, destruindo-se no fogo juntamente com a bola de cristal, de maneira que, nesse caso, todo o teu trabalho terá sido inútil.

Tendo escutado a princesa, o rapaz desceu até o manancial onde se encontrava o bisão, que o recebeu bufando e resfolegando, ameaçador. No mesmo instante, travou-se entre os dois uma tremenda luta, e o rapaz conseguiu enterrar-lhe a espada no ventre, prostrando morta a terrível fera. Imediatamente saiu voando o pássaro de fogo, procurando elevar-se no espaço; mas a águia, que era o irmão do rapaz, chegou nesse momento através das nuvens, investiu contra o pássaro e, com o bico adunco, empurrou-o para o mar. A ave, vendo-se em perigo, deixou cair o ovo.

Mas o ovo não caiu no mar; caiu sobre uma choupana de pescadores situada na praia. Ao atingi-la, imediatamente se elevou uma nuvem de fumaça e o fogo incandesceu; então no mar se elevaram ondas da altura de uma casa, despejando-se sobre a choupana e extinguindo o fogo. Isso fora obra do outro irmão transformado em baleia, o qual, vendo o fogo, sublevara as ondas.

Depois de extinto o incêndio, o rapaz foi em busca do ovo e, por grande sorte, o achou. Este não tivera tempo de derreter-se, mas a casca incandescente, resfriada repentinamente pela água gelada, partira-se por inteiro. Assim, foi possível extrair a bola de cristal de seu interior.

Quando, finalmente, o rapaz foi ter com o feiticeiro e exibiu-lhe a bola de cristal, o bruxo lhe disse:

— Meu poder está anulado; de hoje em diante, serás o rei neste Castelo do Sol de Ouro. E agora também tens poder para restituir a teus irmãos a forma humana.

Então o rapaz correu para junto da princesa e, ao entrar na sala em que esta se achava, encontrou-a em todo o esplendor de sua radiosa beleza.

Cheios de alegria, eles trocaram as alianças que deviam uni-los e viveram na mais perfeita felicidade.

Irmãos Grimm

Comentários

Neste conto se apresentam também algumas imagens das forças zodiacais. O casamento com a princesa é sempre a imagem da união do ser humano com seu Eu Superior. Antes de alcançá-la, o homem deve vencer diversas provas. A primeira delas é vencer e matar suas próprias forças de Touro. A vitória do homem sobre a esfera metabólica das paixões, das cobiças – enfim, do ser humano biológico – é representada, numa das imagens mais antigas, pela vitória sobre o touro. Essa imagem é a do Minotauro. Na época greco-romana havia também o culto a Mitra, no qual o iniciado tinha de vencer um touro (v. figura 30).

A segunda prova a ser vencida é impedir seu eu de fugir para as alturas luciféricas. Esta fase é representada pela força pensante da Águia (o primeiro irmão, que impede o pássaro de voar).

Em seguida, caso o eu, em seu egoísmo, se choque contra a terra, poderá provocar incêndios. Isto é evitado pelas forças de Aquário, na imagem da baleia jogando água para apagar o fogo – curando, harmonizando. As mesmas forças aquarianas do amor são igualmente capazes de dissolver a casca do ovo e libertar a Bola de Cristal, imagem do Eu Superior.

Com a ajuda dos dois irmãos, portanto, o terceiro irmão finalmente vence as provas, podendo trilhar seu caminho evolutivo.



FIGURA 30 – Altar de Mitra — Basílica de São Clemente, Roma

7. O zodíaco e os quatro elementos

Sua utilização na agricultura e as três cruces zodiacais

Desde os tempos mais antigos, existe uma relação entre as diversas forças do zodíaco e os quatro elementos: fogo, ar, água e terra. O fogo, simbolizado por $\odot$, abrange os signos de Áries, Leão e Sagitário. O ar, cujo símbolo é Δ , compreende Gêmeos, Balança e Aquário. Peixes, Câncer e Escorpião são os signos relacionados à água, representada por $\mathcal{D}$. Finalmente, Touro, Virgem e Capricórnio correspondem ao elemento terra, cujo símbolo é $\square$.

No círculo zodiacal, sempre um signo de fogo é seguido por um de terra, depois um de ar e, fechando o ciclo, um de água. Esta formação mantém o equilíbrio entre os elementos, pois fogo e ar são elementos com força de expansão, enquanto em água e terra predomina a concentração. Ao unirmos os pontos dos signos ligados ao mesmo elemento, formam-se triângulos equiláteros (fig. 31).

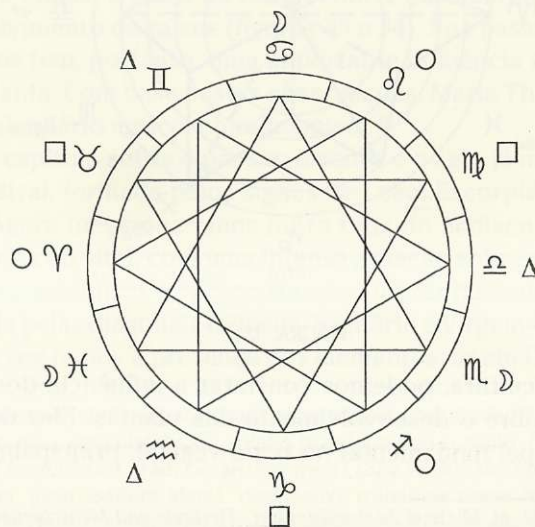


FIGURA 31

Na ordem geral, portanto, sempre um signo de um elemento que se expande é seguido por outro que se contrai (figura 32).²⁹

Assim, no círculo todo temos um ritmo formado por contração, expansão, contração, expansão. A maior contração – $\square$ – é seguida pela maior expansão – $\bigcirc$ –, e a menor contração – $\mathcal{D}$ – pela menor expansão – Δ . Este ritmo se repete por seis vezes, equilibrando a polaridade entre os signos. Os opostos, unidos por diagonais, pertencem sempre a dois tipos expansivos (fogo e ar) ou a dois tipos contrativos (terra e água).

Além disso, ao se cruzarem os diâmetros, surgem cruzes com ângulos de noventa graus. Nessas cruzes a seqüência sempre é fogo, água, ar e terra.

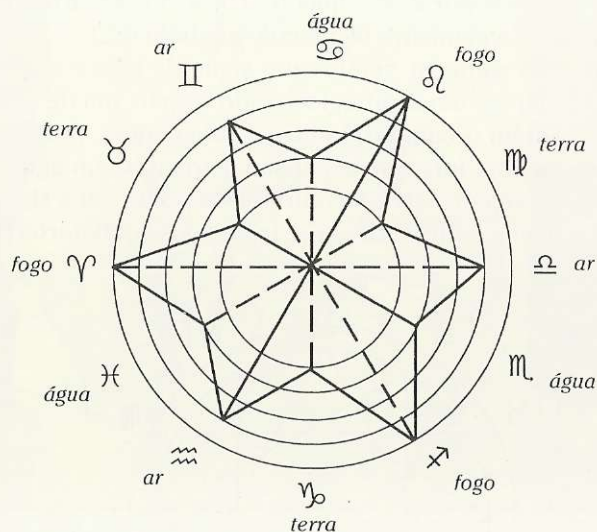


FIGURA 32

Na agricultura, podemos constatar a influência dos quatro elementos sobre o desenvolvimento das plantas. Eles desempenham um papel fundamental no reino vegetal, principalmente na

²⁹ Figuras 31 e 32: cf. Michael Aschenbrenner, *Tierkreis und Menschenwesen* (Dornach: Philosophisch-Anthroposophischer Verlag, 1972).

agricultura biodinâmica, como podemos constatar nos experimentos de Maria Thun.³⁰ Por meio de experiências feitas durante mais de 25 anos, Thun concluiu que o desenvolvimento dos vegetais depende das posições da Lua, do Sol e dos planetas em relação às constelações zodiacais.

A planta vive na dependência dos quatro elementos. A terra – o elemento mineral – atua intensamente sobre as raízes; a água, principalmente sobre o desenvolvimento das folhas; a luz (ar), em seu florescimento; e o calor (fogo) no desenvolvimento dos frutos e sementes. Assim, em épocas de muita chuva, pouco sol e calor, as plantas formam mais folhas e florescem pouco. Na sombra há mais produção de folhas (condição ideal para as folhagens ornamentais); no sol, a mesma planta produzirá mais flores e as folhas perderão o viço. Quando se desejam alfaces mais ‘folhudas’, deve-se regá-las duas vezes ao dia, caso contrário, em época de calor e luz, elas florescerão.

Maria Thun observou que a Lua, ao passar pelos signos do fogo (Leão, Áries, Sagitário), favorece a formação de sementes e frutos; pelos signos do ar ou de luz (Gêmeos, Libra, Aquário), o florescimento; pelos da água (Câncer, Peixes, Escorpião), o crescimento de folhas; e pelos da terra (Touro, Capricórnio, Virgem), o desenvolvimento de raízes (figuras 33 e 34). Sua passagem por esses signos tem, portanto, uma importante influência sobre as partes da planta. Com base nestas observações, Maria Thun desenvolveu o ‘calendário agrícola biodinâmico’.³¹

No capítulo sobre o pensar, o sentir e o agir, já mencionamos a cruz astral, formada pelos signos de Leão, Escorpião, Aquário e Touro. Agora mencionaremos outra cruz do zodíaco. Trata-se da cruz etérica ou vital, com uma intensa atuação sobre as forças etéricas macrocósmicas e microcósmicas (no ser humano). Essa cruz é formada pelas diagonais Gêmeos–Sagitário e Virgem–Peixes. Também na cruz temos a presença dos elementos: ar em Gêmeos, fogo

³⁰ A agricultura biodinâmica foi criada e transmitida por Rudolf Steiner em 1923, num curso para agricultores (v. edição brasileira sob o título *Fundamentos da agricultura biodinâmica*, trad. Gerard Bannwart [São Paulo: Antroposófica, 1991]). Maria Thun, pesquisadora alemã, desenvolve trabalhos nesse sentido.

³¹ Vide Maria Thun, *O trabalho na terra e as constelações* (Botucatu: Centro Deméter, Cadernos Deméter [2], 1986).

em Sagitário, água em Peixes e terra em Virgem. Dessas quatro direções irradiam forças vitais que se manifestam como forças da manhã, da tarde, do meio-dia e da meia-noite. Essas forças desempenharão um papel importante na evolução futura da humanidade, permitindo o aparecimento de novas formas de ocultismo, conforme mencionou Rudolf Steiner.

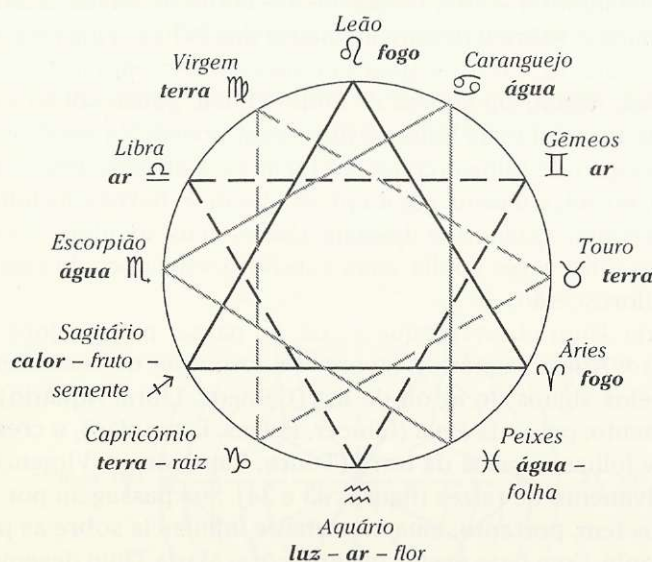


FIGURA 33

As forças matutinas e vespertinas (Virgem e Peixes) exercem uma ação extremamente harmoniosa; elas têm uma relação íntima com o Cristo. As imagens da Virgem com a Criança, e também a Pietà, imagem de Maria com Jesus Cristo morto, representam bem as forças de Virgem. Por outro lado, Peixes, representando o próprio Cristo, é a imagem da capacidade máxima de doação, de multiplicação e de transformação.

Também as forças da meia-noite e do meio-dia contêm imagens de criança. Tanto Sagitário quanto Gêmeos trazem essa imagem; o primeiro representa a força do homem adulto que não pode deixar morrer a criança em si, e o segundo contém as forças desta

última. Tais imagens de criança têm relação com as forças plasma-
doras vitais de crescimento e de regeneração do organismo.

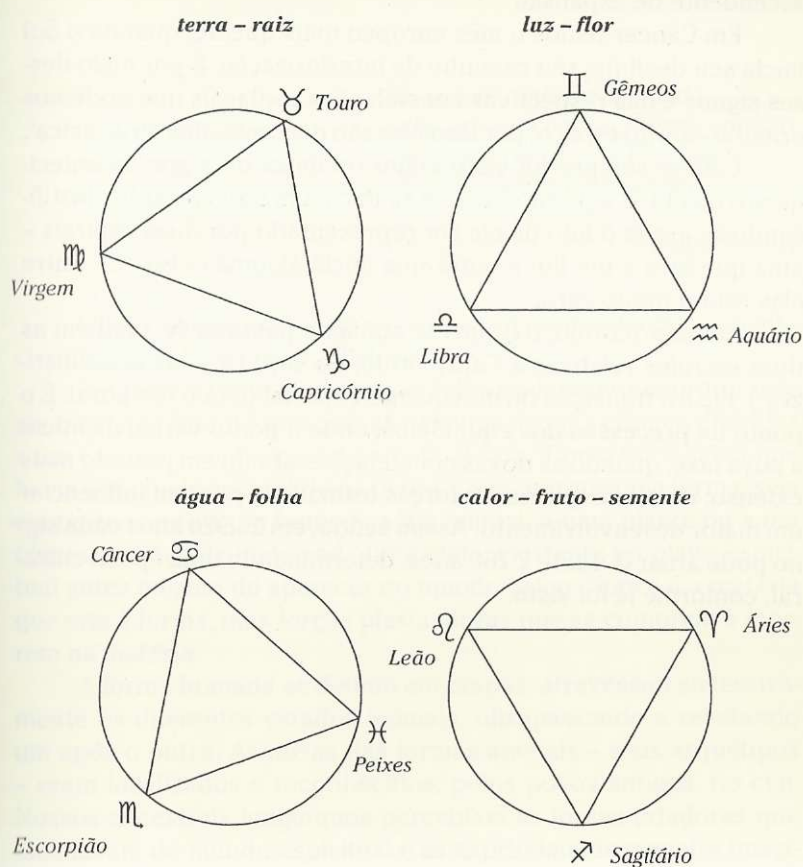


FIGURA 34

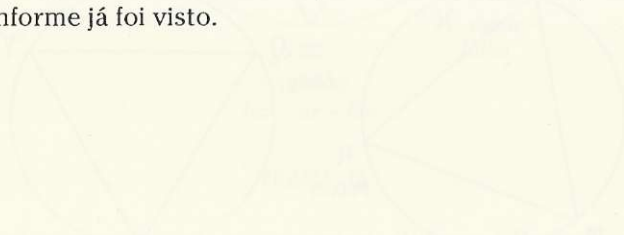
A terceira cruz, a cruz física, é formada por Áries, diagonalmente oposto a Libra, e Capricórnio, diagonalmente oposto a Câncer. Esses quatro signos estão situados em pontos decisivos em relação ao aumento da intensidade da luz solar. Áries e Libra correspondem à igualdade entre dia e noite; Câncer e Capricórnio marcam o ponto mais elevado e o mais baixo em relação ao Sol. Em

Capricórnio – no mês de janeiro –, atinge-se o máximo do frio e da escuridão no Hemisfério Norte. É quando o Sol inicia seu impulso ascendente de expansão.

Em Câncer temos o mês europeu mais quente, quando o Sol inicia seu declínio, seu caminho de interiorização. É por meio desses signos e das respectivas constelações zodiacais que podemos orientar-nos no espaço; por isso eles são denominados 'cruz física'.

Câncer sempre foi visto como o clímax de algum acontecimento ou era. É a partir dele que se inicia um novo amanhã, justificando-se assim o fato de ele ser representado por duas espirais – uma que leva a um fim e outra que inicia alguma coisa: ☿. Entre elas está o ponto zero.

Em Capricórnio, o futuro se apóia no passado (v. também as duas estrofes relativas a Capricórnio, no cap. 13 – 'Os doze matizes'). Ele é a transição do movimento espacial para o temporal. É o ponto de precessão dos equinócios, onde o ponto vernal dá início a nova fase, quando as novas constelações atuam em período mais extenso, de modo que novas forças formativas possam influenciar um maior desenvolvimento. Assim sendo, em 25.920 anos cada signo pode atuar durante 2.160 anos, determinando uma época cultural, conforme já foi visto.



8. A expressão do zodíaco no corpo humano

*Se queres conhecer o mundo,
olha primeiro em teu próprio coração.
Se queres conhecer a ti mesmo,
dirige teu olhar ao Universo.*

Rudolf Steiner

O fato mais misterioso e o menos acessível ao pensamento científico atual é o enigma da forma.

Como uma forma pode nascer? Não poderíamos exprimir este problema melhor do que com as palavras de uma criança dirigidas a um escultor, conforme relata C. Cesbran: “Como você sabia que havia um cavalo escondido na pedra?” Sim, porque uma forma, seja ela pertencente a um homem, a um animal, a uma planta ou a um objeto, é antes de mais nada uma idéia, existente no plano espiritual antes mesmo de aparecer no mundo físico. Nunca é a matéria que cria a forma, mas forças plasmadoras que se cumprem e morrem na matéria.

A forma humana se definiu em etapas; atravessou sucessivamente os diferentes estados animais, ultrapassando e rejeitando um após o outro. As idéias das formas animais – seus arquétipos – eram localizados e reconhecidos, pelos povos antigos, no céu. Nossos ancestrais longínquos percebiam as forças criadoras que emanavam do mundo espiritual e as exprimiam de maneira imaginativa no que chamaram de ‘círculo dos animais’ ou ‘zodíaco’. À medida que nossos órgãos sensoriais se desenvolveram, a visão espiritual foi-se enfraquecendo, de modo que onde nossos ancestrais percebiam os arquétipos animais nós não vemos mais do que constelações.

Entre esses arquétipos e sua reprodução material, fez-se necessário um intermediador; é o caso do escultor mencionado acima e, ainda, dos *Elohim*, os ‘Espíritos da Forma’ dos quais nos fala o *Gênesis*. No momento, o objeto de nosso estudo é a relação dos

arquétipos animais com a forma humana, e por isso não nos concentraremos nas forças criadoras.

O que os antigos percebiam desses arquétipos, eles o representavam desenhando as formas animais que sabiam ter relações com a forma humana. Assim, as diferentes imagens do zodíaco foram relacionadas com as diferentes regiões do corpo. São nessas relações que tentaremos aprofundar-nos.

A figura abaixo poderá servir-nos de lembrete:

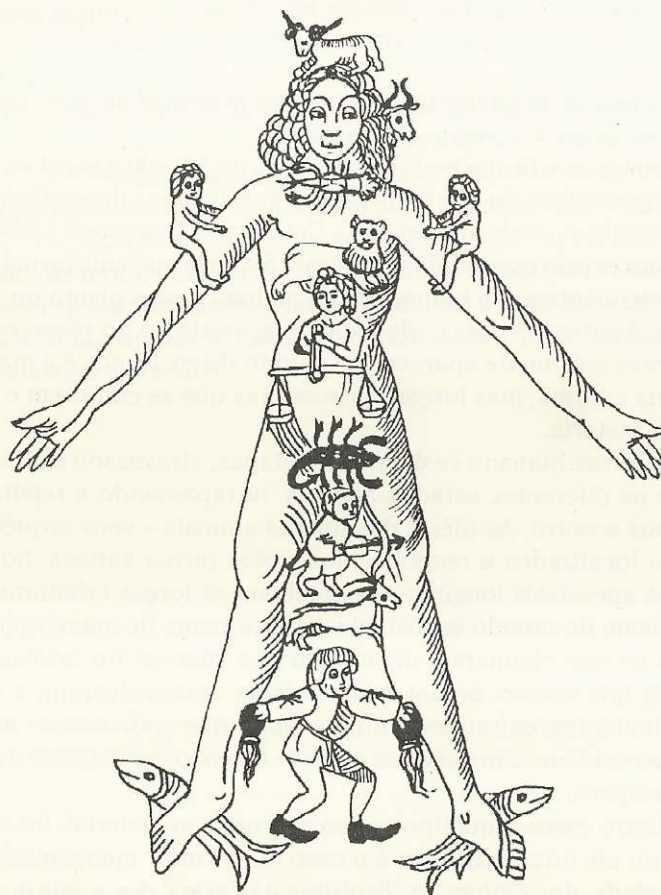


FIGURA 35

Segundo nos esclarece Rudolf Steiner, os processos formativos, partindo do Cosmo, interiorizam-se progressivamente em nós a partir de nossa cabeça. Nosso crânio é a imagem da abóbada celeste, e o fato de pensarmos também é uma maneira de interiorizarmos o Cosmo sob forma de pensamento. Com certo orgulho e ingenuidade, nós cremos estarmos criando nossos pensamentos; na verdade, nós captamos a substância cósmica com a ajuda do cérebro, que nada mais é senão um instrumento de conscientização.

Assim sendo, o homem pode ser visto como uma planta em posição invertida: o cérebro, com suas milhares de conexões e vasos sangüíneos, corresponderia à raiz; o tórax equivaleria às folhas, e o abdome e os membros aos frutos. Ao estudarmos a estrutura anatômica do cérebro, descobrimos uma infinidade de filetes nervosos finamente ramificados, os quais, tal como as raízes das plantas absorvem os nutrientes do solo, captam os pensamentos advindos do Cosmo. Em seguida nossos pensamentos são formados tal qual se forma uma planta a partir das substâncias absorvidas do solo pela raiz. Nos contos e lendas antigos, a árvore é frequentemente a imagem do sistema nervoso – sendo que em relação ao homem, na verdade, deve-se representá-la invertida.

Em seu livro *A direção espiritual do homem e da humanidade*³², Rudolf Steiner diz que se, no instante do nascimento, pudéssemos fotografar o cérebro do recém-nascido e o céu, obteríamos imagens similares, possuindo cada ser humano uma imagem própria.

Nossos antepassados costumavam representar as forças formativas da cabeça com a imagem do carneiro, geralmente com a cabeça voltada para trás. Este movimento simbolizava não apenas sua relação com o Cosmo, mas também com o passado. Isso não nos surpreende quando sabemos que a cabeça é estruturada por forças provenientes da encarnação precedente, sendo, ela mesma, imagem do passado.

O pensamento por si mesmo, a representação mental, só pode referir-se ao que já existiu – ao passado. Nós não podemos pensar o futuro, como tampouco voltar ao passado. Certamente podemos

³² Cit. (v. nota 11 na p. 33).

projetar nossos pensamentos para o futuro, mas estes não passarão de imagens provenientes do passado.

Assim, essas forças de Áries formam nossa cabeça – mais precisamente, nosso crânio – com o que trazemos de encarnações passadas. São essas forças as primeiras a atuar em nós. A cabeça, e particularmente o sistema nervoso, iniciam o desenvolvimento embrionário. Se atuassem apenas as forças de Áries, seríamos um organismo esférico, cósmico, porém inaptos para uma vida terrestre.

Com Touro começamos a descer para a Terra. Não é mais para o Cosmo que olhamos, mas para o que nos rodeia de imediato. (Os herbívoros como o touro, com a disposição lateral de seus olhos, têm um ângulo de visão muito amplo e percebem tudo o que se passa a seu redor.) Touro, que os antigos representavam saltando, faz-nos interiorizar o movimento, segundo nos diz Rudolf Steiner. Em nosso corpo, isto é observado no pescoço e na face. Ao contrário do nosso cérebro, que deve permanecer praticamente em repouso, o pescoço nos permite movimentos em várias direções: flexões para cima e para baixo e rotações para os lados, em torno de um eixo vertical. Essa região possui ainda uma aptidão particular no âmbito do movimento: a fala, realizada pelas cordas vocais e toda a restante articulação do aparelho fonador.

Partindo dos espaços cósmicos, atravessamos nosso ambiente imediato e abordamos agora o limite externo do nosso organismo: a pele. Essa abordagem é a mesma realizada ao nos tocarmos – nós tomamos consciência de nós mesmos tal qual o fazemos ao tocar outras pessoas, com a diferença de que agora se trata de uma dupla tomada de consciência. Assim, ao juntarmos as mãos no gesto da oração, a mão direita toma consciência de si mesma, intensificando a postura interior.

De maneira geral, podemos dizer que com Gêmeos o ser humano destros toma consciência do ser humano canhoto, e vice-versa. Confrontar a direita com a esquerda é tomar consciência de sua diferença. Na maravilhosa miniatura 'Três ricas horas do Duque de Berry', Pol de Limbourg representou o homem em relação a esse signo zodiacal. Ao longo de cada braço colocou um dos Gêmeos, simbolizados por uma mulher à esquerda e um homem à direita. À esquerda da imagem figura, em medalhão, um homem e uma mulher, para simbolizar também os Gêmeos, apesar de freqüentemen-

te estes serem representados por crianças. Sem dúvida o artista, por meio desse dimorfismo, quis insistir na diferença entre a esquerda, mais passiva, e a direita, mais ativa. Essa confrontação entre os lados esquerdo e direito do homem, a tomada de consciência de suas diferenças, é muito importante. Imaginem por um instante que os dois lados fossem rigorosamente simétricos, sendo o lado esquerdo uma imagem reflexa do direito; ambos estariam separados por um plano de simetria rigoroso – o do espelho –, que não deixaria qualquer espaço entre eles. Então nós seríamos seres matemáticos, seres mortos. A diferença entre a esquerda e a direita cria, de certa maneira, um espaço, permitindo ao eu, à chama crística em nós, realizar o equilíbrio entre os impulsos luciféricos, advindos da esquerda, e os arimânicos, advindos da direita. Sem o eu, reinaria apenas a dualidade, a característica de Gêmeos: do lado direito são as forças do corpo físico que predominam, e do lado esquerdo são as do corpo etérico.³³

Por esse fato, o eu – e com ele o corpo astral – é mais encarnado à direita, onde há uma consciência mais desperta, enquanto a esquerda é mais submissa às influências etéricas e fica mais aberta às influências cósmicas, com inclinação ao sonho (consciência imagética). Por isso as linhas da mão direita refletem a atividade presente, enquanto as da esquerda revelam o carma do homem, conforme disse Rudolf Steiner a jovens médicos na conferência de 8 de janeiro de 1924.³⁴

Com Gêmeos chegamos à fronteira do organismo. Um passo a mais e estamos em nosso interior, expresso por Câncer, que em latim significa 'caranguejo', mas também 'grade' e 'cerca'. Suas patas torácicas desenhavam como que uma gaiola. Suas costelas não seriam as grades da caixa torácica, a parte do corpo que corresponde ao signo de Câncer? Com este signo nós nos recolhemos em nós mesmos, penetramos em nosso corpo físico. Com Gêmeos estávamos ainda no exterior, sentindo-nos livres como se tivéssemos asas. Agora estamos mergulhados em nosso organismo, que, com efeito, contém mais de sessenta por cento de água. É isso o que

³³ V. Rudolf Steiner, *Anthroposophie, Psychosophie, Pneumatosophie*, GA-Nr. 115 (3. ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1980).

³⁴ Em *Meditative Betrachtungen und Anleitungen zur Vertiefung der Heilkunst*, GA-Nr. 316 (8. ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1995).

ilustra o conto 'João e Maria', dos Irmãos Grimm, quando João é preso na casa da bruxa.

Esse processo de interiorização é encontrado também no desenvolvimento embrionário, quando o embrião se enrola e a cavidade toraco-abdominal se forma por invaginação, fechando-se sobre si mesma. Esse desenvolvimento é homólogo à gastrulação, facilmente observável nos anfíbios.

Observemos a caixa torácica. Em seu conjunto ela possui uma forma arredondada, é ainda 'cabeça', mas cada costela constitui um elemento alongado, compondo, de certa forma, um membro. Vista de cima, a caixa torácica apresenta uma forma espiralada, uma curvatura que se acentua de frente para trás, iniciando um turbilhão e lembrando singularmente a forma do símbolo de Câncer.³⁵ Segundo Rudolf Steiner, na costela temos o equilíbrio entre a cabeça e os membros, entre o cósmico e o terrestre.

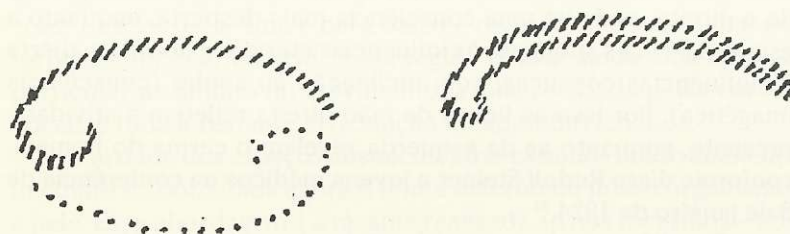


FIGURA 36

Voltemos ao conto de João e Maria. A casa de doce e a bruxa são duas faces de um mesmo princípio feminino. Primeiro as crianças são acolhidas nesta casinha que lhes oferece doçura e proteção, mas em seguida essa matéria que possuía tantos atrativos transforma-se em prisão e as submete. (As palavras 'mãe' e 'matéria' têm uma raiz latina comum; será que a encarnação, que começa tão agradavelmente, não vem a ser para o eu e para a alma – João e Maria – a origem de tantas atribulações? De forma análoga, a huma-

³⁵ É interessante notar que a língua alemã utiliza a mesma palavra – *Wirbel* – para designar tanto 'turbilhão' quanto 'vértebra', e que a palavra francesa *vertèbre* tem sua raiz no verbo latino *vertere*, 'entornar'.

nidade, tendo sonhado com o conforto materialista, constata que este se transforma cada vez mais numa insuportável escravidão.)

Prosseguindo, se a relação entre Câncer e a caixa torácica salta aos olhos, numa primeira abordagem fica menos visível como esse signo pode estar relacionado ao asno. Novamente será por meio dos contos de fadas que encontraremos o fio condutor.

O que o asno simboliza? Nós o compreenderemos ao compará-lo com seu 'primo', o cavalo, cuja vivacidade ele não possui. O cavalo galopa, crina e cauda ao vento, livre em seu elemento ar; o asno, ao contrário, trota passivamente, sem perder o contato físico com a terra. Ele é a imagem da doçura e da humildade, assim como da modéstia; sua coloração parda aproxima-o da terra e, portanto, do corpo físico. Não é ele que se contenta também com vegetais como o cardo, uma planta espinhosa que tende ao mineral? Assim, se o cavalo se relaciona com as forças do ar e do corpo astral, o asno é a imagem do corpo físico, do qual possui a resistência.

Dentre os quatro elementos constitutivos do homem, o corpo físico é o mais velho, aquele que no curso evolutivo teve início no 'antigo Saturno'. Por esse fato é também o mais aperfeiçoado, aquele que maior sabedoria encerra. O asno – relacionado com o corpo físico – é portador dessa sabedoria, não para si mesmo, mas para os outros; e, como vemos nos contos de Grimm, ele a distribui sob forma de moedas de ouro ao sacudir-se.

É nesse representante do corpo físico que o eu se instala durante a encarnação, passando da luz cósmica para a obscuridade da matéria. Não temos consciência e nem acesso à sabedoria de todos os processos que se desenrolam no interior do organismo, "a não ser que desenvolvêssemos orelhas de asno", graças às quais os processos orgânicos internos nos seriam perceptíveis. O metabolismo, as transformações se fazem no elemento líquido (Câncer é um signo da água), segundo leis musicais acerca do efeito do éter sonoro, também chamado éter químico. Nesse sentido, o asno é um músico notável, e é por isso que os antigos escultores o representavam, nos capitéis das catedrais, tocando harpa ou viola. (Rudolf Steiner também relaciona o sentido da audição a Câncer, o mesmo signo do asno.)

É fácil entender também por que o asno, a imagem do corpo físico, está presente no nascimento de Jesus de Nazaré, e por que

Cristo entrou em Jerusalém nas costas de uma jumenta. Montar uma jumenta não seria dominar as forças do corpo físico, transformá-lo em *atma* ou homem-espírito, esse corpo físico da ressurreição, depurado da substância e não possuindo da matéria mais do que suas leis?

Recordando: partimos dos espaços cósmicos e penetramos no corpo humano. O que encontramos aí? Simplesmente o conteúdo e, mais particularmente, o coração. De certo ponto de vista, podemos chamá-lo de domicílio do eu. Com efeito, quando designamos a nós mesmos como 'eu', não mostramos nossa cabeça – da qual tanto nos orgulhamos – nem nosso ventre, e sim nosso coração. E, para designar o signo do zodíaco que lhe corresponde, os antigos escolheram Leão. Por quê? Porque as forças que trabalharam no desenvolvimento do coração são particularmente ativas no leão. Observando este animal, vemos como a região do coração é desenvolvida em relação à cabeça ou à região metabólica. O tubo digestivo é quase rudimentar, e toda a parte posterior do corpo é pouco desenvolvida. Tais proporções se repetem na cabeça, com uma região mediana larga enquanto o crânio e os maxilares, sobretudo o inferior, são relativamente estreitos.

Sem dúvida não temos oportunidade de atentar para a coragem do leão, mas reencontramos essa qualidade 'de coração' no gato, capaz de confrontar-se com um cão bem maior do que ele, às vezes fazendo-o fugir. Leão é um signo de fogo, e não nos surpreende o fato de o coração ser o centro calórico do organismo, sendo que o calor é precisamente o elemento em que vive o eu.

Vimos como a caixa torácica se forma por gastrulação, pela formação de uma bolsa. Essa gastrulação é um processo tipicamente animal. Essa bolsa, segundo diz Rudolf Steiner, é preenchida principalmente pelo coração; mas enquanto no animal esse preenchimento é obra das forças do zodíaco, no homem ele provém de impulsos cuja origem está além do zodíaco. Nós ascendemos, assim, a uma outra dimensão espiritual.

Note-se ainda que o coração, assim como tudo o que está em movimento no organismo, forma-se a partir do mesênquima. Esse processo embrionário tem início logo abaixo do esboço do cérebro, e progressivamente o coração desce ao seu lugar definitivo. O sangue, por sua vez, começa por formar-se no pólo oposto, fora do

embrião propriamente dito, num anexo denominado 'lecitocèle', um órgão homólogo à gema do ovo. (Pode-se dizer que a gema do ovo é luz e calor transformados em substância, sendo também rica em enxofre.) Enquanto o coração desce, o sangue penetra no embrião pelo pedúnculo do lecitocèle e sobe ao coração, que então se põe a bater. Proveniente da luz, o sangue se transforma de novo parcialmente em luz no interior do coração. É isso o que Rudolf Steiner chama de 'eterização do sangue'.

Se quisermos compreender bem a etapa seguinte – a de Virgem –, teremos de retomar a comparação do homem com uma planta invertida, correspondendo suas raízes à cabeça, suas folhas ao tórax e suas flores e frutos ao ventre, região relacionada com Virgem: aquilo que vem da cabeça aquece o coração e chega à maturidade no ventre; esse processo de maturação é representado pela espiga carregada pela virgem. Algo que foi absorvido pelos órgãos sensoriais se transforma em substância orgânica – como já foi dito acima, a luz se transforma em substância. Rudolf Steiner nos surpreende ao revelar que a substância de todos os nossos órgãos, exceto a do sistema nervoso – cérebro e nervos – é de origem cósmica, e que nossos alimentos terrestres não constituem senão um aporte energético e material de construção do sistema nervoso. Até agora nada veio confirmar essa asserção, mas se isto ocorresse, certos enigmas da fisiologia humana – geralmente relegados ao silêncio – se tornariam explicáveis.

Se imaginarmos o processo de maturação da Virgem, o qual prossegue para além do fruto, vemos aparecer o grão, que se aproxima do mineral com sua forma freqüentemente poliédrica. Esse grão precisa escapar totalmente à vida para vencer, com a germinação, as forças físicas que o lançaram à terra. O que é, na realidade, o mineral senão a última etapa do processo? O que era energia se transformou em matéria; o movimento pereceu na forma. Trata-se também da universalização do esqueleto, que Rudolf Steiner diz ser 'imagem morta do eu'.

Com Libra, o único signo simbolizado por um objeto, somos confrontados com a força da gravidade da Terra. É nela que se encontram e se equilibram as forças cósmicas de levitação e as terrestres, de gravidade. Observando a forma na base da coluna vertebral – o sacro e as cristas ilíacas –, encontraremos a forma da

balança. Do mesmo modo, veremos essa imagem formada pela aorta abdominal e a veia cava inferior (o suporte vertical), as artérias e as veias renais (o suporte horizontal) e os rins (os pratos). Note-se que o rim direito (o prato direito) é situado mais abaixo do que o esquerdo, ou seja, é mais terrestre. (Na verdade, o aparelho renal só pertence parcialmente a Libra. A parte superior, constituída pelas supra-renais, pertence a Virgem, e a inferior, formada pelos ureteres e pela bexiga, a Escorpião.)

Até Virgem, mergulhamos progressivamente nas profundezas do organismo. Com Libra, a direção se inverte: dirigimo-nos novamente ao exterior, porém aproximando-nos cada vez mais da Terra. Essa exteriorização torna-se mais precisa com Escorpião, que corresponde não somente aos órgãos genitais, mas a todos os excretadores em geral. O que importa no escorpião, diz Rudolf Steiner, é o ferrão venenoso. Tudo o que eliminamos tem o caráter de veneno – como, por exemplo, a urina, que ao ser reinjetada na circulação se comporta como tóxico. Do mesmo modo, segundo Steiner, também as fezes, o suor, o sangue menstrual e até o esperma são tóxicos. Conseqüentemente, os órgãos excretadores são estruturados com vistas à excreção, à eliminação, processo com direção centrífuga. Um fato importante é que no homem esse processo não é contínuo, mas rítmico. Excetuando-se o suor – que não se forma exclusivamente na região de Escorpião –, existe um acúmulo das excreções no reto ou na bexiga, por exemplo. Essa retenção – inexistente nas aves, cuja excreção é praticamente contínua – tem importância considerável para o homem e para o desenvolvimento de seu cérebro. O mesmo Steiner diz que “sem a aparição do intestino grosso e do apêndice na linhagem animal não poderia existir, no plano físico, o homem pensante.” Nós só somos capazes de reter um pensamento pelo fato de, na outra extremidade, podermos reter nossas excreções; não é sem razão que chamamos de ‘miolo de passarinho’ ou ainda de ‘cérebro de peneira’ alguém sem memória, que se esquece de tudo.

Esses fatos esclarecem com uma luz particular as funções de Escorpião. Com a direção centrífuga de Escorpião, saímos outra vez inteiramente do organismo, no qual havíamos penetrado com Câncer. Existe, nessa altura do processo, uma inversão cujo centro – ou, ainda, cujo ponto de inversão – se situa no nível de Libra.

Reconsideremos o crânio: trata-se de uma formação óssea oca, encerrando em si as partes moles. Com a caixa torácica, a esfera se dilata e se expande. Com as cristas ilíacas, próprias da balança, e também com as omoplatas, o que era oco se torna plano. Seguindo o movimento, veremos os ossos planos enrolando-se sobre si mesmos e constituindo o cilindro dos ossos longos dos membros. O que estava no interior se encontra agora no exterior: as partes moles, que estavam aprisionadas no crânio, envolvem agora os ossos. Os membros, pelos quais o homem manifesta sua vontade, não são mais formados pelas forças cósmicas, e sim pelas forças terrestres que vimos aparecer com Libra.

Mas, e agora, o que será do zodíaco? Certo é que ele ainda atua, porém sua ação não se exerce mais diretamente, e sim por intermédio da Terra e das atividades humanas; é por seu entrosamento com a Terra, mas também pela oposição às forças terrestres, que o homem forma seus membros. Como já indicamos no início, se as forças cósmicas, aquelas que o eu traz dos mundos espirituais, agissem isoladamente, criariam um corpo esférico semelhante aos invólucros do embrião. Para que o homem seja dotado de membros, a fim de adaptar-se à vida na Terra, é necessário que as forças plasmadoras trabalhem conforme um modelo terrestre, fornecido pela mãe mediante a hereditariedade. Esse confronto entre as forças cósmicas e terrestres continua até por volta dos sete anos, época da individuação do corpo físico, quando ocorrem também as doenças infantis.

Essa oposição assume características diferentes em função da natureza das atividades humanas. Rudolf Steiner classificou as atividades primordiais do homem em quatro categorias, que relacionou às quatro últimas regiões do zodíaco – Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. Com Sagitário, o homem vem a ser caçador; com Capricórnio, domesticador; com Aquário, agricultor; e, com Peixes, comerciante. Todas as outras atividades profissionais, diz ele, provêm dessas atividades básicas.

Tentemos aprofundar-nos nessas relações. O caçador – que antigamente não possuía arma de fogo – era, antes de mais nada, aquele que perseguia, que andava, que corria, e também aquele que matava e capturava o animal. Correndo, o homem se comporta como o animal; utilizando uma arma – um instrumento –, ele vem a

ser homem, dando origem à imagem do Sagitário: meio animal, meio homem. Sua dominação sobre o animal, no entanto, é ainda exterior. A impressão que nos dá é de força. A região das coxas, correspondente a Sagitário, é também a mais musculosa do organismo, oferecendo um possante instrumento à vontade. Servindo-se de arco e flecha, no entanto, o Sagitário direciona sua força. Pela força de vontade dirigida, os membros superiores também pertencem ao domínio de Sagitário; a relação desses membros com Gêmeos refere-se essencialmente à sensibilidade (como as asas, sensíveis ao menor movimento do ar). Não será errado dizer que tudo o que é musculoso pertence ao Sagitário. As coxas não são mais do que a manifestação mais típica.

Essa extensão das funções de um signo a todo o organismo é generalizada. Assim, o homem não é somente Leão por seu coração, mas por todo o seu sistema arterial, com seu pulsar. Ele é principalmente Leão no nível do coração, principalmente Sagitário no nível das coxas, etc.

Com Capricórnio, a relação do homem com o mundo exterior – agora reduzido ao animal – se transforma. O homem já não age sobre o animal unicamente do exterior, capturando-o; ele o transforma interiormente e o domestica. Ele transforma o caráter selvagem independente do animal – representado pela cabra – fazendo com que este fique dócil, maleável como um peixe; daí a imagem meio cabra, meio peixe do Capricórnio. Ele torna flexível o que antes era rígido. É isso o que observamos nas articulações, sendo o joelho o exemplo típico. À dureza, à rigidez terrestre do osso se contrapõe a cartilagem articular flexível e resistente, com brilho de madrepérola, limitada, de um lado, pelo osso e, de outro, pelo líquido articular ou sinovial. Esse aspecto é ressaltado particularmente em certas imagens onde o Capricórnio é representado saindo de uma concha espiralada, tendo assim o calcário do osso, o brilho da madrepérola e o líquido interior. Na espiral da concha reencontramos as mesmas forças etéricas representadas nas pregas do manto de Cristo numa escultura em Vézelay,³⁶ as quais formam um

³⁶ Importante local de florescimento do estilo românico (a partir do séc. XII) na França, com sua igreja de *Sainte-Madeleine*, cujo tímpano exhibe a mencionada imagem. É também o ponto central de partida para Santiago de Compostela. (N.E.)

admirável turbilhão sobre o joelho esquerdo. Os escultores da Idade Média percebiam ainda essas forças etéricas.

Contudo, qual é a relação entre a articulação e a domesticação? O animal apareceu na Terra quando o homem era ainda um ser puramente etérico; assim, o animal se fixou e se mineralizou mais precocemente. Para domesticá-lo, o homem precisou imprimir-lhe sua plasticidade para cumprir o que as forças do Capricórnio realizam na articulação. Notemos que a aparição dos animais domésticos remonta ao período atlântico – aquele em que também o homem adquiriu sua forma atual, desenvolvendo predominantemente seus membros; ele ainda dispunha das forças que haviam servido para modelar suas articulações, podendo utilizá-las para a domesticação dos animais.

A cabra não é somente o protótipo do animal doméstico; é também aquele que, a partir de uma alimentação pobre, próxima ao mineral, produz o leite que sustenta a vida do cabrito. A cabra triunfa também de outra maneira sobre o mineral, com a leveza com que salta de rocha em rocha em seu prazer por escalar os cumes.

Com as forças de Aquário, o homem se torna agricultor. Até aqui sua ação exterior se voltava para o animal; agora se estende ao vegetal, e com Peixes se volta para as coisas. Aquário é representado por um homem com uma ou duas jarras despejando água, regando as plantas. Esse é o gesto do agricultor ativando as forças etéricas da planta, as quais não podem manifestar-se na ausência de água. Vemos uma manifestação dessas forças etéricas na ascensão da seiva, processo rigorosamente inexplicável quando se considera apenas a ajuda das forças físicas. A seiva não sobe por capilaridade – uma força afim com a coesão da matéria – nem pela pressão osmótica, e sim em oposição a essas forças. É triunfando sobre as forças físicas, e especialmente sobre a gravidade, que as forças etéricas fazem subir a seiva nas plantas, o que em certas árvores, como a sequóia, atinge até cem metros de altura.

É a essas mesmas forças etéricas que devemos apelar se quisermos compreender a circulação venosa do sangue. Como indicou Rudolf Steiner e Manteuffel provou³⁷, não é o coração que põe

³⁷ V. Leon Manteuffel-Szoegé, *Über die Bewegung des Blutes* (Stuttgart: Freies Geistesleben, 1977).

o sangue em movimento, e sim o sangue é que faz pulsar o coração. Quando essas forças etéricas falham, o sangue cede à gravidade, estagnando e provocando a dilatação dos vasos sob forma de varizes, sendo que o lugar de predileção é justamente a barriga da perna, a região do Aquário.

Portanto, as mesmas forças utilizadas pelo agricultor para fazer crescer as plantas são empregadas pelo organismo humano para fazer circular o sangue a partir do capilar. Se o homem fosse apenas uma máquina, os capilares constituiriam um obstáculo importante à circulação sangüínea. No ser vivo, em vista da fineza e da enorme superfície desenvolvida pelos capilares, o sangue, extremamente dividido, é de certa maneira 'aberto' à ação das forças etéricas que o mantêm em movimento. Com Aquário, o homem, no plano fisiológico, triunfou inteiramente sobre a animalidade existente nele – realmente tornou-se homem. Assim é representado, e se despeja água de sua jarra é pelo fato de precisamente ter tido primeiro a força para elevá-la.

A quarta atividade fundamental do homem é o comércio. Depois de o caçador ter capturado, o criador domesticado, o agricultor colhido, o homem sente a necessidade de trocar o que possui por algo possuído pelos outros. Em sua origem, o comércio era principalmente fluvial, sendo os navios um pouco como os peixes, dos quais conservaram mais ou menos a forma. Os navios do ser humano, aqueles que lhe permitem navegar de um lugar para outro, são seus pés. É nos peixes que aparecem os primeiros membros. O homem guardou a lembrança disso; assim, no curso do desenvolvimento embrionário, quando os membros começam a formar-se parecem bastante com nadadeiras. Mãos e pés surgem primeiro em contato direto com o corpo, e os membros só se alongam ulteriormente. Entretanto, entre os peixes existe uma família bem curiosa, a dos crossopterígeos, surgida no período devoniano.³⁸ Esses peixes possuíam patas das quais não faziam uso, desprovidos que eram de pulmões, e por isso não podiam deixar o elemento líquido. Essas patas são um tipo de esboço que a inteligência criadora modelou tendo em vista realizações ulteriores.

³⁸ Subdivisão, na geologia, da era paleozóica. (N.E.)

Não somente os pés, mas também as mãos pertencem a Peixes. Tendo em vista a sensibilidade das mãos, nós as ligaremos a Gêmeos; mas como instrumentos que dão e recebem, que transformam os objetos, elas pertencem a Peixes. Na mobilidade dos pés e das mãos há um elemento mercurial, que não poderia corresponder senão a um signo de água ou de ar.

O signo de Peixes geralmente é representado por dois peixes invertidos, cujas caudas estão ligadas por um cordão, que por sua vez exprime a idéia de ir-e-vir e a ligação que caracteriza as trocas. Entretanto, nossos pés são orientados no mesmo sentido. Eles nos levam ao futuro, ao nosso destino, sem que nós mesmos tenhamos consciência disso. Quantas vezes nossos pés não nos fazem tomar um caminho em vez de outro, conduzindo-nos a um encontro ou a um acontecimento que transformará nossa existência! Temos certeza de controlar nossos pés, de escolher uma direção com pleno conhecimento de causa – mas será que os motivos invocados por nós não seriam muitas vezes uma fachada, mascarando os impulsos inconscientes de nossa vontade? E acaso esses pés, tão desprezados, não são infinitamente mais sábios do que nosso raciocínio mais sutil? Os pés são, pois, instrumentos do carma, podendo-se dizer, como Rudolf Steiner, que com Peixes o acontecimento se tornou destino.

Sendo o zodíaco um círculo, podemos perguntar-nos: como é que as regiões correspondentes do homem se alinham da cabeça aos pés? Rudolf Steiner nos deu uma resposta lembrando que o embrião é, durante uma parte de seu desenvolvimento, enrolado sobre si mesmo, o que leva Peixes ao encontro de Áries.



FIGURA 37

Áries	—	cabeça
Touro	—	região da laringe
Gêmeos	—	região da simetria
Câncer	—	tórax
Leão	—	coração
Virgem	—	plexo solar
Libra	—	anca
Escorpião	—	órgãos de reprodução
Sagitário	—	coxa
Capricórnio	—	joelhos
Aquário	—	pernas
Peixes	—	pés

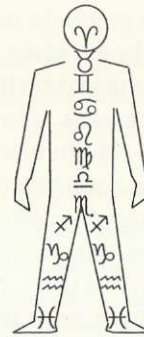


FIGURA 38

Quando uma criança toma posse da Terra, um equilíbrio entre as forças cósmicas do eu e as forças da gravidade da Terra se estabelecem em torno de Libra, com a postura ereta. A gravidade se manifesta nos pratos da balança, que carregam a substância; as forças de levitação, na coluna; e a imagem do eu no suporte horizontal. Retornaremos a Libra um pouco adiante.

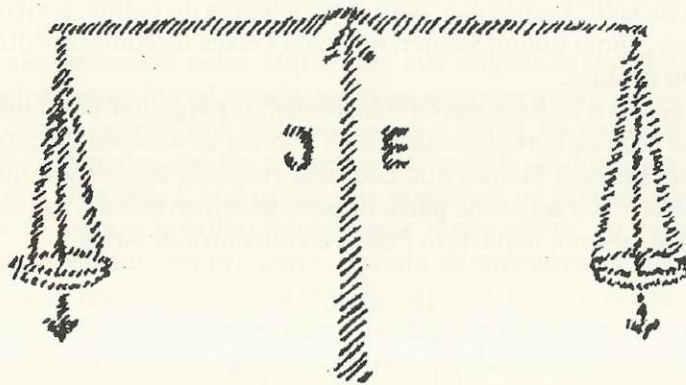


FIGURA 39

Nosso estudo será muito incompleto caso se restrinja a descrever sucessivamente as correlações entre os signos do zodíaco e as regiões do corpo. Depois de estudar os detalhes, tentaremos obter uma visão de conjunto considerando as diferentes relações

entre as doze regiões ou, para falar como os músicos, passando das notas aos intervalos, a fim de perceber a melodia.

A propósito da postura ereta, assinalamos o ponto de retorno como sendo Libra e, conseqüentemente, devemos achar uma certa polaridade entre o que se encontra embaixo e em cima, polaridade que se traduz em pares, como indica o esquema abaixo.

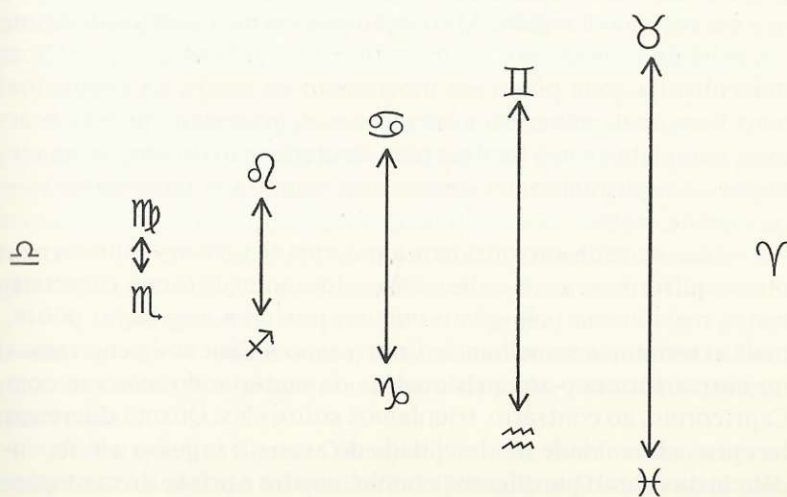


FIGURA 40

O primeiro par que encontramos é constituído por Virgem e Escorpião, e ficamos imediatamente admirados com a semelhança dos símbolos, lembrando a letra M; mas enquanto a extremidade de Virgem se volta sobre si mesma, a do Escorpião se dirige ao exterior. Maturação, armazenagem, interiorização em Virgem e decomposição, excreção, exteriorização em Escorpião. Com o primeiro o grão acumula as forças solares, e com o segundo ele morre e se decompõe na umidade das forças lunares. “Quando o grão de trigo não morre”, diz Cristo, “ele fica só; quando morre caindo na terra, traz muitos frutos” (João 12, 24).

À luz do que veremos a seguir, compreenderemos melhor o que Rudolf Steiner subentende ao indicar que o verdadeiro processo de fecundação dos vegetais não ocorre pela penetração do pó-

len no pistilo, mas pela caída do grão, portador das forças cósmicas, na terra. Com Escorpião chegamos à extremidade da nossa planta invertida, e o paralelismo se finaliza com os órgãos sexuais de um lado e, de outro, a caída do grão sobre a terra úmida, onde se decompõe – ocorrendo a verdadeira fecundação vegetal.

O segundo par é formado por Leão e Sagitário – pelo coração e pelas coxas. Em ambos temos músculos, mas o primeiro é oco e o segundo é repleto. O coração põe em movimento o sangue, o que há de mais quente, de mais vivo no organismo, enquanto os músculos da coxa põem em movimento os ossos, os elementos mais frios, mais minerais, mais mortos. A polaridade poderá ficar mais completa se nos lembrarmos da eterização do sangue no coração – a espiritualização – e seu nascimento – a materialização – na medula óssea.

Em seguida encontramos a polaridade Câncer–Capricórnio, ou, se quisermos, asno–cabra. Esses dois animais foram caracterizados mais acima pelo gosto comum por uma vegetação pobre, mais aí termina a semelhança. Com o asno – Câncer – penetramos no corpo, tornamo-nos prisioneiros da matéria, do mineral; com Capricórnio, ao contrário, triunfamos sobre eles. Quanta diferença há entre a humildade e a docilidade do asno e o orgulho e independência da cabra! Que diferença também entre a prisão do caranguejo e o palácio de madrepérola dos moluscos!

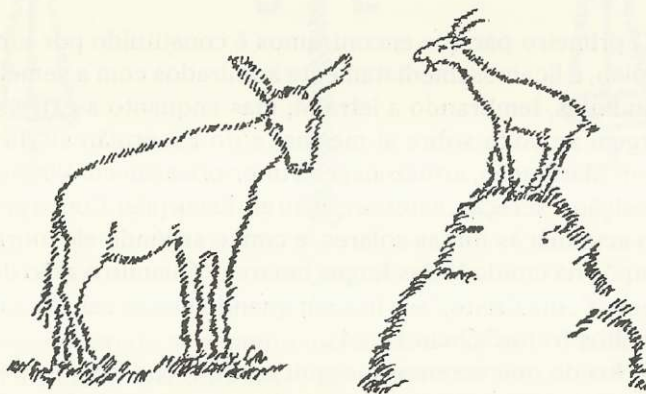


FIGURA 41

Na polaridade seguinte já não encontraremos animais, e sim figuras humanas – Gêmeos e Aquário –, relacionados, pelos antigos, com o ar. Contudo, nós os relacionaremos também com o éter da luz. Segundo Rudolf Steiner, “os braços, o corpo astral age mais do exterior para o interior [...], e nas pernas e pés a vontade age através do corpo astral em sentido fortemente centrífugo”. Ele indica também, no mesmo contexto, que a massagem nos braços atrai o astral do exterior para o interior, fortificando a vontade e o anabolismo, enquanto na massagem das pernas estimulamos as forças mentais e o catabolismo. Acrescentamos ainda que o movimento dos braços reforça a respiração, e o das pernas a circulação (venosa). Cabe então perguntar se o pulmão deve ser relacionado com Gêmeos ou com Leão. Se considerarmos os pulmões como sendo o conteúdo da caixa torácica, obviamente eles devem ser relacionados com Leão; mas por outro lado, por formarem um órgão duplo, em relação ao ar exterior eles pertencem a Gêmeos.³⁹

A última polaridade opõe Touro a Peixes. Com Touro penetramos no mundo circundante, travamos conhecimento com a Terra; com Peixes nos preparamos para deixá-la, para começar um novo ciclo.

Áries, que nos liga ao Cosmo e, por isso, às encarnações precedentes, fica isolado tal qual o ficou Libra, que nos serviu de plano de simetria para essas polaridades (v. figura 42).

Retrocedendo agora na evolução humana, voltemos ao ponto em que o embrião estava enrolado sobre si mesmo – ou, mais esquematicamente, ao círculo do zodíaco, que também nos revelará polaridades não mais em relação a um plano, mas em relação ao centro do círculo: as polaridades diametrais.

Áries se opõe aqui a Libra. Com o primeiro somos confrontados com as forças cósmicas; com o segundo, com as forças terrestres. Com o primeiro, partimos da periferia e nos dirigimos ao centro do organismo; com o segundo, agimos sobre o mundo exterior. Áries relaciona-se com o elemento fogo – o fogo primordial –; Libra, sendo de todos os signos o único simbolizado por um objeto físico essencialmente móvel, tem relação com o ar.

³⁹ Não é sem razão que, na língua alemã, os lóbulos pulmonares são chamados de ‘asas do pulmão’ (*Lungenflügel*).

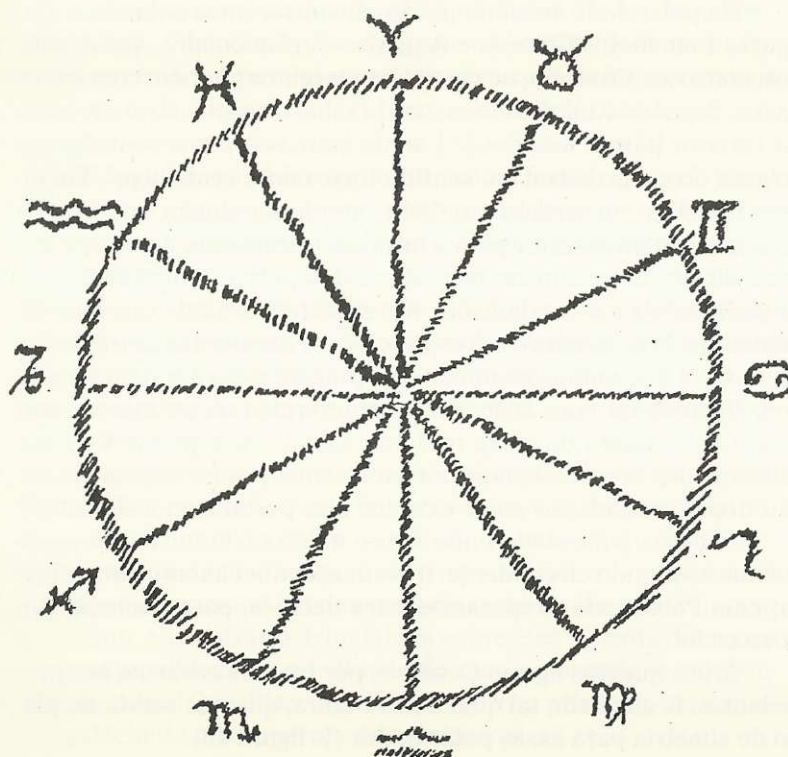


FIGURA 42

Com Libra – o ponto do corpo onde os membros inferiores se reúnem – estamos tanto num movimento que corrige constantemente o equilíbrio estático quanto no movimento do metabolismo, assegurando a permanência do equilíbrio humoral. Rudolf Steiner nomeou o pólo inferior como sendo o do metabolismo e do movimento, opondo-se à cabeça, que é mais estática e se deixa conduzir “como um aristocrata numa liteira”. Sem dúvida, a cabeça também possui uma forma de mobilidade – a do pensamento –, porém de ordem espiritual, enquanto a de Libra é de ordem física.

Em seguida vem a oposição Touro-Escorpião. Ela se manifesta de maneira mais espantosa na relação entre a sexualidade e a voz. Por exemplo, ao ocorrer a maturidade sexual, na puberdade, há uma mudança na voz, acentuadamente na masculina; em caso de castração antes dessa época, a voz permanece infantil – ou então se modifica caso a pessoa seja adulta. Na menopausa, as forças que não são mais utilizadas no plano sexual tendem a emigrar para o domínio de Touro, sob forma de ondas de calor e loquacidade. Aliás, nem só as mulheres se tornam tagarelas nessa fase! E se o veneno do escorpião se insinua nas palavras, estas se tornam maldosas. Outro exemplo relacionado com a sexualidade é o fato de outrora se ter sabido que fazer as moças cantar em coro impedia Escorpião de atormentá-las demais. Nesse sentido, também os trovadores transformaram o amor sexual em amor anímico.

Eliminar o veneno é uma maneira de se purificar; é isso o que realizam as excreções. Mas essa purificação, que consiste em desembaraçar-se do próprio veneno, lançando-o no exterior, pode ser substituída por uma outra forma, em que o veneno é transformado, espiritualizado. Um dia o Escorpião se transformará em Águia. Se for exato que Freud teria dito a Jung “Prometa-me jamais abandonar a teoria sexual, pois ela é a maior barreira contra o ocultismo”, concluímos que em nossa época urge sublimar o Escorpião, a fim de se reencontrar o caminho da espiritualidade. Segundo Rudolf Steiner, chegará uma época em que a reprodução não se efetuará mais por meio da sexualidade, mas por intermédio da laringe. Desse modo a palavra voltará a ser criadora, voltará a ser *o Logos*.

A imagem dessa sublimação é reencontrada no touro Mitra, representado com um escorpião no âmbito das partes sexuais e uma espícola de trigo na extremidade da cauda: é o grão que morre e traz muitos frutos. A serpente que, nessa mesma imagem, aparece nas patas anteriores simboliza as forças do sangue. Este, que escorre de uma ferida vizinha ao coração, transforma-se em cacho de uva, simbolizando o vinho. Aí existe ainda a sublimação. Imolar um touro nada tinha de ato de crueldade; significava triunfar sobre as forças sexuais e sobre as forças do sangue, transformando-as num tipo de comunhão.

Passemos agora à polaridade Gêmeos-Sagitário. Reencontraremos aqui tudo o que diferencia os braços das coxas e, de uma

maneira mais geral, os membros superiores dos inferiores. Contrariamente ao que se observa nos animais, os membros superiores do homem possuem um grau de liberdade que ultrapassa em muito o dos membros inferiores. Nos animais, os membros anteriores são em geral muito estreitamente ligados à terra, com exceção dos pássaros, que pagam essa liberdade relativa por meio de uma mineralização dirigida à extremidade das pernas. Embora menos impregnados de consciência, os membros superiores do homem contêm mais força de vontade. Enfim, os braços têm um papel considerável em todas as manifestações de atividade – por exemplo, quando a mãe protege a criança (Gêmeos) enquanto o pai (Sagitário) parte para a caça.

Em Câncer–Capricórnio reencontramos a mesma polaridade situada em torno de Libra; é inútil, portanto, repeti-la.

Comparemos agora Leão e Aquário ou, correspondentemente, coração e pernas. Com o coração estamos no domínio da circulação arterial, da pulsação, do sangue vermelho; com a perna, no da circulação venosa contínua, do sangue escuro. Por que Rudolf Steiner considerava a barriga da perna um ponto terapêutico importante? Simplesmente porque, ao friccioná-la, agimos sobre o pólo oposto: o coração. Eis um gesto terapêutico muito simples, porém capaz de trazer alívio a certos cardíacos. A fricção pode, bem entendido, ser completada pela aplicação de ungüentos. Lembremos também da ação centrífuga no âmbito astral, da qual falamos mais acima; pela fricção das pernas, libertamos o coração e o sistema rítmico de uma ação muito forte do astral, o que parece particularmente indicado numa crise de asma.

Terminemos esse giro do zodíaco com a oposição Virgem–Peixes. Com Virgem, reencontramos o processo de enceleirar, de pôr em reserva as substâncias. Peixes, ao contrário, põe em circulação aquilo que foi acumulado. Assim, podemos perguntar-nos se a obesidade não é consequência de uma fraqueza de Peixes frente a uma exuberância de Virgem. Um pensamento mecanicista dirá que os pés são fracos em razão da corpulência. Mas pode ser, ao contrário, que esta se instale por causa da fraqueza de Peixes.

Estamos novamente em Peixes, signo com o qual nosso estudo termina. Mas Peixes não configura somente o fim de um ciclo. Se

tivermos em conta o sentido do deslocamento do ponto vernal [equinócio de primavera] nas constelações, veremos que Peixes se torna o começo de uma nova época – época que tem por origem o Mistério do Gólgota, onde as forças crísticas simbolizadas por Peixes trazem o impulso de uma retomada do espírito.

Dr. Victor Bott

(Trad. Sônia Padovan e Michel Catene)



Resumo

A formação do ser humano deu-se a partir da cabeça, com o eu manifestando-se como um ser espiritual ereto, dotado de fala e adaptado às condições terrestres.

Áries:	Postura ereta. Acolhe o Universo e olha para trás.	} <i>O Universo atua de fora para dentro</i>
Touro:	Ordenação para formação de tons. Acolhe o movimento do Universo.	
Gêmeos:	Simetria. Sente a si, tateia em si mesmo.	
Câncer:	Fechamento. Limitação.	
Leão:	Preenchimento interior.	} <i>Interioridade do ser humano</i>
Virgem:	Interioridade orgânica, sem relação com o exterior. Amadurecimento.	
Libra:	Posição de equilíbrio. Ordenação do mundo inorgânico e procura de equilíbrio	
Escorpião:	Região dos órgãos reprodutores. Espinho venenoso, toxinas.	
Sagitário:	Região das coxas. Profissão: caçador.	} <i>Do interior ao exterior (as quatro profissões primordiais)</i>
Capricórnio:	Região dos joelhos. Profissão: criador de gado.	
Aquário:	Região das pernas. Profissão: agricultor.	
Peixes:	Região dos pés. Profissão: comerciante.	

9. O caminho de regresso do homem

Do plano físico ao plano espiritual

Se acompanhássemos o caminho do Cristo em sua descida à Terra no decorrer da evolução cósmica, veríamos que ele percorre o trajeto de Áries até Peixes. A Trindade está situada além do zodiaco, e Deus-Pai envia seu Filho através do âmbito de Áries (Carneiro). Essa área zodiacal é a porta de entrada do Filho, sendo chamada de 'primeiro sacrifício': "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (João 1, 1). Nos tempos antigos, os iniciados hindus olhavam para o céu e tinham a visão do 'carneiro místico', que se estendia do âmbito de Áries ao âmbito de Virgem. Além da esfera zodiacal, essa época hindu era remanescente da fase saturnina da Terra.

Na época da evolução solar da Terra, a entidade Cristo-Filho adentra o portal de Virgem e é ajudada pelos *Kyriotetes* ou 'Espíritos da Sabedoria', chegando então ao Sol (Sol como segundo estágio evolutivo terrestre – época em que o Sol propriamente dito se separa da Terra, ocorrendo assim a separação entre a luz e as trevas; é quando o Sol passa a brilhar para tornar-se o centro do sistema planetário, uma estrela). Esta fase é denominada 'segundo sacrifício'. As culturas antigas vivenciaram-na como a de *Ahura Mazdao* (na época persa, remanescente da fase solar da Terra).

No início da fase lunar da Terra, a entidade crística – que os antigos vivenciaram como Apolo, Baldur, Osíris, Mitra, etc. –, amparada pela força dos *Exsusiai*, *Elohim* ou 'Espíritos da Forma', sai do Sol pelo signo de Escorpião e desce à esfera lunar pelo signo de Capricórnio, ocorrendo o 'terceiro sacrifício'. Cristo torna-se o guia dos Arcanjos ou 'Espíritos do Fogo'. Ele se revela aos homens como Jeová, aparecendo também a Moisés, Elias, etc. através das manifestações do fogo.

Após essa fase, a entidade do Cristo ultrapassa a esfera dos Anjos e desce diretamente até o ser humano, no signo de Peixes. É a fase terrestre, em que o Cristo se encarnou como homem no corpo de Jesus de Nazaré, um filho dos homens. O Filho de Deus torna-

se homem. Após essa época, o ser humano adquiriu a possibilidade de tornar-se, por meio dessa força crística, a décima hierarquia espiritual.

Com o batismo no Jordão, o Espírito Santo desce da esfera de Touro sob forma de pomba, fato visualizado por João Batista por ser ele um iniciado dessa mesma esfera.

O ser humano é a imagem de Deus, formada graças à ação conjunta de todo o zodíaco, desde Áries (cabeça) até Peixes (pés) – assim como o Cristo, numa milenar evolução, percorre esse caminho de Áries a Peixes e se encarna no corpo físico humano. De certa maneira, todo ser humano percorre esse caminho do espiritual ao terreno – da cabeça aos pés –, tornando-se homem.

Temos então o ‘quarto sacrifício’, pelo qual a entidade crística se tornou homem e atingiu o físico. Foi quando, uma única vez na evolução cósmica, ela se encarnou fisicamente e passou pela morte e ressurreição. Após este último acontecimento – o Mistério do Gólgota –, o homem adquiriu a possibilidade de encontrar seu caminho de volta ao espiritual.

A cada época cultural, o homem é capaz de desenvolver um novo membro de sua entidade. Como vimos, a época atual (da alma da consciência) está em Peixes. Assim, o caminho de volta de Peixes (onde está o corpo físico do homem) leva a Aquário (esfera de atuação dos Anjos), onde nosso corpo etérico pode levar-nos ao conhecimento imaginativo. Na época presente, também é importante que cada ser humano possa viver a segunda vinda de Cristo, porém apenas no âmbito do etérico.

Em seu caminho evolutivo posterior, o homem atingirá:

Capricórnio	– esfera de atuação dos Arcanjos ...	Corpo astral. Conhecimento intuitivo.
Sagitário	– esfera de ação dos Arqueus	Eu. Conhecimento intuitivo.
Escorpião	– esfera de ação dos <i>Exsusiai</i> (Espíritos da Forma)	Personalidade espiritual. Reconhecimento da relação macro-microcosmo.
Libra	– esfera de ação dos <i>Dynamis</i> (Espíritos do Movimento)	Espírito vital torna-se uno com o macrocosmo.
Virgem	– esfera de ação dos <i>Kyriotetes</i> (Espíritos da Sabedoria)	Homem-espírito. Felicidade em Deus.

Esses sete passos são os sete passos rosa-cruzes, desde a época antiga. Rudolf Steiner fala ainda do desenvolvimento de cinco outros membros superiores da entidade humana, os quais, com nossa consciência humana de hoje, ainda não podemos alcançar. Essas transformações se darão a partir:

- da esfera dos Tronos signo de Leão
- da esfera dos Querubins signo de Câncer
- da esfera dos Serafins signo de Gêmeos.

Agora chegamos ao signo de Touro – o Espírito Santo – e ao signo de Áries – o Filho.⁴⁰ Para uma visão global, vide o esquema seguinte:

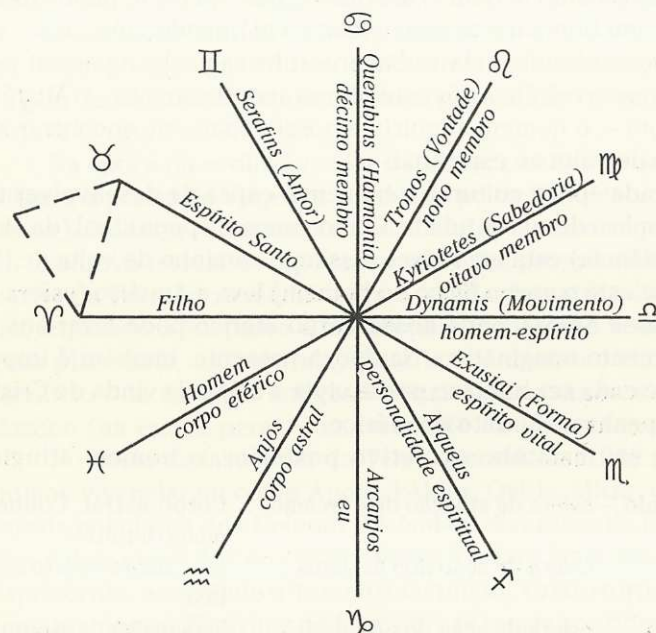


FIGURA 43

⁴⁰ Para um maior aprofundamento no assunto, vide Sergej O. Prokofieff, *Die zwölf heiligen Nächte und die geistigen Hierarchien* (2. ed. Dornach: Philosophisch-Anthroposophischer Verlag, 1982.). Ed. em apostila sob o título 'As doze noites santas e as hierarquias espirituais' (São Paulo: Artemísia, s.d.).

10. Os doze sentidos

A PEQUENA LEBRE MARINHA



Era uma vez uma princesa cujo castelo possuía, no alto de uma torre, uma sala com doze janelas, das quais se podia olhar a toda a volta. Quando a princesa subia à torre e olhava pelas janelas, podia observar todo o seu reino. Já na primeira janela era capaz de enxergar mais do que as outras pessoas, e à medida que avançava de uma janela para outra sua acuidade visual ia aumentando, até que na duodécima janela ela enxergava tudo o que estava em cima e embaixo da terra; nada lhe permanecia oculto. Ela era orgulhosa, disposta a não se submeter a indivíduo algum e a manter seu reinado solitário; por isso, anunciara que homem algum poderia ser seu cônjuge caso não conseguisse esconder-se de modo a não ser descoberto por ela. Quem, porém, o tentasse e fosse descoberto seria decapitado, e seu crânio exposto numa estaca. Já havia noventa e sete estacas com cabeças diante do castelo, e fazia muito tempo que não aparecia candidato algum. A princesa alegrava-se muito com a idéia de ser livre por toda a vida.

Um dia, apresentaram-se três irmãos anunciando que queriam desafiar a sorte. O mais velho pensava estar a salvo caso se escondesse numa fossa de cal; porém ela o descobriu, já da primeira janela – e ele foi tirado da fossa e decapitado. O segundo escondeu-se no subsolo do castelo, mas também foi descoberto da primeira janela, e estava perdido – sua cabeça foi colocada na nonagésima nona estaca. Então o mais jovem se apresentou à princesa e pediu um dia de prazo; pediu também o favor especial de perdô-lo por duas vezes, caso fosse descoberto. Se, porém, ele tampouco tivesse sucesso na terceira tentativa, daria por perdida sua vida. Como era muito formoso e suplicava de todo o coração, ela disse:

— Sim, concordo, mas não serás bem-sucedido!

No dia seguinte ele refletiu muito para inventar um esconderijo seguro, mas nada lhe ocorreu. Pegou então na espingarda e pôs-

se a caçar. Viu um corvo e o mirou; quando ia puxar o gatilho, o corvo gritou:

— Não atires, e eu te recompensarei!

O rapaz baixou a espingarda e prosseguiu caminho. Chegou à margem de um lago, onde surpreendeu um peixe grande na tona. Mirou-o, mas o peixe gritou:

— Não atires, e eu te recompensarei!

Ele deixou o peixe mergulhar e, prosseguindo seu caminho, defrontou-se com uma raposa que mancava. Atirou nela, mas errou o alvo. A raposa exclamou:

— Vem cá e tira-me o espinho do pé!

O rapaz fez o que a raposa pedira, mas depois quis matá-la para tirar-lhe a pele. Disse a raposa:

— Deixa disso, e eu te recompensarei.

O jovem deixou-a livre e, com o cair da noite, voltou ao castelo. No dia seguinte, devia esconder-se; porém, por mais que quisesse a cabeça, não lhe ocorria um lugar. Foi ao bosque onde estava o corvo e disse:

— Eu te deixei viver; agora dize-me onde devo me esconder para que a princesa não me veja.

O corvo baixou a cabeça e pensou por muito tempo. Finalmente, gralhou:

— Descobri! — e foi buscar um ovo do ninho.

Partiu o ovo ao meio e encerrou nele o mancebo. A seguir refez o ovo e sentou-se sobre ele.

A princesa, ao olhar pela primeira janela, não pôde descobrir o rapaz; tampouco das seguintes, e já começava a ficar com medo quando, da décima primeira janela, o avistou. Mandou matar o corvo, pegar o ovo e, ao quebrá-lo, ordenou ao rapaz sair dali, dizendo-lhe:

— Uma vez te perdôo; se não te ocorrer algo melhor, estarás perdido.

No dia seguinte, ele foi ao lago, chamou o peixe e disse-lhe:

— Eu te deixei viver; dize-me agora onde posso me esconder, para que a princesa não me veja.

O peixe refletiu e, finalmente, exclamou:

— Descobri! Vou encerrar-te em minha barriga. — E engoliu o jovem, mergulhando até o fundo do lago.

A princesa olhou através de suas janelas e, não o vendo até a décima primeira delas, já foi-se assustando; finalmente, da décima segunda o avistou. Mandou fisgar e matar o peixe, e assim o mancebo veio à luz do dia. Pode-se imaginar como se sentia ele. Ela então lhe disse:

— Duas vezes te perdoei, mas não há dúvida de que tua cabeça adornará a centésima estaca!

No último dia ele foi ao campo encontrar a raposa, diante da qual argumentou:

— Sabes encontrar todos os esconderijos. Eu te deixei viver; agora me dá um conselho: onde eu poderia me esconder, para que a princesa não me encontre?

— Problema grave —, respondeu a raposa, fazendo uma cara hesitante. Finalmente exclamou: — Descobri!

Levou o rapaz a uma fonte; mergulhou nela e emergiu transformada em mercador de animais. Ele também teve de mergulhar, e saiu transformado numa pequena lebre marinha.

O comerciante foi à cidade e fez demonstrações com o gracioso bichinho. Muita gente se reuniu em volta para olhá-lo. Por fim, também a princesa se aproximou e, gostando do bichinho, comprou-o por uma soma bem elevada. Antes de entregá-lo a ela, o comerciante disse ao animal:

— Quando a princesa for ter à janela, esconde-te rapidinho embaixo de sua tranças.

Chegou o momento de a princesa procurar o rapaz. Olhou sucessivamente pelas janelas, da primeira à décima primeira, sem chegar a vê-lo. Porém não o tendo visto nem pela décima segunda janela, encheu-se de tanto medo e raiva que a fechou com muita força, fazendo com que o vidros de todas as janelas se partissem em mil pedaços; e todo o castelo estremeceu.

Ao voltar-se, ela sentiu a pequena lebre marinha embaixo de sua trança; então a pegou e, jogando-a ao chão, gritou:

— Fora daqui, sai da minha vista!

O bichinho saiu correndo ao encontro do comerciante. Ambos correram até a fonte, onde mergulharam, readquirindo sua figura original. O mancebo agradeceu à raposa, dizendo:

— O corvo e o peixe foram bem tolos; mas tu, verdade seja dita, conheces os truques certos.

O jovem foi diretamente ao castelo. A princesa já o esperava, e conformou-se com seu destino. Celebrou-se o casamento e ele se tornou monarca e senhor de todo o reino. Jamais revelou à sua esposa onde se havia escondido pela terceira vez, nem quem o ajudara; assim, ela acreditou que tudo fora resultado de sua própria arte – e o teve sempre em grande conta, pois pensava: “Este, sem dúvida, sabe mais do que eu!”



A história acima abre-nos o mundo dos sentidos. Os sentidos são as grandes janelas pelas quais entramos em contato com o mundo externo e interno, experimentando sensações; e é pela conscientização das sensações que temos percepções do mundo.

No contexto deste livro não nos cabe aprofundar esse assunto, tão importante no âmbito da pedagogia e da medicina; contudo, não queremos deixar de mencioná-lo.

Até o início deste século, só se conheciam cinco sentidos: tato, paladar, olfato, visão e audição, tendo-se mais tarde admitido o sentido do equilíbrio. É Rudolf Steiner quem pela primeira vez chama a atenção para os doze sentidos, incluindo os sentidos superiores (ou esotéricos) da linguagem, do pensar e do eu. Estes ainda são pouco desenvolvidos, porém são livres, ao passo que todos os outros sentidos esperam por seu ‘desencantamento’, sua sublimação, para chegar cada qual ao seu real valor.

Os doze sentidos podem ser divididos em três grandes grupos:

- Do âmbito do querer, ou *corpóreos*:
 - Sentido do tato
 - Sentido da vida
 - Sentido do movimento
 - Sentido do equilíbrio
- Do âmbito do sentir, ou *anímicos*:
 - Sentido do olfato
 - Sentido do paladar
 - Sentido da visão
 - Sentido térmico

- Do âmbito do pensar, ou *espirituais*:

- Sentido da audição
- Sentido da linguagem
- Sentido do pensamento
- Sentido do eu

No contexto social, os sentidos são extremamente importantes. Iniciemos com os sentidos corpóreos. Eles não devem apenas oferecer-nos percepções do nosso próprio corpo, mas ainda transcender esse elemento. Por exemplo: plasmar, no tato, a escultura corpórea do outro; cuidar da vida do outro; sentir o movimento ou o equilíbrio do outro (como que escutando a música deste ou daquele movimento).

Os sentidos corpóreos ou inferiores são extremamente importantes para o bom desenvolvimento da criança, devendo ser especialmente desenvolvidos no primeiro setênio.

O sentido do tato

Este sentido está em primeiro lugar, podendo-se dizer que é o sentido mais primordial; é o primeiro por cujo intermédio um recém-nascido toma o contato com o mundo, e mais intensamente consigo mesmo. Já no útero, a criança tem sensações da parede uterina que a envolve. De repente, lançada no mundo, ela perde o invólucro onde estava abrigada. É, pois, importante que logo ao nascer ela seja envolvida pelos braços maternos e enfaixada, para não ‘perder a si mesma’. A própria amamentação lhe proporciona uma série de sensações táteis.

‘Tatear’ significa que nosso interior responde ao entrar em contato com um objeto. Pelo tato podemos penetrar na essência do objeto. Tateando na madeira, no plástico, no barro ou vidro, temos sensações diferentes, percebendo as diversas qualidades desses materiais.

Uma criança que ao nascer tenha recebido impressões táteis variadas e agradáveis, logrando sentir que ‘o mundo é bom’, tem mais tarde grande chance de desenvolver um bom ‘contato’ com outras pessoas ou ter bom ‘tato’ ao lidar com elas, assim como de desenvolver seu sentido interior espiritual do eu.

Com o tato temos, portanto, a vivência do próprio corpo, podendo-se dizer que ele é o grande 'escultor' do mundo. Tato e visão estão muito ligados pela vivência tanto das cores quanto de luz e sombra de um objeto; porém é um procedimento terapêutico separar entre a percepção da cor de um objeto e a de sua forma. Por isso é que tateamos melhor a forma de um objeto, sua superfície, etc. com os olhos fechados. Tatear ou fazer trabalhos manuais – tricô, crochê, etc. – de olhos fechados é um ótimo exercício para se recuperar esse sentido. O tato também pode ser desenvolvido pela virtude da devoção.

O que irradia para o interior e o que se vivencia em direção ao exterior não é outra coisa senão o estarmos permeados pelo sentido divino. Se o ser humano não possuísse o sentido do tato, não teria o sentido divino.⁴¹

O sentido da vida ou 'vital'

Este sentido nos informa sobre a vitalidade do nosso corpo, sobre o bem-estar e harmonia de todos os órgãos; sobre o equilíbrio entre as forças de regeneração e desgaste, ou seja, sobre a relação entre as forças da vida (crescimento, regeneração) e da morte (consciência, desgaste).

Hoje já existem as chamadas 'curvas da vitalidade', os 'bio-ritmos', que vêm adquirindo importância cada vez maior na medicina; uma parte desse bio-ritmo está ligada ao ritmo lunar, com uma curva que muda a cada catorze dias, aproximadamente. Existem, porém, outros ritmos – como o circadiano, ligado às fases inspiratória e expiratória da Terra, mudando a cada doze horas (ou seja, exibindo uma curva ascendente e outra descendente num âmbito de 24 horas – sendo, pois, ligado ao ritmo solar).

Na criança, o sentido vital é extremamente lábil. A incubação de uma doença, ou até mesmo uma simples fralda molhada, ocasiona um mal-estar geral muito grande.

Norbert Glas, em seu livro *Gefährdung und Heilung der Sinne* (Ameaça e cura para os sentidos)⁴², aponta os medos incutidos na criança ao se dizer "A polícia vem te pegar", "O bicho-papão vem te

⁴¹ Rudolf Steiner, *Die zwölf Sinne des Menschen in ihrer Beziehung zur Imagination, Inspiration und Intuition*, confer. 8.8.1920 (Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1983).

⁴² (Stuttgart: Arbeitsgemeinschaft anthroposophischer Ärzte, 1984.)

comer”, ou ainda ao permitir-lhe presenciar cenas de doenças graves, morte, desastres, derramamento de sangue – seja ao vivo ou pela tevê e nos jornais. Esses medos afetam profundamente o sentido vital da criança; mais tarde, o adulto tenta superar o mal-estar de seu corpo com bebida, drogas, analgésicos, etc.

O sentido vital está intimamente ligado ao nosso corpo etérico quando este se encontra desgastado por excesso de trabalho ou pelos desejos e cobiças do nosso corpo astral, diminuindo a vitalidade; isso logo se reflete também em nosso pensar e nossa memória. Um corpo vital fraco desde a infância não permite um bom desenvolvimento do pensar, ocasionando dificuldade de concentração e perda de memória.

O sentido vital mantém a chama da vida acesa; ele é o sacerdote que cuida da chama do templo. Norbert Glas liga-o à virtude da equanimidade.

O sentido do movimento

Este é o sentido que nos informa sobre as mudanças de posição, ou seja, sobre o movimento do nosso corpo. O movimento está em relação com nossa musculatura, especialmente dos membros e do tronco. Também esse sentido é desenvolvido gradativamente na criança, estando intimamente ligado ao sentido do equilíbrio, ao erguer-se e ao andar. Ao se exercitarem os membros locomotores, o sentido do movimento se torna um órgão cada vez mais sutil. O que a criança faz de movimento ao levantar-se, cair e novamente se erguer, confere-lhe uma grande exercitação do corpo; e quem teve liberdade de movimentos no primeiro setênio será capaz, na fase da vida entre os 21 e os 28 anos – a da alma da sensação –, de cair e levantar-se no âmbito anímico. Uma mãe medrosa, horas de estarecimento frente à televisão ou um apartamento sem quintal são fatores que tolhem o movimento.

Na adolescência, quando os membros crescem demais, o jovem tem necessidade de integrar-se em seu corpo; ele precisa exercitar o movimento fazendo caminhadas, natação, jardinagem ou mesmo qualquer atividade manual, como marcenaria ou tecelagem.

“É graças a uma irradiação do movimento que os Senhores se sentem uma alma livre...”, diz Rudolf Steiner na conferência mencionada na página anterior.

O sentido do movimento está ligado à liberdade. Quando não o ativamos, sentimos depressão, tendência à hipocondria, melancolia. Portanto, toda movimentação é fundamental para o bem-estar, especialmente quando o movimento é feito com ritmo, como por exemplo na dança. (Cabe aqui mencionar que Rudolf Steiner criou uma nova arte do movimento, que denominou *eurritmia*.)

Com nosso sentido do movimento transcendemos nosso próprio corpo, percebendo também todo movimento exterior a nós – movimento de animais, das nuvens, dos outros seres humanos. Mesmo ao observar uma figura geométrica, nós fazemos uma movimentação com os olhos; novamente a visão se associa ao sentido do movimento, observando os movimentos elaborados por outros.

Também ao acompanhar a fala de outra pessoa, a fim de entendê-la, nós observamos seus movimentos lendo, em seus lábios, o que ela quer expressar. Aliás, essa é a maneira de um surdo entender seu interlocutor. Aqui o sentido do movimento se metamorfoseia e faz desenvolver o sentido da linguagem.

O sentido do movimento é o nosso músico interno – o músico que escuta a música do movimento.

Norbert Glas liga esse sentido à virtude da perseverança.

O sentido do equilíbrio

O sentido do equilíbrio permite ao homem orientar-se como ser ereto no espaço tridimensional. Ele está intimamente ligado ao sentido do movimento, sendo importante para o aprendizado do erguer-se e do andar. É por meio do andar que o ser humano conquista o espaço físico à sua volta.

O próprio ser espiritual de cada indivíduo se revela pelo equilíbrio. “Estou bem equilibrado”, dizemos ao sentir-nos em harmonia com o ambiente, gozando de calma e poder de concentração. Nesses momentos, podemos até esquecer nosso corpo para “vivenciar-nos como espírito”, conforme diz Rudolf Steiner.

Contudo, em geral o equilíbrio só existe quando os objetos que delimitam o espaço em redor estão imóveis. Quando eles começam a movimentar-se, a maioria das pessoas se desequilibram ou sentem tonturas – por exemplo, ao andar de trem, de automóvel, de navio, de elevador ou na ‘montanha russa’ do parque de diversões.

Os arcos semicirculares do ouvido interno são a sede do sentido do equilíbrio. Esse sentido nos orienta para o exterior, na relação com o espaço tridimensional; quando nos orienta para o organismo, o que normalmente não ocorre (pois esses processos permanecem no inconsciente), percebemos o fluir da seiva alimentar para a linfa e para o sangue, o que nos ocasiona um leve enjôo e, em casos graves, até vômitos. Mesmo o trapezista perde o equilíbrio, ao conscientizar-se da altura em que está. O órgão do equilíbrio forma, então, como que uma barreira para o interior do organismo, para este não invadir a consciência. Quando a barreira é rompida, surgem os sintomas de enjôo, tontura ou mesmo doenças. Assim sendo, a síndrome de Meunière (labirintite) pode ser tratada equilibrando-se o fluxo das seivas digestivas, para que não invadam a consciência.

Pedagogicamente, pode-se atuar sobre o sentido do equilíbrio não só por meio de exercícios correlatos (subir em árvores, andar em cima de muros, balançar-se, etc.), mas também pelo altruísmo, pelo esquecer-se totalmente de si (mediante histórias como as de São Francisco de Assis, de Albert Schweitzer, etc.), assim como é necessário que o trapezista, no alto, se esqueça totalmente de si para vivenciar somente o espaço.

O sentido do equilíbrio é um verdadeiro matemático interno; ele calcula os espaços à sua volta.

O sentido do olfato

O olfato já é um sentido mais anímico. Por meio dele, penetra-se na intimidade de outro ser.

O veículo do cheiro de uma substância é o ar: a substância tem de estar dissolvida no ar para ser cheirada. O olfato tem a missão de alertar para que alguma substância tóxica não penetre no organismo.

O olfato é um dos sentidos que mais cedo funcionam, tanto dentro da espécie quanto no indivíduo. Na criança ele já existe desde cedo, mas nos animais é muito mais desenvolvido do que no homem, servindo à identificação das espécies entre si. Ainda no reino animal, serve tanto ao instinto alimentar como ao instinto sexual.

Já no homem, os cheiros tanto podem levar à repulsa – como, por exemplo, o cheiro de certos animais ou de seus excrementos,

ou mesmo dos excrementos humanos – quanto conduzir a sentimentos mais sublimadas, principalmente em se tratando de um aroma proveniente do reino vegetal. O perfume de uma rosa desperta sentimentos diferentes do que o de uma violeta, de um lírio ou de um cravo.

O olfato se esgota facilmente; estando-se numa sala, sente-se um cheiro e, logo depois, este não é mais percebido. Além disso, o olfato apresenta uma sensibilidade maior ao cheiro dos outros do que ao cheiro da própria pessoa. Até mesmo entre as raças existe uma percepção olfativa diferenciadora.

É freqüente o médico reconhecer a doença de seu paciente pelo cheiro; pelo cheiro, aliás, pode-se despertar a compaixão, virtude ancestral da medicina: *com-paixão* – compartilhar do sofrimento do outro.

No processo evolutivo do homem, o nervo olfativo foi-se degenerando enquanto o cérebro frontal evoluía. Com isso se desenvolveu a faculdade de formar conceitos, bem como de percebê-los e compreendê-los (o que ainda não é pensar; Rudolf Steiner considera o compreender uma atividade sensorial). Em épocas antigas, cheirar e compreender eram a mesma coisa. Ainda hoje se diz que uma pessoa ‘tem um bom faro’ para algo; também metaforicamente, o detetive tem de ‘farejar’ uma pista para chegar a conclusões.

É importante não danificar o olfato das crianças habituando-as a viver em salas ou quartos repletos de fumaça de cigarros, emanações de tintas ou gases de escapamentos de veículos; é preciso, ao contrário, dar-lhes a oportunidade de cheirar os diversos perfumes de uma natureza não-poluída.

O olfato, como mencionamos acima, está ligado à virtude da compaixão.

O sentido do paladar

Com o paladar já penetramos mais profundamente no outro ser, já vamos além da superfície: exercemos o saborear, que nos leva ao saber das coisas. As crianças, por natureza, põem tudo na boca não só por possuírem aí uma grande percepção tátil, mas pelo próprio sabor em si. Aqui há sabedoria. Para sentirmos o gosto, é preciso que a substância esteja dissolvida no elemento fluido.

Em tempos antigos, o homem ingeria os sucos da planta para ter a sensação do ser vegetal, numa espécie de vivência onírica. As imagens sensoriais então surgidas eram internas, e não externas.

Hoje, esse sentido está voltado inteiramente para exterior. O instinto da preservação da espécie leva a comer, mas logo vem a gula, a cobiça, que prejudica o sabor. Quando se consegue dominar a gula, aparece então o verdadeiro sabor. Em dietas de desintoxicação, começa-se a sentir o verdadeiro sabor dos alimentos mais simples. O paladar é o verdadeiro cozinheiro em nós, ou mesmo o farmacêutico: ele nos diz exatamente o que precisamos – se alimentos mais salgados ou mais doces, se algo mais amargo para o nosso fígado ou algo azedo ou picante para o nosso estômago. Ele é o primeiro posto, no longo caminho da digestão, da química em nosso organismo.

Até o recém-nascido já possui um sentido gustativo bem desenvolvido; quando ele mama, o sentido do paladar percorre todo o seu corpo, até à ponta dos pés. Na criança em crescimento, cujo paladar é mais apurado do que o do adulto, quando se usam muitos condimentos artificiais e temperos muito fortes o sentido gustativo se danifica. Assim, já na idade adulta a pessoa deixa de ter a percepção dos elementos de que realmente necessita para seu organismo, perdendo seu instinto alimentar.

Nas pessoas idosas, a natural diminuição do paladar leva-as freqüentemente a reclamar dos alimentos, que em geral lhes parecem ‘sem gosto’.

No plano anímico, que desempenha um fator importante na vida, fala-se muitas vezes em pessoas ‘azedas’ ou ‘amargas’, ou que tal criança ‘é um doce’. Também é comum dizer que certa pessoa ‘tem bom gosto’. São claras conexões com o sentido do paladar.

A virtude ligada ao paladar é a polidez.

O sentido da visão

A visão nos dá a possibilidade de perceber as cores. As cores nos são proporcionadas pelo reflexo da luz na superfície dos corpos. Goethe diz que “as cores resultam do sofrimento da luz em contato com a matéria”. A luz em si não possui cor; e já vimos como as formas são percebidas com o auxílio do sentido do movimento.

A visão e a audição são os sentidos organicamente mais perfeitos do homem, podendo ser comparados a delicados instrumentos físicos. Segundo Rudolf Steiner, os órgãos desses sentidos são os mais físicos e mais aperfeiçoados do nosso organismo. Por quê? Porque se deixam permear sem obstáculos e transmitem de forma mais pura as sensações.

O ser humano só passou a enxergar após a chamada 'queda do Paraíso' (na época lemúrica). Antes ele olhava para dentro de si; agora, Adão e Eva enxergam sua nudez. Aliás, pode-se dizer que isso é válido para todos os órgãos dos sentidos. Antes dessa época, o ser humano experimentava o nascer e o pôr-do-sol como uma vivência interna, e não em cores, como nós. No vermelho surgia o temor do poder divino; com a escuridão ele adormecia – ela roubava sua consciência. Quando o céu se tornava azul, o ser humano se movimentava e realizava as atividades do dia. A luz era como uma inflamação, fazia abrir os olhos. A visão é como um tatear, segundo diz Rudolf Steiner. Aliás, os animais inferiores têm os olhos situados em tentáculos, e mais tateiam com a vista do que olham.

O olho harmoniza constantemente as impressões sensoriais *vindas de fora*. Assim, a cada cor o organismo responde com uma cor complementar: o vermelho desperta interiormente o verde, o laranja desperta o azul, o amarelo o violeta, etc. (v. capítulo 13, 'Os doze matizes'). Este fenômeno, aliás, é usado na terapia de luz cromática com pacientes cancerosos⁴², para a ativação de seu corpo etérico. Também a imagem projetada na retina tem uma forma pequena e invertida, sendo projetada novamente para fora de maneira ativa, de modo que a enxerguemos na posição normal.

Uma terceira harmonização é realizada pela pupila em resposta à maior ou menor incidência de luz: ela se dilata ou se retrai, regulando a entrada luminosa.

Como quarto elemento, existe ainda a acomodação do olho: conforme um objeto visualizado esteja mais distante ou mais próximo, o cristalino se modifica.

Os dois olhos se complementam, criando uma unidade de imagem e permitindo a observação espacial do objeto. Por meio das cores, da observação da natureza ou da pintura, podemos dar

⁴² Terapia introduzido na Clínica Tobias, em São Paulo, pelo Dr. Norbert Glas.

o melhor alimento à visão, desde a infância até a idade adulta e a velhice.

O olho é o nosso verdadeiro pintor interno – ele nos dá cor à vida e à alma, estando profundamente relacionado com o sentir. Quando nossa alma se torna 'cinzenta' pela rotina do dia-a-dia, surge o perigo de entrarmos em depressão.

A visão está relacionada com a virtude da satisfação interior, que a vista sempre quer alcançar.

O sentido térmico ou sentido do calor

Este sentido está intimamente relacionado à parte anímica. Ora podemos senti-lo fisicamente, ora animicamente, quando um ambiente caloroso nos envolve.

Nosso eu emprega o calor como seu substrato de atuação. Quando temos mãos ou pés frios, é sinal de que naquele local nosso eu não permeia o físico. Na febre, ao contrário, o eu está corporalmente mais presente, conseguindo eliminar substâncias estranhas, endurecidas, do organismo. Não é só o frio externo que enrijece, mas também a frieza da alma.

A criança pequena não consegue regular seu organismo calórico; só aos poucos o sentido térmico vai-se desenvolvendo, e por isso é extremamente importante abrigá-la do frio. O resfriamento de um recém-nascido pode ser letal.

Também um 'ninho' caloroso na primeira infância faz o ser humano sentir-se bem na Terra, e em seu corpo se desenvolve bem esse sentido do calor.

É preciso ter cuidado com certos métodos de tratamento segundo os quais o excesso de roupa torna a criança demasiadamente mimada; ainda segundo eles, expondo-se ao frio os pequenos se tornam mais resistentes aos resfriados e outras infecções, devendo-se oferecer-lhes pouco agasalho, água fria, etc. Dessa forma, porém, obtemos um resultado totalmente inverso: mais tarde surgirão as doenças escleróticas, endurecedoras. O mesmo vale para o abuso de medicamentos antitérmicos.

Também nos idosos, o organismo térmico não consegue mais regular a temperatura; uma queda de temperatura externa, meteorológica, precisa ser equilibrada com roupa mais quente.

O frio nos leva a retrainos, a encolher; o calor nos proporciona a sensação de bem-estar, de expansão. Animicamente, é a força do entusiasmo que nos aquece. Tudo o que fazemos com interesse e entusiasmo nos aquece. O tédio e desinteresse nos esfria. A falta de amor também nos torna mais frios; o coração e a circulação são os órgãos reguladores do calor.

Quando o coração se inflama, nos apaixonamos; quando esfria, torna-se duro como pedra.

Fisicamente, possuímos corpúsculos calóricos por toda a extensão da pele. A pele configura nosso limite em relação ao exterior; para dentro começa a vida, e a pele protege a casa corpórea – que, por sua vez, nos protege do calor e do frio do mundo. O sentido do calor é, portanto, um arquiteto visando à nossa proteção.

Segundo Norbert Glas, a virtude ligada a esse sentido é a paciência.

O sentido da audição

Pode-se dizer que os órgãos da audição, juntamente com os da visão, são fisicamente os mais perfeitos.

Em tempos antigos o ouvido tinha dimensões bem diversas, sendo através dele que a alma era acolhida no corpo. Gradativamente, esse órgão foi-se encolhendo e chegando a uma interioridade no organismo.

O veículo do som é o ar até atingir o tímpano; depois ele se transmite pela endolinfa (veículo aquoso) até o chamado caracol. O caracol é a expressão física final do caminho da alma a partir das esferas espirituais até o corpo. E se, através do som de uma vogal ou da música, fizermos o caminho de volta com nossa alma, chegaremos ao plano celestial dos ritmos harmônicos, onde reina a 'música das esferas'. Quanto mais o músico consegue captar dessas esferas, tanto mais traz o divino-celestial para dentro da Terra através de sua música.

A música penetra em nosso ouvido pelo nervo auditivo do caracol. De um lado este recebe a impressão acústica de fora, vindo o som, por assim dizer, penetrar na alma, e de outro lado o som também pode provir da janela que liga o órgão auditivo à laringe ou órgão da fala. A música agitada como o *rock* penetra ainda mais

profundamente no corpo, atingindo até os membros. A pessoa não consegue ficar apenas sentada e escutar – ela é levada a movimentar-se freneticamente.

Antigamente, o órgão da fala – a laringe e o ouvido – formavam uma unidade. A relação se fazia, de um lado, com o plano anímico e, de outro, com o plano espiritual da música das esferas ou com o *Logos* divino.

Por ser este um órgão tão físico (o mesmo valendo para os olhos), os fatores hereditários têm uma papel importante. Por isso um bom músico precisa ter um bom ouvido – um bom órgão perceptivo. Além disso, para se ouvir bem é preciso silenciar, controlar a fala.

A criança pequena imita os sons da fala ou dança com a música, respondendo com movimento. Mesmo o adulto, só aos poucos aprende realmente a escutar. Aliás, um bom diálogo só pode fluir entre pessoas que sabem escutar enquanto o outro fala.

A audição poderia ser definida como um dançarino aprisionado (já vimos que o sentido do movimento é o músico interno).

A virtude a ser desenvolvida aqui é o controle da fala.

O sentido da linguagem ou da palavra

Este sentido nos permite a compreensão da linguagem. Depois de escutá-la pela audição, vamos mais além e a compreendemos. Aqui já se trata de um sentido espiritual, pois todas as palavras têm uma origem cósmica. “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.” Trata-se de forças espirituais que aos poucos se condensaram em formas terrestres, materiais.

O conceito e a denominação de cada objeto possuía, em tempos primordiais, profunda relação com sua essência. À medida que o homem foi perdendo a relação com a essência das coisas, um mesmo conceito passou a ter várias representações. Existem línguas em que os termos se aproximam mais da essência, enquanto em outras isso ocorre menos.

Assim, o termo grego *psyché* (psique) significava ‘alma’; hoje, ao usarmos o termo ‘psiquismo’ referimo-nos apenas à atividade pensante, aos processos mentais conscientes.

A criança pequena ainda forma uma imagem viva das palavras. Todo o seu aprendizado da linguagem é profundamente ligado a esse processo.

Anatomicamente, sabemos que o centro da fala está relacionado com o movimento das mãos e dos braços. Na pessoa destra, ele se forma no lado esquerdo do cérebro, e na canhota no lado direito. Contudo, Rudolf Steiner fala de nossa laringe como sendo o órgão que capta as palavras; ela responde à fala vibrando interiormente. Primeiro acolhe a criação divina da palavra, para depois tornar-se, ela mesma, um órgão criador. Nosso sentido da linguagem tem a capacidade de oscilar com os movimentos da fala, com as formas dos sons; é como uma percepção do espaço, só que transformada. É muito importante a criança ouvir uma linguagem rica e sonora: a partir disso ela dará o passo seguinte, que consiste em articular as palavras.

Rudolf Steiner criou a arte denominada *eurritmia*, em que o corpo expressa o movimento realizado pelo ar ao sair da laringe. A visualização desses movimentos abre-nos uma percepção mais profunda da linguagem falada, ou do sentido da fala em si.

O sentido da linguagem sugere a profissão do advogado, que deve saber entender o que está por detrás das palavras. A natureza dessa profissão é elevada, e deveria nivelar-se ao divino: o que deve ser feito de modo correto corresponde à consciência moral. 'Direito' é igual a 'correto'! Por ligar-se à fala, esse é também o campo da retórica.

A virtude a ser desenvolvida aqui é a coragem.

O sentido do pensamento

Este sentido também poderia ser denominado 'sentido do conceito'. Por seu intermédio percebe-se o pensamento do outro, o que está por detrás dele, ou o que está por detrás do pensamento em si.

'Compreender' subentende, em sua origem latina, 'apreender com as mãos' (*comprehendere*, composta de *cum* *prehendere*) ou, metaforicamente, tatear o pensamento contido num texto, num relato, etc. Existe uma aproximação à natureza desse sentido quando popularmente se diz que alguém 'lê' o pensamento do outro. Quando duas pessoas ou mais têm simultaneamente um mesmo

pensamento, na realidade esse pensamento 'está no ar', e elas o captam ao mesmo tempo.

Quanto mais exercitamos nosso pensamento, mais a consciência se amplia em idéias e conceitos; e quanto mais profundamente mergulhamos num assunto, mais conseguimos que o pensamento se revele por detrás do fenômeno. (Rudolf Steiner, em seu livro *A filosofia da liberdade*⁴³, dá-nos os elementos para a compreensão do sentido do pensamento.)

Só a partir do terceiro ano de vida é que a criança pode formar representações mentais de suas percepções. O ser humano observa fatos e forma representações mentais constantemente. O eu se realiza unindo percepções num conceito por meio do pensar, promovendo a união entre o mundo exterior e o mundo interno. Unir percepção e conceito é uma tarefa da educação.

Os sentidos que percebem luz, calor, sabor, têm qualidades sensoriais diferentes do que o sentido do pensamento. Sob o efeito daqueles, formamos conceitos como o cheiro da rosa, o sabor doce do alimento, etc. Já com o sentido do pensamento estamos em outro âmbito: captamos o pensamento do outro, independentemente do fato de este querer transmitir-me algo certo ou errado.

Em realidade, o sentido do pensamento, está fora do corpo. Crianças pequenas, ainda não bem encarnadas, adivinham facilmente o pensamento do adulto. O idoso, ao contrário, tem mais dificuldades em adivinhar o pensamento do outro, e mesmo em acompanhar o fio de seu pensamento.

Para um adulto perceber o pensamento do outro, ele precisa da atividade pensante, porém no sentido de fazer calar seus próprios pensamentos. Goethe foi mestre nesse sentido: toda a observação goethiana das plantas, da natureza, tem relação com o fato de não se violentarem os objetos com os próprios conceitos, mas calar-se internamente e deixá-los revelar-se. Foi assim que Goethe chegou à 'planta arquetípica', à 'idéia da planta'.⁴⁴

Desenvolvendo-se o sentido do pensamento, também se desenvolve um delicado sentido para o conteúdo moral do mesmo.

⁴³ Ed. brasil. em trad. Alcides Grandisoli (2. ed. São Paulo: Antroposófica, 1988).

⁴⁴ V. Goethe, *A metamorfose das plantas*, trad. Friedhelm Zimpel e Lavínia Viotti (3. ed. São Paulo: Antroposófica, 1997).

Hoje, a ciência envereda por um caminho que separa a pesquisa científica da moralidade, descartando ou dificultando essa percepção. Por outro lado, o sentido do pensamento não recebe alimento da tevê, do rádio ou do cinema. As crianças que assistem aos programas têm seu sentido do pensamento cada vez mais atrofiado, e não menos o adulto.

Toda a sociabilidade e união das pessoas depende do quanto os membros de uma comunidade são capazes de captar reciprocamente os pensamentos, e até que ponto conseguem acolher pensamentos verdadeiramente morais no Universo.

A virtude a ser desenvolvida aqui é a descrição.

O sentido do eu

Esse é o sentido que nos permite perceber o eu do outro. Tampouco aqui há um substrato corpóreo, e sim apenas espiritual.

Quantos véus não encobrem a verdadeira personalidade do outro? Por exemplo, os aspectos ligados à moda – a maneira de vestir-se, de pentear-se, etc. – são fatores tendentes a tornar todas as pessoas iguais, inclusive sem diferença de sexo. Além disso, há o papel profissional, o papel de bom cônjuge, de bom pai ou boa mãe, de bom filho ou filha, sendo tudo isso vestido como uma carapaça para o eu. As normas e costumes também são condicionados: a maneira como se dá a mão, como se beija, etc. Enfim, trata-se de tudo o que Jung denomina *persona*.

O verdadeiro eu do outro é poucas vezes vislumbrado por nós – apenas naqueles momentos inesquecíveis na vida, nos encontros verdadeiros, que nos proporcionam uma percepção da eternidade e estão profundamente relacionados com o destino.

O sentido do eu ainda está pouco desenvolvido. Pode ser despertado na tenra infância, pelo amor e calor do pai ou da mãe, cujos atos a criança olha com admiração; no segundo setênio, por aquele professor que ela ama profundamente e que parece perceber as profundezas de seu coração: aquele que confia nela e lhe inspira confiança; no terceiro setênio, é despertado um pouco mais pelo estudo de biografias de grandes personalidades, chegando porém ao seu pleno desenvolvimento somente aos 35 anos.

Podemos educar-nos observando os gestos, a fala, os movimentos, toda a morfologia do rosto ou corpo de outra pessoa, po-

rém muitas vezes ela só se revela em ocasiões especiais, como por exemplo ao adoecer, quando o médico tem oportunidade de desvendar alguns dos mistérios de sua personalidade. Em nossos cursos biográficos⁴⁵, oferecemos aos participantes a oportunidade de se conhecerem mais em sua essência, pois pela biografia chega-se a conhecer mais profundamente o eu. Consideramos esse exercício biográfico um treino para desenvolver o sentido do eu. À medida que nos conhecemos melhor, conhecemos melhor o outro. Quando amamos a nós mesmos, aceitando-nos, somos capazes de amar e aceitar o outro. A virtude do sentido do eu é a magnimidade.



É difícil fazer a ligação entre os três sentidos superiores e os signos. Parece-nos muito mais que eles transcendem essa esfera, e há quem os ligue à Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo –: o sentido da linguagem se ligaria ao Filho; o do pensamento, às ‘esferas das mães’, de Fausto (de Goethe), e o sentido do eu ao Pai.

A imagem primordial da Criação estava ligada aos doze sentidos. Pode-se dizer também que ‘o Verbo sangrava em cinco feridas’, e que cinco dos sentidos – audição, calor, visão, palavra, olfato – ‘estão pregados na cruz do mundo’. Toda a organização sensorial humana foi ferida pela queda do Paraíso, e a cura dos sentidos pode ocorrer por intermédio do Cristo, por sua passagem pelo Mistério do Gólgota – pela morte e pela ressurreição.

Ao reconhecermos o organismo sensorial, damos o primeiro passo na cura dos sentidos.

Nota: A relação, aqui apresentada, entre as doze virtudes e os órgãos dos sentidos baseia-se na interpretação dada por Norbert Glas. Nós relacionamos as doze virtudes com os signos do zodíaco de outra maneira, com base no que foi originalmente apresentado por Rudolf Steiner. Justamente a virtude que um signo mais exige ser cultivada deve ser praticada no período em questão. Esta relação aparece na tabela da pág. 249, e parece-nos ser a correta para os órgãos dos sentidos, com os signos correspondentes.

⁴⁵ V. nota 1 na p. 14.

11. As posturas da eurritmia

Rudolf Steiner criou uma nova arte do movimento, a eurritmia, que torna visíveis os sons da fala ou da música. Os sons da fala, emitidos por nossa laringe, fazem movimentos no ar compondo as mais diversas formas. Façamos uma experiência pronunciando um A ou um I, e já perceberemos como esses sons vibram de maneira totalmente diversa. O mesmo ocorre com as consoantes.

O movimento da eurritmia é a reprodução, com o nosso corpo, dessas vibrações diferentes, existindo uma forma para cada vogal ou consoante, ou mesmo para cada som musical. No capítulo 'A relação entre as consoantes e o zodíaco' entenderemos melhor o papel das consoantes, e como cada forma se manifesta em movimento no espaço, relacionando-se com cada força zodiacal.

Em seu curso denominado 'Eurritmia como linguagem visível'⁴⁶, Rudolf Steiner apresenta, na décima conferência, posturas eurrítmicas relativas a cada força zodiacal, assim como a cada astro. Quem pratica a eurritmia regularmente pode sentir como essas forças atuam harmonizando e equilibrando o ser humano. A síntese de todas as formas pode ser cultivada juntamente com os 'doze matizes' (v. capítulo 13).

Também na eurritmia curativa – na qual são mais especificamente exercitadas algumas vogais e consoantes, ou algumas das formas do zodíaco, ou ainda apenas de um dos planetas –, atuamos mais diretamente sobre certas áreas do corpo, harmonizando-as.

Reproduzimos a seguir as formas das posturas zodiacais da eurritmia, conforme indicado por Steiner no curso acima citado.

Essa série de gestos representa, no fundo, a essência do ser humano – poder-se-ia dizer todo o ser humano dividido em doze elementos, o todo essencial.⁴⁷

⁴⁶ V. Rudolf Steiner, *Eurythmie als sichtbarer Sprache*, GA-Nr. 279 (5. ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1990).

⁴⁷ Idem, *ibid.*

Podemos iniciar com a postura de Leão, indo deste até Aquário. Pode-se dizer que por meio destes gestos caminhamos pelo lado do pensar. Em seguida iniciamos novamente por Leão e caminhamos, pelo lado do agir, até Peixes.

Teremos então as seguintes posturas (v. figura 43):

- I. Leão:** 'Entusiasmo flamejante'. Os dois braços são posicionados abertos para cima, as palmas das mãos voltadas para fora e os dedos totalmente abertos. Irradia o elemento solar, que tem seu centro no coração – o elemento da circulação sanguínea. Esta postura representa o sentir.
- II. Virgem:** 'Sobriedade sensata' (ou 'esfriamento racional'), por cujo intermédio ocorre o esfriamento do 'entusiasmo flamejante'. O gesto é feito colocando-se o braço direito encostado no corpo e a mão esquerda levemente apoiada no flanco esquerdo, um pouco abaixo da cintura, como que protegendo o conteúdo do ventre.
- III. Libra:** 'O ponderar das premissas do pensar' (ou 'o julgamento'). Antes de um pensamento, temos de avaliar bem as diversas possibilidades, as diversas premissas. O gesto de Libra se faz colocando uma das mãos sobre a outra, com as palmas voltadas para baixo e os dois braços esticados para a frente.
- IV. Escorpião:** 'O pensar'. Aqui, realmente, deveríamos inserir a Águia. É da cabeça que parte esse impulso. Os braços são colocados ao lado do corpo, o braço esquerdo um pouco mais afastado, apontado para o chão (tal qual o ferrão do escorpião).
- V. Sagitário:** 'A decisão'. Depois de se firmar o pensamento, chega-se à decisão. É o pensamento que quer tornar-se realidade, que quer sair para o mundo. A posição de Sagitário (v. figura 44) se faz colocando o pé na frente e a mão esquerda segurando o cotovelo (os braços formam um arco).

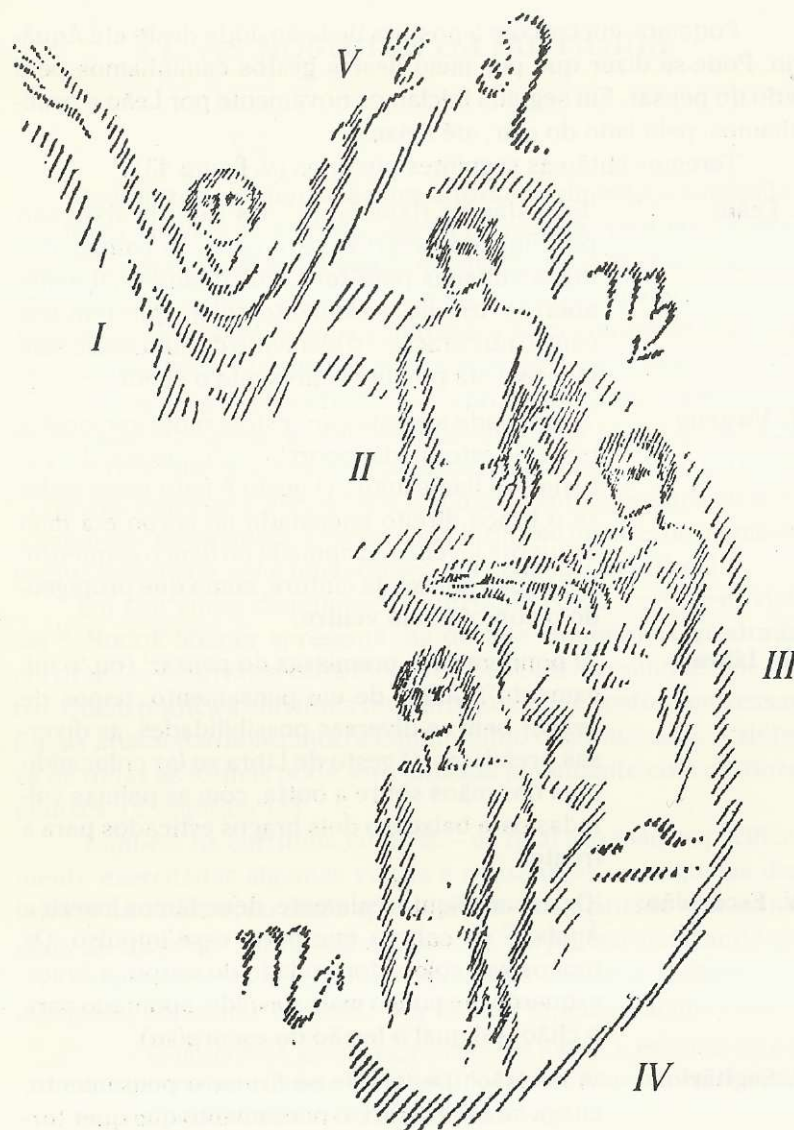


FIGURA 43

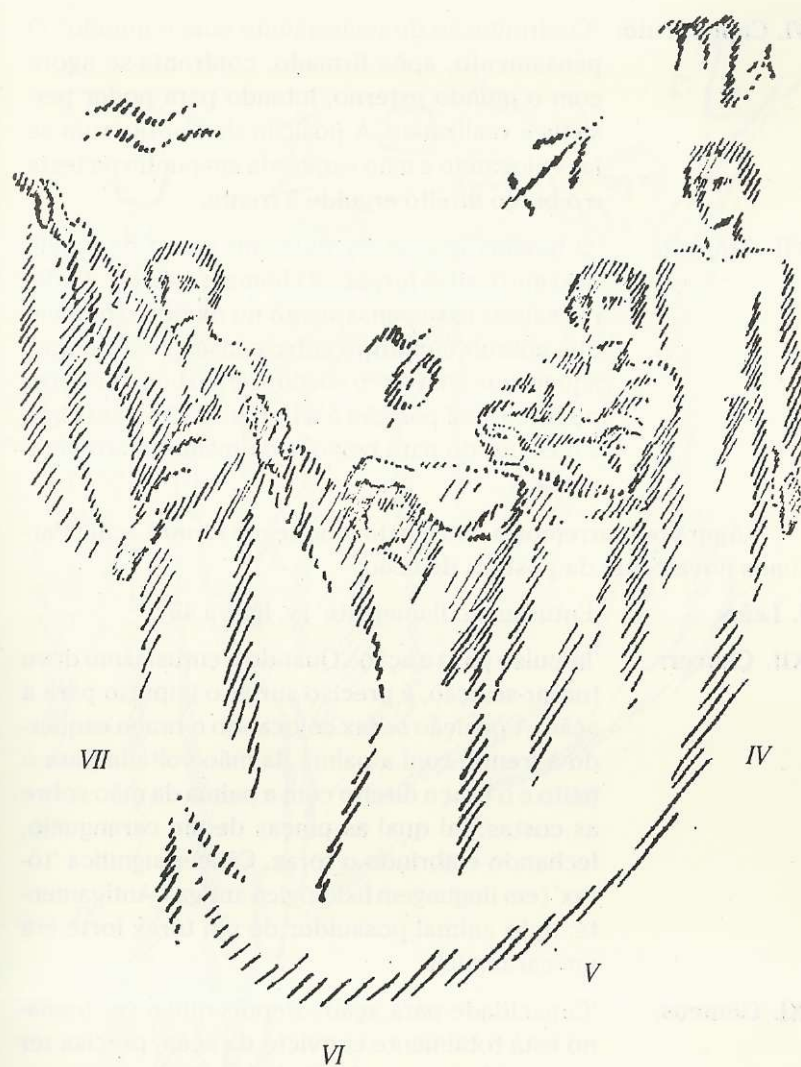


FIGURA 44

VI. Capricórnio: 'Confrontação do pensamento com o mundo'. O pensamento, após firmado, confronta-se agora com o mundo externo, lutando para poder persistir e realizar-se. A posição do Capricórnio se faz colocando a mão esquerda em punho na testa e o braço direito erguido à frente.

VII. Aquário: 'O homem que se encontra no ponto de equilíbrio entre suas forças'. 'O homem etérico'. Poderá realizar esse pensamento no mundo o homem que possuir equilíbrio entre pensar, sentir e agir, aquele que com o seu corpo etérico unificar o corpo físico. Sua posição é o braço direito para cima e o esquerdo para baixo, movimentando-os vice-versa.

Agora percorremos o outro lado, que segue rumo à ação. Partimos novamente da postura de Leão:

I. Leão: 'Entusiasmo flamejante' (v. figura 45).

XII. Câncer: 'Impulso para a ação'. Quando o entusiasmo deve tornar-se ação, é preciso surgir o impulso para a ação. A posição se faz colocando o braço esquerdo à frente, com a palma da mão voltada para o peito e o braço direito com a palma da mão sobre as costas, tal qual as pinças de um caranguejo, fechando e abrindo o tórax. Câncer significa 'tórax' (em linguagem fisiológica antiga). Antigamente, todo animal possuidor de um tórax forte era um caranguejo.

XI. Gêmeos: 'Capacidade para ação'. Depois que o ser humano está totalmente convicto da ação, precisa ter a capacidade para ela. Os lados direito e esquerdo do ser humano têm de entrar em harmonia para surgir o movimento. A postura se faz colocando as pontas dos pés voltadas levemente para dentro e cruzando os braços – tal qual um capitão em seu navio (aliás, essa posição evita enjões



FIGURA 45

quando se viaja de navio) ou como Napoleão, fincando os pés na terra antes de um combate.

X. Touro:

'A ação' (a volição). A postura se faz colocando o braço direito em volta da cabeça, diretamente na parte superior, e a mão esquerda apontando para o queixo, tocando a laringe (o órgão da fala de Touro).

IX. Áries:

'Ao evento', 'ao acontecimento'. Ele olha para o que aconteceu. Já se afasta do ato, podendo olhar para o que aconteceu por sua atuação. A postura é feita inclinando-se a cabeça levemente para a frente, com a mão direita levantada tocando o queixo, enquanto o braço esquerdo pende para baixo.

VIII. Peixes:

Onde 'o evento se tornou destino'. O ser humano se une ao mundo exterior, nadando nele tal qual um peixe; torna-se uno com o ambiente. No gesto, vemos como o evento atuou sobre o ser humano que o realizou. Algo se tornou destino. A postura se faz colocando o pé esquerdo no chão, o direito levemente levantado pelo calcanhar, dobrando-se levemente o joelho. O braço direito é esticado para cima e o braço esquerdo para baixo, levemente dobrado no cotovelo.

Então chegamos novamente ao ponto VII, a Aquário, que põe tudo em equilíbrio.

Quando se trabalha com euritmia de grupo, pode-se fazer dois círculos: um externo – o zodíaco –, representando gesto, atitude e forma, e um interno – os sete planetas –, expressando movimento (figura 46). O grupo interno faz movimentos, e o externo gira lentamente – é como se o ser humano olhasse o mundo de todos os lados, pusesse todas as suas faculdades em movimento. Pelo fato de este gesto ser estático, todas as formas do zodíaco expressam as faculdades humanas numa síntese.

Temos, portanto, fora, no círculo zodiacal, 'todos os animais como ser humano', e no círculo interno, o dos sete planetas, 'a síntese do animalesco no homem'.

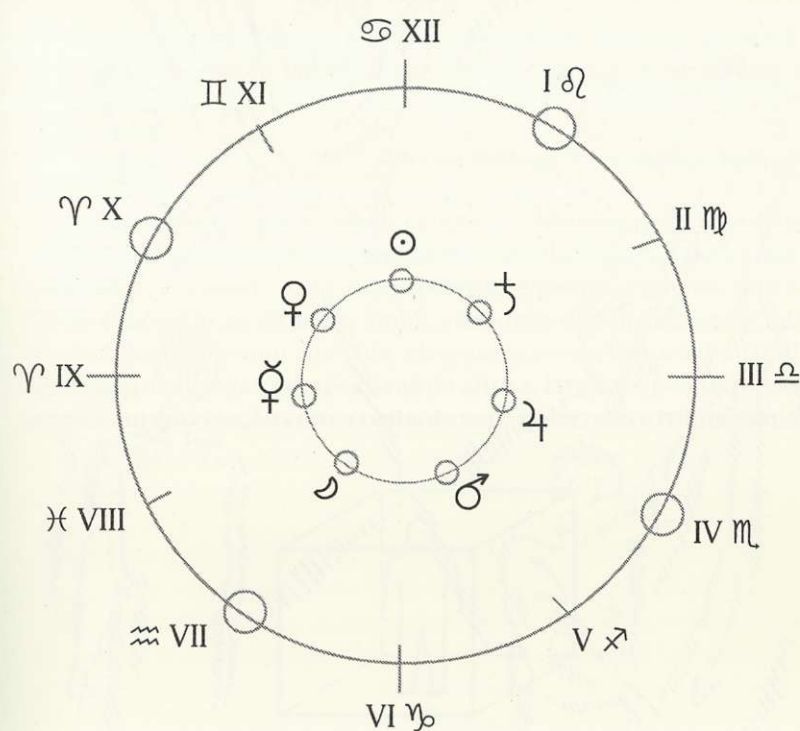


FIGURA 46

No capítulo seguinte, veremos como ao zodíaco correspondem as consoantes e aos planetas as vogais.

Na eurritmia temos uma imitação daquilo que, por intermédio dos deuses do Cosmo, foi dito ao ser humano. A eurritmia seria uma renovação das danças templárias dos antigos mistérios. [Rudolf Steiner]

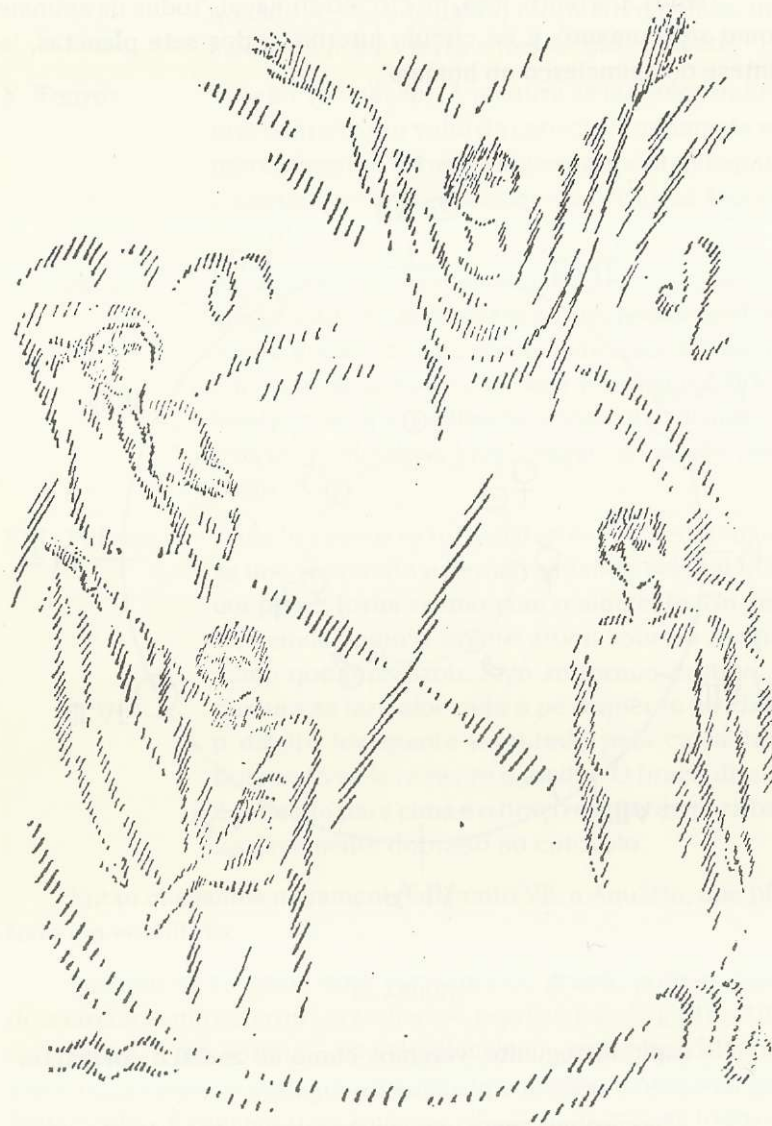


FIGURA 47 – As quatro posturas das quatro forças básicas:
Leão, Escorpião, Aquário e Touro

12. A relação entre as consoantes e o zodíaco

*Homem, fala! – e revelarás, por meio de ti, o devir do mundo!
O devir do mundo se revelará por meio de ti, ó homem, se
falares!*

Rudolf Steiner (dos mistérios de Éfeso)

Para estudarmos a relação entre as constelações do zodíaco e a fala humana, utilizaremos uma imagem da situação do homem no Cosmo. Tomando essa imagem espacialmente, veremos que na Terra o homem se situa no âmbito das três dimensões espaciais. Ao movimentar-se em sua vida, ele parece estar sempre dentro de um cubo ideal, cujas perspectivas de altura, largura e profundidade o colocam em relação com o restante espaço terrestre trimensional.

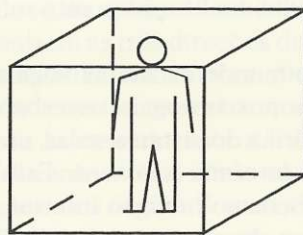


FIGURA 48

Além disto, o homem contém um mundo interior limitado por sua pele e está rodeado por um mundo exterior que também se limita com essa pele e seus órgãos. O mundo interior tem uma vida própria, pulsante, com ritmos próprios, semelhantes aos ritmos externos, porém autônomos e independentes da seqüência exterior dos acontecimentos. O centro desse mundo interior vivo e pulsante encontra-se no sistema orgânico formado pelo coração, a circulação do sangue, a função pulmonar e a respiração.

É ao redor desse sistema cardiorrespiratório que se passa toda a vida orgânica interior; o intercâmbio com o mundo exterior também se baseia nesse sistema central. A respiração interna dos órgãos e o conteúdo interno formado por substâncias, líquidos, temperaturas, com suas harmonias e desarmonias, encontram-se e se intercambiam na zona situada entre alvéolos pulmonares e vasos sanguíneos. Parte dessa vivência orgânica é mantida dentro do coração e do sistema circulatório, e outra parte é transmitida ao ar expirado, passível de ser articulado e configurado pelos órgãos da fala e tornando-se experiência audível, compartilhada com as outras pessoas e com o mundo circundante. Em resumo: ao falarmos, os conteúdos internos de nosso organismo se transformam em fonemas audíveis pela espiritualidade que vive no mundo, nas pessoas, na natureza, nas esferas cósmicas.

Graças a Rudolf Steiner, sabemos que as vogais são os fonemas pronunciados a partir do mundo interior. As vogais são a linguagem anímica humana por excelência. Um fato histórico interessante é que o primeiro povo a escrever as vogais foram os gregos. Os fenícios, os egípcios e os hebreus não as escreviam. Para os gregos, a visualização gráfica das vogais torna-se necessária como primeiro passo da individualização e auto-reflexo dos conteúdos da alma humana.

Dissemos que o mundo escuta as vogais humanas. E qual é sua resposta? Ao falarmos as vogais, reverberam ao nosso encontro as esferas planetárias do sistema solar, como resposta divino-espiritual aos ritmos internos humanos. Estabelece-se assim um diálogo entre o microcosmo humano interior, pulsante dentro da pele, e o macrocosmo do sistema solar, limitado pela esfera de Saturno.

No caso das consoantes, a situação é diferente. As consoantes são os fonemas pronunciados pelo mundo aos homens. O meio ambiente com suas formações naturais, constituição geográfica, características de solo, atmosfera, rochas, mares, rios, expressa-se em consoantes ao homem e configura a língua regional de um povo. Para o povo português, a vivência da árvore se expressa na sabedoria do *R* e do *V*. Para o povo germânico, na sabedoria do *B* e do *M* (*Baum*), para o povo anglo-saxão, na sabedoria do *T* e do *R* (*tree*). A origem das línguas e das palavras está intimamente ligada à cons-

tituição geográfica e à natureza da região onde surgiu a língua, expressando-se nas consoantes. Já as vogais expressam a vivência interna e os sentimentos anímicos que a acompanham e fazem as consoantes soar. Elas ressoam a partir do espaço bucal interno, em suas diversas arquiteturas, enquanto as consoantes são configuradas pelos pontos de articulação (dentes, língua, palato, lábios – os envoltórios externos).

A bem dizer, o mundo pode ser visto como conjunto de consoantes solidificadas, que começam a ressoar com a ajuda das vogais do mundo interior vivo e pulsante do homem quando este fala.

Mas qual é a pátria espiritual do mundo, das consoantes petrificadas? Onde se encontram, vivas e atuantes como forças criadoras primordiais, as consoantes arquetípicas? De onde partem as forças que configuram o mundo em formas visíveis? Do mundo do zodíaco. É das constelações do zodíaco que partem os arquétipos das consoantes; lá elas são faladas pelos deuses e configuram o mundo. As consoantes faladas pelos homens são a resposta, a percepção cognitiva do homem, sua parcela na criação do mundo.

Para completar nossa imagem inicial, devemos ver o homem no centro do encontro entre as atuações de forças criadoras espirituais, vindas de doze direções. Aí as doze direções do espaço macrocósmico encontram as três direções do espaço terrestre. Sua pátria é o zodíaco; elas atuam em torno e através do sistema solar, configuram o mundo exterior terrestre que circunda o homem, configuram o próprio homem durante a formação embrionária e mantêm sua forma durante a vida, vindo encontrar seu mundo interior através da pele e dos órgãos dos sentidos.

As forças zodiacais de *Leão* exibem um parentesco com o *entusiasmo flamejante* que irradia em todas as direções do espaço a partir de um ponto central: nosso sol interior, nosso coração. O fonema *T* é como a penetração do espírito na pulsação do sangue vermelho, e pode ser escutado nas batidas do coração.

Da região de *Virgem* partem as forças da *sobriedade sensata*, da *maturação*, as quais, atuando através do *B* e do *P*, auxiliam a formação de um limite externo, dentro do qual se desenvolve uma vida orgânica interior.

O princípio formativo correspondente a *Libra* mostra-se onde o ponderável passa a imponderável. Leveza e luz dominam nes-

te âmbito – a superação das forças animais do metabolismo. O fonema correspondente a isso é impronunciável, não é falado em qualquer língua, mas existe uma forma eurrítmica para ele. Rudolf Steiner colocou o C [brando]⁴⁸ como letra substituta e representativa desse fonema impronunciável: *a ponderação das premissas do pensar, a busca do equilíbrio.*

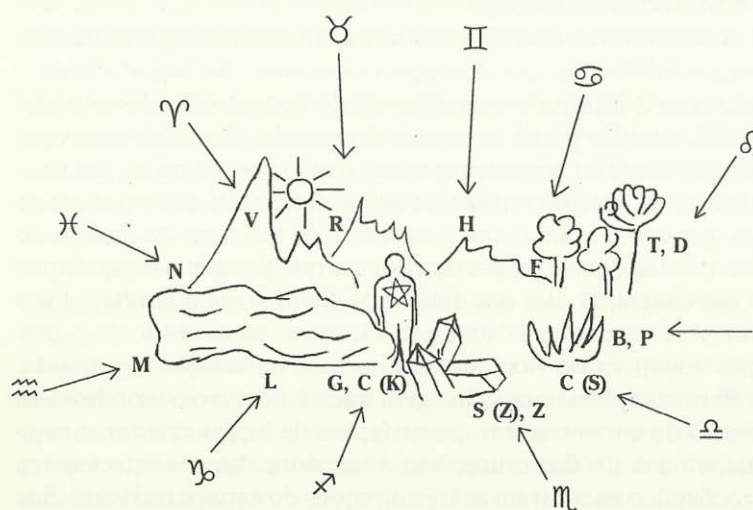


FIGURA 49

Escorpião mostra-se na estruturação da sexualidade orgânica e, por outro lado, como *Águia*, estrutura o órgão cognitivo, a substância branca do cérebro; *Águia* confere ao ser humano o voo alto dos *pensamentos*. Os fonemas que correspondem a essa energia formativa são o S [brando]⁴⁹ e o Z.

Sagitário, que atua por detrás do G e do C [duros]⁵⁰, é a imagem do princípio organizador que domina a animalidade humana a partir do elemento superior do homem. Para os gregos, ele era representado como centauro – a imagem do homem que intervém na

⁴⁸ [O C brando é sibilante, como em *Cecília*.]

⁴⁹ [O S brando tem som de Z, como em *fase*.]

⁵⁰ [O G e o C duros são oclusivos, como em *gato* e *casa*.]

vontade a partir do pensar, dirigindo-a segundo uma meta determinada: a *decisão*.

O princípio formativo que desenvolve a vitalidade interior no ser humano, ajudando-o a afirmar-se perante o mundo exterior que quer invadi-lo, é denominado *Capricórnio* e sentido no fonema *L*. Aqui ocorre o *confronto do pensamento com o mundo*. A forma vence a matéria. Ao ingerirmos uma planta, por exemplo, a vitalidade própria do vegetal é aniquilada no sistema digestivo; e justamente essa força de defesa contra a vitalidade estranha ajuda a desenvolver e manter a própria vitalidade humana interior.

O princípio formativo correspondente a *Aquário* é o fonema *M*, que coloca as forças anímicas no corpo físico em harmonia com a verdadeira organização humana. Aqui *o homem se encontra em equilíbrio entre as forças do pensar, sentir e querer*.

A energia formativa de *Peixes*, que se expressa no fonema *N*, mostra-se na formação dos limites entre os reinos mineral e aquoso no organismo humano – por exemplo, na transição entre músculo e tendão. No âmbito de *Peixes*, *o evento tornou-se destino*.

A energia formativa que flui do metabolismo para a cabeça, refletindo-se nela, é a força de *Áries*, do *Carneiro*, e corresponde ao fonema *V*. A formação da cabeça é aqui o primeiro *evento* da formação humana.

A possibilidade de harmonizar as dualidades mostra a atuação do princípio formativo de *Gêmeos* – o hemicorpo direito com o hemicorpo esquerdo, o cruzamento das fibras nervosas, a fixação do olhar, o equilíbrio entre ácido e alcalino. Nesse encontro, o homem pode vivenciar a si mesmo. Este princípio vive no fonema aspirado *H*⁵¹, o alento que sopra ao encontro do próprio ser e desperta a autovivência, tornando-o *capaz de atuar* a partir do centro estabelecido entre as dualidades.

Já no fonema *R*⁵² se encontra a expressão do princípio formativo do *Touro*. Aqui se evidencia a *vontade e a atividade da fala* como desempenho ativo na direção frente-atrás. A repetição sistemática de uma atividade sempre se expressa com a ajuda do fone-

⁵¹ [Inexistente em português, pronuncia-se como na palavra inglesa *hot*, na alemã *Haus* ou como o *R* da palavra portuguesa *rápido*, desde que aspirado.]

⁵² [Com a participação da ponta da língua.]

ma *R*. Entre os antigos egípcios, o nome do Sol era *Ra*, aquele que todos os dias repete seu curso com o carro de fogo. O operário, o obreiro, o padeiro, o ferreiro, o jardineiro, todos eles exercem dia a dia, de sol a sol, sua profissão.

Fechando o ciclo e dando-lhe novo começo está o princípio formativo de Câncer, que liga a involução com a evolução, a espiral que se enrola penetrando e continua na espiral que se desenrola saindo – o impulso para o ato. No tórax se encontram a inspiração e a expiração: é a imagem quase material, palpável do que se passa na alternância entre sono e vigília, nascimento e morte. O sono é a aspiração da consciência, a morte é a expiração da vida. Este princípio é vivenciado no *F* – a sucção e a expulsão do ar respiratório. Nos mistérios egípcios, o *F* era o fonema de Ísis – “a que era, que é e que será: o Eu Sou”.

Bruno Callegaro

13. Os doze matizes ou doze harmonias

Rudolf Steiner compôs doze estrofes de sete linhas, correspondendo cada estrofe a uma constelação do zodíaco e cada linha a um dos sete planetas, iniciando com o Sol⁵³ e findando com a Lua, tendo entre eles Vênus, Mercúrio, Marte, Júpiter e Saturno.

Trata-se aqui de perceber as leis do mundo espiritual em sua revelação no homem, assim como no Cosmo. [...] É o que foi realizado quando nosso sistema solar foi criado.

Os versos foram criados para a execução na eurritmia, e ao serem vivenciados evocam diferentes matizes. Num círculo periférico, doze pessoas ficam fazendo as formas eurrítmicas do zodíaco, sem deslocar-se. Dentro do círculo, outras representam respectivamente o Sol mais na periferia, a Lua mais no centro e, entre ambos, os planetas. Estas sete pessoas ficam em constante movimento, percorrendo o zodíaco. Aos poucos se percebe “o Verbo que ressoa através do mundo e a formação do mundo que prende o Verbo”.

Assim Rudolf Steiner tentou, por meio dos segredos do Universo, criar formas possíveis de serem faladas e expressas também em movimentos eurrítmicos. Ao sermos acordados com as palavras “Ó aparência de luz, permanece!”, poderemos saber imediatamente: Lua em Áries (v. estrofe abaixo).

Realizando a cada dia do mês os sete versos ou linhas da estrofe correspondente, aos poucos desenvolvemos um sentido mais profundo a cada verso e a cada estrofe.

♈ *Áries*

Exsurge, ó clarão da luz!
Compreende a essência evolutiva,
Apreende o tramar de forças,
Irradia-te, despertando o ser.
Na resistência, ganha,
No caudal dos tempos, desvanece.
Ó clarão de luz, permanece!

⁵³ Incluído astrologicamente, desde a Antigüidade, entre os planetas. (N.E.)

*Touro*

Alumia-te, clarão do ser!
Sente a força evolutiva,
Entretece os fios da vida
Na essência do ser cósmico,
Na ponderante revelação,
No luminoso divisar do ser.
Ó clarão, aparece!

*Gêmeos*

Revela-te, ser solar!
Move o impulso repousante,
Envolve o prazer almejante,
Para o poderoso imperar vital,
Para a venturosa compreensão cósmica,
Para o frutuoso madurar evolutivo.
Ó ser solar, persiste!

*Câncer*

O repousante clarão do alumiar
Engendra o calor vital,
Aquece a vida anímica,
Para a enérgica preservação de si,
Para a espiritual compenetração de si,
Para o repousante conduzir de luzes.
Tu, clarão do alumiar, vigoriza!

*Leão*

Compenetra, com poder do sentido,
O já volvido ser cósmico,
A sensitiva essencialidade,
Para a volitiva decisão do ser.
No caudaloso clarão vital,
No imperante penar evolutivo,
Com poder do sentido, ressurge!

*Virgem*

O mundo contempla, ó alma!
Que a alma apreenda mundos,
E o espírito compreenda seres;
Lá das potências vitais, atua,
Na vivência volitiva constrói,
No florescer cósmico confia!
Ó alma, reconhece os seres!

*Libra*

Os mundos conservam mundos,
Nos entes vivenciam-se entes,
No ser envolve-se o ser.
E o ente efetua o ente,
Para o evolvente jorrar da ação,
Em repousante gozo cósmico.
Ó mundos, transportai mundos!

*Escorpião*

O ser consome o ente,
Mas no ente mantém-se o ser.
No atuar some o evolver,
No evolver permanece o atuar.
No punitivo imperar cósmico,
No admoestador formar-se,
O ente conserva os entes.

*Sagitário*

O evolver atinge a potência do ser,
No existente ser perece o poder evolutivo,
O atingido fecha o prazer do almejar,
Na imperante força vital volitiva.
No perecer amadurece o imperar cósmico,
Formas desaparecem em formas.
O existente sinta o existente!

*Capricórnio*

O futuro repouse no passado.
O passado sinta no futuro,
Para o vigorizante ser da atualidade.
Que na interna resitência vital
Vigorize o vigília dos seres cósmicos,
Floresça o poder atuante da vida,
O passado suporte o futuro!

*Aquário*

Que o limitado se sacrifique ao ilimitado.
E o que carece de limites ponha,
Nas profundezas, limites a si próprio;
Eleve-se no caudal,
Como onda a fluir, mantendo-se;
Formando-se, no evolver, como ser.
Limita-te, ó ilimitado!

✠ *Peixes*

Que no perdido se encontre a perda,
E no ganho se perca o ganho,
No compreendido se procure o apreender
E se conserve no conservar.
Pelo evolver erguida ao ser,
Pelo ser entretecida ao evolver,
A perda seja ganho para si.

*Rudolf Steiner*⁵⁴
(Trad. Lavinia Viotti)

⁵⁴ Em *Versos e meditações / Dança dos planetas / Doze harmonias*, trad. Lavinia Viotti e Gusmão de Oliveira Manzur (São Paulo: Edições Religião & Cultura da Comunidade de Cristãos do Brasil, 1991).

14. Os doze pontos de vista filosóficos

Para se obter uma concepção objetiva do mundo, este não pode ser apreendido apenas com o enfoque de uma cosmovisão unilateral. “Unilateralidade é a maior inimiga de todas as concepções do mundo”, diz Rudolf Steiner. O mundo se só manifesta verdadeiramente a quem saiba vê-lo de todos os lados.

Assim como o Sol [...] percorre os signos do zodíaco, iluminando a Terra de doze ângulos distintos, o homem não deve arraiar-se a um único ângulo [...]. Deve, isto sim, ser capaz de circundar o mundo, vivenciando os doze ângulos a partir dos quais se pode observá-lo. A partir do pensar, todos os doze ângulos são plenamente justificados. [V. tabela I na p. 242.]

Rudolf Steiner deu alguns exemplos de personalidades da história espiritual; mas sobretudo indicou, no drama de mistérios ‘A provação da alma’⁵⁴ (primeiro quadro), os doze representantes das diversas cosmovisões, que, como se sabe, são reencarnações de doze camponeses. Sigismund von Gleich, em seu livro *Die Wahrheit als Gesamtumfang aller Weltansichten* (A verdade como dimensão global de todas as concepções do mundo), fez a tentativa de completar a lista apresentada por Steiner, com a adição de outras individualidades significativas, o que nos leva à equiparação efetuada na tabela I (v. p. 242).

E agora tentem adquirir uma sensibilidade para a tarefa que a Ciência Espiritual tem no sentido de atuar como pacificadora entre as diversas concepções do mundo. Pacificar a partir do conhecimento de que essa interação entre essas concepções é, num certo sentido, explicável, mas nenhuma pode, sozinha, conduzir ao âmago da verdade enquanto permanecer unilateral; é necessário vivenciar interiormente a validade de cada concepção para, efetivamente, conseguir chegar à verdade.⁵⁵

⁵⁴ Em *Vier Mysteriendramen*, GA-Nr. 14 (cit. – v. nota 21 na p. 106).

⁵⁵ Rudolf Steiner, *Der menschliche und der kosmische Gedanke*, GA-Nr. 151 (6. ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1990).

Idealismo

Em sua cosmovisão, os idealistas concedem justo lugar aos processos universais; contudo, opinam que a vida no mundo precisa ser impregnada pelo ideal não derivado da matéria, e por cujo intermédio, como por uma força motriz central, a alma humana possa orientar-se a fim de reconhecer na vida um significado, uma razão de ser. (Segundo Fichte, “todo o mundo que se estende ao nosso redor é o material sensibilizado que nos induz ao cumprimento do dever”.) O idealismo alcança seu pleno significado ao enfatizar quão sem propósito e sem sentido seria o mundo se as idéias não passassem de imagens fantasiosas, e não fossem fundamentadas em processos cósmicos reais.

Racionalismo

Um afiliado dessa concepção do mundo pergunta: “Se as idéias matemáticas são realidades no mundo, por que não seriam realidades também outras idéias?” Entretanto, ele só considera as idéias que possa deduzir de coisas com realidade exterior, e descartará as idéias que, originando-se no interior, devam ser captadas intuitivamente ou mediante inspiração; não fora assim, ele já se encontraria na esfera do idealista.

Matematismo

O adepto deste ponto de vista pode transformar-se em servo matemático do Universo, invalidando tudo o que não seja um turbilhão complexo de átomos materiais, passíveis de quantificação, e cuja complexidade possa ser calculada. Segundo seu método, obtém-se um número de vibrações para o azul, para o vermelho, etc. Não se consegue, entretanto, explicar uma simples sensação, nem mesmo falando sobre uma vivência da alma.

Materialismo

Para o materialista, é difícil crer no espiritual; para ele só é comprovável o que se possa ver e tocar. O que ele afirma vale, em primeiro lugar, para o mundo material e suas leis.

Sensualismo

Tudo o que julgamos possuir ao nosso redor, nos fenômenos, foi pensado, adicionado por nós. O sensualismo afirma que, disto tudo, apenas tem legitimidade o que nossos sentidos nos transmitem. Um representante dessa linha de pensamento desvincula dos fenômenos tudo o que, em sua opinião, provém do intelecto, da razão, e considera válido tudo o que os sentidos transmitem como impressões, como anunciado pela realidade.

Fenomenalismo

A visão fenomenalista diz: “Eu me oriento pelo mundo que me circunda; entretanto, não tenho o direito de afirmar que este seja o mundo real. Só posso dizer, a esse respeito, que ele se me manifesta. Não digo que esse mundo das cores e dos sons seja o verdadeiro, já que é criado mediante processos ocorridos em meus olhos e ouvidos, apresentando-se a mim como cores e sons; trata-se, portanto, do mundo dos fenômenos.”

Realismo

“Se no mundo só existe realmente matéria, ou então só espírito, é uma questão com a qual a capacidade cognitiva do ser humano não pode relacionar-se. Claro está somente que ao meu redor existe um mundo em expansão, que reconheço por poder vê-lo e por poder pensar a seu respeito. Se ele é formado por átomos, como afirmam os químicos e os físicos, ou se, além disso, o mundo se fundamenta em algo ainda mais espiritual, não me é dado desvendar tal mistério! Eu só me oriento pelo que me rodeia.”

Dinamismo

Há também pessoa incapazes de aceitar a existência de seres com diversos níveis de capacidade de representação mental; por outro lado, elas tampouco se satisfazem em perceber o que se estende no mundo exterior, porém aceitam que tudo seja regido por certas forças: para compreender o magneto, por exemplo, partem da premissa de que existe uma força magnética extra-sensorial, invisível, permeando tudo.

Monadismo

Esta concepção do mundo foi cunhada por Leibniz [1646–1716]. Segundo ele, existem seres – as mônadas – que criam em si a existência, podendo fazer brotar de si as representações mentais, as idéias, como por exemplo a alma humana. Há pessoas que sonham, há pessoas que desenvolvem em si as representações conscientes – em suma, as mônadas nos mais diversos graus. O monadismo é espiritualmente abstrato, não sendo capaz de representar para si próprio a essência concreta das entidades espirituais individuais; portanto, reflete o mundo para o espiritual, que deixa indefinido.

Espiritualismo

A concepção espiritualista diz: “A matéria exterior existe, mas apenas como manifestação do espiritual, que é sua fonte de origem. A verdade superior com que devemos ocupar-nos é o espírito, a efetiva realidade; a matéria é somente *maya*, ilusão.” As pessoas afiliadas a essa concepção reconhecem o mais real – o espírito –, mas por serem unilaterais negam a importância da matéria e de suas leis.

Pneumatismo

Quando o homem, além de reconhecer ser um ente psíquico e cognitivo, tem também simpatia pelo aspecto atuante, ligado ao querer na natureza humana, diz então a si mesmo: “Não é suficiente a existência de seres capazes apenas de conceber idéias; esses seres devem também poder agir, o que no entanto só é admissível em se tratando de entidades individuais.” Então ele se eleva da aceitação de um mundo dotado de alma para a aceitação do espírito no mundo. Geralmente concebe apenas um espírito global, unificado, ou então uma multiplicidade difusa de espíritos; ainda não vê, como o espiritualista, o mundo repleto de espíritos das hierarquias celestes.

Psiquismo

“Idéias não podem como que estar penduradas no ar! Elas não possuem, em si, força para atuar; necessitam de entidades espirituais às quais estejam vinculadas.”



Na tabela ao lado, colocamos reunidos os mais variados aspectos do zodíaco. Não entramos em considerações sobre a formação dos animais, conforme exposto por Rudolf Steiner em conferência dirigida aos professores da primeira Escola Waldorf: segundo ele, as transformações ocorridas no reino animal partem da estruturação do homem, começando pela cabeça em direção aos pés. Em sua evolução, o homem foi liberando os diversos animais, conforme mencionamos na tabela.⁵⁶ Tampouco entramos em considerações sobre as diversas pedras do mês.

Quanto aos minerais, Rudolf Hauschka, em sua *Substanzlehre* (Teoria das substâncias)⁵⁷, ordena-os de acordo com os signos do zodíaco da seguinte forma: das quatro direções do espaço vêm o hidrogênio, substância-fogo, de Leão; o nitrogênio, substância-ar, de Touro; o oxigênio, substância-vida/água, de Aquário; e o carbono, substância-terra, de Escorpião, formando todas elas as substâncias de natureza orgânica, da atmosfera.

As seguintes substâncias: fósforo, silício, alumínio e cálcio – formam uma cruz mineral, estando subordinadas ao signos de Gêmeos, Áries, Capricórnio e Libra, respectivamente, e formando as substâncias do solo mineral.

As seguintes substâncias: enxofre, halogênios (flúor, cloro, etc.), magnésio e sais alcalinos (álcalis) – estão subordinadas às forças de Gêmeos, Peixes, Sagitário e Virgem, respectivamente, formando as substâncias ou sais da hidrosfera.

⁵⁶ Para maiores detalhes, v. Michael Aschenbrenner, *Tierkreis und Menschenwesen* (cit. – v. nota 29 na p. 168).

⁵⁷ (7. ed. Frankfurt-am-Main: Vitorio Klostermann, 1978.)

Tabela I*

Zodiaco	Filosofia de vida	Exemplos de R. Steiner	Exemplos de S. von Gleich	Guardião do Limiar
Áries	Idealismo	Hegel, Nietzsche I	Platão	M. Kühne
Touro	Racionalismo	Nietzsche II	Herder	B. Redlich
Gêmeos	Matematismo	Wundt	Descartes	G. Wahnund
Câncer	Materialismo	Häckel	Häckel	C. Stürmer
Leão	Sensualismo	Wundt	Condillac	F. Reinicke
Virgem	Fenomenalismo	(Sem exemplo)	Goethe	F. Geist
Libra	Realismo	Mauthner	Aristóteles	M. Treufels
Escorpião	Dinamismo	Nietzsche III	Hobbes	H. Hauser
Sagitário	Monadismo	Leibniz, Hamerling	Leibniz	L. Fürchtegott
Capricórnio	Espiritualismo	Sem exemplo	Valentinus	M. Edelmann
Aquário	Pneumatismo	Sem exemplo	Novalis	E. Demut
Peixes	Psiquismo	J. G. Fichte, Schopenhauer	J.G. Fichte	K. Ratsam

* Tabelas I e II: extraídas da mensagem de Natal da Weleda A.G., Arlesheim (Suíça), 1982 (tabela II complementada por nós).

Tabela II

Mês	Zodiaco	Cor	Reino mineral	Reino animal	Físico/Imagem	Falar	Pensar	Sentido	Mineral
Abril	Áries	Vermelho	Ametista / Ônix	Tunicados	Cabeça	W	Idealismo	Eu	Silício
Maio	Touro	Laranja	Ágata / Carneol / Hiacinto	Equinodermos	Laringe	R	Racionalismo	Pensar	Nitrogênio
Junho	Gêmeos	Amarelo	Topázio / Topázio dourado	Espongiários	Ombros e braços	H	Matematismo	Linguagem	Enxofre
Julho	Câncer	Verde	Pedra-da-lua / Calcedônia	Protozoários	Tórax	F	Materialismo	Audição	Fósforo
Agosto	Leão	Azul	Rubi / Jaspe / Berilo	Mamíferos	Área do coração	T, D	Sensualismo	Térmico	Hidrogênio
Setembro	Virgem	Índigo	Esmeralda / Crisólito	Pássaros	Ventre	B, P	Fenomenalismo	Visão	Álcis (K, Na, etc.)
Outubro	Libra	Violeta	Diamante / Água marinha	Répteis	Bacia	C	Realismo	Paladar	Cálcio
Novembro	Escorpião	Violeta claro	Turquesa / Ametista	Anfíbios (rãs)	Órgãos reprodutores	S, Z	Dinamismo	Olfato	Carbono
Dezembro	Sagitário	Violeta	Granada vermelha / Hialita	Peixes	Coxa	G, K	Monadismo	Equilíbrio	Magnésio
Janeiro	Capricórnio	Pêssego	Esmeralda / Crisólita	Artrópodes	Joelhos	L	Espiritualismo	Movim. próprio	Alumínio
Fevereiro	Aquário	Avermelhado	Safira / Rubi	Vermes	Pernas	M	Pneumatismo	Vida	Oxigênio
Março	Peixes	Vermelho rosado	Pérola branca / Safira	Moluscos	Pés	N	Psiquismo	Tato	Halogênios (F, Cl)

15. As cores do zodíaco e as categorias de Aristóteles

Na representação eurrítmica do zodíaco, Rudolf Steiner estabeleceu uma relação entre as cores e as posturas correspondentes aos signos; assim, os eurritmistas usam vestes nas devidas cores.

A base da escala de cores é o arco-íris, com seus sete tons fundamentais, começando com o violeta – o mais externo, o mais passivo; segue-se o azul, que acalma; depois vem o verde, que nos sugere germinação, crescimento, florescimento – enfim, a natureza; passando ao amarelo, sentimo-nos interiormente fortificados, sentimo-nos seres humanos na natureza; no laranja, começamos a sentir nosso próprio calor; e com o vermelho chegamos ao outro extremo do arco-íris – sentimos alegria, entusiasmo, entrega, amor por todos os seres: esse é o lado ativo das cores.

Nessas cores do arco-íris, nossa alma vive entre a luz dos pensamentos e as trevas da volição; é com nosso sentir que passamos por toda a escala de cores. A esse respeito, Goethe se expressou da seguinte maneira: “O cosmo das cores é o mediador entre luz celeste e escuridão terrestre.”

Porém essas sete cores, assim como as sete notas musicais, são acrescidas de tonalidades diferentes, resultando então nas doze cores, como também nas doze tonalidades musicais. Quando o Sol caminha com os planetas pelo céu e pelas constelações zodiacais, realiza-se a chamada ‘harmonia das esferas’.

A seqüência das cores zodiacais inicia-se em Áries, com o vermelho – uma cor ativa, dramática, portadora das evoluções. Segue-se o laranja de Touro, resultado da mistura do vermelho com o amarelo. No amarelo de Gêmeos atinge-se a maior luminosidade, a maior expansão; já em Câncer a luz vai sendo novamente ‘aprisionada’ pelas trevas, tendo-se então o verde, resultado desse ‘aprisionamento’ do amarelo pelo azul; em Leão estamos em pleno azul. Do azul parte-se para o índigo de Virgem e o violeta de Libra, para depois ver novamente mais luz em Escorpião, com o violeta-claro;

em Sagitário o violeta é mais claro ainda, e em Capricórnio tem-se a cor pêssego, onde se dá o encontro equilibrado do vermelho com o azul. Segundo nos diz Rudolf Steiner, essa é a cor mais espiritual, pertencente ao mundo etérico. Seu pólo oposto é o verde, de Câncer, representando a natureza. (Na Europa, a cor pêssego corresponde bem ao mês de Capricórnio – a época mais escura do ano, quando toda a espiritualidade está absorvida pela terra e contida dentro do ser humano. Então o espiritual brilha mais dentro de nós, em contraposição à primavera e ao verão, quando do vermelho, do laranja e do amarelo chegamos ao verde, em que a espiritualidade está mais no Cosmo. Nessa época do ano, nós também estamos mais no Cosmo, e não tão dentro de nós mesmos.) Em Aquário já temos o avermelhado; em Peixes um pouco mais, para chegar ao vermelho total em Áries, novamente.

Estas cores do arco-íris estão do lado claro, diurno, do círculo zodiacal, entre Áries e Libra; as outras cinco cores correspondem ao lado escuro – o caminho solar noturno de Escorpião a Peixes –, agrupando-se em tonalidades similares em redor de Capricórnio, onde se dá o encontro entre o vermelho e o azul, resultando na 'cor da flor do pessegueiro', como a denomina Rudolf Steiner, ou púrpura, como a denomina Goethe. Goethe elaborou o seguinte esquema⁵⁸:

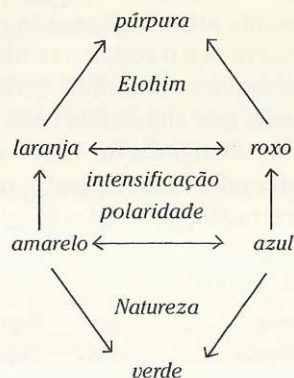


FIGURA 50

⁵⁸ Apud Margarethe Hauschka, *Massagem rítmica*, trad. Ursula Szajewski (2. ed. São Paulo: Associação Beneficente Tobias, 1985), p. 66.

Ele toma como ponto de partida as duas cores puras – amarelo e azul, representando a luz e a treva. Esses dois opostos encontram-se no sentido descendente do esquema, formando o verde. O verde é a cor mais densa, a cor da terra viva onde o ser humano pisa com prazer e segurança; no azul ele submergiria, e no vermelho ficaria exaltado.

Goethe chama a figura assim formada de ‘triângulo da natureza’. O outro triângulo é formado a partir da oposição entre o violeta (roxo) e o laranja, numa interpenetração imaterial, formando o púrpura. O púrpura de Goethe corresponde à ‘cor da flor do pessegueiro’ de Steiner. Goethe pressentiu as forças criadoras por detrás dos matizes avermelhados do mundo das cores, chamando este triângulo de ‘triângulo dos *Elohim*’, divindades criadoras denominadas por Rudolf Steiner como ‘Espíritos da Forma’, os guardiões do eu humano.⁵⁹

Cada cor pode ser sentida em sua individualidade à medida que meditamos sobre ela ou praticamos uma atividade artística, como a pintura. Todas essas cores, sendo devidamente usadas, podem agir de maneira terapêutica no ser humano. A alma, tendo-se tornado cinzenta em função do dia-a-dia ou das preocupações, pode novamente aprender a vibrar, a respirar, a sentir com as cores. A própria dra. Hauschka, citada anteriormente, desenvolveu toda uma forma de terapia artística baseada na pintura.⁶⁰

A relação entre as cores e o zodíaco também deve ser assunto de meditação, para ser melhor entendida. Seria absurdo, por exemplo, concluir do esquema que alguém de Leão devesse vestir-se de azul ou adotar essa cor, ou alguém de Touro adotar o laranja, etc. O importante é compreender o movimento, o dinamismo de cada cor – a expansão, a retração, etc., fatores que se evidenciam na prática da pintura.

Resumindo, pois, temos:

Áries vermelho	Leão azul	Sagitário violeta mais claro
Touro laranja	Virgem índigo	Capricórnio ... cor de pêssego
Gêmeos amarelo	Libra violeta	Aquário avermelhado
Câncer verde	Escorpião .. violeta claro	Peixes vermelho rosado

⁵⁹ V. Rudolf Steiner, *A ciência oculta* (cit. – v. nota 2 na p. 15).

⁶⁰ V. Margarethe Hauschka e Paul von der Heide, *Terapia artística* [3 vols.], trad. Liselotte Sobotta et al. (São Paulo: Antroposófica, 1987).

As categorias do pensar

Rudolf Steiner apontou a relação entre os doze pontos de vista e as forças zodiacais, esclarecendo como estas são tingidas pelas sete nuances planetárias e como hoje, na alma da consciência, pode-se trabalhar com elas.⁶¹ Na época da alma do intelecto e do sentimento – a época greco-romana –, Aristóteles classificou a origem da formação do pensamento em dez categorias, que Rudolf Steiner ampliou com mais duas, sendo ambas de caráter puramente supra-sensível. Também elas podem ser ligadas ao zodíaco, da seguinte forma:

Libra	– essência
Virgem	– aparência ou manifestação
Leão	– tempo
Câncer	– espaço
Gêmeos	– quantidade
Touro	– qualidade
Áries	– atividade
Peixes	– sofrimento, passividade
Aquário	– comportamento
Capricórnio	– localização, situação
Sagitário	– relação
Escorpião	– substância

Relacionando essa sequência às cores, segundo explicam Elisabeth Koch e Gerard Wagner em seu livro *Die Individualität der Farbe* (A individualidade da cor)⁶², temos o seguinte:

1. No início temos a sensação da cor – nós nos tornamos unos com ela, mergulhamos em sua *essência*.
2. Com amarelo, vermelho, amarelo ou azul, aparecemos no papel (ou na superfície) – ganhamos *aparência*.
3. Como primeira, segunda ou terceira cor, vivemos no *tempo*.
4. Procurando o equilíbrio da imagem, colocamo-la no *espaço* do papel.

⁶¹ V. Rudolf Steiner, *Der menschliche und der kosmische Gedanke* (cit. – v. nota 55).

⁶² (Stuttgart: Freies Geistesleben, 1980).

5. A *quantidade* de cor é determinada.
6. A *qualidade* determina a quantidade.
7. /8. Juntas – sobrepostas ou lado a lado –, as cores conferem atividade ou passividade (segundo Goethe, a cor resulta da ação e do sofrimento da luz).
9. Da ação recíproca resulta o *comportamento* das cores entre si.
10. O movimento das cores se apazigua; elas encontram sua *posição*.
11. As mais variadas tensões entre as cores e formas equilibram suas *relações* no quadro.
12. A interpretação sucessiva das qualidades das cores tem como consequência uma constante mudança. A cor adquire sua *substância*.

Transpondo isso para a biografia do ser humano, como o faz Alfred Baur, o criador da quirofonética⁶³, teríamos:

Na *essência* aparece a individualidade; em sua *manifestação*, constata-se que ações o indivíduo praticou, por quais *sofrimentos* passou; verifica-se como se *comportou* aqui ou acolá, que relações criou em sua vida, em que situações se inseriu. Depois cumpre saber em que espaços e locais ele esteve e em que *tempo* tudo isso aconteceu; é necessário, também, verificar que *quantidade* de aptidões espirituais e materiais ele possuía ou adquiriu. Finalmente, existe ainda a tarefa de verificar suas fraquezas e suas vantagens, caracterizando suas *qualidades* – e então teríamos sua *substância*.

⁶³ Terapia fonética realizada com as mãos nas costas do paciente. Vide Alfred Baur, *O sentido da palavra: no princípio era o Verbo*, trad. Bruno Callegaro et. al. (São Paulo: Antroposófica e ABQ, 1992). (N.E.)

16. As doze virtudes

A palavra 'virtude' se origina do latim *virtus*, que também é sinônimo de 'potência' e significa 'força'.

No caminho do autodesenvolvimento, as chamadas 'doze virtudes' estão incluídas em exercícios esotéricos que podem ser praticados a cada mês do ano, acompanhando, portanto, o signo correspondente. Tais exercícios foram recomendados por Helena Blavatsky⁶⁴, e Rudolf Steiner lhes deu algumas complementações.

É recomendável começar a prática desses exercícios no dia 22 de março, observando-se uma virtude a cada mês; quando exercitada, a virtude vai desenvolvendo em nós uma nova qualidade. A seguir especificamos as doze virtudes, correspondendo aos signos, e suas qualidades transformadas:

22 de março – 21 de abril	(Áries)	Devoção: Renúncia
22 de abril – 21 de maio	(Touro)	Equanimidade: Progresso
22 de maio – 21 de junho	(Gêmeos)	Perseverança: Fidelidade
22 de junho – 21 de julho	(Câncer)	Altruísmo: Purificação
22 de julho – 21 de agosto	(Leão)	Compaixão: Liberdade
22 de agosto – 21 de setembro	(Virgem)	Polidez: Sensibilidade, cortesia
22 de setembro – 21 de outubro	(Libra)	Satisfação interior: Serenidade
22 de outubro – 21 de novembro	(Escorpião)	Paciência: Cognição
22 de novembro – 21 de dezembro	(Sagitário)	Controle da fala, do pensamento: Percepção da verdade
22 de dezembro – 21 de janeiro	(Capricórnio)	Coragem: Redenção
22 de janeiro – 21 de fevereiro	(Aquário)	Discrição: Força meditativa
22 de fevereiro – 21 de março	(Peixes)	Magnanimidade (grandeza de alma): Amor

O dr. Norbert Glas, autor de vários livros, entre eles *Lichtvolles Alter* (Velhice luminosa) e *Gefährdung und Heilung der Sinne* (Perigo e cura para os sentidos)⁶⁵, relaciona as virtudes também com

⁶⁴ Helena Blavatsky (1831–1891): fundadora da Sociedade Teosófica, à qual Rudolf Steiner foi afiliado até 1913, quando fundou a Sociedade Antroposófica. (N.E.)

⁶⁵ Citt. (v. nota 6 na p. 22 e nota 42 na p. 204).

os órgãos dos sentidos. Em sua estada no Brasil em 1979, ele ministrou um pequeno curso sobre os órgãos dos sentidos e as doze virtudes, do qual extraímos algumas idéias. A seguir tentaremos indicar como praticar os exercícios relativos a cada uma das virtudes.

Devoção – Renúncia

Numa palestra aos membros da Sociedade Antroposófica em 1912, Rudolf Steiner ressalta a admiração que o ser humano deve sentir pelo mundo exterior.⁶⁶ A admiração é a qualidade inata que a criança, no primeiro setênio, tem ao sentir que “o mundo é bom”. No segundo setênio, essa admiração se torna uma qualidade mais interiorizada – a devoção –, que o ser humano deve aprender a desenvolver nessa época. Veneração, respeito, devoção são qualidades com uma direção comum.

A devoção pode ter por objeto tanto algo elevado – o pensar, as estrelas, o Cosmo – como a coisas mais próximas – a natureza com seus reinos, todos os atos humanos que a transformam, como os do padeiro, que faz o pão, o lixeiro, que leva o nosso lixo, o pedreiro, que faz o muro, etc. Pode também dirigir-se à área mediana do sentimento, ao dedicarmos devoção e respeito pelo sentimento do outro, ou ao admirarmos a arte e a beleza. A falta de interesse, admiração e devoção pelo mundo pode ser até mesmo a causa para doenças numa próxima encarnação. Rudolf Steiner indica algumas dessas correlações: deixar de olhar o céu estrelado, por exemplo, conduz a uma fraqueza da constituição física numa vida posterior.⁶⁷ Daí a grande importância pedagógica e médica de despertar a devoção. Praticando-se a devoção, adquire-se a qualidade da renúncia.

O que significa sabermos renunciar a algo que talvez tanto almejemos? Significa desistir desse algo com calma e sem rancor, raiva ou amargura; por exemplo, deixar de fazer uma viagem que tanto planejamos para dar oportunidade a outra pessoa.

⁶⁶ Palestra de 14.5.1912 em *Der irdische und der kosmische Mensch*, GA-Nr. 133 (4. ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1989).

⁶⁷ V. palestra de 1.3.1924 em *Die Geschichte der Menschheit und die Weltanschauungen der Kulturvölker*, GA-Nr. 353 (2. ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1988).

O sentido relacionado com a devoção é o tato. O tato nos conduz ao interior do corpo, ao egoísmo; no entanto, ao tatear profundamente um objeto – por exemplo, um cristal de rocha – ou acariciar um animal, podemos entrar em íntima relação com o que está fora de nós. Segundo Rudolf Steiner, “o que irradia para dentro e o que é vivenciado para o exterior não é outra coisa senão o ser permeado por um sentido divino”.⁶⁸ Podemos, assim, perceber que um sentido do tato bem desenvolvido nos conduz à devoção. Por exemplo, Albert Schweitzer, um ótimo cirurgião e organista (atividades em que o tato é de grande importância) possuía um profundo sentido de devoção pela natureza e pelos seres humanos, tendo sido também um eminente exemplo de renúncia.

Equanimidade – Progresso

A equanimidade ou equilíbrio interno poderá ser exercitada no plano do pensar, no sentido de aprendermos a pensar livres de preconceitos. Considerando-se, por exemplo, pensamentos como o do geocentrismo ou o do heliocentrismo no sistema solar, tanto Ptolomeu como Copérnico tinham razão, dependendo do lado pelo qual analisamos essas teorias; com a teoria das cores de Goethe ou a teoria das cores de Newton, acontece o mesmo; ou ainda com o behaviorismo, de Skinner, afirmando que ao nascer o ser humano é uma tábula rasa, e que tudo pode ser condicionado – em contraposição ao nativismo, que afirma estarem todas as aptidões do ser humano contidas nos gens.

Teorias tão opostas têm, quando analisadas objetivamente, sua razão de ser. Assim, as forças hereditárias predominam no primeiro setênio, quando o ser humano ainda é fruto das forças herdadas, ao passo que os condicionamentos são extremamente importantes no segundo setênio, quando se desenvolvem as normas, os costumes etc. O importante é ter conhecimento de causa para poder expor esta ou aquela idéia.

No campo volitivo, o treino do equilíbrio é mais difícil, exigindo que todo ato, antes de executado, seja refletido. Se o professor

⁶⁸ V. Rudolf Steiner, *Die zwölf Sinne des Menschen in ihrer Beziehung zu Imagination, Inspiration, Intuition* (cit. – v. nota 41 na p. 204).

que se irrita com o aluno mal-comportado lhe desse uma bofetada, por certo não obteria uma disciplina maior, como deseja; o 'batedor de carteira' que, ao tocar o fundo da bolsa de sua vítima, fosse repentinamente agarrado pelo pulso, ficaria tão surpreendido que imediatamente fugiria.

No âmbito do sentimento, adquirir o equilíbrio interno entre simpatia e antipatia é uma questão do coração. O coração se inflama ante uma simpatia exagerada e se esfria ante uma antipatia. Se as forças da razão sobrepõem, o coração tende a tornar-se duro, enrijecido, acabando por sofrer um infarto ou uma *angina pectoris*. Quando, porém, se consegue desenvolver um verdadeiro entusiasmo pelas próprias idéias ou tarefas, tem-se um coração com bom equilíbrio térmico. Ao nos 'inflamarmos' demais, corremos o risco de nos queimar... Assim, o coração equilibrado não se torna mais tempestuoso em suas simpatias ou violento em suas antipatias. Se já anteriormente desenvolvemos a devoção no âmbito do pensar, sentir e agir, o equilíbrio no sentir se torna mais fácil. Em nosso coração se prepara o destino para o futuro, e podemos entender por que um equilíbrio espiritual interno, segundo Rudolf Steiner, nos leva ao progresso.

A equanimidade está relacionada com o sentido da vida. O sentido da vida nos informa sobre o bem-estar ou o mal-estar interior do nosso corpo. Na velhice, quando se perde a relação com o mundo exterior, existe o perigo de nos voltarmos demais para os nossos mal-estares internos. É a dor de cabeça ou de estômago, ou então aquele zumbido permanente nos ouvidos, que toma toda a nossa atenção. É somente com o desenvolvimento da equanimidade que conseguimos livrar-nos desses males do corpo. Em seu livro *O conhecimento dos mundos superiores*⁶⁹, Rudolf Steiner nos indica alguns exercícios para alcançar a equanimidade.

Perseverança – Fidelidade

A persistência, a perseverança, começa a ser exercitada desde a infância. Quantas vezes a criança não insiste em determinado movimento, até conseguir sentar-se? Quantas outras vezes não cai,

⁶⁹ Ed. brasileira trad. Erika Reimann (4. ed. São Paulo: Antroposófica, 1996).

levantar-se, cai e se levanta, até aprender a andar? Em todas essas tentativas, desde cedo, paralelamente ao sentido do movimento, é treinada a persistência. Quem tem oportunidade de exercitar-se corporeamente dessa forma, para aprender a andar no primeiro ou no segundo ano da vida, cria uma base sadia para, depois dos 21 anos, ser persistente em seus atos e poder cair e levantar-se sem problemas durante a vida.

O que também exige muita persistência é o aprendizado de um instrumento musical. Muitas vezes, é necessário alguém tocar de quatro a oito horas por dia um instrumento musical para tornar-se um *virtuoso*, ou seja, um músico cheio de força, de *virtus* ou 'virtude', especialmente a virtude da perseverança. Exercitando-a dia a dia, ele verá o momento em que o exercício frutificará e uma faculdade nova nascerá dentro dele. Assim, é preciso insistir desde a infância para que a pessoa execute suas tarefas até fim, não as deixando pela metade.

Também no nível espiritual, quantas vezes não nos propomos fazer determinadas tarefas ou exercícios e, após algumas vezes, não os abandonamos? É na área da meditação que mais intensamente precisamos dessa virtude. Nada exterior nos obriga a fazer nossa meditação. Nesse campo, o ser humano é verdadeiramente livre; porém só alcançamos um resultado quando a prática da meditação se torna parte do nosso dia-a-dia, sendo realizada com perseverança. Com isso nos mantemos fiéis a alguma coisa. Também podemos ser fiéis praticando todos os dias um ato de amor por determinada pessoa. É fácil entender, pois, que a persistência, a perseverança, nos leve à fidelidade.

O sentido do movimento tem, portanto, relação com a perseverança. Com o avanço da idade madura, porém, vai-se instalando uma dificuldade motora. O movimento nos proporcionava liberdade, mas agora aparentemente essa liberdade é restringida; mas com a perseverança podemos manter-nos numa 'liberdade interior', ao fazer, por exemplo, apesar de estarmos paralisados das pernas, certos exercícios de caráter interno, espiritual ou criativo. O ritmo cotidiano bem ordenado nos pode dar o sentido da liberdade interior, de modo que não precisemos lastimar-nos por não podermos praticar determinado esporte ou dançar numa festa.

Altruísmo – Purificação

‘Altruísmo’ significa voltar-se para o outro (lat. *alter*), libertar-se do egoísmo. Como isso pode ser alcançado? Também neste âmbito, desde pequena a criança pode ser educada para não prestar demasiada atenção às mazelas de seu corpo. Um ‘dodoi’ mostrado para a mãe merece atenção, mas muitas vezes pode ser curado graças a um pequeno versinho, e fim. Quando se dá atenção exagerada, ou até se mostra medo em relação a pequenos males da criança, com o decorrer do tempo ela pode começar a usá-los para conseguir certas coisas. Hoje existem numerosas pessoas hipocondríacas, que atribuem demasiada importância a seus pequenos males físicos por prestarem demasiada atenção a si mesmas. Só praticando a saída de nós mesmos – indo, por exemplo, assistir a uma palestra interessante apesar da dor-de-cabeça, ou talvez fazendo uma pintura para enfrentar a crise de bronquite asmática – é que conseguimos superar tais problemas. No egoísmo estamos extremamente mergulhados em nós mesmos, em nosso corpo, e projetamos isso para a vida vivendo só em função de nossa pessoa.

Um adulto, seja professor ou pai, que venha a orientar um jovem para uma profissão, deverá estar extremamente atento aos anseios desse jovem, bem como à sua relação com a atividade correspondente; em nada ajuda projetar no jovem a própria opinião ou os próprios anseios profissionais. Um médico ou terapeuta, ao atender seu cliente, terá de esforçar-se para entender seu sofrimento em função de uma doença ou problema, em lugar de simplesmente dizer: “Ah, eu também sofro disso”.

O atual sistema de vida e toda a educação de hoje são voltados para a competição, para um egoísmo cada vez maior; assim, a virtude do altruísmo fica difícil de desenvolver. Contudo, é possível encontrar ocasiões: à mesa de refeições, por exemplo, temos oportunidade de desenvolver essa faculdade deixando a porção mais apetitosa para o outro, que há tempos não tem chance de apreciar certo prato. O altruísmo nos leva à catarse, termo de origem grega que significa ‘purificação’; a purificação, no sentido dos gregos, também se referia ao físico, significando uma desintoxicação, uma limpeza do corpo físico.

O sentido do equilíbrio está relacionado com o altruísmo. Graças a ele, adquirimos segurança espacial. Observando um trape-

zista, vemos que ele se mantém equilibrado, esquecido de si mesmo, mergulhado no espaço. Se for chamado a si, poderá perder o equilíbrio; precisa, portanto, manter-se num total altruísmo.

Uma pessoa idosa vai perdendo paulatinamente o equilíbrio – já não consegue suportar alturas –, precisando tornar-se espiritualmente independente do corpo. Como Rudolf Steiner diz, ela precisa “sentir-se como espírito”. Um ancião só consegue sentir sossego, paz em seu próprio espírito, tendo desenvolvido um verdadeiro altruísmo. Só morre tranqüilo quem conseguiu distribuir seus bens.

Compaixão – Liberdade

Exercitando o altruísmo e intensificando-o, chega-se à compaixão: *com-paixão*, sofrer junto com o outro. No altruísmo ainda existe passividade, mas agora começa uma atividade maior. Não se trata apenas de ter interesse pelo outro, mas de sofrer com ele a ponto de esse sentimento se tornar ação. Conta-se que Santo Inácio, ao ver um doente que possuía um abscesso no pescoço e estava para sufocar-se, foi movido por tão intensa compaixão que, com seus dentes, rasgou o abscesso e sugou o pus da ferida, evitando assim a morte do doente por asfixia. Também cabe lembrar aqui São Francisco de Assis, que não tinha medo dos leprosos e cuidava deles, lavando sua feridas.

A compaixão por Cristo permitiu a alguns santos ter em suas mãos, durante a Semana Santa, os estigmas de Cristo. Conta-se esse fato de São Francisco e também de Theresa v. Koenesreut. Outros exemplos de compaixão temos, sem dúvida, em Albert Schweitzer e Madre Teresa de Calcutá.

A compaixão pode advir da força de Leão, cujo centro de irradiação está no coração; um coração capaz de amar é capaz de sentir compaixão. É fácil entender que essa virtude esteja ligada também ao sentido do olfato, pois as moléstias que mais exalam mau cheiro são as que podem levar à maior compaixão e vontade de ajudar: lepra, câncer, etc. A compaixão também pode existir com relação aos animais – talvez mais do que em relação aos homens, pois em geral um animal que sofre não tem capacidade para comunicar-se. Essa compaixão pelos animais faz também com que muitas pessoas abandonem a ingestão de carne. Nesse sentido, pode-se dizer que a compaixão leva à liberdade.

A pessoa idosa tende a perder o olfato – o sentido que traz do ar externo um odor bom ou mau para o nosso interior. Quando essa faculdade vai diminuindo, é importante que a sabedoria da idade nos faça desenvolver a compaixão. (O drama grego despertava profundamente o medo em seus expectadores: de um lado, a fim de os jovens desenvolverem coragem para superá-lo; de outro, para os idosos desenvolverem a compaixão.) Quando o ancião não consegue desenvolver esta faculdade, torna-se uma pessoa repleta de ódio ou um avaro.

Polidez – Sensibilidade

Hoje em dia, muitos jovens rejeitam a polidez. Em compensação, em cartas de uns cinquenta anos atrás observa-se que a formalidade exagerada domina. O presente tópico não tratará dessas frases formais, que nada têm a dizer, mas de uma polidez autêntica e preenchida de amor.

Até hoje, no Brasil, em geral se trata a mãe e o pai por ‘senhora’ e ‘senhor’, em sinal de respeito e honra; na Alemanha, um aluno a partir da adolescência já é tratado por ‘senhor’ (*Sie*) pelo professor. Mas pode-se dizer que a polidez iguala os níveis sociais quando tanto a faxineira quanto o diretor de uma firma recebem o mesmo “bom dia!” ou “como vai?”; e, até hoje, toda mulher se sente lisonjeada com a polidez de um cavalheiro. Portanto, se atualmente se rejeita a polidez exagerada, repleta de normas, adotada no passado, por outro lado todos se chocam com grosserias; mas talvez só entendendo a grosseria é que se poderá apreciar novamente a polidez.

A grosseria provém sempre de um sentido de superioridade – intelectual ou física – em relação ao outro. Certa vez, uma mãe que teve seu primeiro filho aos 35 anos recebeu, ao comunicar à enfermeira-chefe que tinha pouco leite para amamentar, a seguinte resposta: “Vacas velhas dão pouco leite.” Ora, é por meio de uma verdadeira polidez que somos realmente capazes de ajudar o outro em dificuldades. Uma enfermeira polida teria consolado a paciente, dizendo “Espere com paciência mais alguns dias”, “Beba mais líquidos”, e eventualmente teria trazido um chá estimulante da lactação. A paciente, confortada e sentindo seu pesar compartilhado, poderia até melhorar sua capacidade de amamentação.

Um bom exemplo de grosseria é a que prevalece no trânsito, e que aumenta dia após dia, principalmente em relação às mulheres: parece que os homens têm de fazer prevalecer seu sentido de superioridade.

No exercício da polidez, Rudolf Steiner vê o ensejo de desenvolvermos a verdadeira sensibilidade.

O sentido do paladar é aquele ligado à polidez e à sensibilidade. Esse sentido faz perceber a composição íntima dos alimentos, o quimismo interno das substâncias. Assim como o diretor de uma fábrica precisa de muita polidez para tratar todos os funcionários ou candidatos a empregos ao fazer uma seleção cuidadosa, do mesmo modo o sentido do paladar faz a seleção dos alimentos. É ele que nos avisa quando comemos doce ou gordura em excesso. Não o respeitando, nós nos sentimos mal e chegamos até a vomitar, podendo ainda ficar anos sem vontade de comer o alimento em questão.

Com a idade, o sentido do paladar diminui; enquanto a criança que vai a um aniversário come tudo com prazer, o idoso olha todas as guloseimas com indiferença. Ele precisaria ter desenvolvido 'o tato e a polidez' interiores, para compensar a diminuição da gustação e não tornar-se um velho 'enjoado'.

Satisfação – Serenidade

O que significa 'satisfação'? Nada mais do que aceitação do destino. Ao nos revoltarmos porque, apesar de todos os esforços, nada alcançamos – mesmo sendo, no fundo, boas pessoas e não merecendo ser castigados pelo destino desta maneira –, não estamos aceitando nosso destino. Realmente, só podemos aceitar o destino em maior profundidade mediante a idéia da reencarnação, tal qual nos é dada pela Antroposofia. Sem a idéia da reencarnação, não se entende como um malandro ou uma pessoa maldosa possa receber muitas graças do destino, enquanto uma pessoa boa seja constantemente atingida pelo mal. Por isso Rudolf Steiner se empenhou em proferir inúmeras palestras sobre o carma e a reencarnação – publicadas sob forma de livro –, possibilitando-nos estudar mais profundamente nosso destino. É aceitando nosso destino que chegamos à satisfação interior. Em alemão, satisfação se traduz por *Zufriedenheit* – de *zu Frieden*, que significa 'levar à paz'!

Quando alguém sente satisfação, esboça um sorriso nos lábios. Tal sorriso está muito bem expresso na Mona Lisa e na Sant'Ana de Leonardo da Vinci, ou mesmo em seu João Batista. Ao contrário da risada extravasando o corpóreo, o sorriso expressa domínio e aceitação do corpo, satisfação, estar acima do destino, que nesse momento é compreendido. A satisfação pode ser exercitada inúmeras vezes ao dia, desde o momento do desjejum matinal até o fim do dia. Durante o trabalho, ao invés de queixar-nos podemos sentir prazer em poder trabalhar, em possuir a inteligência ou a habilidade para exercer determinada função; no almoço, cabe valorizar o prazer da companhia ou do fato de recebermos uma refeição pronta e saborosa – e, em vez de reclamar logo do preço, agradecer o fato de existirem pessoas aptas a preparar a comida para nós.

A satisfação interior vai-nos tornando cada vez mais tranquilos, em equilíbrio com nosso destino, e assim passamos de pessoas ansiosas a pessoas serenas. A serenidade é a qualidade resultante do treino da satisfação interior.

O sentido da visão se relaciona com a serenidade. O olho tende constantemente a completar a imagem, produzindo um todo. A visão da cor vermelha, por exemplo, provoca a cor oposta verde, pois cada cor possui uma cor complementar. O olho completa tudo numa visão global; só então fica satisfeito. Assim, ocorre uma enorme satisfação quando olhamos o arco-íris, onde existem todas as cores.

Na velhice, a pessoa começa a ter dificuldades em adaptar a visão para longe e para perto, ou então o cristalino se turva. Podemos atuar espiritualmente desenvolvendo a satisfação interior com nossas atividades já realizadas, com nosso destino passado.

Paciência – Cognição

A paciência é uma das virtudes mais importantes para quem almeja o desenvolvimento espiritual. O próprio Rudolf Steiner esperou 21 anos para poder fazer determinadas revelações espirituais, ou, por exemplo, para poder deixar amadurecer seus 'dramas de mistérios' (apresentação de conteúdos antroposóficos por meio de quatro peças teatrais esotéricas).⁷⁰ A paciência deve fun-

⁷⁰ V. tb. nota 21 na p. 106.

damentar-se nos exercícios anteriores: satisfação interior, altruísmo, perseverança, equilíbrio interior e até mesmo devoção em relação ao que se vai revelar.

Quantas vezes, na vida, não sentimos ainda não ter chegado o momento oportuno para algo? A impaciência pode ser comparada a um aborto, quando o fruto não conseguiu amadurecer o suficiente e por isso é fadado à morte, em vez de tornar-se um germe de vida. Quantas vezes, estando à espera de alguém com quem tínhamos um encontro marcado, ou esperando a condução que nos levaria até o local de trabalho –, em vez de aproveitar esse tempo de espera para dar um relance e mentalizar o planejamento do dia, talvez imaginando a realização de certos detalhes, por impaciência não compramos um jornal, uma revista, um chocolate, ou acendemos um cigarro? Procuramos ‘preencher’ o tempo, em vez de aproveitá-lo, por exemplo – caso o ângulo fosse propício –, para observar a natureza à nossa volta ou mesmo as pessoas.

O trabalho exige paciência – ao professor, para escutar o problema do aluno; ao médico, para atender criteriosamente seus pacientes; ao chefe e ao subalterno, para escutarem-se mutuamente. Na maior parte dos diálogos (*di* = dois), nenhum tem paciência para realmente escutar o outro: enquanto um fala o outro já está com a resposta pronta, ou não espera o primeiro terminar de falar. Assim acontecem discussões ou monólogos – os extremos –, em vez de uma verdadeira conversa a dois. É no verdadeiro diálogo que uma terceira idéia, totalmente nova, pode surgir (“Se dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles”). Na discussão, esta terceira possibilidade é constantemente abortada pela falta de paciência na escuta mútua. No dia-a-dia, até no restaurante a paciência tem oportunidade de ser treinada.

Quantas vezes não temos uma idéia que desejamos pôr em prática? Segundo Rudolf Steiner, muitas vezes uma idéia a ser realizada leva sete anos para amadurecer, só então podendo concretizar-se; se a conduzirmos com paciência e não desistirmos, ela frutificará. Assim é possível entender sua afirmação de que a cognição pode ser alcançada ao treinarmos a paciência.

O sentido do calor tem relação com a paciência. O calor é gerado pela circulação do sangue: sentindo amor e entusiasmo, nós nos ‘aquecemos’; com a antipatia e o desinteresse, nós ‘esfria-

mos'. A criança pequena e os idosos não conseguem regular ativamente seu organismo calórico, sendo mais sensíveis a mudanças de temperatura externa. O idoso precisa desenvolver paciência em relação a isso. Muitas vezes vemos idosos irritar-se facilmente porque algo é posto fora de ordem ou não acontece no ritmo esperado – por exemplo, uma refeição que atrasa. Nesse caso, é extremamente importante desenvolver a paciência; com isso seu organismo térmico obtém uma melhora retroativa. A irritação e a impaciência levam a uma contração dos vasos, a um espasmo.

Controle da fala – Percepção da verdade

O controle da fala exige a atuação interna do eu, sendo, portanto, uma virtude a ser treinada exclusivamente pelo adulto. A criança fala por imitação do adulto; portanto, é o adulto que deve exercer controle sobre sua fala. O organismo fonador, composto pela laringe, cavidade bucal e língua, precisa do ar para emitir os sons. É a vibração do ar que provoca sons. Esse ar é o elemento do nosso corpo astral, que se serve dos instrumentos da fala para produzir os sons. Quando cantamos ou tocamos um instrumento musical, essa vibração do ar torna-se mais evidente. Por meio dos instrumentos da fala, o corpo astral tem de abarcar o éter sonoro de maneira harmônica. Essa harmonia na atuação do corpo astral fica bem evidente nos animais que dominam o elemento aéreo, ou seja, nos pássaros. Só os pássaros sabem cantar, sendo que alguns conseguem até aprender a falar.

Para a criança, é importante escutar canções ou o toque de certos instrumentos musicais, especialmente da lira. Ao ouvi-la, seu corpo astral entra em vibração harmônica.

O adulto deve dominar sua alma, suas emoções, especialmente as do temperamento. O colérico necessita, frente à manifestação de uma criança malcriada, controlar-se para não bater com os punhos na mesa ou dar-lhe um forte tapa. O sangüíneo, que tende a falar demais, deve evitar perder-se no fluxo da fala incontrolada. Já o melancólico e o fleugmático precisam sair de sua letargia ou peso, o que muitas vezes se consegue pelo aprendizado de um instrumento musical ou de canto. Música ou canto permitem que o eu domine cada vez melhor o corpo astral.

No dia-a-dia podemos controlar-nos cada vez melhor, não deixando de dizer o que é necessário, mas também deixando de dizer o que é supérfluo. Rudolf Steiner aconselha um outro exercício, o exercício do 'controle da fala' ou da 'palavra acertada'. O domínio da fala (no fundo, o de todos os nossos atos, sendo a fala um deles) nos levará à percepção da verdade.

O órgão da audição, o ouvido, é ligado à virtude do controle da fala. Também nossa audição vai diminuindo com a idade, chegando mesmo à surdez. Quando isso acontece, podemos acostumar-nos a escutar, cada vez com mais intensidade, nossa voz interior; Beethoven compôs músicas maravilhosas após ter-se tornado surdo, seguindo essa voz interior. Além disso, é importante o idoso aprender realmente a escutar outra pessoa. Quantas velhos não sabem falar apenas de si mesmos e da mesquinhez da vida!

Para aprendermos a escutar verdadeiramente o outro, precisamos controlar nossa fala – ser receptivos, saber escutar, e não estar com a resposta pronta ou já ter o pensamento formulado para responder antes de o outro terminar de falar. Por isso, esse exercício pode consistir também no controle do pensamento; e é com ele que o idoso poderá controlar a fala, escutar mais profundamente o outro e chegar à percepção da verdade.

Coragem – Redenção

Em português, a palavra 'coragem' sugere o órgão da coragem, o coração.⁷¹ Podemos realmente afirmar que o sistema rítmico, formado pelo coração e pelo pulmão, é o centro da coragem.

A coragem é o caminho do meio, ficando entre a ousadia e o medo. Existem pessoas que, por natureza, têm coragem em excesso, enquanto outras a possuem a menos. Quanto a isso, é preciso ter cuidado para não incutir medo nas crianças já na primeira infância: "Não faça isso, senão você vai cair", "Não brinque com aquilo, senão você se machuca", "Não vá por lá, senão você se suja", ou então "Cuidado, o bicho-papão vem te pegar", "A polícia vem te prender", "Quando o papai chegar você vai apanhar". É extremamente importante deixar a criança viver, e não amedrontá-la. A cada vez que a criança sente medo, ocorrem pequenos 'choques

⁷¹ V. tb. nota 22 na p. 111.

anímicos' que se refletem imediatamente no sistema rítmico; o coração estanca ou dispara, e, quando os choques são repetidos, vão-se tornando orgânicos, capazes de provocar pequenos endurecimentos nesses órgãos; mais tarde, na vida adulta, isto se refletirá como medo existencial, medo de viver, medo de enfrentar situações difíceis.

Houve um tempo em que a humanidade teve de desenvolver mais intensamente a virtude ligada ao coração. Foi a época em que, segundo Rudolf Steiner, os povos germânicos tiveram de dedicar-se aos 'mistérios da coragem'. As provas externas dessas iniciações realmente exigiam uma coragem enorme, pois eram formadas por árduos desafios físicos. As lendas de heróis da Idade Média, como a dos Cavaleiros da Távola Redonda, também inspiram coragem.

Na idade escolar, inúmeros medos são incutidos na criança – o castigo por ter chegado atrasada, por ter tagarelado na aula, por não ter feito letra bonita, etc. –, mas principalmente o medo das provas, dos exames. Quanto adulto ainda não sonha com exames, provas ou contas que não está conseguindo fazer? Nas escolas Waldorf⁷² a criança é educada mais livre de tais medos, fato que se reflete na vida adulta em pessoas mais corajosas ou menos medrosas.

Porém como podemos, como adultos, exercitar a coragem? Nosso coração também se relaciona com a moral ética. Em nossa profissão, caso atuemos de acordo com nossa consciência, temos muitas vezes coragem de fazer o que outros não arriscam, seja como médicos, advogados, professores ou comerciantes. Quando alguém é acusado de um ato injusto, é importante termos a coragem de defendê-lo, desde que ouvindo a voz da consciência; nesse sentido, defendendo com coragem o que é certo, justo, moral, caminhamos para a qualidade da 'redenção'. Exercitando a virtude da coragem, aproximamo-nos da imagem do Redentor, porém com humildade, e não com orgulho.

O sentido da linguagem está relacionado com a coragem. O sentido da linguagem é a compreensão da fala em seu significado

⁷² Escolas baseadas na pedagogia Waldorf, inaugurada por Rudolf Steiner em 1919 e aplicada no Brasil desde 1956. (N.E.)

mais espiritual. As consoantes e as vogais são expressões terrestres das forças cósmicas (v. capítulo 'As consoantes e o zodíaco').

Saber expressar-se de maneira que os outros compreendam é uma grande arte. Rudolf Steiner criou, com a euritmia, a arte de tornar a fala visível por meio do gesto corporal. A pessoa idosa que exercita a euritmia mantém o sentido da fala mais vivo.

Desde os tempos mais antigos, a fala é a expressão da força de Marte. Marte também é aquele que nos dá força e coragem para a luta. Com a euritmia ou com a força da palavra, pode-se amenizar bastante os medos de muitos idosos.

Discrição – Força meditativa

Com a discrição se exercita o silenciar a respeito de todas as qualidades adquiridas anteriormente. No livro *O conhecimento dos mundos superiores*⁷³, Rudolf Steiner fala da importância de sabermos silenciar a respeito do que conseguimos. Fra Angelico realizou uma bela pintura em que São Pedro é representado com o dedo indicador sobre a boca, em sinal de silêncio (v. figura 51): "Fica quieto". Quão importante é, por exemplo, saber manter o segredo profissional! O médico, o terapeuta, o advogado, o confessor, e até o professor a quem o aluno confia um segredo, precisam saber praticar essa virtude. Já de uma criança não se pode exigir a discrição. Nela o eu ainda não domina a alma, e o pequeno tem constantemente necessidade de contar suas vivências importantes. Ao se exigir de uma criança "Não conte isto a ninguém", está-se perturbando sua relação de confiança com o mundo ou com outros seres humanos.

Ao lidar com biografias humanas, quantas vezes nos deparamos com adultos que, quando crianças, tiveram de manter algo em segredo – e como isso foi extremamente traumatizante para eles! Como exemplo, citemos ocorrências na área sexual, em que um adulto molesta uma criança, causando-lhe extremo desagrado e traumatizando-a. Muitas vezes essas vivências se cristalizam na alma, sendo difíceis de elaborar posteriormente. Mesmo o adulto traumatizado por um choque ou acontecimento grave tem necessidade de falar sobre ele; no caso, trata-se de um processo de

⁷³ Cit. (v. nota 69 na p. 252).

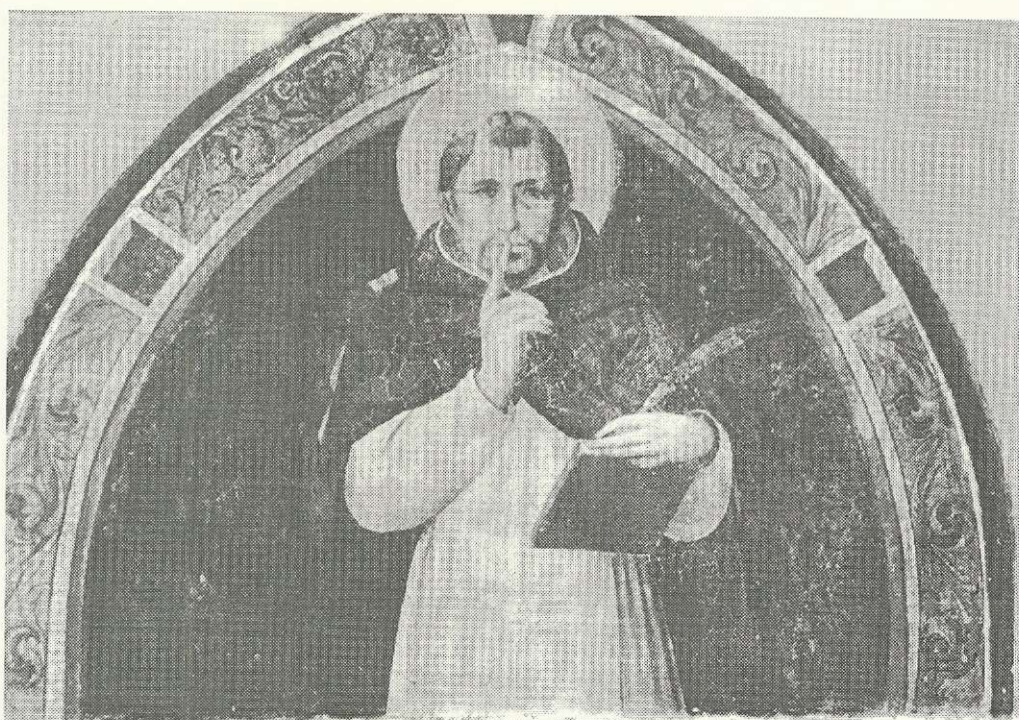


FIGURA 51 – Pedro pedindo silêncio — Fra Angelico

metabolização que ajuda a pessoa a superar o problema. Portanto, a discrição a que nos referimos é de outra natureza. Vivências ainda não maduras ou um novo relacionamento começando a desabrochar necessitam ser preservados pelo segredo. Existem, contudo, pessoas que não respeitam a individualidade do outro e tentam constantemente extrair-lhe assuntos sobre os quais ele não deseja falar.

Quando o eu não domina a alma, a pessoa se torna tagarela – fenômeno que é natural na criança. Também na idade avançada, quando a ligação entre o eu e a alma se afrouxa, muitas vezes surge a tagarelice. Em contrapartida, quando se exercita a virtude da discrição se desenvolve a *força meditativa*, a força que conduz ao mundo espiritual.

O sentido do pensamento se relaciona com a virtude da discrição. Com ele captamos as idéias existentes, a correlação entre as coisas. Trata-se de um sentido que desperta aos poucos na infância e tem de ser cultivado ao longo da vida: cumpre estarmos sempre abertos a novos pensamentos, novos interesses e tentar entendê-los. Para conseguirmos isso, é necessário desenvolvermos a discrição. Muitas vezes, com a idade, vê-se o contrário: o idoso torna-se cada vez mais tagarela e ‘fofoqueiro’, não conseguindo realmente captar idéias novas, apresentadas por outra pessoa.

Como no exercício anterior, é preciso primeiro aprender a calar para escutar, e depois captar a idéia do outro.

Magnanimidade – Amor

A magnanimidade ou grandeza de alma é a décima segunda virtude, uma das mais difíceis de alcançar. Ela exige um grande desprendimento, um esquecer de si: entregar ao outro o que ele realmente necessita – seja casa, dinheiro, roupa, alimentos, até a própria vida – sem, contudo, esperar gratidão, compensação. É fácil dar o que temos em excesso, ou algo que não nos serve mais ou nos desagrada; porém doar livremente o que o outro necessita não é tão fácil. Há também o perigo de se doar alguma coisa para ser ‘o bondoso’; por detrás de muita filantropia pode esconder-se um extremo egoísmo. Treinar, porém, realmente a virtude só se pode fazer começando pelas pequenas coisas: desistir de um ali-

mento em prol de outra pessoa, transferir o ingresso do teatro ou cinema para alguém – não por não podermos ir, mas porque esse alguém não teve oportunidade de adquiri-lo.

A magnanimidade deve ser praticada sem arrependimento no pensar, sem pesar no sentir, sem vacilar na vontade. Para podermos desenvolver a verdadeira magnanimidade, devemos ter certas condições de harmonia e saúde. Quando nossos corpos astral e etérico estão demasiadamente aprisionados no físico, é difícil desenvolvê-la. Assim, por exemplo, um indivíduo que sofre de obstipação intestinal é com frequência mais avarento: não consegue desprender-se das coisas. A condição para o desprendimento é sentir-se livre.

A magnanimidade está no signo de Peixes; os peixes nos mostram, por sua natureza, esse constante desprendimento. O ser que desenvolveu a magnanimidade para toda a humanidade é o Cristo, também simbolizado pelos peixes. Pelo exemplo do Cristo pode-se entender como a magnanimidade pode transformar-se no verdadeiro amor, no amor espiritual. Hoje, que estamos na era de Peixes, é mais do que nunca necessário superar o egoísmo, a avareza, e desenvolver o verdadeiro amor: a magnanimidade que se transforma em amor pelo próximo, pelo irmão humano.

O sentido do eu está relacionado com a magnanimidade. Esse sentido nos permite o reconhecimento da individualidade do outro. Crianças o possuem espontaneamente, aproximando-se ou afastando-se de um adulto. Na meia-idade, esse sentido tem de ser exercitado a fim de escolhermos as pessoas que têm relação com nosso destino. Na velhice existe o perigo de um isolamento cada vez maior, ou do cultivo de um relacionamento exclusivo com pessoas das quais se pode tirar proveito, como um filho ou uma filha.

A atrofia do sentido do eu torna as pessoas socialmente difíceis. O importante é que o idoso – ou qualquer pessoa –, ao se encontrar com o outro, esqueça a si próprio e consiga concentrar-se no interlocutor; para isso precisará cultivar a magnanimidade, que pode levar ao amor.



A história 'Rosinha de Espinhos' (p. 63) ilustra a doação de virtudes pelas doze fadas representantes das constelações zodiacais.

17. As doze forças e a décima terceira

Acompanhando o movimento do Sol no Cosmo e seu reflexo sobre os tipos humanos, vemos existir um constante equilíbrio de influências: uma força tendente a predominar em determinado momento é logo equilibrada pelas forças da constelação seguinte. Esse constante equilíbrio cósmico pode servir-nos de verdadeira imagem para a confraternização entre os homens, pois conhecendo as qualidades de cada um podemos trabalhar continuamente por um equilíbrio de forças.

Cada indivíduo tem em si a predominância de uma das doze forças zodiacais. Na atualidade, nem sempre a posição ou função em determinada área profissional ou social permite desenvolver as qualidades inatas; muitas vezes a pessoa tem de desenvolver outras qualidades. O aspecto grandioso desse fato, porém, é que o ser humano tem múltiplas capacidades, não sendo especializado como o é cada animal. É pertinente ao ser humano desenvolver cada vez mais liberdade, em vez de determinação. Nós temos a possibilidade de dirigir para o bem todas as forças das quais dispomos, ou então desviá-las para o mal. É interessante a observação de Rudolf Steiner: “O mal é algo que na essência é bem, mas que está atuando em lugar errado; o mal é o bem em lugar errado.”

Muitas vezes temos de reprimir certas aptidões para desenvolver novas faculdades. Podemos, então, desenvolver algo que Rudolf Steiner denominou ‘técnica moral’, no sentido de cada indivíduo conseguir realizar suas idéias em favor de um todo. A técnica moral tem de ser aprendida, treinada, sendo uma questão de auto-educação. É a força do nosso eu – de natureza solar – que consegue realizar essa constante transformação.

No contexto social existem, por natureza, muitos conflitos cuja causa reside na oposição momentânea entre dois signos. Tais conflitos podem ocorrer entre pessoas ou situações, nas quais, muitas vezes, parece ser necessário aprender a distinguir oposições advindas do passado. Qualquer faculdade unilateral repre-

senta uma fraqueza, mas cada um possui qualidades que constituem apenas uma parcela do total. Às vezes, trata-se não de lutar por certa posição, e sim de atribuir ao outro determinadas tarefas que lhe sejam adequadas; conseguido isto, a situação de conflito se resolve.

Pode-se dizer que as doze forças zodiacais são como doze chaves para a vida. Conhecendo as profundezas de seu ser, o indivíduo pode tornar-se o mestre de suas forças e dar constantemente nova motivação à sua vida, criando, por assim dizer, novas constelações além daquelas dadas pelo carma por ocasião do nascimento. Pode-se dizer também que ele se torna capaz de criar uma décima terceira força sublimada, transformada, purificada, remetendo à imagem do Cristo e seus doze discípulos. No Cristo vivia a força do *Logos*, da sabedoria universal, mas cada discípulo só podia refletir uma parte do que vivia no Ser Crístico. Este era como o Sol no meio do zodíaco, iluminando cada duodécima parte. Sua substância divina, porém, distribuía amor divino entre todos, unificando-os; para ele, o amor entre os discípulos era o mais importante.

Numa comunidade, a união também só é possível por meio do amor, do respeito e da compreensão mútua, bem como do trabalho por um ideal superior, por uma meta comum unindo a todos.

Esse princípio superior do *Logos*, criador até do nosso eu, tem sua origem numa esfera situada além ou acima das forças zodiacais. Goethe, em sua poesia 'Os mistérios', também faz referência a essa décima terceira força. Ela ordena num todo inclusive a modelação formal de cada parte. Assim, a forma humana também é resultado dessa décima terceira força, que reúne devidamente as outras doze numa totalidade superior – ao passo que no animal, destituído dessa força do eu, tudo permanece na unilateralidade, na especialização.

Em seu caminho evolutivo, a individualidade vai-se encarnando gradativamente nos vários signos, sendo que ao final de doze encarnações é alcançada a décima terceira qualidade, acima das doze unilaterais. A cada encarnação, porém, o ser humano pode desenvolver-se em direção a essa décima terceira qualidade, trabalhando em si mesmo e sendo ajudado em seu eu pela força crística.

18. A imagem do zodíaco e seu reflexo na Terra

Já no Velho Testamento se encontram alusões ao zodíaco, como os doze filhos de Jacó, fundadores das doze tribos de Israel, espelhando os doze signos zodiacais.

No 'Êxodo' se lê, em certo trecho: "E o Senhor falou com Moisés e Aarão, dizendo: Os filhos de Israel deverão acampar em torno da Tenda da Reunião, cada um sob o emblema de sua casa paterna." Cada grupo de três tribos devia acampar numa direção: manhã, meio-dia, tarde e meia-noite. O santuário ficava no meio, e as quatro tribos, formando uma grande cruz, apontavam às quatro direções cósmicas ou espaciais. A vestimenta sacerdotal devia ter duas pedras de ônix e, gravados nelas, os nomes das tribos de Israel – seis em cada uma. Aarão levava, pois, esses nomes gravados em cada um de seus ombros no manto, compondo assim um centro com seis elementos à direita e seis à esquerda. Além disso, o sacerdote levava em seu peito um medalhão dourado onde havia doze pedras preciosas diferentes, ordenadas em quatro fileiras e tendo cada qual o nome de uma tribo gravada. Aqui ainda se manifesta a consciência tribal, que depois, com os doze apóstolos de Cristo, torna-se consciência individual.

No capítulo 21 do 'Apocalipse' de João, encontramos novamente essa imagem na descrição da nova Jerusalém: esta é rodeada por uma muralha, onde três portas se abrem para o norte, três para o sul, três para o ocidente e três para o oriente. Em cada porta há um anjo, estando nelas inscritos os nomes das doze tribos de Israel. A muralha, por sua vez, tem doze alicerces onde estão inscritos os nomes dos doze apóstolos.

Passemos agora à imagem mais pura dos doze.

Na imagem do Cristo com seus doze apóstolos, é interessante observar que estes têm relação com a iniciação solar. Em tempos mais antigos, a iniciação era de caráter lunar. Assim, o próprio João Batista possuía não doze, mas 28 seguidores (o mesmo número

dos dias do ciclo lunar). Sua forma de batismo ocorria na água, podendo-se dizer que era do tipo aquariano, e por esse meio o corpo etérico era desprendido do físico para receber as vivências espirituais. Já o Cristo irá batizar com o 'Espírito Santo'. Isso se torna mais claramente visível na imagem da Santa Ceia, cujas representações artísticas nos levam infalivelmente a pensar em Leonardo da Vinci, um dos principais artistas da Renascença.

No cristianismo inicial (até os séculos III e IV), não se representava a Santa Ceia; esta constituía um mistério acessível apenas aos iniciados e não podia ser profanado. Nas catacumbas, onde se encontram as primeiras pinturas cristãs, existem apenas representações do milagre da multiplicação dos pães: Cristo ofertando pão e peixe. Nos séculos V e VI, nos mosaicos da igreja de Santo Apolinário Novo, em Ravenna, além do milagre do pão aparece a representação mais antiga da Santa Ceia. Em semicírculo, os discípulos estão junto a uma mesa; no lado esquerdo está o Cristo, com um manto violeta, e à direita está Judas (figura 52). Os elementos na mesa são os mesmos do milagre da multiplicação dos pães: o peixe e o pão. Contudo, parece tratar-se realmente da Santa Ceia. Cristo aparenta ter acabado de dizer: "Um dentre vós me trairá." Uma parte dos discípulos olha para Cristo e os demais olham para Judas, como que prevendo os acontecimentos. Nos tempos romanos, essas duas posições na mesa eram os lugares de honra. O primeiro cabia ao dono da casa, o outro ao convidado principal. Cristo aparece grande e Judas bem menor, sendo que sua cabeça está isolada, fora da comunidade. Judas, portanto, desempenhava um papel essencial.

As representações da Santa Ceia partem das palavras de Cristo: "Um dentre vós me trairá", ou "Aquele que colocar sua mão comigo na bacia me trairá". Cristo não se dirige diretamente a alguém.

Nas representações artísticas posteriores aos séculos IX, X e XI, Judas começa parecer cada vez mais feio, afastado dos outros apóstolos num extremo da mesa enquanto os demais estão no extremo oposto, e parece às vezes até pisado por Cristo. Com isso a Igreja enfatiza cada vez mais o fato de não se poder receber a hóstia com o coração impuro. O péssimo exemplo de Judas torna-se

um meio de educação da Igreja. Perde-se, assim, cada vez mais a imagem da Eucaristia na Santa Ceia, sendo acentuado em seu lugar o julgamento de Judas. Muitas vezes, as imagens da Santa Ceia usadas como decoração dos refeitórios chegam a parecer banquetes de caçadores.

Leonardo da Vinci retoma, mil anos mais tarde, a imagem original de Ravenna (não se sabe se Leonardo a conhecia), onde em primeiro plano é colocada a Eucaristia, e não o julgamento de Judas. Agora não existe mais (como numa representação de Taddeo Gaddi) o lado de lá da mesa, representando o divino, e o de cá, representando o terrestre (figura 53); porém Leonardo da Vinci consegue

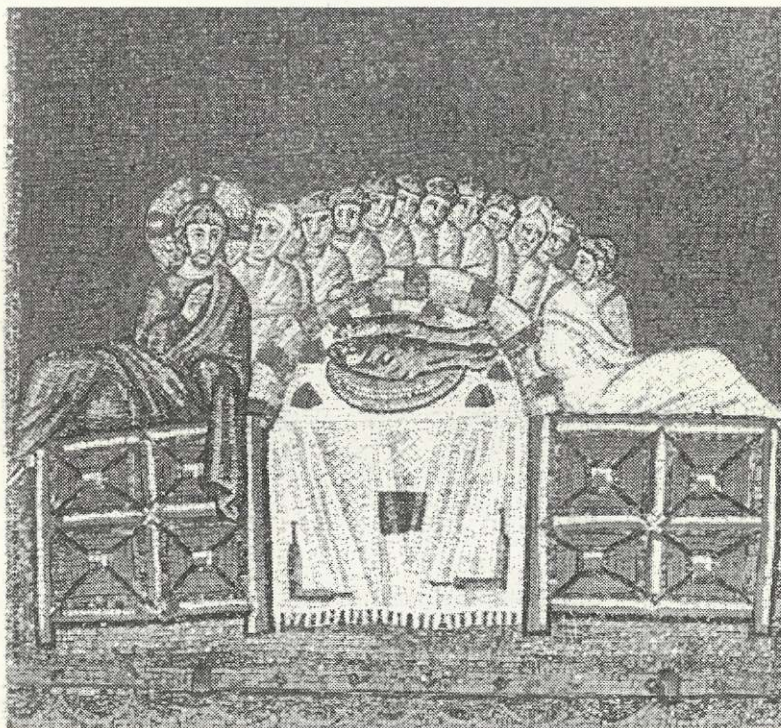


FIGURA 52 – A Última Ceia — Igreja de Santo Apolinário Novo, em Ravenna

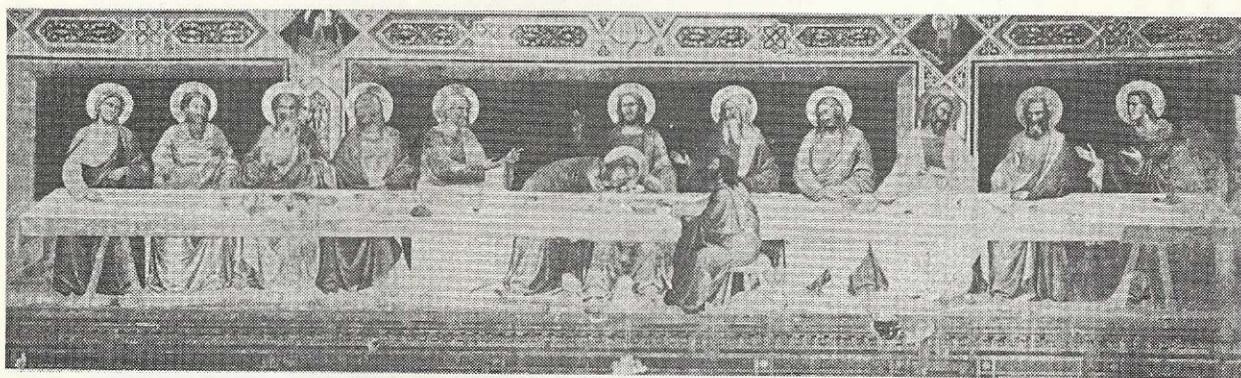


FIGURA 53 – A Santa Ceia, de Taddeo Gaddi — Museu da Ópera de Santa Croce, Florença

trazer o divino-cósmico para o âmbito terrestre. Pode-se dizer que sua Santa Ceia se situa no início do que Rudolf Steiner denomina a 'época da alma da consciência' (iniciada no século XV). Pela primeira vez se principia na pintura, com a descoberta do 'ponto de fuga', a trabalhar com as leis da perspectiva, resultantes de uma observação aguçada e científica do mundo material; o mundo antigo das imagens, das visões, submerge definitivamente. Leonardo afirma: "A perspectiva é a rédea e o leme para a pintura." Com essa nova tendência surge o perigo de a pintura se empobrecer, limitando-se às imagens sensoriais. Por outro lado, Leonardo consegue transcender o mundo material e trazer o divino-cósmico para o ambiente terrestre: na Santa Ceia, o 'ponto de fuga' converge para a cabeça de Cristo.

Ao ver a Santa Ceia de Leonardo da Vinci, Goethe opinou que "Cristo devia tomar sua Santa Ceia no refeitório dos dominicanos, em Milão", pois a obra está em tal harmonia com esse ambiente, onde foi pintada, que a integração parece total. Ao se admirar o afresco – ou quando os próprios monges o admiram, ao reunir-se em seu refeitório –, a presença de Cristo parece real (figura 54). Mesmo a distribuição da luz no quadro, vinda da esquerda para a direita, está em plena harmonia com a luminosidade do próprio refeitório. Ao entardecer, na hora da ceia, as imagens tornam-se vivas, e Cristo parece repartir o pão entre todos. As mesas do refeitório formam um U, e o monge principal senta-se no lado oposto ao de Cristo. Ainda voltaremos a falar mais detalhadamente sobre as diversas figuras da Santa Ceia.

Antes de atuar na imagem individualizada de cada um dos apóstolos, as doze forças do zodíaco atuavam de forma inspiradora nas doze tribos do povo de Israel. Era a época em que o ser humano ainda estava mergulhado numa consciência genérica de povo, não sendo ainda individualizado. O indivíduo era, muitas vezes, designado por 'Espartano', 'Nazareno', etc. Antes dessa época, a ação se concentrava principalmente na formação das raças, em que predominava mais a força do pensar, do sentir ou do agir.

Pode-se dizer que a individualização nos apóstolos foi o terceiro estágio, tendo sido o segundo o da atuação nos povos e raças e o primeiro aquele puramente cósmico-espiritual, quando dos qua-



FIGURA 54 – A Santa Ceia, de Leonardo da Vinci — Santa Maria della Croce, Milão

tro cantos do Universo as entidades criadoras ou os quatro Querubins atuaram formando os primórdios do ser humano. Essas forças eram as denominadas 'apocalípticas' (ou 'os quatro animais'), sendo depois atribuídas nominalmente aos quatro evangelistas (v. capítulo 'Pensar, sentir e agir: expressões das forças de Águia, Leão e Touro').

Nos mistérios antigos, o número doze representava uma somatória de forças especiais. Rudolf Steiner, em seu ciclo de palestras intitulado 'Macrocosmo e microcosmo', de 1910⁷⁴, fala em dois tipos de iniciação: a iniciação interiorizada, conforme se realizava no antigo Egito, e a iniciação para o exterior, efetuada nos países nórdicos.

Na primeira delas, o hierofante ou guru conduzia o discípulo ao sono templário (dentro de um túmulo ou de um templo), um estado semelhante ao do sonambulismo, sob um sono muito mais profundo do que o sono comum. Em volta do discípulo ficavam doze sacerdotes, ajudantes treinados para acolher as forças demoníacas e egoístas do discípulo, desviando-as do ambiente (um processo semelhante ao que acontece em estados patológicos, como a esquizofrenia). Então o discípulo podia entregar-se totalmente ao eu do hierofante, e gradativamente, passando pelo 'pequeno guardião do limiar', penetrava em seus corpos astral, etérico e físico, realizando assim a iniciação (não cabe aqui entrar em maiores detalhes).

Nos mistérios do Norte – dos povos germânicos –, denominados 'mistérios da coragem', a iniciação era feita amarrando-se o discípulo numa cruz, isto depois de ele ter vencido enormes provas de coragem, como passar por uma corda estendida a 45 metros de altura ou ir com embarcações para o alto mar. Também lhe era exigido ter desenvolvido uma profunda relação com as estações do ano. O eu do discípulo, ficando este exposto ao tempo, lentamente se desprendia do corpo. Surgiam sensações de leveza e felicidade. Depois havia a passagem violenta pelo limiar, o que dava ao discípulo a impressão de estar sendo dilacerado pelas forças da terra, da água, do ar e do fogo.

⁷⁴ *Makrokosmos und Mikrokosmos*, GA-Nr. 119 (3. ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1988).

Aqui também o sacerdote tinha doze ajudantes, cada três dos quais especialmente ligados a uma das estações do ano. Cada qual se havia sacrificado e desenvolvido forças unilaterais, e a ação conjunta de todos podia evitar a dilaceração do discípulo pelos elementos. Então este rompia o limiar, encontrava o grande guardião e passava pelos vários estágios da iniciação. (Os celtas vivenciavam o Cristo como o 'Rei dos Elementos'.)

Embora o Cristo haja instituído o novo sacramento composto de vinho e pão, no altar ainda constam os dois elementos da iniciação antiga: o túmulo, representado pelo altar, e a cruz.

Mais tarde, em meados do século XIII, surge uma personalidade que passa por um processo de iniciação, preparando-se para sua iniciação no século seguinte como Christian Rosenkreutz (Cristiano Rosacruz). Segundo Rudolf Steiner, a partir dessa época ele se encarna a cada cem anos, trabalhando em prol da ressurreição, ou seja, de um cristianismo esotérico.

Em sua palestra de 27 de setembro de 1911 em Neuchâtel⁷⁵, Rudolf Steiner relata como, no século XIII, um colegiado de doze homens, que haviam acolhido toda a sabedoria espiritual desde os tempos mais antigos, reunia-se para o progresso da humanidade. Entre eles havia os representantes dos sete *Rishis* da antiga época atlântica, fundadores dos sete oráculos e das sete correntes evolutivas da humanidade na Atlântida. A eles se juntaram mais quatro representantes das culturas antigas (hindu, persa, babilônica e greco-romana), e ainda mais um, intelectual, conhecedor das ciências e do tempo atual.

Esses doze exerceram sua atuação no século XIII, quando a humanidade atravessava um nadir cultural; mas o início de uma nova cultura só foi possível quando um décimo terceiro se juntou ao colegiado – uma individualidade encarnada durante a época do Mistério do Gólgota, um místico verdadeiro e humilde. Esse décimo terceiro cresceu sob os cuidados dos doze, adquirindo toda a sua sabedoria; educou-se sob exclusiva influência destes, ficando distante do resto do mundo.

⁷⁵ Em *Das esoterische Christentum und die geistige Führung der Menschheit*, GA-Nr. 130 (4. ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1995).

Cada um desses doze desenvolvia uma parte do cristianismo. Eles queriam unir todas as religiões, estando em desacordo com o cristianismo religioso daquela época. As forças espirituais do décimo terceiro cresceram, mas suas forças físicas foram minguando; ele chegou ao ponto de rejeitar qualquer alimentação, definhando cada vez mais. Seu corpo se tornou transparente, e em alguns dias ele ficou como que morto; os doze formaram um círculo ao seu redor e toda a sabedoria fluiu para ele, até que sua alma despertou totalmente transformada. Toda a sabedoria havia renascido, a ponto de os doze sábios aprenderem novos ensinamentos dele. No estado de morte, ele havia passado pela mesma experiência que Paulo em Damasco. Em poucas semanas, toda a sabedoria dos doze retornou para eles de forma renovada, como que oferecida pelo próprio Cristo. O que se revelava agora era o 'cristianismo autêntico'.

O décimo terceiro faleceu cedo, e os doze escreveram suas revelações. No século XIV essa individualidade se reencarnou e foi educada de forma semelhante pelos seguidores dos doze primeiros. A partir dos 28 anos ficou ausente da Europa por sete anos, indo a Damasco, onde teve uma nova vivência do Cristo. Tratava-se então da individualidade de Cristiano Rosacruz, o décimo terceiro no círculo dos doze, que só a partir do século XIV levou esse nome. Voltando à Europa, ele começou a transmitir seus ensinamentos por todo o continente, junto com seus doze seguidores.

Outra imagem do número doze aparece com Merlin, o grande mago envolvido na corte do rei Artur e que inspira este último a criar uma távola destinada a ter significado e fama para o resto dos tempos. Merlin, que fora concebido por um anjo decadente, – ou pelo Diabo, segundo algumas versões da lenda –, possuía toda a antiga sabedoria dos druidas e, portanto, uma relação profunda com os tipos planetários, principalmente com o Sol e a Lua, bem como com as esferas do zodíaco. Por outro lado, tinha o dom da previsão do futuro e sentia-se ligado ao cristianismo.

Antes da Távola Redonda de Artur, duas mesas já haviam sido criadas: a da Santa Ceia e uma segunda, no deserto, quando José de Arimatéia e seu povo passaram fome. Deus ordenou que erguessem uma mesa retangular, cobrissem-na de panos brancos e colocassem sobre estes o cálice do Graal, onde José de Arimatéia ha-

via colhido o sangue de Cristo. Segundo o cálice, os homens eram divididos em maus e bons, e quem podia sentar-se à mesa recebia toda a graça e todo o alimento divino. O lugar de Judas devia ficar vazio, até que o Senhor encontrasse outro para ocupá-lo.

Merlin ordenou que se fizesse a terceira mesa em nome da Trindade. Ele próprio coordenou a confecção da mesa e ajudou na escolha dos cavaleiros destinados a reunir-se junto a ela por ocasião de Pentecostes.

Todos os que se sentavam à mesa não queriam mais partir, e juravam extrema fidelidade ao Rei Artur. Mas também nessa mesa havia um lugar vazio, destinado ao filho ainda não nascido de algum rei ou cavaleiro. E quando um cavaleiro ousado da corte tentava sentar-se nessa cadeira, o lugar sumia no abismo e o cavaleiro desaparecia.

Em alguns relatos desses episódios a mesa era numerada, sendo doze os cavaleiros, além da rainha – representante da Lua – e o rei – representante do Sol. Em outras passagens se fala de cinquenta cavaleiros, e em outra ainda de três vezes cinquenta.

A Távola Redonda é a imagem da perfeição, da harmonia, e junto a ela nenhum cavaleiro era superior a outro. O nome de cada um estava gravado em seu lugar (v. figura 55). Começa um novo princípio social não-hierárquico, igualitário, proporcionado pelos lugares junto à mesa redonda – embora cada qual dos cavaleiros preservasse sua qualidade individual e fosse representante de um dos doze diferentes tipos individuais, com suas características bem próprias.

Se aplicássemos esse princípio em nossas reuniões de hoje, em vez de brigas, confrontações e polaridades poderia surgir a ação da décima terceira força, e talvez uma nova criatividade capaz de renovar os impulsos culturais tão unilaterais de nossa época.

Também a lenda grega de Hércules nos mostra um caminho de iniciação, pelo qual têm de ser dominados os lados negativos das doze forças zodiacais, ou seja, as forças astrais interiores decorrentes daquelas. Não se trata de sufocar essas forças, mas de dominá-las e canalizá-las para que seu lado positivo possa fluir para o mundo.

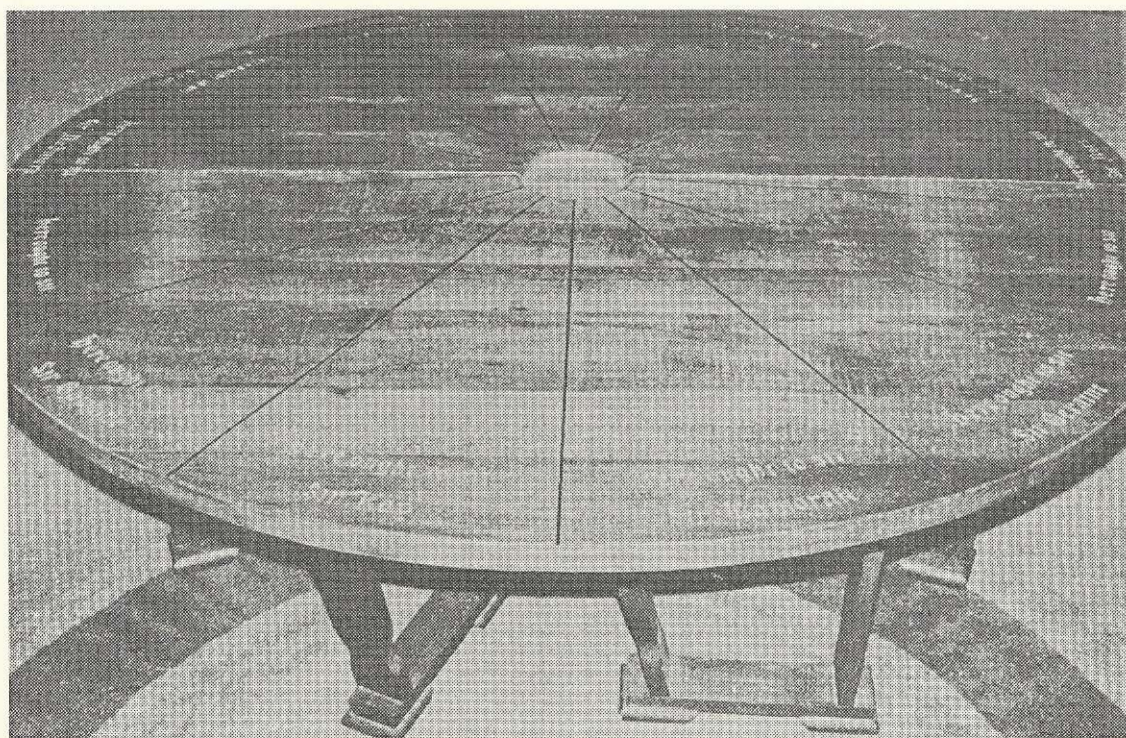


FIGURA 55 – A Távola Redonda do rei Artur

As doze tarefas de Hércules são:

1. Vencer o Leão de Neméia e vestir sua pele *Leão*
2. Vencer a Hidra de Lerna (ser do pântano) *Virgem*
3. Tomar o cinto da amazona Hipólita (meio, equilíbrio) *Libra*
4. Vencer as aves venenosas do Lago Estinfale *Águia-Escorpião*
5. Vencer as éguas canibais do rei Diomedes *Sagitário*
6. A corça cerínea, animal sagrado de cascos dourados *Capricórnio*
7. Lavar o estrume do estábulo de Augias *Aquário*
8. Capturar Cérebro, o guardião do inferno *Peixes*
9. Capturar os bois gigantes Gérion *Áries*
10. Vencer o Minotauro de Creta *Touro*
11. Buscar os pomos de ouro da eterna juventude *Gêmeos*
12. Vencer o javali de Erimanto (material sagrado) *Câncer*

19. Leonardo da Vinci e a Santa Ceia

No capítulo anterior, já falamos sobre a disposição das imagens no quadro de Leonardo da Vinci: Cristo encontra-se no meio, tendo de cada lado seis apóstolos que, por sua vez, estão divididos em dois grupos de três, formando cada qual uma unidade. Nesses grupos de três, o do meio sempre parece ser o mediador entre os outros dois.

Johannes Kuehn, em seu livro *Die Darstellung des Abendmahles im Wandel der Zeiten* (A representação da Santa Ceia no decorrer do tempo)⁷⁶, aponta os quatro grupos de três apóstolos como ligados aos quatro temperamentos. O grupo onde está Judas parece ser o grupo mais preocupado, escuro, triste; Judas representaria o melancólico. No grupo mais à direita, Tadeu parece afirmar: “Eu não disse? Eu já sabia” – e Mateus se ergue para comunicar aos outros sua opinião, à maneira dos coléricos. O grupo à direita de Cristo é o mais movimentado; todos querem demonstrar sua ingenuidade – a pureza do coração; seu comportamento é sangüíneo. O grupo mais à esquerda é o mais fleumático.

Cada qual dos seis apóstolos no lado direito tem um oposto no lado esquerdo. Assim, os mesmos elementos que encontramos nos signos – polaridade, trígono e quadrimensionalidade – encontram-se aqui, na representação de Leonardo da Vinci. Ele próprio escreveu:

Aqui, em doze figuras completas, é apresentada a cosmografia do microcosmo, na mesma ordem que Ptolemeu aplicou à sua cosmografia; e assim eu dividi aquela em partes, tal qual ele dividiu esta como um todo em províncias, e vou mostrar as ações de cada parte em todos os aspectos, anotando todas as formas e capacidades do indivíduo por meio de seus gestos e localização. E assim agrade ao nosso Criador que eu represente a natureza do homem e seus costumes mediante a representação de cada figura.⁷⁷

⁷⁶ S/l. n/ed. n/d.

⁷⁷ Apud Hans Feddersen, *Leonardo da Vincis Abendmahl* (Stuttgart: Urachhaus, s.d.).



FIGURA 56 – A Santa Ceia: os apóstolos Bartolomeu, Tiago Menor e André — Leonardo da Vinci



FIGURA 57 – A Santa Ceia: os apóstolos Judas, Pedro e João — Leonardo da Vinci



FIGURA 58 – A Santa Ceia: os apóstolos Tomé, Tiago Maior e Felipe — Leonardo da Vinci



FIGURA 59 – A Santa Ceia: os apóstolos Mateus, Tadeu e Simão — Leonardo da Vinci

Vejamos a descrição dos apóstolos na Santa Ceia com as palavras de Goethe:

São Bartolomeu (situado mais à esquerda): jovem com masculinidade marcante, perfil bem contornado, face sintética pura, pálpebras e sobrancelhas abaixadas. A boca está fechada, como que escutando, procurando saber quem seria o traidor. Um caráter fechado em si.⁷⁸

O gesto de Bartolomeu está fortemente apoiado sobre a mesa; seus antebraços e pernas estão cruzados. Ele está num dos extremos da mesa, em oposição a Simão. A posição da cabeça, intensamente empurrada para a frente, dá a impressão de 'Carneiro'. Ele aparece de perfil. O lado de Bartolomeu é o lado mais sombrio do quadro, e ele está trajando uma vestimenta azul, com uma túnica verde, quase preta.

Bartolomeu tem uma cabeça jovem, quase de um César, e denota uma vontade intensa; o lábio inferior revela quase uma brutalidade. Ele parece ter um ouvido musical e sensível. (Existe um desenho dessa cabeça feito por Leonardo da Vinci, no museu de Windsor, no qual se pode ver essa morfologia do rosto.) É também o único dos apóstolos cujos pés aparecem; por esse motivo, é interpretado por alguns como sendo 'Peixes'.

Passemos a Simão, que no quadro representa o pólo oposto, situado à direita. Goethe diz, a seu respeito:

Ele é o mais idoso, todo mostrado em perfil, oposto ao perfil do jovem Mateus; nele encontramos o lábio inferior sobressalente, que Leonardo tanto apreciava em rostos idosos, sendo quase exagerados, mas uma testa séria, pensativa, amargurada, opondo-se ao gesto exaltado do jovem Mateus.

O gesto de Simão teria a posição de 'Peixes' (que pertence aos pés); ele tem as mãos posicionadas como se posicionam os pés. Esta seria uma das interpretações; já outros autores interpretam-no como 'Carneiro'. Sentado em oposição a Bartolomeu, formando com ele uma polaridade, Simão está na extremidade da mesa, tendo as mãos abertas e os antebraços voltados para cima (ossos do antebraço paralelos). Também está de perfil e, ao contrário de Bartolomeu, é o ponto mais claro do quadro, acentuado com uma vestimenta branca recoberta por uma túnica rosa.

⁷⁸ *Apud* Hans Feddersen, *op. cit.*

Simão é um ancião, o mais velho dos discípulos: boca retraída, resignada, rugas na nuca, ossos maxilares saltados. Ele se chama Simão Zelote. Por sua expressão, parece até fanático.

É interessante notar como Leonardo coloca o jovem Bartolomeu mais na escuridão, no peso da força terrestre, e o idoso Simão na luz, na leveza, exprimindo isso até no gesto.

Sobre Tiago Menor (o segundo da esquerda para a direita), Goethe diz:

Igualmente de perfil, dando a reconhecer seu parentesco consagúineo com Cristo, ele adquire, por seus lábios ligeiramente avançados, algo de individual que anula aquela semelhança.

Ele aponta com sua mão a laringe, posição característica do movimento eurrítmico, indicando o órgão das forças do Touro. Tanto Tiago como seu pólo oposto, Tadeu, fazem o papel de mediadores do movimento do grupo. Ambos se dirigem, com seu movimento da cabeça e das mãos, ao vizinho. Com a mão direita ele toca o ombro de André, com a esquerda chega até Pedro.

Sua veste é vermelha – sua hora ainda não é chegada; só mais tarde ele irá atuar na comunidade de Jerusalém. Seu gesto, portanto, sugere ‘Touro’, mas ele é interpretado por outros autores como ‘Aquário’.

Sobre Tadeu (o segundo a partir da direita), Goethe opina:

Igualmente uma cabeça que não dá para avaliar – medo, suspeita, desapontamento estão expressos em seu rosto. [...] A unidade da expressão do rosto está em pleno acordo com a posição das mãos.

A mão direita está posicionada como uma ânfora, sendo, portanto, pelo gesto, representante de ‘Aquário’. O polegar aponta para o meio do pulso (a posição dos ossos dos antebraços é paralela). Tadeu está voltado para Simão, sendo o mais espremido entre os demais; tal como seu oposto Tiago Menor, tem uma posição mediadora.

Com sua barba e cabelos brancos, Tadeu intensifica o lado luminoso do quadro, sendo interpretado por alguns autores como ‘Touro’, por seu gesto apontando a laringe e pelo fato de seu próprio nome, Tadeu, relacionar-se com Touro.

De André (o terceiro a partir da esquerda), Goethe comenta:

A boca está fechada, ao modo das pessoas mais idosas – o lábio inferior apertado contra o lábio superior. Essa cabeça tem algo de peculiar, não transmissível com palavras: os olhos voltados para dentro, a boca, embora fechada, ingênua. O contorno do lado esquerdo perfaz uma silhueta bonita; vêm-se a testa, os olhos, a superfície do nariz, a barba, de forma que a cabeça parece independente, adquirindo vida própria.

O gesto das mãos é o que prevalece nessa figura. Mãos e braços são subordinados a Gêmeos. Também aqui os ossos dos antebraços se cruzam, como os de Bartolomeu e Tiago.

André é aquele discípulo que reconheceu Cristo em primeiro lugar e logo o seguiu. É uma figura harmoniosa, talvez atuando de forma equilibrante sobre Pedro, que é mais tempestuoso. Sua roupa amarela, recoberta com um manto azul, traduz harmonia. Ao lado de Pedro e Judas, André parece um anteparo para as emoções. Seu oposto Mateus aparece, ao contrário, bem em movimento.

Pela interpretação de outros autores, é André quem representa 'Capricórnio'.

Mateus, o terceiro a partir da direita, parece a Goethe ser...

...jovem, despreocupado, com expressão amedrontada na boca entreaberta, onde os dentes visíveis expressam um certo rancor, combinando com a movimentação violenta da figura.

Ele estende seus braços com a palma da mão em direção ao meio do quadro, olhando para o lado oposto; os ossos dos antebraços estão paralelos. Ele está no lugar de Capricórnio, que corresponde ao ponto onde o Sol começa seu caminho de volta –, estando, portanto, o gesto bem adequado: olhando para o lado oposto do movimento dos braços. Ele ocupa um espaço bem amplo – o lugar em que estava Tomé é totalmente preenchido por ele. Irradia as forças, enquanto André, seu oposto, as contém; mas apesar dessa posição, não tenta chamar atenção para si. Como evangelista, causa uma impressão de ser alguém que recebe e transmite. Está com uma vestimenta azul – cor que atrai, tal como o pescador puxa seus peixes na rede.

Em outra interpretação, Mateus, com esse amplo movimento dos braços e a leveza dos gestos, é considerado 'Gêmeos'.

Sobre Pedro (o quarto a partir da esquerda), Goethe diz:

Traços bem problemáticos, semblante de dor, porém sem angústia ou raiva; há algo de amedrontamento. Com ele Leonardo não estava seguro de si. A congratulação cordial com o querido Mestre e a ameaça do acusador são difíceis de serem unidas num só rosto.

Pedro, com seu calor emocional, é por alguns relacionado com 'Leão'. Ele forma uma polaridade com Tomé. Ambos são os que mais se movimentaram e se expressaram com intensidade. Tomé chega até a mudar de lugar.

Pedro é uma pessoa que, com sua vontade e força de ação, vai além da meta e tem o que apreender do destino. Leonardo pinta-o num momento de exaltação. Pouco depois da Santa Ceia, Pedro diz: "Quero abandonar minha vida por Ti." Mas Cristo já prevê sua negação. E antes de o galo cantar, Pedro nega o Mestre três vezes. Depois, entra em profunda depressão, escondendo-se numa gruta da qual só sairá no domingo da Ressurreição, sendo um dos primeiros a chegar ao túmulo vazio.

Pedro terá sua grande tarefa ligada à vontade posteriormente, dando provas da atuação de Cristo, como por exemplo em Pentecostes. O cristianismo que dele emana consegue sentir profundamente as forças da Ressurreição. Pelo gesto, Pedro poderia ser também o próprio 'Sagitário' – aliás como é interpretado por vários autores –, pois é o único que tem a faca (alegoria para flecha) na mão.

A respeito de Tomé (levantado e com o dedo erguido, perto de Cristo), Goethe observa:

[Destacam-se] cabeça e mão direita, cujo dedo indicador está um pouco voltado para a testa, para mostrar o pensar. Um movimento de dúvida, e muitos interpretam esse jovem pensante como ameaçador.

Ele posiciona seu dedo como o espinho de um escorpião, e pelo gesto poderia ser designado como tal. Tomé está tomado de tão grande agitação que até muda de lugar (estaria entre Mateus e Felipe), para ficar bem perto do Mestre. Seus movimentos mostram-se rápidos, relampejantes. Ele parece querer comunicar algo ao Senhor. Dele só se vê a cabeça – é a personalidade-intelecto, que logo encontra argumentos, provas e razões.

No Evangelho, ao aparecer a Tomé Jesus convida-o a colocar a mão em sua ferida, pois o apóstolo duvida de que aquele seja o Senhor, ficando assim com fama de incrédulo. Contudo, a conotação de incredulidade não é tão adequada, pois a razão tem ainda outras qualidades, como a faculdade de estar atento. Talvez ele tenha algo importante a comunicar ao Mestre; sabe que a razão tem de morrer para o pensamento poder viver. Na passagem da ressurreição de Lázaro, Tomé, o denominado 'Gêmeo', diz: "Deixai-nos ir para morrer com Ele."

De Judas, Goethe diz:

Judas é fechado, assustado, medroso e está olhando para cima, inclinado para trás; tem perfil agudo, porém não exagerado, não sendo de modo algum feio. É como se as pessoas de bom gosto, ao redor, não tolerassem um monstro...

Com seu cotovelo sobre a mesa, Judas procura segurança, firmeza: "O que significa isso? O que vai acontecer?" Sua mão esquerda está em oposição à mão direita de Cristo, ambos com os ossos do antebraço cruzados.

Rudolf Steiner, na palestra sobre a Santa Ceia de Leonardo da Vinci⁷⁹, comenta como Deus deixa atuar seu inimigo, acolhendo-o em seu círculo e desistindo de fazer prevalecer seu poder. Judas será o primeiro a comer do pão e, logo depois, venderá seu mestre por dinheiro. Pela posição de recuo, de agarrar-se ao dinheiro, de procurar segurança, poderíamos dizer que esta é a postura de 'Câncer'; mas não resta dúvida de que Judas, por sua biografia, representa as forças de Escorpião – as forças da morte, necessárias para haver ressurreição.

Em relação ao quadro todo, a cabeça de Judas é a mais baixa, enquanto a de Felipe é a mais elevada – esta representando ingenuidade, aquela culpa. A cabeça de Cristo está entre os níveis das duas cabeças. A mão de Judas está agarrada ao dinheiro, em contraposição ao gesto de ingenuidade de Felipe. Judas persegue sua própria meta – o egoísmo –, não dando valor à moralidade terrena.

Sobre Felipe, Goethe afirma:

Amigável, parece o jovem que Rafael pintou na Escola de Atenas, em torno de Bramante.

⁷⁹ Palestra de 25.12.1921 em *Das Fest der Erscheinung Christi*, ed. avulsa extr. GA 209 (Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1994).

Em seu gesto, Felipe tem os braços curvados como o arco de Sagitário. Parece falar, segundo Goethe, as palavras: “Senhor, Tu sabes que não sou eu; conheces meu coração puro.” (Seus antebraços estão paralelos.) Não existe maior polaridade do que entre ele e Judas. Seus traços são quase femininos, denotando a pureza de seu ser. De repente, ele está frente a um abismo: a denúncia, a mentira. Este pensamento não tem lugar em seu coração. Aqui a testa se inclina para a frente, de perfil; a testa de Judas, ao contrário, está inclinada para trás, e o queixo avançado à frente.

O nome de Felipe sempre aparece no Evangelho, ou nas histórias dos apóstolos, quando há decisões importantes a tomar. O Evangelho de João menciona-o quatro vezes; ele sempre está ligado ao altruísmo, trazendo uma força que faz aumentar a moralidade da Terra.

Em outra interpretação, Felipe aponta o tórax – um gesto de ‘Câncer’, de interiorização.

Quanto a João, Goethe comenta:

O rosto é bonito, arredondado, mas também levemente alongado, os belos cabelos repartidos com risca, encaracolados nas pontas, tocando a mão de Pedro. Os olhos de João estão voltados para o lado contrário a Pedro, dando uma impressão de sutileza, de quem se entrega interiormente para escutar o vizinho ao lado, embora não esteja olhando para ele.

João, pela posição das mãos, protege algo em seu interior, não deixando dúvidas sobre as características de ‘Virgem’. Sua veste azul, com o manto vermelho, são as cores da Virgem Maria e de Cristo. Os sentimentos, ele os acolhe profundamente em seu interior. O gesto das mãos é de prece.

João compõe a polaridade com Tiago Maior, sendo ambos filhos de Zebedeu e ocupando os lugares de honra à direita e à esquerda de Cristo. Esses dois discípulos são mencionados inúmeras vezes nos Evangelhos, mas nunca isoladamente, estando ora com seu pai Zebedeu, ora com Pedro. Apenas uma vez (Marcos 9, 38 e Lucas 9, 49) João aparece sozinho. Ao entrar para o círculo dos discípulos, os irmãos foram apresentados juntos pelo pai, Zebedeu.

No Evangelho de Marcos (10, 35–44) ambos pedem seu lugar à direita e à esquerda de Cristo, porém este lhes diz: “Não sabeis o que estais pedindo.” Os outros discípulos se revoltam. Cristo pre-

vê a morte deles, e realmente ambos morrem como mártires em Jerusalém, mais ou menos aos 66 anos. Cristo lhes dá o nome de *Bnehargen*, ou seja, 'Filhos do Trovão', 'Filhos da Volta'.

Em Tiago Maior (ao lado direito de Cristo), Goethe observa:

O violento movimento dos braços, a boca aberta, o assombro no olhar são ousadias originais de Leonardo.

Cristo está na posição da balança perfeita. A seu lado, o ser humano Tiago ainda não atingiu essa perfeição: com o movimento de seus braços, sai do equilíbrio. Não entende o que está acontecendo – as mãos ao alto revelam o abalo interno, que chega quase ao grito. O gesto é de admiração, de perplexidade. Este gesto também poderia expressar o 'entusiasmo flamejante' de 'Leão'.



Ao fazermos a relação de um signo com um apóstolo, precisamos ter muito cuidado, pois realmente tudo não passa de interpretação. Sem dúvida, cada apóstolo cristalizava em si uma força cósmica em especial. Leonardo também sabia disso, tentando representar formas humanas e os mais variados gestos. Tudo depende muito do ponto de vista pelo qual encaramos os elementos ou os gestos, para assim podermos realmente chegar a aspectos totalmente opostos.

Analisando o quadro como um todo, vemos que seu lado direito é cheio de movimento; Tomé até se desloca de seu lugar. O lado esquerdo é mais passivo, estático. Cristo compõe o equilíbrio, com sua mão esquerda voltada para cima, como que recebendo algo, e a mão direita voltada para baixo, como que doando algo. Aliás, em todo o lado esquerdo as posições das mãos refletem a postura de ossos do antebraço paralelos; no lado direito do quadro, os dois ossos do antebraço se cruzam. Sabemos que Leonardo estudava profundamente anatomia, tendo-se encontrado vários estudos seus sobre a fisiologia óssea dos braços.

Estudando a biografia de cada apóstolo mais profundamente, poderíamos chegar talvez ainda a outras relações. Assim, por exemplo, João tem todas as características de Virgem – pelo gesto, pelas cores de sua roupa, pela interiorização. O grão, a semente coloca-

da em seu interior, só bem mais tarde irá germinar, e João se tornará uma 'Águia' – como, aliás, é representado na qualidade de evangelista, alçando altos vãos até chegar a conceber o 'Apocalipse'.

Recomendamos, portanto, ao leitor não tomar a relação entre os signos e os apóstolos como algo estático, definido, mas sempre lembrando que todos, pela força de Cristo, percorreram o caminho da transformação, almejando a décima terceira força.

Leonardo situa Cristo no meio, entre os discípulos, e não mais na ponta da mesa, como vimos anteriormente (figura 52). Existe um sarcófago antigo na igreja de Santo Ambrogio, em Milão, onde Cristo também aparece no meio, como mestre, tendo seis discípulos de cada lado. A representação é ainda bastante primitiva. No meio dos discípulos, Cristo torna-se 'o irmão dos homens', e não mais o anfitrião, o Senhor do banquete. Porém no sarcófago aparecem apenas figuras humanas indiferenciadas. Leonardo confere, agora, um caráter bem individual a cada um dos apóstolos. O órgão do 'sentido do eu' parece despertar. Cada apóstolo é uma personalidade com caráter próprio e individual. Porém cada individualidade é permeada pela força de Cristo, e cada um é rodeado pela comunidade; ela equilibra as unilateralidades, completando-as. Cada um é individual, mas abraçado pelo todo.

Quando doze individualidades são abraçadas numa unidade, toda a humanidade está representada. Nesse sentido, cada discípulo foi chamado a participar – chamado e depois liberado para agir livremente, com autonomia em suas ações. A Santa Ceia é um apelo à comunidade de todos os apóstolos; mas Cristo precisa contar com a liberdade de cada um.

Enfoquemos a figura de Cristo: com a cabeça levemente inclinada para a esquerda, ele tem as mãos abertas – a mão esquerda para cima e a direita para baixo –, compondo o grande gesto do receber (esquerdo) e dar (direito). Os braços formam um triângulo, aberto para baixo, cujo centro de irradiação é o coração de Cristo. O manto azul cobre o lado esquerdo (o lado mais passivo: do sentimento, do passado) e o lado direito é vermelho (o lado mais ativo: da ação, do futuro). A mão esquerda está entre dois copos de vinho, apontando diretamente para o pão à sua frente. A mão direita aponta para o copo de vinho. Trata-se de gestos sacramentais.

A cena toda, além de indicar a traição de Judas, transcende esse elemento, apontando para o futuro – a instituição do sacramento composto de pão e vinho: a Eucaristia. Os discípulos estão alvoroçados pela traição, mas Cristo, com toda a sua calma e equilíbrio interior (a verdadeira ‘Balança’), aponta para sua missão divina. Só mesmo João se aquieta e é profundamente tocado pela santidade do mistério.

Para Leonardo, ‘centro’ significa ‘centro do mundo’. Em seu quadro, Cristo está no centro, e portanto no centro do mundo. A Divindade tomou lugar no centro do coração de Cristo. A Divindade iniciou um caminho, abandonando o Cosmo e chegando à Terra, ao coração do homem. Geometricamente, temos uma interpretação composta por um círculo e um quadrado, o elemento cósmico e o terrestre, ou seja, o Céu e a Terra (figura 60).⁸⁰

Os DOZE APOSTOLOS

Trezentos anos antes do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivia uma mulher que tinha doze filhos e era tão pobre que nem sabia como sustentá-los. Diariamente, pedia a Deus permitir que todos os seus filhos vivessem junto ao Salvador prometido. Como sua miséria aumentasse cada vez mais, mandou que cada um saísse pelo mundo, a fim de ganhar seu pão.

O mais velho, que se chamava Pedro, partiu e, tendo já andado um bom caminho durante o dia inteiro, viu-se perdido numa grande floresta. Procurou uma saída mas não conseguiu achar nenhuma, embrenhando-se nela cada vez mais; nisto sentiu tanta fome que mal podia manter-se em pé. Por fim, ficou tão fraco que teve de conservar-se deitado, pensando estar próximo da morte.

De repente, surgiu a seu lado um menininho resplandecente, tão belo e gentil como um anjo. O menino bateu palmas, a fim de que Pedro olhasse para cima e o visse. Disse-lhe então:

— Por que estás aí deitado, tão triste?

— Ah — respondeu Pedro —, ando pelo mundo em busca do

⁸⁰ Ilustração *apud* Hans Feddersen, *op. cit.* (v. nota 77 na p. 281).

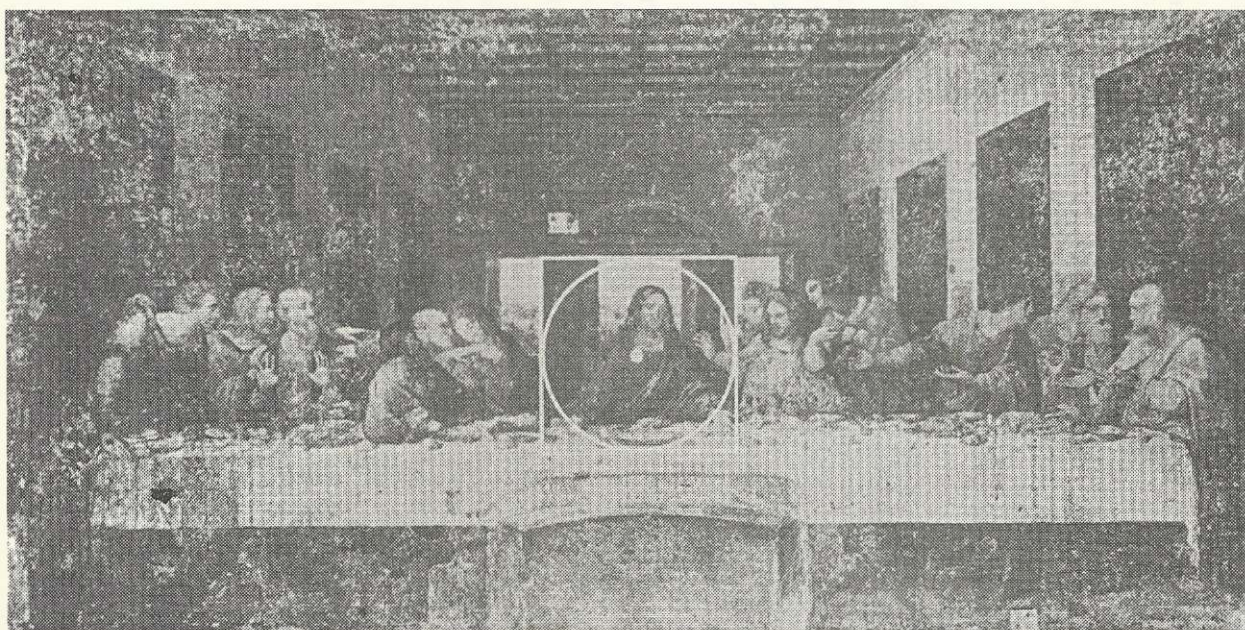


FIGURA 60 – A Santa Ceia — Leonardo da Vinci

meu pão, a fim de ainda poder ver o querido Salvador prometido. É esse o meu maior desejo.

Disse o menino: — Vem comigo, e assim teu desejo se realizará. — E tomou o pobre Pedro pela mão, conduzindo-o por entre penhascos até uma caverna. Ao entrarem ali, tudo reluzia de tanto ouro, prata e cristal, e no centro havia doze berços, um ao lado do outro. Nisto, disse o anjinho: — Deita-te no primeiro e dorme um pouco, que eu te embalarei.

Assim fez Pedro, e o anjinho cantou para ele e o embalou até que adormecesse. E enquanto ele dormia chegou o segundo dos doze irmãos, cujo anjinho da guarda o havia também conduzido até ali; e ele foi, como o primeiro, embalado até dormir.

E assim vieram os outros, cada um por sua vez, até que todos os doze estivessem lá deitados em seus berços dourados, dormindo. E dormiram durante trezentos anos, até a noite em que o Salvador do mundo nasceu. Então acordaram e vieram para junto dele aqui na Terra, sendo chamados de 'Os Doze Apóstolos'.

Irmãos Grimm

20. As forças zodiacais no trabalho biográfico

Em nossos cursos biográficos, realizados na Artemísia,⁸¹ temos várias opções de trabalho. A primeira oferece uma visão geral das fases evolutivas do ser humano, sendo então verificados os acontecimentos principais ocorridos na biografia do indivíduo. Outros cursos se seguem, onde são enfocadas as diferenças entre o homem e a mulher, a questão do relacionamento, etc. Existem também cursos onde se trabalha sobre os temperamentos, as qualidades planetárias, o bem e o mal em nossa biografia, etc. Há também o curso sobre as qualidades zodiacais.

De que forma trabalhamos sobre as qualidades zodiacais?

Por meio de uma palestra descritiva, transmite-se aos participantes o conhecimento de cada uma das qualidades. Posteriormente, cada qual faz a análise do quanto contém em si da qualidade descrita, considerando tanto os fatores positivos quanto os negativos (trabalho individual).

A seguir, em pequenos grupos, cada um expõe suas descobertas. Em todo o trabalho biográfico na Artemísia, o grupo é fundamental, pois permite a todos descobrir elementos que alguém do grupo já havia descoberto e dos quais os outros ainda não se haviam dado conta. Assim, cada um do grupo pode espelhar-se no outro (no todo) e o todo espelhar-se na alma de cada um.

Esse trabalho é feito com relação a cada um dos signos. No final, todos os participantes têm presente o que de mais forte existe dentro de si e o que se deve desenvolver. Assim, chega-se a uma imagem total, global, a um todo. Temos doze elementos à disposição; de acordo com a necessidade do momento, utilizamos uma ou mais qualidades. Nem sempre as qualidades mais fortes em nós estão de acordo com o mapa astrológico (algumas vezes, no final do curso, fazemos esta comparação), vendo-se como o ser huma-

⁸¹ Cit. (v. nota 1 na p. 14).

no, mediante seu eu, está livre e não predestinado por seu mapa astral, modificando-o constantemente.

Para o acompanhamento do trabalho, utiliza-se uma ficha de autoavaliação. Quando a pessoa possui muito de uma qualidade, preenche os quatro campos; quando pouco, apenas um ou dois campos, e se nada, nenhum campo. Pode-se usar a cor vermelha para os signos do fogo, o amarelo para os signos do ar, o azul para os signos da água e o marrom para os signos da terra; assim também se torna graficamente visível qual é a preponderância dos elementos.

Paralelamente, fazemos um trabalho artístico ocupando-nos com o quadro da Santa Ceia, de Leonardo da Vinci. Chegamos a desenhar os apóstolos e até a modelá-los em argila – trabalho que causa grande prazer aos participantes (figura 61).

Esperamos, assim, contribuir para a realização do seguinte pensamento de Rudolf Steiner:

Salutar só é quando
no espelho da alma humana
se forma a comunidade inteira,
e na comunidade
vive a força da alma individual.
Eis o princípio da ética social.⁸²

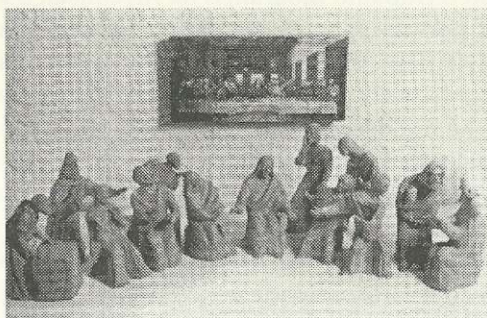


FIGURA 61 – A Santa Ceia: modelagem no curso da Artemísia sobre o zodíaco

⁸² Em Herwig Haetinger (org.), *Poemas, pensamentos – reflexões para o nosso tempo* [coletânea de div. autores], trad. H. H. et al. (2. ed. São Paulo: Antroposófica e Instituto Christophorus, 1998).